

Kal Foster

e o Livro de Merlin



André Fantin

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

- CAPÍTULO I -

O milagre Foster

Naquela noite chuvosa de dois de junho as luzes estavam acesas em plena madrugada na suntuosa mansão da família Foster. Havia uma grande onda de inquietação provocada pelo nascimento do primeiro herdeiro de Adonis e Amanda Foster no pequeno lugarejo de Vila da Cachoeira. Tão pequena era a vila que mal acomodava seus quase cinquenta habitantes e a cachoeira com fluxo invertido que dera nome ao local. A vila acomodava uma pequena escola primária, umas trinta casas feitas com pedras muito bem empilhadas e telhados simples de madeira. A mansão da família Foster e sua tão venerada fábrica de vassouras eram as maiores riquezas do lugar.

Quando os moradores da vila precisavam de qualquer tipo de suprimento se dirigiam à cidade mais próxima, Dunas. Nela os habitantes da vila podiam abastecer seus armários, receberem tratamento médico em um luxuoso hospital e caso quisessem permanecer poderiam repousar na Pensão da Tia Nana.

No entanto, nada em Dunas poderia atrair mais a atenção daqueles habitantes do que o nascimento do primeiro filho da tão respeitada família Foster.

Eram quase três horas da madrugada quando o estrondoso choro do primeiro herdeiro quebrou o silêncio aflito na pequena vila. Nascia Kalevi Foster. O menino de pele rosada, cabelos enegrecidos e olhos castanhos não era muito diferente de um bebê qualquer. Mas havia acontecido algo que nunca se vira antes na terra dos bruxos, um choro no momento em que nasceu. Naturalmente, bruxos não choram ao nascer, mas porque seria diferente com Kalevi?

Por toda a vila circulou a notícia de que o menino Foster havia chorado assim que veio ao mundo. Uma prova completa de que não era bruxo.

- Kalevi Foster não é bruxo? Pobrezinhos dos pais...

Tais comentários abalaram a comunidade mágica, uma comunidade que possuía seu próprio governo, com a finalidade de manter em segredo a existência de bruxos em tempos modernos. Estes membros importantes do governo se apresentaram aos Foster para desejá- lhes os pêsames. Presidente, ministros, senadores e até os guardas de uma das maiores prisões do mundo, Warren. A penitenciária havia sido fundada, também, pela família Foster há vários séculos para aprisionar um homem que causou grande mal à comunidade mágica em outros tempos.

Mesmo em meio a tantos pesares, Adonis e Amanda Foster passaram a amar o filho como se fosse um bebê bruxo qualquer. Para eles não importava se o filho era capaz de fazer cadeiras levitarem. Importante era saber que Kalevi Foster nascera saudável e bonito. Mas, em Vila da Cachoeira, os habitantes continuavam a espalhar notícias maldosas sobre a condição de Kalevi Foster. O menino, filho de uma tradicional família mágica, conhecida e respeitada há séculos pelos seus grandes feitos, manchou tal nome ao nascer sem dons mágicos.

Kalevi raramente ia para fora dos portões da mansão, com o ou sem os pais. Não porque estes tinham qualquer tipo de vergonha em relação ao filho, e sim pelo fato de não suportarem que outros bruxos, ocasionalmente, soltassem comentários maldosos. Vez ou outra ainda culpavam Amanda e Adonis por terem gerado um filho como Kalevi. Nem ao menos mencionavam o nome do menino com medo de que o caso se repetisse em suas famílias.

Um ano mais tarde, a luz na mansão Foster ficara acesa mais uma vez na madrugada. Desta vez toda a imprensa estava em Vila da Cachoeira, não porque era mais um bebê nascendo e sim porque era um Foster. Adonis e Amanda ganhariam um segundo herdeiro.

Nunca, na família Foster, casais haviam conseguido um segundo filho. Toda a descendência da família limitava-se a ter um único herdeiro bruxo. Não por capricho, e sim por um motivo desconhecido.

Talvez porque Kalevi não era propriamente um bruxo, foi possível o nascimento de seu irmão, Daimon Foster.

Amanda, que era uma mulher alta, cabelos negros como o dos dois filhos, olhos azuis cintilantes, pele fina e muito branca casara-se com Adonis Foster ainda nova. Seu marido um homem também alto, magro e com aspecto cansado teve sua vida completamente mudada depois do nascimento dos filhos. Até então, sua vida se limitava a pequenas idas até sua própria casa. Ele passava a maior parte do tempo resolvendo problemas dentro da fábrica.

Kalevi cresceu e realmente não apresentou dons mágicos. Já seu irmão, aos três anos de idade, mesmo sem controle algum sobre o que estava fazendo, surpreendia a todos com objetos voadores e colheres entortadas.

- Que prodígio! – diziam os habitantes da vila – tão diferente do irmão imundo!

Adonis e Amanda não passaram a amar Daimon mais do que Kalevi. Para os dois não havia diferenças.

- Não se preocupe meu querido, eles não estão falando a verdade. – dizia Adonis ao filho toda vez que um estranho excomungava o menino.

O grande mistério que girava em torno da Família Foster era o seu passado, um passado tão distante e mesmo assim tão presente.

Há exatos 988 anos, em uma época em que bruxos e humanos podiam conviver em perfeita harmonia e sem qualquer discriminação, do resultado de um matrimônio entre um bruxo e uma mulher humana nasceu o menino o qual foi dado o nome de Foster. Ele simbolizaria uma nova era, iniciaria com ele uma nova linhagem de bruxos. Ainda criança, Foster teve como mestre o poderoso mago Merlin, que o ensinou grande parte do seu conhecimento e do seu caráter. Merlin ensinou a Foster que não havia tantas diferenças entre bruxos e humanos que os impedissem de conviverem juntos.

Diferente deste pensamento harmônico, Donovan, conhecido por todos como o Cavaleiro Negro, reuniu aqueles que também eram contra a convivência pacífica entre as duas raças. Donovan e seus aliados acreditavam na perfeição da raça mágica e que a mistura de ambas resultaria em um ser imperfeito.

Suas idéias se expandiram pelo mundo e grandes conflitos se iniciaram. Humanos eram mortos a todo instante por bruxos inescrupulosos que seguiam a fio as idéias do Cavaleiro Negro.

Merlin, com ajuda do já rapaz Foster, decidiu por criar uma escola de magia onde qualquer um pudesse aprender. Bruxos ou não, a magia estaria ao alcance de todos. A escola havia sido construída em cima de uma nuvem, de modo que os humanos que não mais aceitavam a magia, nada poderiam fazer para impedir que ela fosse praticada.

Mas, parecia impossível reunir novamente as duas raças. Donovan havia vencido. Apenas um obstáculo o separava de conseguir o que realmente desejava, a escola de Merlin, Avalon.

Tudo parecia perdido para Merlin, que não contava com o sacrifício de seu discípulo. Por mais caráter e coragem que o jovem bruxo apresentasse, não parecia ser realidade o que ele estava prestes a fazer.

Foster seguiu até o lugar em que Donovan estava reunido com todo o seu exército e pelo que conta o tempo, Foster disse apenas uma palavra. Uma palavra que foi capaz de mudar toda a história do mundo. A palavra era um feitiço que incrivelmente destruiu o grandioso exército e o próprio Donovan.

- Perpétuo! – explicava Merlin – Um poderoso feitiço de sacrifício. Com isto, o jovem Foster abdicou da vida para que nós e seus descendentes tivéssemos um mundo para morar.

Mesmo com o sacrifício, humanos e bruxos jamais retornariam a conviver em união. Os humanos haviam fundado vilas distante das florestas e dos campos, lar dos bruxos. Fundaram cidades e a magia foi esquecida com o passar das gerações.

Foster, ao que se sabe teve apenas um filho, Garner Foster, foi o nome que recebeu. Ao completar seus vinte e um anos, Garner fundou a prisão de Warren, com o propósito de prender o único homem do exército de Donovan que sobrevivera. Kricolas.

Kricolas era filho de um vampiro chamado Thomas com uma bruxa que morreu no dia do nascimento do filho. Thomas era um vampiro adorado e respeitado por todos. Para quem o conhecia, seu único defeito era o fato de ser pai da aberração Kricolas, que nos tempos grandiosos de Donovan vangloriava-se de ser considerado o braço direito do Cavaleiro Negro.

Ninguém sabia ao certo como Kricolas pode escapar do feitiço de Foster. Sendo o braço direito de Donovan ele deveria estar lá, pronto para a maior batalha que o exército de seu mestre enfrentaria.

Garner Foster não se importava com isso. Apenas pretendia prender Kricolas de forma que o sacrifício de seu pai não fosse em vão. Deixá-lo solto seria um risco. Ele tinha enormes poderes e

conhecimento mágico quase tão grande quanto o de seu mestre. Não seria de total espanto se ele pudesse trazer da morte o Cavaleiro Negro. No entanto não seria nada fácil para Garner prender alguém tão poderoso como Kricolas. Para tanto ele juntou os melhores bruxos que conhecia e formou a primeira Guarda Armada de Warren.

Em uma missão de busca, a Guarda aprisionou Kricolas e o trancafiou de modo a não poder usar nenhum de seus poderes, seja de vampiro ou de bruxo.

Kricolas permaneceria aprisionado como um cão enjaulado, esquecido até mesmo pelo seu pai e odiado eternamente pelos seus inimigos.

Através dos séculos, viver no mundo criado pelos bruxos era reconfortante. Sem guerras ou catástrofes, eles dedicavam-se as suas atividades preferidas, voar em vassouras por campos abertos ou observar os humanos, que com o passar do tempo foram tornando-se cada vez mais complicados.

Eram tão arrogantes e indecisos às vezes, ora podiam ser inescrupulosos e exploradores, ora podiam ser gentis e amáveis. Criaram armas de grande destruição e guerras.

Devastavam a natureza como se fosse algo simples e insignificante. Vez ou outra, os bruxos mais radicais castigavam esses humanos seriamente por cometerem tais atrocidades. Mas em geral eram apenas sustos com cabeças voadoras e esqueletos falantes.

E assim se passou o tempo até a modernidade. Quando bruxos começaram também a serem corrompidos e perderam a pureza de antes. Não precisavam mais de um bom motivo para odiar os humanos, o fato de existirem e forçá-los a se esconderem era o suficiente para que em um descuido fossem magicamente castigados. Mas tais fatos ainda eram insignificantes prestes ao que estava para acontecer.

Em outra noite chuvosa, quando os pequenos Foster ainda tinham quatro e três anos de idade, outro grande evento abalou a comunidade mágica. A fuga do seu primeiro prisioneiro. Neste acontecimento morreram alguns dos principais guardas de Warren, incluindo a família Lingenstain, amigos íntimos de Adonis Foster.

Os Lingenstain tinham uma filha, da mesma idade que Kalevi, seu nome era Guinevere. Depois de perder os pais nesta fuga de Kricolas a garota foi morar com os Foster.

A mansão Foster possuía algo em torno de uns setenta cômodos, incluindo um imenso salão, onde a família recebia seus convidados em noites de festas. Os grandes portões de ferro traziam um grande "F" como brasão da família. Os jardins com rosas de todas as cores e perfumes, chafarizes, e até mesmo um modesto lago de águas rasas habitado por lindas espécies de peixes.

Havia uma pequena trilha de pedras desalinhadas a ser seguida dos portões até a varanda de entrada para a mansão.

A pequena Guinevere atravessou a porta dupla de salgueiro nos braços de Adonis. A menina tinha os cabelos castanhos e olhos esverdeados, bochechas rosadas e nariz fino. Ainda carinhosamente recebeu Guinevere em seus braços com um forte abraço. Mentalmente lamentou pela menina ter perdido os pais ainda tão nova.

- Oi tia Amanda! Porque você está chorando? – perguntou a menina inocentemente – Olhe tia Amanda, era da minha mãe.

- É uma bonita varinha, querida. – falou ela admirando a varinha de madeira entalhada na mão da menina.

- Quer fazer um pedido? – perguntou Guinevere docemente.

- É claro. – Amanda sabia que o objeto nas mãos da pequena Guinevere era uma varinha mágica, mas também tinha a certeza de que seja qual fosse o pedido que fizesse ele não iria se realizar. No entanto, o desejo em sua mente era tão constante que a qualquer oportunidade ele surgia em sua cabeça.

Num suspiro profundo Amanda fechou os olhos e desejou.

- Fiat, fiat, fat. – terminou a garota – seu pedido vai ser atendido tia Amanda.

- Obrigado querida, tenho certeza que será. – mentiu inocentemente Amanda.

Guinevere correu pelo salão a procura de Kalevi e Daimon para brincarem, Adonis então aproximou-se da esposa a lentos passos como se pensasse seriamente no que se passava na mente de Amanda.

- O que você pediu? – perguntou ele já prevendo uma resposta.

- Se eu contar o desejo não se realiza. – brincou.

Adonis abaixou de leve a cabeça e sorriu, retornando o olhar à Amanda, disse:

- Eu não preciso perguntar ou olhar dentro de sua mente para saber que o pedido envolve Kalevi.

Amanda debruçou-se sobre o marido e desatou a chorar.

- Tem sido tão difícil... é impossível, essas pessoas não entendem...

- Não se importe com o que elas dizem. – acalmou Adonis.

- Eu não me importo com o que as pessoas pensam ou falam de mim, mas tenho pena por ele... vai ser tudo complicado quando ele crescer... – completou em um soluço – Eu não queria que passasse por isso...

- Kalevi não é diferente de outro garoto da sua idade, e eu repito isto diariamente. Ele corre, brinca e o principal, ele é feliz, feliz por ter um irmão e uma mãe adorável...

- E um pai amoroso... – completou a frase Amanda.

- Kalevi vai precisar desta família quando os problemas piorarem. – falou Adonis com uma voz sedosa.

- Nós estaremos aqui, com certeza. Mas, e se não adiantar? Quer dizer, ele terá sempre o nosso apoio e a nossa ajuda para resolver essas eventuais questões... porém, não estaremos sempre ao seu lado. Ele vai querer viver Adonis. E quando o Daimon e Guinevere

forem estu- dar magia fora da cidade, ele vai ficar muito triste por não poder ir junto...

- E neste momento estaremos aqui. Para ficar ao seu lado. Eu não me importo se Kalevi é um bruxo ou não. Ele é o meu filho e isso me basta. – disse o homem decisivo.

- Eu penso como você Adonis, não me importa a condição dele, mas e ele? O que pensa sobre ser um garoto sem dons mágicos? Você acha que ele não se sente diferente? – questi- onou Amanda.

- Sim, certamente ele se sente estranho, mas nós temos que fazê-lo se sentir bem. Ou pelo menos não se martirizar por isso. Não é culpa dele...

- E de quem é? Nossa?

- Não! – falou Adonis como se tivesse ouvido uma ofensa – É claro que a culpa não é nos- sa, mas eles vão dizer que é, compreende?

- Acho que sim Adonis... é tudo tão complicado. Como isso pôde acontecer a nós? A Famí- lia Foster?

- Amanda, só porque nossa família é tradicional não quer dizer que tenha que ser assim pa- ra sempre, além do que, somos uma mistura entre a raça humana e bruxa.

- Mas isso nunca aconteceu não é verdade? – balbuciou a mulher que ainda chorava.

- Não, isto nunca aconteceu na Família Foster, assim como nenhum casal da família gerou dois filhos. – falou Adonis sorrindo graciosamente para a esposa como se a agradecesse.

- É verdade. Temos dois filhos lindos...

- E agora temos que cuidar de outra pequenina, que também vai nos dar muito orgulho.

- Pobrezinha, tenho tanta pena por ter perdido os pais, ainda mais daquela forma.

Ao que se sabe, o casal Lingenstain foi amargamente torturado por Kricolas antes de morrerem. A fuga foi abafada pelo governo, a fim de ganhar tempo para recapturá-lo. O que não seria mais uma tarefa tão fácil, já que, boa parte dos guardas de Warren havia morrido ou estava gravemente ferido.

Quando ninguém mais falava da fuga de Kricolas, os habitantes de Vila da Cachoeira puderam retornar a sua vida rotineira. Kalevi, Daimon e Guinevere passaram a estudar em um pequeno colégio

local, onde aprenderam os ensinamentos básicos necessários para estudar magia.

Magia era algo que o pequeno Kalevi Foster não possuía com seus seis anos de idade. Na sala de aula, sentado ao lado dos demais alunos ele era apenas um observador. Não se sentia mal por isso. Seus pais o incentivavam a assistir às aulas mesmo que não fossem produzir algum tipo de resultado.

Os demais alunos o ridicularizavam, chamando-o de aberração e a mulher que lecionava, Sr^a. Ana Lara, nada fazia. Para ela era ultrajante ter um aluno como Kalevi em sua turma. No entanto não poderia fazer nada, pois a escola mantinha-se graças a generosa ajuda que a Família Foster e sua imensa fábrica de vassouras oferecia.

Certa vez, no horário da saída, Kalevi se aproximou da professora, e esta procurou se afastar ao máximo como se ele portasse uma doença incrivelmente contagiosa.

- Professora porque não posso fazer magia como os outros?

A mulher comprimiu os lábios e sentiu o sangue gelar. Para ela já era uma grande ofensa tê-lo como aluno, maior era a insolência em fazer uma pergunta tão estúpida quanto aquela. Sentiu-se tentada em lhe responder que ele não passava de uma aberração. Mas clinicamente virou seu olhar podre em direção ao menino para dizer.

- Pergunte a seus pais.

Chegando em casa, como de costume recebidos por um abraço carinhoso de seus pais, Kalevi interrompeu o beijo do pai e perguntou subitamente.

- Porque não posso fazer mágica como o Daimon e a Guinevere, papai?

Adonis sentia sempre um mal estar quando alguém comentava sobre o porquê de seu filho mais velho nascer sem dons mágicos. Sentiu-se ainda pior ao ouvir isso do próprio Kalevi.

- Por quê? Isto te incomoda? Ser diferente não é legal?

- Não é isso... mas gostaria de me parecer um pouco com os outros garotos...

- Mas você se parece. Não se incomode com o que eles dizem meu querido. Você pode ser um garoto diferente aos olhos deles, mas não aos de sua família. – dizia Adonis. Sua sinceridade era tamanha que podia ser percebida e capaz de tranquilizar até mesmo um garotinho de seis anos de idade.

Certa vez, quando Kalevi voltava da escola, alguns garotos mais velhos o chamaram para brincar com eles. Embriagado de tanta felicidade por ser chamado pela primeira vez para participar de

uma brincadeira, Kalevi seguiu os garotos até um pequeno bosque que fazia fronteira com a cidade, o Bosque de Vinho. O bosque era na verdade uma pequena área de mata fechada onde se dizia que algumas criaturas mágicas, como o Curupira e Saci andavam pela noite se embriagando com vinhos que haviam sido furtados no mundo dos humanos.

Naquele final de tarde, no entanto, não havia Curupira ou Saci, apenas cinco garotos aparentemente indo brincar no bosque.

- Hei Kalevi, já estive aqui antes? – perguntou um garoto alto e com o rosto cheio de espinhas.

- Não. – respondeu sentido-se deprimido por ser o único ali que não conhecia o bosque.

- Já viu alguma criatura mágica rondando por aqui? – perguntou agora um garoto quase tão pequeno quanto Kalevi.

- Não. – e ele desejou poder responder mais do que isto.

- Conhece ou já ouviu falar em alguma trilha por aqui? – perguntou o primeiro garoto.

- Não. – o interrogatório começava a deixar Kalevi nervoso. Tantas perguntas ao mesmo tempo e ele não podia dizer nada que não fosse o monossílabo.

- Bem garotos, vamos nos embrenhar um pouco pelo mato para apresentá-lo ao nosso a- migo Kalevi. – o menino alto e cheio de espinhas parecia ser o líder do grupo, porque lançou- se primeiro na mata e todos o seguiram sem nenhum tipo de contestação.

Kalevi tentou gravar na mente o caminho, mas aparentemente todas as árvores eram i- guais...

Eles andaram por uma pequena trilha e a todo instante Kalevi olhava para os lados a procura das tais criaturas mágicas que diziam habitar o bosque, que seria silencioso se não fosse pelo cantar dos passarinhos e alguns pequenos macacos que saltavam de galho para galho.

Em determinados momentos Kalevi achava estar sendo observado, mas eram apenas sandices que sua cabeça fantasiava por estar em um ambiente inexplorado por ele.

Passando por uma clareira eles finalmente chegaram a um tipo de nascente que saía de baixo de algumas pedras.

- Como vamos brincar? – perguntou Kalevi quando finalmente pararam.

- Como ou com o quê? – disse maldosamente o que parecia ser o líder do grupo.

Logo após isso, os quatro garotos fecharam um círculo em volta de Kalevi e tiraram as varinhas do bolso apontando para o menino com um gesto ameaçador.

- Você sabe que ninguém gosta de você na vila não é? – falou um garoto com uma voz esganiçada.

- Nem os seus pais devem suportar sua imundice... – disse o menino alto cuspiendo com nojo.

- É mentira! – berrou Kalevi – Eles gostam de mim sim!

- Eles vão até nos agradecer por sumirmos com você, moleque nojento! Aberração!

- Vá com calma Petro, deixa um pouco para nós também... – disse um rapaz loiro e magri- cela.

- Pode deixar Tiego, hoje nós vamos acabar com o pirralho... – disse Petro.

Em um gesto rápido de varinha Petro murmurou algo que deveria ser um feitiço. No instan- te seguinte Kalevi estava flutuando a pouco mais de um metro do chão.

- Vamos brincar... – Petro começou a girar a varinha fazendo com que Kalevi rodopiasse no ar. Os outros meninos a sua volta davam altas gargalhadas e faziam menção em atacá-lo.

- Deixa pra mim Petro, deixa pra mim. – implorava Tiego.

Atendendo ao pedido, Petro cancelou o feitiço e o menino foi ao chão com um enorme ba- que.

Dez segundos depois, ele era novamente erguido no ar e estava mais uma vez rodopiando, Tiego arrastava-o de um lado para o outro deslizando no ar. Em determinados momentos Kalevi tinha a impressão de que sua cabeça iria bater na árvore mais próxima.

- Porque não usa magia Kalevi? – debochavam os outros – Tem vergonha?

- Esqueceram que é uma aberração? – ria Petro.

Kalevi ficou erguido no ar até que o sol finalmente se pôs e os garotos saíram em disparada com medo de que as criaturas mágicas do bosque viessem ver o que estava acontecendo.

- Socorro! Socorro! – berrava Kalevi pedindo ajuda.

O vento sibilava entre as árvores provocando um estranho ruído que fez o corpo de Kalevi arrepiar em cima da pedra em que fora colocado de forma que não pudesse sair dali sozinho.

- Alguém! Papai! – berrava cada vez mais alto.

A noite chegou e ninguém aparecera para tirá-lo dali. Em determinados momentos Kalevi pensou que Petro e seus amigos estavam certos dizendo que a Família Foster estaria melhor sem ele. Kalevi começou a imaginar uma grande festa na mansão em que todos comemoravam seu desaparecimento. Seu pai Adonis e sua mãe Amanda rindo alegremente enquanto dançavam uma valsa ao som da Orquestra Harmônica dos Bruxos Paulistas.

- Não! Eles não são assim! – recuperou-se Kalevi – Eles vão me procurar...

Kalevi permaneceu ali por toda a noite, não que seus pais não tivessem notado sua ausência, mas sim porque Petro e os outros Ihes haviam dito que viram Kalevi nadando no pequeno rio que beirava Vila da Cachoeira.

- Vocês têm certeza de que o viram lá? – perguntou Adonis aflito que já havia conferido o lugar e não encontrara qualquer sinal do garoto.

Depois de amargar a noite inteira a procura do pequeno Foster, Adonis e Amanda começaram a pensar no pior. Kalevi ainda era muito pequeno e jamais passara tanto tempo fora de casa. Ninguém mais na vila importava-se com a segurança do garoto, pelo contrário, pareciam aliviados que o menino tivesse sumido.

- Talvez agora, possamos viver com um pouco mais de tranqüilidade sabendo que aquele imundo sumiu! – falavam abertamente os habitantes.

Adonis comunicara a pequena guarda de Vila da Cachoeira o desaparecimento do seu filho, mas eles não pareciam muito interessados em procurar pelo menino. Talvez até não o tivessem feito caso não se tratasse de Adonis, pois sua grandiosa fábrica de vassouras pagava metade do salário dos guardas.

A Família Foster tinha grande influência no mundo todo pela sua tradição e pelo grande ato que seu antepassado, Foster, havia feito pela comunidade mágica. Sacrificar-se para acabar com Donovan e seu exército garantiu a sua família grande poder de influência, permanente até os dias de hoje.

- Kalevi! – chamava afoito Adonis – Kalevi!

Guinevere e Daimon resolveram também sair a procura do irmão com Amanda. Daimon carinhosamente apelidara o irmão de Kal, quando era um bebê por ter dificuldade em pronunciar o nome por inteiro.

- Kal! – gritava ele.

- Kalevi! – Amanda berrava do outro lado.

Dentro do bosque o pequeno e adormecido Kal escutava seu pai chamando-o na fronteira com a floresta.

- Papai! – tentou gritar o menino já sem forças.

Por fim, Adonis resolveu embrenhar-se na mata a procura do filho.

- Ele não está aí! – gritou Tiego, apavorado, que acabara de sair de casa – Nós o vimos no rio...

- Eu vou encontrá-lo! – disse Adonis confiante adentrando no bosque.

Kal continuava debruçado sobre a pedra com a cabeça muito dolorida pelos rodopios do dia anterior. Mesmo assim continuou chamando por seu pai.

A voz do garoto atravessou o bosque em eco e foi capitada pelos tímpanos atentos de A- donis.

- Kal! – clamou já exausto de tanto procurar.

Minutos depois, com a varinha iluminando o caminho e atento a direção de onde viera o som, ele encontrou o filho estirado em cima de uma pedra grande e rústica.

- Kal, meu filho.

Adonis, assim como Petro e Tiego, ergueu a varinha e o fez levitar tirando-o da pedra e a- terrissando em seus braços.

- Está tudo acabado... – falou o pai em um abraço emocionado.

Kal contara como fora parar lá e Adonis foi tirar explicações com a família dos garotos, que agiram como se a “brincadeira” dos filhos fosse algo inocente e sem importância. Na verdade, não se importaram que fosse Kal o alvo da brincadeira.

Alguns meses depois, o mundo dos bruxos foi atingido por outro grande acontecimento. Sete humanos haviam sido assassinados em um massacre que não deixou marcas ou suspeitos.

- É ele Adonis. – disse um homem gordo e de testa franzida.

- Acalme-se, Mardo, acalme-se. Os guardas de Warren já foram acionados? – perguntou o Sr. Foster ao Ministro da Defesa Mágica, um homem baixinho, gorducho de nariz fino e comprido e rosto muito enrugado.

- Certamente, no instante em que soube da notícia mobilizei meus homens ao mundo humano.

Mesmo com a derrota de Donovan, os bruxos tiveram que se esconder dos humanos por vários motivos. Estes eram, agora, em maior número e a maioria dos bruxos eram pacíficos em sua essência. Preferiram se esconder em lugares onde humanos não poderiam chegar a enfrentá-los. Outro fator também era o fato de os humanos serem cheios de complicações e certamente se aproveitariam da mágica para desfazê-los.

- O problema é que as coisas estão acontecendo do outro lado. Kricolas está no mundo dos humanos, e não penso que seria natural para eles verem homens desfilando em suas ruas com capas e varinhas na mão perguntando por um vampiro sanguinário. – argumentou Mardo sarcasticamente – teremos que ser pacientes.

- Concordo plenamente, senhor Ministro, mas penso que a situação é crítica e necessitamos da maior ajuda que precisarmos. Por acaso você já informou Cadius sobre os novos acontecimentos?

- Tenho certeza de que aquele velho já sabe de tudo... – resmungou Mardo – mas ainda não se pronunciou para mim. Talvez não queira se intrometer...

- Tenha certeza de que este velho quer se intrometer, Sr. Ministro.

Um homem velho e calvo acabara de surgir no tapete da sala de visitas na mansão Foster. Ele era alto e magro, com uma longa barba que quase alcançava a altura dos joelhos. Era levemente calvo, mas ainda assim preservava algumas finas tranças desalinhadas e grisa-lhas. O rosto fino e enrugado trazia uma expressão alegre que era amplificada em seus olhos azuis.

- A... prof. Ca-Ca-Cacius... – gaguejou Mardo – Como está?

- Muito bem, graças aos belos elogios que recebo todos os dias. – disse sorrindo para Adonis.

- É um prazer recebê-lo aqui professor.

- É uma pena que não possa dizer o mesmo para você em meu castelo, Adonis. No entanto compreendo sua situação. Com uma esposa e filhos tão bonitos em casa fica difícil se ausentar. – falou Cadius – E como estão os meninos?

- Ah, estão muito bem professor. Falando neles olha quem está aí.

Kal acabara de abrir a porta da sala de visitas, parecia procurar por Daimon e Guinevere. Vendo que não estavam ali fez menção em sair, mas Cadius o chamou de volta.

- Venha aqui Kalevi.

Ele atravessou a sala e no instante que passou por Mardo este se virou para não contem- plá-lo. O menino se aproximou de Cadius que se abaixou para poder olhá-lo nos olhos.

- Está tudo bem com você? – perguntou Cadius.

- Tudo. – respondeu timidamente.

- Tome isto, para você, Daimon e a pequena Guinevere. – Cadius enfiou a mão no bolso da capa que estava usando e tirou três doces entregando em seguida a Kalevi.

- Obrigado, senhor. – agradeceu o garoto e saiu correndo até a porta.

- É um bom garoto, Adonis, um bom garoto. – elogiou.

- Desculpe interromper a conversa dos dois, mas temos um fugitivo assassino à solta... – disse Mardo em um pigarro.

- O certo, mas Kricolas não é apenas um assassino. Ele não matou aquelas pessoas para nos lembrar que continua livre. – disse Cadius mudando sua voz para um tom mais sério.

- Não? – duvidou Mardo – Porque outro motivo este louco assassinaria sete pessoas inocentes?

- Para um ritual. – respondeu Cadius de modo conclusivo.

- Como assim? Não entendo. – falou o Ministro.

- Mardo, foram sete assassinatos no mesmo lugar, sete é o número mágico. Acredito, por enquanto prefiro não afirmar, que Kricolas tenha feito algum tipo de ritual. – falou Cadius.

- Ritual? Que tipo de ritual? – indagou Mardo.

- Como havia dito, não posso afirmar nada, mas passei apenas para dizer que devemos nos reunir imediatamente. Por isso vim aqui perguntar ao Adonis se poderíamos fazer esta reunião aqui mesmo.

- Certamente, professor, mas porque não no seu castelo? – perguntou Adonis.

- Não creio que seja conveniente. O castelo, apesar de bem escondido despertaria muita curiosidade das pessoas da Cidade dos Elfos... talvez não seja muito interessante despertar a curiosidade deles e não seria seguro abandonarmos esta região em um momento em que Kri- colas está tão audacioso.

- Ah, sim, compreendo... – falou Mardo se perguntando como seria possível fazer um encontro internacional de bruxos sem despertar atenção.

- Então ficamos combinados, em dois dias estaremos nos reunindo no seu salão. – disse Cacius - Agora preciso me despedir, terei que fazer uma longa viagem. Até mais, lembranças a sua mulher Adonis.

O Prof. Cacius que estava olhando pela janela voltou à Mardo e Adonis então girou a capa e desapareceu.

- Bem, Cacius já se pronunciou a você Mardo. E então? O que pretende fazer? – interrogou Adonis.

- Acho que... acho que vou seguir os conselhos dele. Vamos reunir todos os bruxos.

“Reunir todos os bruxos” na verdade significava, para Mardo, reunir todos os bruxos do alto-escalão mundial, os chamados Alta Patentes. Seria impossível reunir todos os bruxos do mundo em um mesmo lugar. Seriam chamados os mais importantes e poderosos para esta reunião que teve como lugar de destino o esplendoroso Salão da Família Foster.

Dois dias separaram a conversa de Adonis, Mardo e Cacius do tão aguardado encontro de bruxos.

Naquela manhã, vários deles apareciam sem qualquer aviso no meio da sala de visitas, o que começava a irritar Amanda que levava enormes sustos com homens de capas negras e botas sujas surgindo do nada em seu tão limpo assoalho.

- Eles ao menos poderiam limpar! – cochichava ela depois que saiam.

Kal, Daimon e Guinevere estavam atentos a todos que chegavam. Era como assistir a um grande show de mágica. Os bruxos e bruxas podiam se transportar de um lugar para outro esfumaçando. Eles literalmente sumiam como fumaça e surgiam no lugar desejado do mesmo modo. O barulho de algo se rompendo divertia os três.

Aos poucos o salão da casa se enchia de grandes nomes, estavam ali os mais poderosos bruxos da atualidade, um deles que chamou a atenção dos garotos não entrou esfumaçando, e sim pela porta da frente falando em uma língua que os três não conheciam. Era alto e magro com uma barba cumprida e grisalhas e os olhos azuis escondidos atrás de um óculos em meia-lua. De longe, Kal pensou que era o homem que lhe havia dado doces dois dias antes, mas percebeu o erro ao vê-lo de óculos e sem as tranças.

Após receber o bruxo pessoalmente, Adonis saíra da mansão e retornara minutos depois acompanhado do Prof. Cacius que foi cumprimentado com um forte abraço.

- Parece que estão todos aqui hoje. – informou Adonis.

- Vamos precisar da maior ajuda possível para fazer o que pretendemos. – Prof. Cacius parecia levemente cansado, mas ao invés de procurar um lugar para se acomodar em uma cadeira preferiu ir ver as três crianças que estavam sentadas ao chão observando os bruxos que chegavam e Amanda resmungando quando um deles sujava a casa.

- Bom dia, meninos. – cumprimentou Cacius – Não tenho doces para vocês hoje, mas prometo trazer alguns da próxima vez que vier aqui.

Dizendo isso, Prof. Cacius avançou pelo corredor e alcançou a sala onde todos os outros estavam. Ele parecia um bruxo muito querido, pois no momento em que entrou foi alegremente

saudado por todos. Estendiam-lhe a mão para um cumprimento e ofereciam-no uma taça de vinho.

- Não acho que seja prudente nos embriagarmos ainda tão cedo. Talvez, poderemos co- memorar uma honrosa e justa vitória. – falou ele alegremente apanhando a taça e depositando-a em uma das mesas.

O clima na mansão dos Foster era de extremo otimismo, no entanto ninguém comentava o porquê de tanta alegria. O que deveria ser diferente já que um assassino estava à solta e matando humanos como se fossem seu alimento diário.

Às nove horas as portas do Salão se fecharam. Ao que parecia ficariam assim por muito tempo. Ninguém poderia entrar ou sair. Amanda levou os garotos a um passeio pela cidade,

que agora estava deserta, já que todos os habitantes passaram a se esconder em suas casas após o ataque feito por Kricolas.

Apenas outras três crianças estavam pelas ruas da pequena vila brincando, lançando feitiços e encantando objetos. Kalevi se ofereceu para brincar também, mas foi rejeitado pelos garotos.

- Você não tem uma varinha! – diziam eles – Mas se quiser podemos brincar pelo bosque.

– diziam maldosamente referindo-se ao episódio que ocorrera há alguns meses.

Soluçando o menino aproximou-se da mãe e sentou em seu colo. Onde ficou até quando deu a hora do almoço, observando o movimento ondulante e continuo das árvores com o vento e o alegre cantarolar de algumas aves.

Levantaram e retornaram para o silêncio da casa. Ela nunca esteve tão cheia nem tão silenciosa. É como se os bruxos ao atravessarem a porta de acesso ao salão fossem sendo engolidos por um buraco negro.

Na mesa do almoço os quatro se sentaram para saborear um bife com salada que Amanda acabara de preparar. Depois de terminarem de comer e arrumarem a mesa, eles sentaram-se na sala onde Guinevere e Daimon competiam para ver quem conseguia produzir mais faíscas com a varinha. Kalevi assistiu à brincadeira da janela onde passou o resto da tarde olhando para os jardins da mansão.

- Observando a grama crescer meu querido? – perguntou Amanda ao garoto que respondeu negativamente com a cabeça – Então o que está fazendo?

- Nada. – respondeu – Estou desejando ser igual aos outros...

- Meu filho... não precisa ficar triste por causa disto... pensei que tivesse esquecido tal coisa. – falou a mãe.

- Como posso esquecer? Eles me lembram todo tempo... – disse Kalevi olhando para Damon e Guinevere que continuavam a brincar.

Amanda não tinha mais o que argumentar. Sentia o mesmo que seu filho, não poderia forçá-lo a acreditar que era igual a todo mundo quando na verdade não era. Mas poderia consolá-lo sempre que precisasse. E este momento era um deles.

- Kal, você não precisa ser igual aos outros para ficar perto deles. – disse Amanda acariciando os crespos cabelos do menino – Elas só são assim porque você é único. Único Kal, e isso as incomoda, mas vai chegar o dia em que vão se acostumar.

- Não vão, mamãe, eu sei que não vão... – choramingou Kal.

- Não se incomode com o que disserem. Não se incomode mesmo. – falou Amanda calmamente.

- Tudo bem, tudo bem...

Quando o sol finalmente desapareceu no horizonte, Amanda e Kalevi se levantaram da janela para ver os bruxos que estavam saindo do Salão.

Eles pareciam exaustos. Assim que atravessavam as portas acenavam com a cabeça para Amanda e esfumaçavam em seguida, deixando apenas uma quase imperceptível nuvem de fumaça colorida.

- Acabamos, Amanda! Nós conseguimos! – Kal olhou para o seu pai que acabara de emergir da pequena multidão de bruxos e

apressara-se em vir falar com a esposa – Tudo bem com você, meu filho?

Kalevi sorriu para o pai e lhe abraçou carinhosamente, mas então desmaiou...

Kalevi estava em um vasto gramado, caminhando, não havia nada. Pareciam quilômetros e quilômetros de uma grande área gramada. O menino cruzou o primeiro morro e o segundo,

terceiro... não encontrou nada a não ser mais grama. Já cansado ele sentou ao sol, pois não havia árvores ou qualquer outra coisa que gerasse sombra. Um vento forte soprou na direção de Kalevi e ele se sentiu invadido por uma forte onda de energia, o vento foi aumentando gradativamente até um ponto em que Kalevi não pode suportá-lo e foi arrastado por ele.

Durante metros o menino voou com o vento por uma nova área, agora seca e plana. A areia o atingia provocando alguns cortes leves, o vento soprava cada vez mais forte e Kalevi começava a

rodopiar. A frente havia um abismo que era para onde o vento estava sendo sugado, como água pelo buraco da pia ao se tirar o tampão. O menino começava a ficar zozinho e lembrou-se do dia em que fora enfeitado por Petro e sua turma no bosque e rodopiou por muito tempo. Quando adentrou por este grande e escuro abismo já caía em alta velocidade, ainda empurrado pelo vento, ouviu uma voz o chamar.

- Kalevi... você... resta-me você... Então outra voz o chamou.

- Filho... você está bem?

Kal parara de cair no abismo e abriu os olhos.

Estava deitado em sua cama com várias pessoas em volta encarando-o. Havia uma bruma azul embaçando sua visão. Esfregou os olhos e reconheceu como sendo seus pais as pessoas que estavam ao seu lado direito, do outro, estavam Guinevere, seu irmão Daimon e o Prof. Cadius. Pareciam preocupados. Adonis virou para o garoto e o abraçou, o gesto se repetiu com Amanda.

Daimon e Guinevere o cumprimentaram com um vasto sorriso e o Prof. Cadius com um aceno de mão.

Depois de despertar por completo, seus pais e Cadius chamaram-no para uma conversa em um cômodo fechado da sala. Por mais que Daimon e Guinevere revelassem-se curiosos nenhum dos três permitiu que eles entrassem na sala enquanto conversavam com Kal.

- Há uma semana você teve uma forte febre. Ficou inconsciente por dias – começou Adonis. Kal surpreendeu-se com o tempo em que ficou inconsciente. – sabemos que você é novo demais para entender isto, mas não podemos fingir que nada diferente aconteceu.

Kal sentia-se cada vez mais curioso e começava apalpar o próprio corpo em busca de algo diferente como um caroço ou algum osso fraturado, mas não havia nada anormal.

- Como você bem sabe filho, não nasceu com dons mágicos... – continuou Amanda com lágrimas nos olhos – Mas você foi abençoado...

Kal permanecia confuso naquela rede de informação e seu rosto pedia por uma explicação mais objetiva.

- Kalevi Foster, acredito que isto agora te pertença! – o Prof. Cacius aproximou-se do pequeno menino com a mão esquerda em um dos bolsos, mas desta vez ele não tirou um doce, e sim uma varinha. Uma varinha mágica, como a de seu pai e de qualquer outro bruxo. Cacius abaixou-se e deu um leve beijo na testa do menino e recuou quase que instantaneamente ao sentir uma ardência nos lábios. Colocou os dedos sobre a boca, mas estava normal, olhou de volta para o menino de modo inquisitivo e então voltou a sorrir.

Kalevi segurou a varinha e admirou-a por um tempo. Era sua, mas para quê? Ele não tinha como usá-la. Olhou de Adonis para

Amanda e então para Cadius a procura de uma resposta significativa.

- Agora de manhã, quando entrei em seu quarto, você estava flutuando em cima da cama, filho. – falou Adonis não se agüentando de felicidade.

- Você é um bruxo, Kalevi. – enfatizou Prof. Cadius.

- Quer dizer que... eu sou normal? – perguntou o garoto.

- Você sempre foi normal, meu filho. A diferença é que agora você tem poderes. – disse Adonis contemplando o filho que segurava a varinha.

- Quer dizer que posso brincar com os outros? – perguntou ele novamente.

- Sim, sim você pode.

Kalevi saiu pela porta saltando de alegria e correu até Daimon e Guinevere mostrando sua varinha como se fosse um novo brinquedo.

- Prof. Cadius, como ele pode ter adquirido poderes? - indagou Adonis depois que o filho saiu.

- Eu não sei... – respondeu o professor meio que sem vontade.

Enquanto o jovem menino brincava pela vila com seus novos poderes, a notícia se espalhou pelo mundo como a luz no vácuo.

Na manhã do dia seguinte, estava nas primeiras páginas de revistas e jornais mágicos, nas conversas de bares e de salas de aula. Todos comentavam sobre o que havia acontecido ao pequeno Kalevi, no pequeno lugarejo chamado Vila da Cachoeira. Todos discutiam o milagre Foster.

- CAPÍTULO II -

No Hospital Nautilus

Quase nove anos após a fuga de Kricolas, Vila da Cachoeira vivia em seu ritmo de tranqüilidade habitual. Há mais de sete anos não se tinham notícias do meio-vampiro, que teve sua última aparição no dia em que atacou e matou sete humanos.

Kal passou a freqüentar a escola de magia local já sem problemas. Diferente da maior parte de sua infância, ele era tratado agora como um tipo de milagre ambulante. Ninguém mais o ridicularizava ou tentava passá-lo para trás. Pelo contrário, se não chegavam perto demais dele era porque tinham medo. Ninguém

ainda sabia como Kal conseguira tornar-se um bruxo de verdade. Nem mesmo o Prof. Cacius que de mês em mês visitava a família.

Os garotos estavam chegando ao fim das férias quando Adonis disse que iria matriculá-los em outro colégio. Todos ficaram muito excitados com a mudança porque a escola de Vila da Cachoeira era de longe um lugar em que se poderia chamar de tranquilo. Todos os alunos, não passavam de vinte, encaravam Kal, Daimon e Guinevere no único corredor da escola na hora do recreio. Havia se criado uma lenda entre os outros alunos de que Kal era uma espécie de vampiro que suga poderes mágicos para se manter como bruxo. Evitavam olhá-lo ou conversar com ele, o que já era um grande progresso.

Na manhã do dia 30 de janeiro, Kal, Daimon e Guinevere deveriam encontrar Adonis na Fábrica de Vassouras Foster. Juntos iriam para a Cidade dos Elfos, uma cidade ao norte do país que ficava escondida dentro da Floresta Amazônica, longe dos olhos humanos. Lá com- prariam seus materiais escolares para irem ao seu primeiro ano letivo na nova escola de ma- gia.

- Bom dia, Daimon. – disse Kalevi ainda sonolento quando se levantou.

- Bom dia Kal. – respondeu o irmão bocejando.

Os irmãos Foster levantaram-se de suas camas. Kal abriu um pequeno vaso em sua cabeceira. Dele saiu uma luz vibrante que girou pelo quarto fazendo com que os lençóis se dobrassem e voassem direto para um modesto guarda-roupa de cinco portas.

Quando chegaram à ante-sala encontraram o quadro de Betha, uma tia-avó dos Foster que adorava tagarelar com qualquer pessoa que passasse pelo lugar. Betha habitualmente usava um xale branco e vestido bordado da mesma cor. Estava sempre sentada na mesma poltrona esperando por um ouvinte com quem pudesse compartilhar suas aventuras na floresta amazônica, como quando ela derrotou dois lobisomens de uma só vez.

Os dois prosseguiram o caminho passando pela sala e finalmente chegando à cozinha, onde estava sua mãe, Amanda, e Guinevere.

- Bom dia, meninos – disseram as duas.

- Bom dia mãe, bom dia Guinevere – responderam em coro.

Guinevere tornara-se uma garota muito bonita, com o rosto muito parecido com o de Amanda, no entanto tinha olhos verdes esmeralda e cabelos castanhos.

- Meninos, vocês devem se apressar, o pai de vocês está esperando. Guinevere já está pronta. – apressou-se em dizer Amanda.

Depois de pelo menos quinze minutos os três estavam atravessando o jardim da mansão, passando por violetas, margaridas, e outras plantas estranhas e que não paravam de se mexer.

No caminho da fábrica Kal, Daimon e Guinevere passaram quase que despercebidos pelos habitantes de Vila da Cachoeira. Todos evitavam encará-los, com medo, e pareciam dar vivas de alegria quando circulou pela vila a notícia de que os três estavam de partida para outra escola.

A fábrica estava situada bem ao lado da cachoeira que tinha o fluxo de água invertido. Kal não conhecia tão bem a fábrica, gostava de brincar lá quando era criança, mas visitava sempre os mesmos lugares com medo de se perder. Já com seus quase treze anos raramente entrava lá. Preferia passar a maior parte do tempo livre próximo a fronteira com o Bosque de Vinho, e isso era outra coisa em Kal que os habitantes não achavam muito normal. Todos os meninos e meninas da vila tinham medo de se aproximar do bosque a noite e Kal caminhava dentro dele sem qualquer receio. Depois de passar a noite ali quando era menor, percebeu que o bosque nada era a não ser um lugar quieto e que o sopro do vento nas árvores confundia a mente dos medrosos.

Daimon preferia passar as horas livres praticando alguns simples feitiços e entalhado em livros e cadernos, estudando plantas e calculando a que dia e hora passaria o próximo cometa. Já Guinevere se divertia conversando com Amanda ou ouvindo as

histórias que Betha tinha para contar. Assim como Kal, ela raramente lia os livros de magia espalhados pela casa.

A fábrica de vassouras tinha as paredes de pedras azuis muito reluzentes que refletiam bem as cores do céu, uma placa enorme que faiscava dizia; “Fábrica Foster” e duas portas gigantescas de carvalho com maçanetas em forma de dragão que serviam de entrada para um grande corredor que tinha as paredes decoradas com vários modelos de vassouras.

- Até que enfim garotos! – Adonis acabara de esfumaçar na frente dos três - Estava esperando por vocês há horas. Entrem aqui.

Os quatro caminharam até uma sala com uma bonita mesa de mogno abarrotada de papéis, tinteiros e penas, que eram usadas para escrever. Lápis e canetas não eram usados por causa de um decreto do governo que proibia o uso de qualquer produto que fosse produzido por humanos. O motivo de tal decreto não foi explicado.

- Por que diabos vocês demoraram tanto? – perguntou Adonis com a testa franzida.

- Acordamos tarde. – desculpou-se Daimon. Adonis soltou um suspiro e então voltou a falar:

- Bem, como já havia lhes dito, vocês estão matriculados em uma nova escola. Ela é a mais antiga escola de Magia e Feitiçaria do país, Avalon. – respondeu Adonis animado.

- Avalon? – repetiu Kal em tom curioso – Não é a escola do Prof. Cadius?

- Isso é um sonho tio Adonis. – disse Guinevere com todo entusiasmo.

- Mas porque precisamos estudar tão longe? – perguntou Kal – Não que Vila da Cachoeira vá me deixar saudades, mas... Avalon é muito longe daqui.

- Avalon é a melhor escola de magia do país e Cadius é o melhor professor. Além de ser um antigo amigo. Vocês vão estudar em Avalon e em cinco anos serão os maiores bruxos que Vila da Cachoeira já viu. Eles nunca mais ousarão falar de nossa família. – terminou Adonis com azedume.

- E você e a mamãe? Vão para lá também? – indagou Kal.

- Infelizmente não poderemos estar lá. Tenho que resolver os assuntos da fábrica pessoalmente...

- Onde ficaremos? – perguntou Daimon.

- Na Cidade dos Elfos. – respondeu – Lá existem alguns alojamentos especiais para os alunos da escola. Ficarão lá enquanto estiverem estudando. E nas férias voltarão para Vila da Cachoeira. Não se preocupem, vocês vão ficar bem lá. A cidade é pouca coisa maior do que esta vila. Vão se acostumar depressa com o ambiente, além do mais haverá muitos estudantes por lá.

- Tudo bem então, papai. – falou Kal – Mas como iremos para a Cidade dos Elfos?

- Bem, agora de manhã soube que nenhum meio de transporte sairá de Vila da Cachoeira hoje. Isto significa que teremos que ir andando até a Cidade do Norte... – informou Adonis sem graça.

Instintivamente os três gargalharam como se Adonis tivesse contado uma piada realmente engraçada. Mas não era.

- Bem... vocês não conseguem esfumaçar e como eu disse não sairá nenhum transporte daqui nem em Dunas, teremos que ir andando...

- E porque não tem nenhum meio de transporte disponível? – perguntou Kal percebendo o tom de seriedade com que o pai tratava o assunto.

- Por motivos de segurança... – explicou vagamente.

- Kricolas? – perguntou Guinevere atemorizada.

- Não sei, na verdade ninguém sabe, mas houve novos assassinatos no mundo dos humanos, desta vez foram quinze. Parece que ele não está mais a fim de se esconder. – falou abertamente Adonis.

- Mas o que essas mortes têm a ver com nossa carona? – perguntou Kal que não havia conseguido relacionar uma coisa à outra.

- Acontece que... Mardo, ele é sempre tão psicótico... bem, Mardo achou melhor suspender todos os veículos até que a situação se resolva. Mas, na Cidade do Norte, um outro amigo meu vai conduzir uma carruagem até a Cidade dos Elfos, concessão especial, não me perguntem o motivo. O fato é que teremos que ir caminhando até lá. É um bom pedaço de caminho, mas se vocês perderem essa condução até Cidade dos Elfos, não sei quando teremos outra...

- E quando começam as aulas? – perguntou Kal interessado.

- Depois de amanhã. – respondeu Adonis em um sorriso amarelo.

- Já? – espantou-se Guinevere.

- É, bem... eu ando um pouco ocupado aqui na fábrica e não me lembrei de falar mais cedo... vocês já estão matriculados há uma semana e... bem, desculpem-me...

- Papai, esta é uma fábrica de vassouras. Poderíamos ir voando até Cidade do Norte. – sugeriu Kal.

- E infringir a lei? Vocês sabem que menores de quinze anos não têm permissão para saírem por aí voando em vassouras. Nem aprenderam a ficar invisíveis. Já pensaram se são vistos por humanos? – retorquiu ele disciplinadamente – De qualquer modo, Mardo proibiu também o tráfego de vassouras...

- Ele é doido? – indignou-se Kal – Não pode sair proibindo os outros de viverem.

- Sinto vontade de mandar ele me carregar nas costas até Cidade do Norte! – retrucou Guinevere.

Cidade do Norte era a maior cidade mágica da região sudeste. Localizava-se em cima de um alto morro entre as nuvens e tinha como porta de entrada uma longa ladeira íngreme e não muito amigável. Cheia de pedras lisas e bem cortantes. Poucas pessoas usavam aquele caminho, já que carroças voadoras movidas a vassouras eram mais convidativas do que se arriscar pelo Caminho das Pedras, como fora chamado.

- E a nossa bagagem? – indagou Daimon – como vamos levá-las?

- Essa parte é simples de se resolver. Posso transportá-las com mágica.

- Detesto não poder esfumaçar... – bufou Kal.

- É a lei meu filho é a lei... menores de dezesseis anos não podem esfumaçar, primeiro porque não têm poderes para tanto.

- Algum menor já tentou esfumaçar? – questionou Kal.

- Sim, vários tentaram, mas nenhum conseguiu transportar todo o corpo para um mesmo lugar. A não ser um, Emerick, pobrezinho, esfumaçou para dentro de uma parede de concreto... foi uma morte lamentável. – disse Adonis retirando um pequeno lenço de algodão e enxugando o canto dos olhos – Era um amigo e tanto...

- Tudo bem papai. – cortou Kal – Então acho que já podemos partir. Não é?

- É sim, claro. Atravessaremos o Bosque de Vinho e a cidade de Dunas, aí chegaremos ao Caminho de Pedra e finalmente estaremos na Cidade do Norte a tempo de pegar a condução para Cidade dos Elfos. – disse Adonis que naquele momento parecia um grande desbravador pronto para mais uma incrível missão com seus fiéis soldados.

Do corredor que dava acesso à sala onde os garotos estavam, veio um grito e passos apressados. A voz se aproximou e a porta se abriu com um enorme estampido. Dela saiu um homenzinho pouco maior que um metro e meio, de cabelo enrolado e na altura do ombro. A cara enrugada se mexeu e produziu um som que mais parecia um grunhido.

- Senhor Foster, o vampiro Thom pediu que, o senhor fosse a sua cripta. Ele precisa da ajuda do senhor urgente! – arquejou o homenzinho.

- Dino, informe a Thom que em no máximo três horas estarei chegando com os meus filhos.

– respondeu Adonis ao homenzinho chamado Dino.

- Meu senhor, desculpe, mas parece ser uma grande emergência... a bruxa Elvira, ela estava toda afoita quando me transmitiu o recado pessoalmente... senhor, penso que deveria se apressar...

- Mas, eu não posso... – falou Adonis e olhou para os três – Diga que me esforçarei para chegar o mais rápido possível.

- Mas senhor, é o vampiro Thom... e é urgente... ele clamou...

- Mas o que diabos este homem quer tão cedo? Garotos, mil desculpas, mas terão que ir sem mim... Passem na mansão e despeçam-se de Amanda, expliquem bem a ela o caso. Vocês conhecem o caminho, lamento muito... tentarei acompanhar vocês assim que me livrar de Thom. Se não aparecer, assim que vocês chegarem na Cidade do Norte, procurem pela cripta do vampiro Thom, tenho certeza que qualquer um lá saberá informar. Agora preciso ir, desculpem-me.

Sem mais explicações e com um simples estalar de dedos Adonis Foster se dispersou em uma fumaça cinzenta e desapareceu, assim como Dino, que no instante seguinte sumira de vista.

Kal, Daimon e Guinevere saíram desanimados da fábrica. Chegaram a mansão e falaram à Amanda que em dois dias estariam estudando em Avalon. Esta respondeu com um enorme sorriso de quem não estava surpresa.

- Adonis pediu para que eu não contasse a vocês. Como ele demorou em contar. As aulas já estão próximas de começar... a que horas chega a condução de vocês?

Quando Kal respondeu que teriam que ir a pé, Amanda berrou com indignação.

- Este Mardo está ficando louco! Ele não pode proibir o transporte aéreo! Quem vai levar vocês até a Cidade do Norte?

Os três pararam e abaixaram a cabeça encarando as próprias pernas.

- Não acredito! E onde está o irresponsável do Adonis?

- Ele bem, mãe, não teve escolha. – balbuciou Daimon.

- Thom o chamou... – continuou Guinevere.

- Era uma emergência...

- Pelas barbas de Merlin! Não posso fazer nada. – resmungou a mulher.

- Poderia nos acompanhar. – sugeriu Kal.

- Lamento filho, mas a tia Lilith vai estar aqui em meia hora com a filha, não posso sair... – desculpou-se Amanda.

- Se a tia Lilith vai chegar então nós vamos sair. – retorquiu Kal.

A tia Lilith era a irmã mais velha de Amanda, e que perdera o marido, Cosmo, no dia da fuga de Kricolas, Cosmo era um dos guardas de Warren e trabalhava na mesma divisão dos pais de Guinevere. De qualquer modo, ela era o tipo de parente que só se pode gostar quando está longe dele. Era sempre tão indiscreta, vivia fazendo perguntas embaraçosas e grosseiras. Quando Kal tinha três anos ela os visitara e audaciosamente perguntou “se o imundi- nho do Kalevizinho havia tomado banho”. Era claro que o que realmente perguntara era “este moleque adquiriu dons mágicos?”. Geralmente usava um vestido branco rodado e cheios de

bordados horrorosos de flores e cavalos, tinha um jeito preguiçoso de falar e adorava usar diminutivos. Lilith tinha uma filha ainda pior. Bernardina, uma menina de corpo fino e nariz pontiagudo.

- Cuidado furar o olho de alguém com isso! – dizia Kal todas as vezes que via a prima. Bernardina devia ter os seus dezesseis anos agora, e devia ter ficado ainda mais feia e com o nariz ainda maior. Nas lembranças de Kal, Bernardina foi a primeira pessoa a quem ele enfeitiçou com a varinha, é claro que foi sem querer, mas o fato é que a menina teve que ser levada para o hospital da cidade de Dunas por causa da pele cheia de furúnculos.

- Acho que elas virão esfumaçando, já que não haverá nenhum meio de transporte. Bernardina já é uma mocinha e pode fazer isso.

- Não deve ser difícil esfumaçar quando se parece um cabo de vassouras. – debochou Kal.

- Não quero que seja grosseiro com elas. – falou Amanda com severidade na voz.

- Não vou precisar. Não estarei mais aqui.

- Já vão para Cidade do Norte? – perguntou.

- Sim.

- Mas e as malas?

- Papai vai levá-la outra hora. – respondeu Daimon já se despedindo.

- Tomem cuidado e juízo! Escrevam quando chegarem na Cidade dos Elfos! – Amanda gritara, mas não sabia se eles ouviram. A essa altura já atravessavam os portões de ferro da mansão seguindo caminho para o Bosque de Vinho.

- Não é tão assustador assim. – comentou Guinevere quando já haviam ultrapassado metade do caminho no bosque.

- Não sei porque as pessoas da vila têm medo de virem aqui. – falou Kal.

- Talvez porque nunca vieram, bem, as pessoas têm medo quando não conhecem. – disse sabiamente Daimon enquanto saltava por cima de uma raiz.

- Eu venho sempre aqui. E nunca encontrei nada que fosse perigoso. Nunca vi Saci ou Cupira. Para mim é tudo uma invenção.

- Curupira e Saci não são invenções. – disse Daimon mais uma vez agindo como se sou- besse de tudo – Eles não aparecem à toa, quando se pede ou se pergunta sobre eles.

- Tudo bem Daimon, tudo bem... – aceitou Kal, ainda assim não muito convencido.

- Podemos descansar agora... – suplicou Guinevere sentando-se em uma enorme raiz ex- posta.

- Eu concordo... plenamente... – falou Daimon que começava arfar.

- Tudo bem, vamos parar um pouco. – disse Kal que parecia estar em plena forma e com muita disposição para continuar.

Ficaram sentados uns vinte minutos. Enquanto isso, Daimon fazia a conta de quantos feitiços conhecia e Guinevere começou ajudar quando os dedos das mãos e dos pés do garoto já tinha sido todos usados.

Kal parecia despreocupado olhando atentamente para sua varinha. Sabia que a de Daimon e Guinevere haviam sido compradas por seu pai Adonis, mas e a sua? Só sabia que era um presente de Cadius. Kal tentou adivinhar o que dava poderes a ela, mas era inútil tentar adivi- nhar...

- Vocês ouviram isso? – Daimon estava de pé e com os olhos bem arregalados – Vocês ouviram isso? Vinha daquela direção.

Daimon apontara para o lugar onde eles havia vindo, e o som se intensificou.

- O que foi aquilo? – agora era Guinevere quem havia se levantado extremamente assustada.

- Abaixem-se! – ordenou Kal e no instante seguinte uma espécie de mariposa rasgou o ar acima deles com furor.

Um inseto de asas prateadas e corpo pequeno saltou de uma árvore e começou a bater as asas em ritmo acelerado – Prendam a respiração! – Kal levantou-se e armou a varinha, fez um movimento de espiral e bateu no ar gritando – *Inflamium!* – uma chama de luz dourada brilhante saiu da varinha e queimou todo o pó paralisante que estava no ar, por fim a chama acertou o inseto.

- Isto realmente foi incrível, Kal! – elogiou Guinevere.

- Muita precisão. Não faria melhor. – disse Daimon com entusiasmo e orgulho do irmão.

No entanto, Kal não pode desfrutar dos elogios que recebeu, já que, quando conjurou o feitiço ele aspirou parte do pó da mariposa e desmoronou com todo o seu peso no chão.

- O que você tem Kal? – perguntou Daimon.

- Ele deve ter respirado o pó quando atacou. – deduziu Guinevere – Não dá para voltarmos à vila nem nos separarmos, aquele bicho pode voltar.

- Você está certa Guinevere. Mas como nós vamos ajudá-lo? – perguntou novamente Daimon.

Kal deu sinal de que não estava totalmente paralisado, eram apenas as pernas, o dorso e o pescoço. *Nada muito grave.* Pensou otimista. Tentou se levantar escorando-se no irmão. Guinevere

ajudou Daimon a erguer o garoto e juntos apressaram-se em caminhar até a saída do bosque e a entrada da cidade de Dunas.

- Estamos quase chegando na ponte. – avisou Daimon.

- Quando atravessarmos a ponte e chegarmos em Dunas te levaremos ao hospital. – falou Guinevere – Alguém vai poder nos ajudar lá.

Alguns minutos se seguiram, durante eles, Kal, que estava sendo arrastado por Daimon e Guinevere, perguntava-se o porquê de Adonis desaparecer daquele jeito e deixá-los caminhar tanto até encontrá-lo. O que é tão importante assim com Thom que não pode esperar?

Finalmente chegaram à Dunas. Era pouco maior do que Vila da Cachoeira. Na entrada havia uma loja de artigos esportivos, um armazém, onde supostamente dizia vender de tudo, uma praça, um pequeno hotel, lugar em que os habitantes de Vila da Cachoeira descansavam depois de um dia inteiro fazendo compras e um

pequeno hospital na forma de uma concha em espiral. Os garotos se apressaram em ir ao hospital. Por dentro era um lugar amplo e altamente confortável, as paredes branco gelo reluziam o lugar, o chão era recoberto com marfim e o teto era composto por nuvens brancas com algodão. Quase não se via o balcão no fim da sala onde ficava uma mulher gorda e morena que usava um jaleco combinando com o lugar. No bolso havia o desenho de uma concha em espiral. Kal mal lia o que estava escrito, porque as letras acompanhavam o formato da concha, mesmo assim pode ler: "Hospital Nautilus".

- Bom dia! O que vocês querem? – perguntou a mulher.

- Meu irmão respirou pó de um inseto gigante. – disse Daimon.

- Hum! Claro. Isso acontece a todo momento. Levem-no para o oitavo andar e falem com a Dr^a. Samantha. Ela irá ajudá-los. – disse a mulher que parecia ainda mais gorda agora que estava de pé – Por favor me acompanhem – ela os conduziu até um portão dourado, talvez a única coisa naquela sala que não era branco.

- Oitavo andar, certo? – Confirmou Guinevere.

- Exatamente! Podem entrar.

Entraram, a mulher fechou o portão. Uma voz feminina, fina e aguda perguntou aos garotos.

- Onde desejam ir?

- Queremos ver a Dr^a. Samantha, oitavo andar! – Disse Daimon, e o elevador começou a subir quase que imperceptivelmente.

- Desse jeito não chegaremos nun... – Guinevere teve a voz cortada quando o elevador disparou para cima. Não era só isso, o elevador corria para os lados e para frente. Vários flashes vinham

e desapareciam, entradas para outros corredores e às vezes eles viam pessoas caminhando. Finalmente o elevador subiu e parou.

- Oitavo andar! Espero que tenham aproveitado. – disse a voz do elevador.

- Da próxima vez vou pela escada. – comentou Daimon.

- Onde será que fica a sala da Dr^a. Samantha? – perguntou Guinevere.

O corredor onde estavam tinha o mesmo aspecto do saguão de entrada. Todas as portas estavam trancadas e não havia ninguém ali. Deram alguns passos para se aproximar de um grande relógio em forma de concha espiral que estava preste a marcar meio-dia. Quando os três ponteiros se juntaram a concha brilhou intensamente e começou a apitar. As portas se abriram ao mesmo tempo e várias pessoas caminharam por todo o corredor de forma desalinhada, pareciam apressados, tanto que nenhuma respondeu às perguntas que Daimon e Guinevere faziam.

Nenhum dos três conhecia aquele lugar, nunca haviam entrado. Sempre iam para a Cidade do Norte com Adonis, mas o meio de transporte que eles utilizavam eram carroças voadoras, mas por causa do decreto de Mardo não poderiam fazer o mesmo trajeto.

Quando não havia mais ninguém pelo corredor, eles pensaram em voltar para o saguão. Daimon retrucou dizendo que não iria passar todo o sufoco que era andar naquele elevador a toa. Resolveram esperar mais um pouco, uma hora as portas iriam se abrir novamente, já que estavam trancadas, e eles entrariam numa delas. Não demorou bem quinze minutos e uma porta bem no fundo se abriu e dela saiu uma mulher toda de branco com os cabelos negros e olhos castanhos.

- Por favor! Onde está a Dr^a Samantha? – perguntou Guinevere
– Meu amigo está sobre o efeito de algum tipo de pó venenoso.

- Dr^a Samantha? Dr^a Samantha? – pensou.

- Acho que é a senhora, pelo menos é o que diz no seu jaleco. – disse Daimon apontando para o nome escrito no bolso da mulher.

- Ah, claro sou eu. – respondeu.

- Está bem doutora, você pode ajudar meu amigo? – perguntou Guinevere.

- O que ele tem mesmo? – perguntou Samantha.

- Essa mulher é doida. – disse Daimon – Ela disse que Kal está sob o efeito de um pó ve- venoso.

- Quem é Kal? – perguntou a doutora, que estava deixando os três completamente irritados.

- Escuta, Kal é meu amigo e irmão do Daimon. Estávamos atravessando o Bosque de Vinho quando um inseto gigante nos atacou. Kal lutou com ele, mas respirou o pó e agora mal consegue falar. Viemos para que você faça alguma coisa e cure-o. Entendeu!? – Guinevere realmente havia perdido a paciência, sua voz ecoou por todo o corredor em alto tom.

- Tudo bem eu preparo uma poção. Mas quem é Daimon? – perguntou Samantha.

- Apenas faça a poção! – gritou a garota muito nervosa.

Doutora Samantha conduziu os três a uma pequena sala cheia de frascos, ervas e poções já preparadas. Ela pegou alguns frascos e comparou com o tamanho de Kal, depois escolheu, jogou num

caldeirão pequeno algumas ervas, esquentou e mexeu, colocou na medida do frasco e entregou para Kal.

O garoto bebeu toda a porção e quando se sentiu melhor soltou um enorme grito de alívio misturado com alegria. Agora o que importava era sair daquele lugar que já havia causado horrível dor de cabeça.

Saíram da sala da Dr^a Samantha e seguiram pelo corredor até o elevador. Depois de já terem fechado o portão dourado repararam que mais uma vez os ponteiros do relógio haviam se juntado e como da primeira vez a concha brilhou fortemente e apitou, para alívio dos garotos eles não precisariam estar lá quando toda aquela confusão recomeçasse. Fugiram do pesadelo que era o corredor do oitavo andar do Hospital Nautilus, mas ainda tinham que descer até o primeiro piso pelo elevador, que na visão de Kal era como um barco sendo tragado por um redemoinho. O elevador começa bem devagar e então dispara para baixo, esquerda, direita e gira e sacode e bate. Chegou.

- Quem inventou isto? – perguntou Kal com tom de rispidez voltando a ficar zozzo.

Enquanto caminhavam pelo saguão de entrada com passos apressados, a mulher do balcão pediu que preenchessem uma ficha de registro do hospital.

- Querido! Qual o seu nome e problema? – perguntou a mulher à Kal.

- Kalevi Foster, problema: INDIGNAÇÃO! – respondeu Kal com fúria e depois seguiu os amigos para fora do hospital.

Andando pela cidade Kal, Daimon e Guinevere ouviram murmúrios sobre um assassinato, guardiões, fortaleza e outros assuntos vagos. Um homem gorducho que estava usando uma capa vermelha sangue e apressava os passos junto a outro homem de capa amarela, cochicharam algo que realmente parecia secreto. Infelizmente nem Kal, Daimon ou Guinevere puderam ouvir o que eles diziam. Ambos estavam afoitos e cada vez mais nervosos por não saberem o que estava acontecendo.

- Se quisermos descobrir o que está acontecendo teremos que chegar na Cidade do Norte e conversarmos com nosso pai. – disse Daimon.

- Tem razão não vamos conseguir nada tentando ouvir conversas que podem ser desnecessárias. – terminou Guinevere.

Nesse mesmo momento, dois rapazes levantaram-se de um banco ao lado dos três e começaram a conversar.

- Não basta ter faro jornalístico, é preciso ter uma audição jornalística. Está vendo aqueles dois bruxos sentados na praça? - apontou para os dois homens de capa – São bruxos do governo. Com certeza, sabem sobre os assassinatos no mundo dos humanos, eu sei uma boa maneira de ouvir o que eles estão falando.

- Qual? – perguntou o outro rapaz.

- Segure sua varinha na frente do ouvido – e assim se fez, colocou a varinha de uns vinte centímetros no ouvido. Depois de seguir as instruções o primeiro rapaz continuou – agora diga este feitiço, *Captus*. – mais uma vez o segundo rapaz atendeu a ordem, e agora pelo que parecia eles podiam ouvir a conversa dos bruxos do governo.

- Viram só isso? Acho que nós não vamos para a Cidade do Norte agora – disse Kal – ergam a varinha e digam, *Captus*! – Kal sentiu um som agudo e irritante, mas segundos depois pode ouvir tudo o que as pessoas a sua volta diziam. No começo eram apenas vozes embaraalhadas, mas depois de um pouco de concentração pode ouvir e entender a conversa daqueles dois bruxos.

- ...era de se esperar que isso começasse a acontecer Mardo. – disse o homem que usava capa amarela.

- Mas não era. Francamente estou decepcionado com os guardas de Warren. Como ele pode continuar solto depois de quase nove anos? Você não entende a gravidade da situação, Geraldo?! – resmungou Mardo com ar de desespero. Mardo ao que parecia, ainda ocupava o cargo de Ministro da Defesa e Segurança Mágica, mas nos últimos anos vinha passando por uma séria crise por causa dos assassinatos que Kricolas estava cometendo no mundo dos humanos.

- É claro que entendo você, como Ministro da Defesa e Segurança Mágica, é natural que esteja nervoso por causa de Kricolas, ele certamente está tentando, bem você sabe. Mas também sabe que isso é impossível... – depois de ouvir as palavras de Geraldo, Kal sentiu um enjôo enorme e deixou cair a varinha.

- Kal! O que houve? – perguntou Guinevere afoita.

- Talvez, apenas um efeito prolongado do pó – respondeu – vamos continuar pessoal, temos que chegar logo na Cidade do Norte.

Seguiram metade do caminho praticamente em silêncio, respondiam a alguns murmúrios e nada mais. O clima de tensão estava no ar, ninguém dizia qualquer coisa e Kal parecia ser o único ali realmente preocupado. Mais alguns passos e Guinevere, aparentemente, associou o silêncio de Kal com a conversa que haviam escutado. Agora, Daimon era o único que estava indiferente à situação. Kal e Guinevere sabiam o que significava toda aquela agitação, sabiam que Kricolas havia sido um fiel seguidor de Donovan e estava assassinando humanos como se fossem sua comida, talvez seja este o mistério. Talvez a dieta que o manteve em Warren por quase um milênio tenha despertado sua fome e sede de sangue.

- O que você está fazendo? – perguntou Kal a Daimon que andava olhando para cima como se nada tivesse acontecendo.

- Pensando em que tipo de escola é Avalon.- respondeu Daimon com satisfação.

- Será que você não pode levar nada a sério? Você não prestou atenção no que Mardo e Nicolas disseram? – perguntou Kal com veemência.

- Ah! Sim! Disseram que Kricolas continua a solta e que os guardas de Warren não conseguem prendê-lo. – respondeu Daimon.

- Acontece que Kricolas é inimigo da nossa família há muito tempo. – disse Kal irritado.

- É, por acaso eu também sei disso. Como sei que ele fugiu de Warren quando ainda éramos muito pequenos e até agora ele não deu as caras para nos matar. Não vai ser agora que fará isso. – disse Daimon irritando-se.

- Talvez ele não veja tanta graça em matar crianças e nos esperou crescer mais um pouco.

– disse Kal e Guinevere abaixaram a cabeça e continuaram o caminho.

Kal continuou pensando em Kricolas, se nem os guardas de Warren conseguiram detê-lo quem poderia?

Depois de pensar em toda a história de sua família, ele dispersou o pensamento devido um barulho de pessoas falando em voz alta a poucos metros a frente de onde estavam. Finalmente haviam chegado a Cidade do Norte.

- Bem chegamos! Vamos até a cripta do Thom! – disse Guinevere convicta.

Afinal, não fora tão difícil alcançar a Cidade do Norte caminhando, fora alguns contratemp- pos como um inseto gigante no bosque, um elevador bem radical e uma médica biruta.

Já fazia um bom tempo que Kal não visitava a Cidade do Norte, mas ela continuava a mesma. A cidade estava localizada no alto de um alto morro praticamente todo encoberto por nuvens. De lá era possível ver a cachoeira correndo no sentido contrário e até mesmo a fábrica de Vassouras Foster. Movimentada, a Cidade do Norte abrigava uma grande quantidade de casas e lojas, além do Aeroporto Vassouras, a Biblioteca Central e o Palácio do Governo. Havia também um grande templo feito com pedras grandes e avermelhadas que se erguia do nível da cidade ao topo mais alto do morro.

- Alguém sabe onde fica a cripta do Thom? – perguntou Kal aos outros dois.

- Pensei que você soubesse Kal. – disse Guinevere.

- Pelo jeito teremos que procurar. – disse desanimado.

Continuaram percorrendo pela cidade, olhando e perguntando. Pararam uma mulher que parecia contar os passos, ela era magra e de dentro da capa, cor cinza-envelhecido, que usava via-se apenas os cabelos longos e desgrenhados. Tinha uma voz fina irritante. Ela disse que a cripta ficava dentro do templo. Depois de agradecerem a informação se apressaram para chegar porque a chuva começava a cair.

- Finalmente! Onde é a entrada da cripta? – perguntou Daimon.

- Olhem! Tem muita coisa para se ver aqui. – surpreendeu-se Kal.

Bonecos de cera de grandes personalidades mágicas como Merlin eram vendidos em uma barraquinha que se chamava “Cera polida”. Os bonecos eram variados, uns agitavam variadas, diziam pequenas frases e outros mais ousados davam pequenas piruetas em cima de vassouras que realmente voavam.

Por um momento Kal parou e ficou admirando o rosto de Merlin naqueles bonecos. Os cabelos grisalhos e bem compridos contrastavam com os brilhantes olhos azuis, então, quase que imperceptível o boneco de cera deu uma piscadela para Kal. Quando ia dizer aos outros amigos percebeu que todos os outros bonecos faziam o mesmo.

- Olhem aquela barraquinha! – disse Daimon animado – eu vou lá!

O garoto aproximou-se e conseguiu se juntar às outras crianças. Uma mulher velha saiu de trás de uma porta feita com pano remendado e disse.

- Aproximem-se os que não tem medo! Formem um círculo ao redor da mesa. – disse. Todos se reuniram em volta de uma mesa velha com símbolos e letras nas bordas e um copo de cristal no meio.

- Meu nome é Dulce, e esta é a mesa dos espíritos. Quem for participar ponha a ponta da varinha no copo e digam "*Interrupto*". – prosseguiu a mulher.

- *Interrupto!* – disseram as vozes ao redor da mesa.

- Muito bem, desta forma nos garantimos de que ninguém aqui moverá o copo. Vamos lá. – continuou – Oh espíritos do além, velhas almas bruxas, venham de onde estiverem e façam contato! – neste momento um forte vento surgiu debaixo da mesa assustando os garotos, incluindo Daimon.

- Que charlatã! – repugnou Guinevere.

- Concordo, e o pior é que tem gente que acredita. – continuou Kal – e se déssemos uma ajuda com os efeitos especiais? – Kal puxou a varinha discretamente e apontou-a para o copo.

- Venha! Venha! Venha espírito! – entusiasmou a velha, e dentro do copo surgiu uma fumaça negra que não parava de mudar de forma. Kal surpreendeu-se, mas quando olhou para o lado viu que a fumaça tinha sido provocada por Guinevere, que deu um leve sorriso.

- Vejam! É um sinal de que o espírito está presente. – disse a velha cada vez mais animada.

Kal com muita cautela se aproximou da mesa e com a varinha fez o copo andar sobre várias direções, sem intenção de formar algo significativo. O copo andou e girou através das letras que estavam dispersas.

- E-U-V-O-L-T-A-R-E-I. Ah! – a velha gritou e ordenou que todos dissessem “*Desfecho*”, os garotos assustados disseram o feitiço e se apressaram em se afastar do copo que agora tremia, a fumaça passou de preta a cinza e depois branca, quando ficou preta de novo fez o copo partir o que tirou vários suspiros dos espectadores. Kal não se assustou com nada já que tinha certeza de que era Guinevere a causadora, olhou para a garota e sorriu, ela lhe retribuiu com o mesmo gesto.

As pessoas que estavam no templo olharam assustadas e começaram a cochichar entre si.

- *Captus!* – disse Kal, agora pronto para ouvir qualquer conversa.

Os sons estavam vagos e as pessoas falavam em rimo frenético. “... ele vai voltar, só pode ser Kricolas...”, “...quem vai voltar?...”, “pelas barbas de Merlin, achei que ela fosse uma char- latã...”.

Do lado de fora do templo Kal também ouviu ruídos, “Incidente mágico dentro do templo, família Foster envolvida...”. Isto soou para Kal como uma batida de tambor indicando alarme de emergência. Antes que pudesse chamar Daimon e Guinevere, o templo foi invadido por pessoas agitadas, folhas e penas flutuantes viam de um lado para o outro seguindo alguns bruxos. Kal e Guinevere reconheceram dois rapazes do meio daquela multidão. Eram os mesmos que viram na praça e com quem aprenderam *Captus*, mas só agora Kal reparou o que estava escrito em suas vestes.

- Folha Mágica! – disse Kal.

- O que tem? – perguntou Daimon que acabava de se juntar aos dois.

- São do jornal mais sensacionalista do país. – completou Guinevere.

- Temos que sair daqui. – disse Kal receoso.

Quando viraram as costas um dos jornalistas os avistou, - Olhem a família Foster! – uma nuvem de repórteres surgiu em volta dos três, faziam perguntas confusas e as vozes embarralhadas não faziam qualquer sentido. Kal reparou no que alguns outros jornalistas faziam: erguiam a varinha e diziam – *Fotograph!* – um flash piscava pelo menos três vezes antes do feitiço finalizar, depois

encostavam a varinha em uma folha de papel e diziam – *Impresor!* – a imagem captada caía no papel como fios de seda prolongado da varinha, e a foto ganhava forma e movimento.

Depois de uma longa sessão de fotos e interrogatórios sem respostas, Adonis apareceu, para alívio dos três.

- Venham garotos! Por aqui! – disse Adonis que havia acabado de surgir de um alçapão que Kal tinha certeza de não tê-lo visto – depressa, entrem – Adonis abriu mais o alçapão para que os três entrassem e depois o trancou. Em seguida o alçapão desapareceu deixando todos muito intrigados.

A escada pela qual desceram era bem irregular e feita com pedras empilhadas, o caminho era iluminado por archotes presos às paredes que acendiam e apagavam sozinhos a medida que os quatro passavam.

Depois de descer todas aquelas escadas finalmente chegaram a um grande salão altamente confortável. No meio do salão tinha

uma lareira feita também com pedras empilhadas que iam do chão até o teto. Nas paredes havia quadros de pessoas curiosas, eram pessoas diferentes das quais Kal já havia visto. Era um misto do horrível ao exuberante, não eram nem humanas nem animais. Incrivelmente pareciam os dois, reunidos em um mesmo corpo. Havia também cabeças de animais empalhados, uma dessas cabeças era um javali e estava inquieto com a presença deles. *“Talvez Thomas não recebesse muitas visitas”*. Pensou Kal. No teto viam-se algumas ilustrações de pequenos morcegos que voavam de uma ponta a outra, também pareciam inquietos com eles. Na verdade era como se todo o lugar estivesse incomodado com a presença dos três. Até o sofá parecia ser incrivelmente desconfortável.

O chão era recoberto com tapetes grossos e almofadas gigantes, quase não se via a madeira encerada. Algumas prateleiras exibiam orgulhosamente troféus dourados e reluzentes, além de alguns outros estranhos objetos. Kal olhou tudo aquilo admirado nunca havia entrado em uma cripta em seus treze anos de vida.

Depois de se acomodarem nos sofás uma mulher surgiu da porta que parecia dar acesso a uma cozinha.

- Sr. Adonis, meu amo sente muito ter partido sem mais explicações, ele não pode negar este encontro. – explicou a mulher.

- Não se preocupe conosco, Elvira, estamos bem. – respondeu Adonis.

Kal a encarou. Ela era muito magra, os cabelos compridos e bem grisalhos só lhe davam mais ainda um aspecto fúnebre. Lembrou-se da mulher que havia dito a eles onde ficava a cripta, certamente era a mesma, ou algum tipo de gêmea, mas esta última era muito improvável. Quando Kal ia questioná-la Elvira interrompeu.

- Suponho que sejam seus filhos, Adonis?

- Ah sim! Perdoe-me a falta de educação. Estes são Kal e Daimon, Guinevere não é propriamente minha filha, mas é como se fosse. – disse Adonis com um enorme sorriso de satisfação.

- Entendo. É um prazer enorme conhecê-los. Vou até a cozinha preparar um lanche, parecem cansados. – disse Elvira que logo seguiu para a cozinha.

Kal tinha certeza de que era ela, a própria, era a mesma mulher que encontraram no centro da cidade, não tinha como não reconhecê-los. Ele lembrou-se que ela usava uma longa capa quando a encontraram pela primeira vez. Talvez voltasse de uma viagem, e por algum motivo não quis ser identificada.

- Papai, onde está o Thom? – perguntou Kal – Ele fez o senhor vir aqui e desapareceu, foi?

- Não exatamente, quando cheguei, ele estava um pouco nervoso, conversamos e ele recebeu um chamado urgente e foi embora dizendo que não iria demorar. Já tem meia hora que isso aconteceu.

- E como soube o que estava acontecendo lá em cima? – perguntou Guinevere – o senhor tirou a gente de lá bem na hora.

- Estão vendo aquela bacia. – disse Adonis apontando para uma velha bacia de pedra em cima de uma mesinha – Bem, dela da para ver qualquer lugar da Cidade do Norte. Estava esperando por vocês.

- Já voltei!

Elvira voltara da cozinha menos de dois minutos depois trazendo uma bandeja cheia de biscoitos e sucos. Os biscoitos não eram os habituais feitos com trigo que Amanda preparava. Era uma massa acinzentada e por todo aperitivo havia pequenas patas que pareciam ser de insetos e algumas delas ainda pareciam incrivelmente vivas.

- Aceitam garotos? – perguntou Elvira gentilmente.

Kal, Daimon e Guinevere se entreolharam e decidiram aceitar, já que Adonis havia dado um sorriso de aprovação e já mordida o seu primeiro biscoito.

- Obrigado. – agradeceu Guinevere tentando pegar um biscoito que estava andando pela bandeja. – De que é feito?

- É uma massa que contém óleo de germe de trigo, ótimo revitalizante. Os insetos dão ao biscoito um gosto crocante. É receita minha!

- Esse suco está divino, Elvira! – entusiasmou Adonis erguendo uma taça no ar.

- É amora batida com sangue de javali e leite de texugo. Também é receita minha. – disse Elvira mais uma vez orgulhosa. – vou buscar mais.

- Acho que não queremos incomodar... – falou Kal que havia escondido seu biscoito no bolso e jogado seu suco no vaso de planta mais próximo.

- Não é incomodo nenhum. Vejo que vocês adoraram meus biscoitos. – ela quase dava pulinhos de alegria.

Elvira saiu da sala, mas não demorou a voltar novamente, desta vez veio anunciar a chegada de seu amo Thom.

- Sr. Adonis, garotos! Meu mestre Thomas acaba de chegar!

- Boa tarde a todos.

- CAPÍTULO III -

A Cidade dos Elfos

O vampiro Thomas era encorpado, tinha os olhos verdes e a pele muito branca, o que contrastava com o cabelo negro e a boca incrivelmente vermelha. Usava uma roupa longa capa de viagem verde com detalhes em tom madeira, mas o que realmente chamou a atenção de Kal era o que Thomas calçava. Botas marrom canela com alguns detalhes em picote na boca.

- Belo par de botas Thom. – ironizou Adonis.

- Ah, foi um presente que ganhei na Cidade dos Elfos. – respondeu Thom – sabe como eles ficam furiosos quando você não usa um presente – respondeu ele se jogando sobre um sofá – desculpe pela demora Adonis.

- Eu compreendo sua situação, seu filho está, é... – Adonis fez uma pausa, virou-se para os garotos e disse – Vocês três podem dar licença?

- Meninos, sintam-se à vontade na biblioteca. – sugeriu Thomas.

Adonis acompanhou os três em um pequeno corredor que ligava o salão em que estavam a uma única porta, ordenou que ficassem ali e se retirou encostando a porta de forma que os garotos não pudessem mais ouvir o que se passava no salão.

- Uau! A biblioteca de um vampiro! Dever ter livros com mais de cem anos, talvez mais de mil anos. Vou ler todos! – disse Daimon muito entusiasmado.

- Faça bom proveito, tenho que saber o que estão dizendo. – avisou Kal fazendo aquele conhecido gesto com a varinha – *Captus!*

- ...os garotos não vão conseguir nos ouvir da biblioteca – Kal imediatamente reconheceu a voz de seu pai Adonis – Como eu ia dizer, entendo sua situação, Kricolas está deixando todos muito abalados com essas novas mortes.

- Acredito em você Adonis, porém Mardo está me pressionando para tentar falar com meu filho, mas, eu não tenho mais controle sobre ele. Nem ao menos sei onde ele pode estar – Kal ouviu as palavras de Thom como um baque, sabia que Mardo, o Ministro da Segurança Mágica, também estava agitado com tudo aquilo – Mas você sabe o que isso significa, Kricolas não ia matar pessoas à toa no mundo dos humanos. Nesses nove anos ele só fez isso uma vez, e você deve se lembrar porque. Meu filho tem algum plano para Donovan!

- Donovan morreu há quase mil anos Thom, não tem como Kricolas armar nada, mortos não voltam à vida! – disse Adonis demasiadamente sério.

- Voltam quando se tem o Livro de Merlin! – falou Thom em ritmo mais grave e alto.

- Fale baixo! – repreendeu Adonis – Sabemos muito bem que isso é só uma lenda.

- Não Adonis, O Livro de Merlin realmente existe e está por aí, em algum lugar. E Kricolas vai *encontrá-lo* – retrucou Thom.

- Não *vai encontrá-lo* porque ele não existe! – resmungou Adonis.

- O Livro de Merlin realmente existe! – protestou Thom.

- Como você pode ter tanta certeza?

- Existem provas Adonis! *Provas...* – disse Thomas.

- Que provas?

- Há muitos séculos, Kricolas me mostrou um livro, ele trouxe da Inglaterra, Camelot, antigo reino de Arthur, há várias menções de um livro que Merlin escreveu em segredo para guardar seu próprio conhecimento. – comentou Thom.

- Então, é realmente verdade? – admirou-se Adonis – E Kricolas? Sabe onde está o livro? – perguntou bem calmamente com medo da resposta.

- Felizmente não, Merlin guardou isso em silêncio. Na verdade ninguém sabe onde o livro possa estar escondido. – aliviou Thom.

- Isso é realmente um alívio, mas se ele está matando pessoas dever ter mesmo um motivo. Não deve ser bom, mas tem um motivo. – disse Adonis.

- Com certeza ele não fugiu de Warren apenas para fazer uma visita à família! – ironizou Thom – Temo, também, por sua família Adonis. Foster destruiu Donovan e tudo o que ele representava.

- Está certo Thomas, temos que nos prevenir. Verei se consigo falar com Mardo depois que voltar da Cidade dos Elfos. – avisou Adonis.

- Pretende demorar? – perguntou Thom.

- Bem, as aulas dos garotos começam depois de amanhã, então acho que vou demorar um pouco. Tenho que levá-los e comprar os materiais, uniformes, enfim... Não se preocupe, voltando eu prometo que vou direto a Mardo. – disse Adonis.

- Não podemos esperar mais! – gritou Thom – Eu não posso continuar vendo isso, Adonis!

– desta vez Thom gritou bem mais alto e impaciente.

- Acalme-se Thomas. – implorou Adonis.

Nesse mesmo instante Kal abriu a porta da biblioteca e saiu devagar para ver mais de perto o que estava acontecendo. Thom parecia um pouco fora do sério.

- Me acalmar? Eu tenho um filho assassino e todo o governo não para de me procurar para ficar dando explicações e você pede para eu me acalmar?! – Thom agora gritava tão alto que Kal achou desnecessário o uso do feitiço.

Chegou à sala, mas não foi notado. Adonis escondia sua própria varinha nas costas. Quando Thom urrou pela última vez, Kal já estava na sala e pode acompanhar com olhos clínicos toda a transformação que o vampiro fizera. O corpo de Thom começou a tremer e o rosto se prolongou formando um pequeno focinho, os caninos dobraram de tamanho e eram ameaçadores, os olhos ficavam mais vermelhos a cada nova veia que pulsava em sua pele agora muito branca e enrugada, os dedos se alongaram e ficaram mais finos enquanto as unhas cresciam e as orelhas esticavam-se. Thomas aproximou-se de Adonis, Kal continuou a observar, esperaria seu pai agir antes de fazer qualquer coisa.

- Thomas! Escute-me! Retome a consciência! – clamou Adonis que obteve como resposta um urro seguido de um golpe.

Adonis foi lançado no sofá e quando Kal ia entrar de vez no salão seu pai levantou-se e ergueu a varinha.

- *Formanômagô!* Thom foi mais rápido e atirou a varinha para longe, o feitiço acertou a parede e a ela não aconteceu nada.

De forma rápida Kal ergueu a varinha e disparou o mesmo feitiço, também sem sucesso, Thom saltou e andou pelo teto acompanhado os passos do garoto, que logo foi encurralado entre duas prateleiras, que pareciam bem firmes, não seria fácil para Kal derrubá-las e escapar. Thom desceu forte no chão e ergueu Kal pelo braço que segurava a varinha, deixando o garoto desarmado.

- *Formanômagô!*

O feitiço acertou Thom pelas costas e o fez gritar muito enquanto voltava ao normal. Kal agradeceu a ajuda, bem aliviado, mas com toda aquela agitação não sabia direito quem tinha disparado o feitiço. Quando Thom caiu desmaiado, Kal pode ver Guinevere com a varinha em punho.

- Você fez isso? Estava ouvindo também? – perguntou Kal abaixando-se para recolher sua varinha.

- Estava. – respondeu gentilmente a garota.

- Onde está o Daimon? – perguntou Kal preocupado.

- Está na biblioteca, lendo, vou chamá-lo. – Guinevere andou em direção à biblioteca com passos rápidos.

- Guinevere! – a garota olhou para trás ao chamado de Kal – Obrigado – ela lhe respondeu com um leve sorriso e seguiu caminho à biblioteca.

Adonis levantou-se depressa e ajudou o desmaiado Thomas a se deitar no sofá.

- Estou grato a vocês, Kal e Guinevere, mas como vocês sabiam que eu estava precisando de ajuda? – indagou Adonis.

- Han... bem... é que ... – enrolou Kal.

- É o Captus não é? Todo mundo usa esse feitiço, mas agora que eu sei posso me preve- nir.

Guinevere e Daimon chegaram à sala, Daimon segurava um livro de couro marrom, na capa havia diversas criaturas mágicas, em destaque para um vampiro que estava no centro.

- Aqui está! Guinevere me falou do feitiço e esse livro esclarece tudo. – disse Daimon – “Formanômago: um feitiço para reversão, inibe ou bloqueia a transformação de uma criatura”.

- Até mesmo lobisomens? – perguntou Guinevere.

- Lobisomens não se transformam porque querem, são obrigados a se transformar quando vêm a lua-cheia. – respondeu Daimon – Acontece que Thom não é um lobisomem, vampiros podem se transformar quando quiserem ou involuntariamente são transformados pelas emoções. – respondeu Daimon mais uma vez.

- Muito obrigado pelas explicações Daimon, Amanda ficará orgulhosa em saber. Mas eu não posso esperar mais, devo levar Thomas ao Hospital Nautilus e depois procurar Mardo. – disse Adonis.

- Mas e nós papai? – perguntou Kal.

- Vocês deverão ir sem mim, novamente. Vou levá-los ao meu amigo que conduzirá uma carruagem até Cidade dos Elfos. Kal, o dinheiro para a compra dos materiais e para outras despesas você pode pegar com a Rainha da Cidade dos Elfos. Mandarei um aviso a ela informando a situação. – esclareceu Adonis.

- Mas pai onde vamos encontrar a Rainha? – perguntou Kal.

- Francamente, Kal, é uma rainha, todos de lá a conhecem, mas se querem logo saber, ela se chama Eva. Vamos nos apressar, tenho que informar Elvira. – Adonis aproximou-se da porta que dá acesso a cozinha e gritou por ela.

Depois de muito chamar aproximou-se da escrivaninha e preparou um bilhete com papel dourado. Assim que terminou sacudiu a varinha e disse – Entregue pessoalmente a Elvira. *Sendart!* – o papel se dobrou e adquiriu a forma de um pequeno avião, ele deu uma volta pela sala e depois sumiu pela lareira subindo pela chaminé.

- Legal! – disse Kal muito admirado.

Adonis carregou Thom pelos ombros, ajudado por Kal e Daimon, e subiu as escadas pela qual haviam chegado. Quando enfim depararam-se com o alçapão, Adonis disse antes de abrir:

- Estação de Vassouras.

Em seguida, Adonis abriu o alçapão e eles não estavam mais no templo, era um lugar rodeado por bares, armazéns e galpões e uma enorme torre de madeira, a construção bene- volente e firme, algumas janelinhas de vidro, em sua extremidade parecia ter um

pequeno salão onde todos poderiam admirar a bela vista da Cidade do Norte rodeada por uma cadeia de montanhas.

As pessoas corriam com malas e outras gritavam para que os esperassem, e Kal, Daimon e Guinevere se perguntavam, *que lugar será este?*

- Esta é a Estação de Vassouras. – falou Adonis, como se estivesse lendo a mente dos três.

– Quando queremos sair da cripta podemos escolher qualquer lugar da Cidade do Norte, menos locais privados, casas, banheiros, essas coisas...

Kal notou que algumas pessoas reclamavam de um lado para o outro, na certa indignados com o fato de Mardo ter proibido os vôos. Tapetes mágicos e balões também estavam parados com seus passageiros dentro, surpreendidos de última hora com essa decisão do Minsistro. Um homem em cima de um tapete mágico se aproximou com um sorriso expressante e perguntou o que

desejavam, Kal quase lhe respondeu que desejava que mudasse de roupa, pois ele usava uma camisa xadrez azul e amarela com uma calça malhada verde e rosa, e para completar um chinelo de praia em tom cinza. Mas antes que Kal pudesse dizer alguma coisa Adonis pediu para que ele levasse Thom até a entrada da Torre. O homem saiu contente por estar prestando serviço e seguiu rumo ao lugar indicado.

- Temos que chegar depressa ao local de embarque. – avisou Adonis – Caso não chegemos lá a tempo sabe-se lá quando vocês poderão ir à Cidade dos Elfos. – agora Adonis corria em direção aos balões – estamos quase lá – Adonis pareceu reconhecer alguém e gritou – Júlio! Júlio! Espere! – um dos homens que estava montado em uma vassoura olhou pra ele e sorriu.

- Adonis, amigo, quanto tempo. – Adonis e Júlio se cumprimentaram com um grande abraço.

- O que te traz aqui homem? – perguntou Júlio – E como está Amanda? São seus filhos? – apontou para Kal, Daimon e Guinevere.

- Sim, estes são Kalevi e Daimon, e esta linda é Guinevere, filha de um falecido amigo meu. Amanda está muito bem e orgulhosa por eles estarem indo para Avalon. – respondeu Adonis pomposamente.

- Ah, sim! É sempre um grande orgulho levá-los. – disse bem alegremente Júlio.

- Mas infelizmente não vou poder acompanhá-los, tenho outro amigo na Torre que precisa ir imediatamente ao Hospital Nautilus. E preciso encontrar Mardo, ainda. – explicou.

- Está bem então, posso levá-los, afinal esta é a única carruagem com permissão para decolar, tem apenas um garoto na cabine. – Júlio disse e apontou – este é o meio de transporte aéreo que temos. Uma cabine puxada por cinco das melhores vassouras fabricadas.

- São feitas na minha fábrica, fortes e rápidas. – orgulhou-se Adonis – Agora devo me apressar, Thomas pode estar acordando e

vai querer saber onde está. Meninos, comportem-se, verei se consigo estar na Cidade dos Elfos quando forem para Avalon. Comprem tudo que precisarem e agradeçam a Eva, mandem lembranças por mim e por sua mãe. – Adonis acenou e depois esfumou para a Torre, já que uma leve chuva começava a cair.

- Vamos garotos subam a bordo. – ordenou Júlio.

Kal, Daimon e Guinevere acataram a ordem e entraram na cabine. Trancaram a porta e depois se sentaram nas poltronas de veludo. A frente deles estava o tal garoto a quem Júlio havia mencionado.

- Oi, prazer, meu nome é Ralph! – disse o garoto aos três.

Ralph era pouca coisa menor que Kal, mas tinha mais presença. Tinha os olhos castanhos e o cabelo liso e loiro escuro. Ele usava uma calça jeans nova e uma blusa vermelha, seus tênis eram folgados e bem limpos.

Depois de Guinevere e Daimon responderem foi a vez de Kal.

- Oi, meu nome é Kalevi, mas pode me chamar de Kal.

- Kalevi de quê? – perguntou Ralph.

- Kalevi Foster e Daimon Foster, meu irmão, esta é nossa amiga, Guinevere Lingenstain. – respondeu Kal.

- Prazer novamente, meu nome é Ralph Scheiffer. – disse Ralph pomposamente estufando o peito – É um sobrenome alemão. Nunca ouviram falar? – perguntou Ralph. Ao ver a cara de negação que os três fizeram, disse – Que mau! De que buraco vocês saíram? – perguntou Ralph novamente.

- Você também não sabe o que significa nosso sobrenome. – reprimiu Kal se segurando para não jogá-lo para fora da cabine.

- Foster, Foster, alguma coisa sim. Parece que nossas famílias têm grandes feitos. – respondeu bem calmamente Ralph.

- E o que exatamente sua família fez? – perguntou Kal que estava quase de pé.

- Ela é ch...- a fala de Ralph foi impedida pelo baque que o balão fez ao decolar.

Os quatro olharam pela janela e viram que as quatro vassouras estavam puxando o balão.

- Espera aí! Pensei ter ouvido cinco vassouras?! – disse meio duvidando Daimon.

- Deveriam ser! – respondeu Ralph.

- Hei olhem! – Guinevere chamou a atenção dos garotos para uma quinta vassoura que estava subindo e preparando-se para tomar a liderança das outras quatro.

- Olhem, é o Júlio! – gritou Daimon.

Júlio estava com uma capa feita em borracha cobrindo o corpo e tinha um anel apito. Júlio deu um alto e longo sopro e gritou para os outros homens na vassoura.

- Cavaleiros! Vamos direto para a Cidade dos Elfos! – depois de dizer isso os cavaleiros orientaram suas vassouras para cima das nuvens – Aqui não seremos vistos por nenhum humano. Avante Cavaleiros!

O balão acelerou numa velocidade impressionante até parecer estável.

- Uau! Isso foi incrível! – disse Daimon.

- Ele disse que vamos direto para a Cidade dos Elfos, você também vai pra lá Ralph? – perguntou Guinevere.

- Vou, tenho que comprar meus materiais para ir á escola. – respondeu o garoto.

- Também vai para Avalon? – perguntou Kal.

- É, ouvi dizer que é uma boa escola para aqueles que desejam ser grandiosos. – respondeu Ralph.

- E você vai ser? – perguntou Kal.

- É claro! Da mesma forma que meu pai é! – respondeu Ralph entusiasmado.

- E quem é seu pai? – perguntou Kal mais uma vez só que agora com ar de deboche.

- Meu pai é Uric Scheiffer. Guardião chefe de Warren. - respondeu Ralph com um perceptível tom de superioridade.

- Grande guarda. Caso você não saiba temos um bruxo perigoso à solta há nove anos e seu pai ainda não foi capaz de prendê-lo. É claro que o senhor-sabe-tudo conhece Kricolas, não é? – disse Kal altamente nervoso.

- Só para esclarecer, meu pai não é o único guarda de Warren que está procurando por ele, então a responsabilidade de encontrá-lo não pode ser apenas do meu pai, mesmo ele sendo o Guarda Chefe. O próprio Mardo reconhece isto. E eu sei quem é Kricolas, e sei perfeitamente que ele não é apenas um bruxo. – Kal pareceu corar levemente ao ouvir Ralph – Ele também é meio vampiro. E só por isso que ele sobreviveu tantos anos em Warren. Saibam que vocês só estão aqui porque meu pai assinou uma autorização para que este balão pudesse decolar.

Ralph foi abruptamente interrompido por um novo sacolejo do balão.

- Mas o que é isso agora? – reclamou Kal.

O balão estava balançando muito mais agora, pois o vento soprava tão forte que os cava- leiros tinham dificuldade de ficar montados nas vassouras. Júlio estava gritando para que recuassem, Kal não entendeu o porquê, mas olhou pela janelinha de vidro do seu lado e viu uma grande nuvem de tempestade se aproximando.

- Depressa! Temos que sair daqui! – Júlio gritou tão forte que de longe poderia ser ouvido.

– Não temos muito tempo! Se ela nos alcançar não sairemos tão fácil! – agora os ouvidos de Kal doíam, não só pelos gritos de Júlio, mas também pela rajada de trovões que cortava o céu.

- Não iremos conseguir! – gritou Daimon assim que o balão sacolejou novamente.

- Acalme-se! – ordenou Kal.

Júlio apavorou-se enormemente quando foram sugados pela tempestade. Uma enorme nuvem negra manchava o céu claro, uma nuvem gigantesca de onde saiam raios e trovões. Kal havia pedido para Daimon se acalmar, mas não sabia quanto tempo seria possível manter a calma.

- Isso não é normal! – gritou Júlio – Tempestades não surgem do nada!

Olhem! – um dos cavaleiros apontou para uma criatura que estava indefinida dentre as nuvens – Maldita!

Kal tinha certeza que a criatura havia sido reconhecida pelos cavaleiros.

- É uma fada Grullana!

Kal entreolhou Guinevere, Daimon e Ralph em busca de uma explicação, mas os outros três pareciam tão confusos quanto ele.

- Alguém conhece? – perguntou Ralph.

Sem respostas os quatro sentaram-se em suas confortáveis poltronas de veludo. Kal parecia o mais agitado levantava e olhava pela janela de vidro. Na terceira vez em que sentou, não sentiu a confortável poltrona e sim algo que parecia com uma espécie de livro.

- Você trouxe! – espantou-se Kal ao ver o livro de capa de couro marrom que Daimon havia encontrado na biblioteca de Thomas.

- Achei que Thom não ia precisar dele. – respondeu Daimon.

- Já que está aqui, vamos olhar. – antes que Kal pudesse ler o livro viu que Júlio e os outros cavaleiros estavam lançando feitiços na fada.

- Está escuro aqui... – comentou Guinevere.

- *Bolhasradiant!* – Ralph conjurou um feitiço para iluminar o lugar. Pequenas bolhas de luz saiam da ponta da varinha e flutuavam pelo local como bolhas de sabão. Vendo a cara de espanto dos outros três Ralph indagou – Que foi? Não conheciam este feitiço? – Kal fez uma expressão de asco e começou a folhear o livro.

- Qual é mesmo o nome dela? – perguntou Kal.

- Acho que é fada Marallana ou algo assim. – respondeu Guinevere.

- Aqui não tem isso, tem fada Kerallana – disse Kal – vai ser essa mesma. “Fadas Keralla- nas habitam poucas partes do mundo, mas são facilmente encontradas na Micronésia” Esta deve estar perdida. “Alimentam-se de...”, não é isso ainda, “...como encontrá-las...” Aqui. “Es- sas fadas temem trovões”.

- Pensei que elas fizessem trovões. – espantou-se Ralph.

- O feitiço mais eficiente é o Amständer. – falou Kal com entusiasmo.

Kal levantou-se, segurando firme no puxador da porta e colocou metade do corpo para fora da cabine. Ao fazer isso, sentiu-se desequilibrar com a rajada de vento forte, mas para sua felicidade Ralph o segurou pela camisa.

- Obrigado... – agradeceu, em seguida ergueu a varinha e gritou.
– *Amständer!* – uma pequena faísca elétrica saiu da ponta da varinha e acertou a fada.

- Kalevi! – chamou Júlio – Esta fada não é derrubada com trovões! É uma fada Grullana!

Kal percebeu o erro que havia cometido, trancou a porta e recomeçou a procurar alguma informação no livro.

- Está aqui. “Fada Grullana, habitam o Centro-Oeste do Brasil. Alimentam-se de pequenas frutas e insetos. Gostam de criar tempestades para confundir viajantes. Vários feitiços podem ser

usados para desmaiá-la, porém, o que gera maiores resultados é o Escaparta. Não é um feitiço específico, ele também é muito utilizado em duelos...”

- Essa parte não nos interessa Kal! – alertou Guinevere.

Kal concordou com a cabeça e se aproximou da porta ergueu a varinha mais uma vez e gritou.

- *Escaparta!* – um leve filete de luz azul se prolongou novamente da varinha de Kal e depois acertou a fada.

A criatura grunhiu, mas não cedeu e continuou a provocar a tempestade, só que agora muito mais forte.

- Droga é muito fraco! – reclamou Kal – Preciso tentar de novo – *Escaparta!* – novamente sem sucesso. Kal abaixou a cabeça levantando-a logo em seguida quando viu em si mesmo um reflexo de luz azul. Olhou para o lado e viu que os cinco cavaleiros estavam lançando o mesmo feitiço.

- Meninos! Ajude-nos! – pediu Júlio.

- *Escaparta! Escaparta! Escaparta!* – a fada parecia dançar e se divertir esquivando-se dos feitiços lançados, o que deixou todos muito irritados – Droga! – Kal berrou e se segurou firme na cabine, mirou bem na fada e mais uma vez usou o feitiço – *Escaparta!* – a voz do garoto soou tão alto que abafou todos os outros sons.

O feitiço rasgou o céu, era apenas um fio de luz azul, mas outros oito fios o acompanharam e juntos atingiram a fada no peito. Ela soltou um grunhido agudo antes de despencar. Quando ela caiu Kal pôde ver como era a fada, tinha os cabelos revoltos e bem azuis, uma pele da qual brotavam bolhas cascudas também azuis. Tinha o corpo bem miúdo as pernas muito curtas e finas, usava fitas brancas nos punhos, a roupinha em pano também branco e rasgado estava balançando enquanto caía.

- Ela vai cair! – gritou Guinevere.

- Não se preocupe querida, ela não vai se machucar. -
tranqüilizou Júlio.

Kal entrou na cabine novamente suspirou e olhou para os outros três com ar de dever cumprido.

- Acho que conseguimos. – disse aos amigos.

- Foi divertido. – respondeu Ralph.

- Hei pessoal! Vocês estão bem? – perguntou Júlio que tinha virado sua vassoura e estava agora na porta da cabine.

- Estamos bem obrigado. – falou Kal.

A tempestade se dissipou e Júlio deu sinal de que poderiam seguir caminho. Daimon tran- cou novamente a cabine e por fim seguiram para a Cidade dos Elfos.

Muitas horas a mais de vôo se seguiram antes de avistarem ao longe uma pequena abertu- ra no meio da floresta Amazônica, sobre ela havia uma nuvem imensa e parecia bem sólida.

- Ela está muito bem escondida. – disse Daimon.

- Tudo o que é mágico está bem escondido, - afirmou Ralph – os humanos não podem saber sobre nós.

- E porque não podem? – perguntou Daimon.

- Muitos não aceitam, outros preferem nem mencionar. Também temos muitos tesouros, além das criaturas mágicas. Os humanos tentariam resolver seus próprios problemas com a nossa magia e eticétera. Vários bruxos tentaram unir os dois povos, mas nenhum conseguiu.

– explicou Ralph em tom melancólico.

- Você parece sofrer com isso... – adivinhou Kal.

- O mundo não-mágico é um lugar muito interessante de se viver. – sussurrou Ralph – Eu moro com meus pais num vale no sul do país. Fica longe da Cidade do Norte, é um lugar bonito, só que, solitário. – Ralph que já estava de cabeça baixa fechou os olhos, o que não impediu que uma lágrima caísse.

- Se você mora tão longe da Cidade do Norte o que estava fazendo lá?

- Júlio passou na minha casa e de lá fomos para a Estação de Vassouras... – respondeu Ralph.

Os cavaleiros desceram e o balão sacolejou novamente. Eles fizeram um vôo sobre a cidade e Júlio foi lhes apresentando os lugares pelo qual sobrevoavam.

- Estão vendo aqueles livros gigantes? Aquilo é uma das maiores e melhores lojas de livros do mundo. É a “Livros & Boatos” – Kal viu a loja e se espantou com o tamanho, o lugar era feito com livros de várias cores e estilos, todos empilhados desordenadamente. O

nome da loja estava escrito em dois desses livros, na horizontal, "Livros &", na vertical, "Boatos".

Sobrevoaram por uma loja de doces, tinha o formato de formigueiro do qual saiam formigas carregando biscoitos ou chocolates, as mesmas entravam e saiam novamente por outros buracos no formigueiro. Também viu uma pequena torre com um relógio no centro da cidade. Kal achou aquilo tudo muito confuso, formigas e livros gigantes, Cidade dos Elfos parecia muito mais um parque temático do que uma verdadeira cidade. Júlio apontou também para três grandes alojamentos onde os estudantes ficavam. Todos tinham uma bandeira símbolo. O que tinha o nome Angus inscrito na fachada portava uma bandeira branca com uma maçã vermelha com marcas de mordida. A de Katzin trazia uma onça segurando a letra "A". Curiosamente, a bandeira de Tadewi também trazia um animal segurando a mesma letra "A", mas era um animal mítico, um dragão laranja.

Aterrissaram em segurança, desceram do balão e Júlio veio falar-lhes.

- Espero que tenham gostado da viagem, apesar dos contratempos – falou Júlio.

- Sem problemas. – animou Ralph.

- Agora preciso esfumaçar até a Sede do Ministério no nordeste, teremos uma audiência com alguns representantes do governo. Só espero que eles acabem logo com esta decisão maluca de proibir vôos.

- Vá em frente, o dever te chama. – disse Kal apoiando a mão no ombro de Júlio.

- Obrigado. – Júlio agradeceu em seguida esfumaçou da mesma forma repentina que Ado- nis.

Os quatro saíram da estação da Cidade dos Elfos e ficaram olhando tudo ao redor.

As poucas ruas que tinha eram bem amplas e calçadas com blocos de pedras desalinha- das, não havia qualquer sinalização indicando nomes ou lugares apenas as lojas possuíam fachadas com seus respectivos nomes lá também havia casas na fronteira com a floresta e a construção mais estranha que Kal já havia visto. Era uma espécie de casa em madeira dentro de uma árvore, a base era praticamente a raiz da enorme planta o resto do tronco servia co- mo parede para a casa, alguns galhos brotavam do que deveriam ser janelas e pelo teto esta- va a copa da árvore, aparentemente as folhas exageradamente grandes da árvore pareciam servir como telhas.

- Que lugar magnífico! – exclamou Daimon.

- “Pousada das Fadas” – informou Kal que havia lido a placa de madeira entalhada na en- trada da magnífica construção – Acho que teremos que dormir aqui esta noite.

- Primeiro temos que encontrar a Rainha Eva. – advertiu Guinevere.

- E você Ralph? Vai dormir onde? – indagou Kal.

- Eu fiz uma reserva antes de sair de casa. – respondeu Ralph –
Desculpe não convidá-los, mas é um quarto pequeno.

- Não tem problema Ralph, nós só precisamos falar com a Rainha e logo em seguida entra- remos aqui de volta. – disse Kal.

- O meu quarto e o número 118. Procurem um perto. – falou o garoto com voz amistosa.

- Não se preocupe Ralph, nos veremos em breve. – animou Guinevere.

Ralph se despediu dos garotos e entrou. Enquanto Kal, Daimon e Guinevere seguiram caminho a frente procurando informação sobre a Rainha. Kal sabia que seria uma tarefa fácil, afinal, como seu pai dissera, ela era uma rainha e, portanto todos a conheciam.

Alguns passos a frente deles, estava um garotinho de uns sete anos que estava exibindo sua varinha.

- Hei, garoto! – Kal conseguira chamar a atenção dele – Por favor, você pode nos dizer onde fica a casa da Rainha Eva? – o garoto levantou a varinha e apontou para o rosto de Kal e disse.

- Só se você me vencer em um duelo! – falou.

- Hã..., um duelo... – espantou-se Kal meio embaraçado.

- Você não sabe como se duela? Mantemos uma certa distância e então usamos a varinha!

– ensinou o garoto.

- Escuta, eu tenho quase o dobro da sua idade. Não vai querer duelar comigo. – advertiu Kal.

- Está com medo? – perguntou o menino com um sorrisinho debochado.

- Não! – falou Kal como se estivesse com o orgulho ferido.

- Então?

- Está bem, O.K., mas depois você vai ter que me contar onde mora a rainha. – disse.

- Não vou precisar te contar, você não vai vencer! – afirmou o garotinho.

Kal seguiu as instruções do garoto e afastou-se um pouco. Nunca havia duelado com ninguém antes. Não sabia ao certo o que fazer, mesmo sendo um garotinho tão pequeno ele sentiu medo de perder. E podia ter sim o dobro da idade do menino, mas em experiência deveriam ter a mesma idade. Kal tornara-se bruxo com seis anos, pouco tempo para se desenvolver poderes fantásticos. *E se ele souber mesmo duelar?* Quando percebeu o movimento de ataque do oponente, agiu mais rápido.

- *Escaparta!* – o feixe de luz azul saltou da varinha de Kal e acertou o garoto bem no meio do peito.

O menino deu um grito alto e foi parar pelo menos três metros do lugar onde estava. Kal assustou-se e foi verificar se ele estava bem, mas quando se aproximou o garotinho levantou-se rapidamente e saiu chorando.

- Ele pediu! – falou Kal com dano de ônibus.

Quando estavam novamente procurando alguma ajuda, aproximou-se deles um jovem que regulava a mesma idade dos três. Tinha cabelo comprido e extremamente liso, da mesma cor que olhos, acaju. Era alto e estava com uma camisa vermelha com um símbolo verde. O símbolo era um escudo com duas varinhas cruzadas e outra em pé no meio. A calça marrom-terra era cheia de bolsos e algumas correntes penduradas. Kal também reparou que este garoto estava descalço.

- Prazer meu nome é Rick! – disse o garoto estendendo a mão para Kal.

- Meu nome é Kalevi.

- Eu sou Guinevere.

- E eu, Daimon.

- E então Kalevi, gosta de duelar, não é? – perguntou Rick – Eu vi você agora pouco.

- Na verdade foi a primeira vez. – disse Kal coçando a nuca.

- Foi uma boa primeira vez – elogiou Rick – quer tentar duelar comigo?

- Não sei..., - Kal olhou para Guinevere e Daimon e estes acenaram que sim – está bem!

- Vou avisando que não serei tão fácil! Tenho muita prática. – intimidou Rick – Faço parte do Clube de Duelos Mágicos da minha cidade, Rio de Janeiro.

Kal se afastou mais uma vez e tentou esperar um primeiro movimento do rival, mas Rick não moveu um dedo então Kal decidiu que ele iria começar.

- *Escaparta!* – o feitiço seguiu em frente e quando Kal achou que havia acertado, Rick se defendeu com um contra-feitiço.

- *Réplica!* – este movimento rápido de Rick ajudou a defendê-lo e jogar o Escaparta contra Kal.

Com a mesma velocidade e esperteza Kal tentou repetir o movimento de Rick, embora sem sucesso, foi atingido no peito e deu algumas piruetas no ar antes de cair no chão. Kal permaneceu caído até que Rick se aproximou para vê-lo.

- E então, Kal, posso chamá-lo assim, não posso? – perguntou Rick com sarcasmo – Como é estar derrotado? Responda! Perder dessa maneira vergonhosa! Com o próprio golpe. Você não devia se meter com quem não deve. – Guinevere e Daimon entreolharam-se sem entender do que Rick estava falando – achou que o mesmo golpe que feriu meu irmão me afetaria?

– nesse momento o garoto com quem duelara a pouco surgiu por trás de uma árvore.

- Já acabou com ele irmãozão?! – perguntou o garotinho.

- Estão vendo este aqui?! – disse Rick apontando para o menino
– Amadeus Wosky Filho, meu irmão! – Guinevere olhou assustada para Kal esperando alguma reação, mas ele parecia estar inconsciente.

- Irmãozão, posso usar aquela maldição que papai nos mostrou?
– perguntou o pequeno Amadeus.

- É claro, mas vamos dá-los uma pequena demonstração! – Rick Wosky olhou para um macaco que estava andando perto da árvore a qual Amadeus havia surgido – estão vendo aquele macaco? Ele vai ser nossa cobaia. – o macaco olhou para os irmãos Wosky de maneira curiosa. Ele era baixinho, devia medir uns 60 centímetros, tinha o corpo preto e laranja, uma calda comprida e acinzentada. Quando Rick apontou a varinha em sua direção, o macaco gritou e tentou correr. – *Dunkel!* – o feitiço saiu da varinha de Rick com o formato de uma flecha e acertou o macaco pelas costas. O animal caiu no chão se contorcendo e gemendo. Rick ainda segurava a varinha e ficava agitando-a. Wosky parecia controlar o que estava acontecendo ao macaco. A calda havia sido engolida pelo corpo e transferida para a cabeça. Rick também havia mudado a posição das mãos, agora estavam no dorso.

- Está vendo Kal? Isso é só um macaco. Já imaginou o que poderei fazer com você? – de-bochou Wosky.

- Terá que passar por mim primeiro! – bravejou Guinevere – você não encosta num fio de cabelo do Kal enquanto eu estiver aqui.

- Quem é você? A fiel escudeira? – perguntou Rick.

- Cale a boca, Wosky! – disse Daimon com veemência.

- Ela é a escudeira, e você quem é? – perguntou mais uma vez.

- Eu sou Daimon Foster e se você planeja fazer alguma coisa contra meu irmão, vai ter que passar por mim também. – disse Daimon com força na voz, o que era extremamente raro, Daimon era do tipo pacífico.

- Então vou passar por cima dos dois! – Rick ergueu a varinha na direção deles e depois semicerrou os olhos.

Já com a varinha preparada e pronto para conjurar um feitiço, Rick foi impedido por um golpe que o surpreendeu.

- *Amständer!* – Kal havia se recuperado e estava de joelhos com a varinha levantada.

- Irmãozão! – Amadeus Filho correu em direção à Rick.

- Hum... Kalevi... – Rick se esforçava muito para falar enquanto levantava -... não foi hoje, ainda, mas... eu acabo com você.

- Nos vemos por aí, amigão! – falou Kal com muito deboche enquanto terminava de se levantar.

Rick e seu irmão seguiram o caminho por trás da árvore.

- Esse aí não incomoda mais ninguém. – disse Daimon – E cadê o macaquinho? Aqueles irmãos Wosky são doidos...

- Concordo quanto a loucura dos dois e, acho que o bicho sumiu.

- Bem, já está de noite e ainda não encontramos a Rainha Eva. – falou Guinevere desanimada.

- Hei, olhem! – disse Daimon chamando a atenção dos outros dois para um grande letreiro luminoso que acabara de acender e faiscava em verde e laranja.

- O que é isso? – perguntou Kal admirado.

Era um outdoor gigantesco com um letreiro que faiscava luzes verdes e laranjas, e em determinados momentos, uma mulher vestida de roxo cintilante, aparecia e acenava, outras vezes mandava beijinhos e sorria. No letreiro lia-se: “Casa da Rainha Eva, a dama de roxo”.

- Que horrível! – exclamou Kal.

- Não é só horrível! É sem gosto e classe. – falou Guinevere.

- Não é só essa! Olhem todas aquelas outras placas e outdoors.
– avistou Daimon.

Kal e Guinevere também olharam para o lado da cidade em que estavam as lojas. Havia muitos letreiros acendendo e faiscando com o nome da loja a qual pertenciam; leram “Livros & Boatos”, “Floricultura Flor-de-Lis” e até “Colméia das Formigas”.

- Então essa é a Cidade dos Elfos! – admirou-se Kal.

-Amanhã teremos muito tempo para olhar tudo isso. – falou Guinevere – mas agora temos que ir até a Rainha, se vocês não se importam em dormir aqui fora! E então, vamos?

- Eu tenho até medo de dizer o contrário... – brincou Kal.

Caminharam de onde estavam até um pequeno portão de madeira e um muro alto de pedra completamente coberto uma trepadeira.

- Viemos falar com a Rainha Eva! – gritou Kal.

Os portões em madeira se desfiguraram. A parte mais alta do portão tornou-se a mais baixa, e vice-versa, formando uma ondulação. Os portões se abriram, enfim, revelando um belo jardim com algumas estátuas de gnomos, baixinhos, barbudos e com chapéu de ponta. Muitas árvores e flores também embelezavam o resto do jardim.

- Isso aqui é bonito! – comentou Guinevere.

- Bem diferente do outdoor lá fora. – continuou Kal – E pelas barbas de Merlin! O que é a- quilo? – Kal apontou para a entrada da casa e todos tomaram um enorme susto com o que era porta. Estava moldada na parede do segundo andar, metade do corpo de uma mulher que piscava e sorria. No primeiro andar estava a outra metade do corpo, mas as pernas estavam cobertas com tecido de verdade, sendo que este servia como porta de acesso a sala de estar da Rainha.

- Esse lugar também é bonito! – elogiou Guinevere.

- O susto é só lá fora... – comentou Kal.

- Obrigada pelo elogio minha querida. – disse uma voz vinda de outro aposento.

- Quem está falando? – perguntou Guinevere assustada.

- E a quem vocês vieram procurar? – falou novamente a voz – Eu sou a Rainha dos Elfos, Eva.

Finalmente estavam cara a cara com a Rainha. Ela tinha feições humanas, mas não negava ser uma elfa. Tinha o rosto fino e as orelhas pontudas, cabelos compridos e secos. O corpo era longo e quase sem forma, com as mãos compridas e dedos finos.

- E então? O que acharam do meu novo vestido? – perguntou Eva.

O vestido era roxo e cintilante como o do outdoor, embora de perto parecesse ainda mais chamativo, não havia detalhe que merecesse atenção especial.

- Olá queridos! Vocês são Kalevi e Daimon Foster e Guinevere Lingenstain. Estou certa, não? – depois de ouvirem isto os três se assustaram com a capacidade de adivinhação de Eva.

- Como você pode saber quem somos exatamente? - perguntou Daimon.

- Ora meu querido! Isto é a arte da Adivinhação. Eu leciono essa matéria em Avalon. – respondeu Eva.

- É sério? Você vai ser nossa professora? – perguntou Daimon muito animado.

- Não, não meu querido. Não neste ano. Essa matéria é muito complexa para alunos do Primeiro ano. – respondeu Eva.

- Que pena! Mas com certeza nos veremos em Avalon. – disse Daimon.

- Não tenha dúvida! – falou animada.

- Bem, então você já deve saber o que viemos fazer aqui, não é?
– perguntou Kal timidamente.

- Talvez. Adonis é um grande amigo e este favor não me custa nada. No entanto, eu gostaria de fazer mais, só que infelizmente minha casa está cheia. Muitos outros estudantes estão hospedados aqui, filhos de alguns outros amigos meus.

- Entendemos. – falou Guinevere.

- Vou dar um cartão para vocês. Com ele, poderão se hospedar na Pousada das Fadas. – esclareceu Eva – Tomem, está aqui. Também poderão comprar o material. Não se preocupem com os

gastos, comprem do bom e do melhor! – disse Eva animada e entregando o cartão nas mãos de Guinevere.

- Obrigada. – agradeceu a garota.

- De nada querida Guine. – disse Eva, intimamente apelidando Guinevere.

Guinevere deu um último sorriso e os três saíram da sala a caminho do jardim. Para espanto deles, as estátuas haviam sumido. Sem entender pensaram em voltar e avisar Eva, mas esta aproximou-se e lhes disse:

- Não se preocupem, as estátuas ganham vida durante a noite. São meus "*cães de guarda*". Podem ir não lhes farão mal algum.

Tranqüilizados, Kal, Daimon e Guinevere atravessaram o jardim e o portão, depois deste se fechar seguiram caminho até a Pousada das Fadas.

- Guine é bem legal. – comentou Kalevi.

- Obrigada! – agradeceu.

Andaram mais alguns metros e chegaram à pousada. O letreiro faiscante tinha duas fadas que repetiam uma cena de vôo em que saiam de duas árvores, uma em cada lado, e se colidiam uma com a outra, explodindo em forma de pó e depois lia-se: "Pousada das Fadas, a pousada que é das fadas". *Péssimo slogan.* Pensou Kal.

Entraram no saguão e era totalmente diferente do que parecia ser por fora, ali não tinha galhos e raízes brotando pelo teto e pela parede, o chão era em piso polido com alguns mosaicos estranhos. As paredes traziam pinturas de árvores que se mexiam com o vento, passarinhos e outros animais soltos pela paisagem.

- É lindo! – admirou-se Guinevere.

- Não é só lindo, é fantástico! – disse Daimon.

Aproximaram-se do balcão verde feito em madeira para pedir um quarto.

- Por favor, um quarto para três. – pediu Kal.

A fadinha levantou a cabeça e revelou seu lindo rosto, fino e com a face realçada. Os olhos bem azuis e a boca meio alaranjada, cabelos loiros e lisos. As orelhas pontudinhas, porém eram escondidas pelo chapeuzinho de pano azul com cordinhas penduradas.

- Olá! Meu nome é Brígida. Vocês desejam um quarto para três, não é? – confirmou a fada – O quarto 117 está desocupado. Como vão pagar?

- Guine, o cartão. – disse Kal olhando diretamente para a garota. Ela sorriu e entregou o cartão a Brígida.

- Rainha Eva, quanta honra. Estão vendo aquela porta onde está escrito *corredor*? – Brígida apontou para uma parede em que havia uma porta pintada.

- Mas é só uma pintura... – falou Daimon.

- Não se engane! Diga "117" e depois abra a porta para dentro. – instruiu Brígida.

- Obrigado! – agradeceram.

– Tenham bons sonhos. – disse a fada.

Kal liderou os dois até a parede em que a porta estava pintada.

- Quarto 117! – falou Kal com firmeza, e depois aproximou a mão perto do desenho de maçaneta e abriu a porta. Atravessaram a parede sem nenhum problema e chegaram em um corredor com dez quartos.

- O nosso é o 117. – disse Daimon – aqui está ele.

- Vamos entrar! Eu preciso de um banho urgente! – falou Kal – depois iremos chatear o Ralph.

Abriram a porta do 117 e se depararam com três camas de casal cortinadas e uma lareira feita com pedras lisas que lembravam mármore. Em volta havia três sofás muito confortáveis ao redor de um tapete peludo e próximo à parede havia um guarda-roupa com seis portas e uma mesa redonda de três lugares feios em mogno.

- Isto sim é um quarto! – disse Daimon.

- Muito bonitinho, mas eu quero conhecer a ducha. – disse Kal desanimado. – Está aqui!

Kal dirigiu-se até uma porta que ficava na parede oposta da lareira. Ao abri-la, para seu espanto, viu que o banheiro era exageradamente grande. O balcão com três pias e um espelho que

se estendia de uma extremidade a outra. No fundo uma ducha com o box de vidro.

- Está na hora do banho. – disse Kal sonhando com um bom banho com um água fresca. Depois de se despir, Kal abriu a ducha e ficou embaixo dela descansando. A parte interna do box espumava, dando um efeito mágico ao local. Era como se estivesse flutuando junto a bolhas de sabão, como as que ele, Daimon e Guinevere sopravam em Vila da Cachoeira.

Kal saiu do banho vestido em um pijama azul e deitou-se na cama.

- Vou esperar vocês e assim iremos para o quarto de Ralph – avisou Kal.

- Daimon, eu vou primeiro – intimidou Guinevere ao avistá-lo quase dentro do banheiro – Onde você conseguiu esse pijama e a toalha para se secar?

- Estão no armário do banheiro – respondeu Kal muito sonolento. Guinevere entrou no banheiro e trancou a porta.

Alguns longos minutos de espera sucederam até que os outros dois estivessem prontos. Neste meio momento Kal permaneceu deitado e tirou um breve cochilo. Alguns sonhos rápidos o perturbaram. Sonhos que pareciam mais um flash-back daquele dia. Kal se viu acordando e dando bom dia a Daimon, depois se viu conversando com seu pai na fábrica. Viu a Dr^a. Samantha, em seguida a transformação de Thomas. Pode ver também Julio, Ralph e Eva. Por fim, viu-se deitado na cama e suspirando.

- O que foi, Kal? – perguntou Guinevere curiosa.

- Não foi nada, Guine. Só um sonho, eu acho... – respondeu.

- Vamos? – chamou Daimon.

Dirigiram-se até a porta e procuraram pelo corredor o quarto de nº. 118.

- Quarto 118, aqui – informou Guine que acabara de achá-lo.

Daimon bateu na porta e Ralph surgiu de trás dela no minuto seguinte.

- Que surpresa! Por que demoraram? – perguntou Ralph.

- Tivemos alguns contratemplos – respondeu Kal.

- Contratempos? – perguntou curioso – Entrem. Todos entraram e em seguida Ralph trancou a porta.

- Agora, contem o que aconteceu!

Kal começou a contar tudo. Desde o momento em que Ralph se despediu. Contou sobre os irmãos Wosky e o duelo, sobre os outdoors e como era a Rainha Eva.

- Não é muito diferente dos outros elfos que eu conheço.

- Que elfos você conhece? – questionou Daimon.

- Vários. O chefe de Relações Mágicas é um elfo. – disse – Meu pai trabalha com alguns elfos também.

- Você conhece o chefe de Relações Mágicas? – perguntou Kal.

- Sim, é o Sr. Urian. – disse Ralph – Mas qual é o interesse?

- Nenhum. – afirmou Kal.

- Vocês já jantaram? – perguntou Ralph.

- Ah... não... – respondeu Daimon.

- Nem eu. Vou pedir algo. O que vocês querem? – perguntou Ralph já tirando papel e caneta de dentro de uma gaveta do armário.

- Eu vou querer bolinhos de chocolate com suco. – disse Ralph anotando seu pedido – E você Guinevere?

- Eu quero biscoitos de leite – pediu a garota.

- Pode pedir bombons pra mim – disse Daimon.

- E o que nós vamos comer? – perguntou Kal – Bolinhos de chocolate, biscoito e bombons não são comida de verdade. Eu vou querer esse pão de favo – disse Kal lendo um cardápio que acabara de encontrar.

- Deixe-me ver. – disse Ralph pegando o cardápio da mão de Kal. – Está certo então, vamos escolher pratos de verdade.

- Olha, nhoque de ararambóia, pão de manga e lasanha de planta carnívora. – Ralph interrompeu a leitura, pois sentiu um enjôo que lhe corroe o apetite.

- Acho melhor ficarmos somente com os doces. – disse Kal.

- Eu vou até lá levar o pedido. – disse Ralph.

- Não precisa. – falou Guinevere sorrindo – Kal pode mandá-lo por feitiço.

Meio embaraçado com o que acabara de ouvir de Guine, Kal pediu o bilhete a Ralph.

- Entregue-me aqui. – ele atendeu o pedido de Kal entregando-lhe o bilhete – Para quem isso deve ser dirigido?

- Brígida, a fada da recepção. – informou Ralph.

Kal escreveu no bilhete o número do quarto e fez o mesmo feitiço que Adonis usara para mandar o bilhete a Elvira.

Embora Kal tenha feito tudo corretamente, por algum motivo o feitiço não surtiu o efeito esperado. O papel se dobrou em forma de avião e depois girou pela sala, mas ao invés de sair pela janela, ele parou e caiu no chão.

- Acho que isso não deveria acontecer. – disse Kal envergonhado.

- Não tem problema. Vamos fazer do meu jeito. – disse Ralph – Osíris!

Nos primeiros segundos Kal não entendeu o que era aquilo, mas compreendeu quando ouviu o barulho feito por uma ave. Era um falcão azul e cinza que havia acabado de entrar pela janela.

- Esse é o meu falcão, Osíris. – disse Ralph apresentando a ave aos amigos.

- É um falcão de verdade? – espantou-se Daimon.

- É sim. Ganhei do meu pai no último aniversário.

- E para que ele serve? – perguntou Daimon.

- Bem, ele pode ter muitas utilidades, uma delas é enviar recados. – respondeu Ralph – O- síris leve este bilhete à recepção, certo? Entregue a Brígida por favor– a ave soltou um pequeno grunhido que deveria ser um *sim* e voou pela janela carregando o bilhete preso a uma das patas.

- Ele é bem legal, não é? – disse Daimon admirado com o animal
– Hei Kal, acha que papai pode me dar um desses?

- Quem sabe?! – disse desanimado, já que no fundo estava com vergonha do seu feitiço mal sucedido e com uma pontada de inveja de Ralph.

- E aí, Kal? Bem melhor que um feitiço, não é? – ele respondeu a pergunta de Ralph com um sorriso torto – Aí vem ele de volta. –

Osíris entrou novamente pela janela, mas estava segurando um outro papel em uma das patas.

Osíris entregou o bilhete e pousou no parapeito da janela.

- É uma resposta. – falou Ralph – Aqui diz:

“Os pedidos foram registrados e a qualquer momento estaremos entregando. As fadas a- gradecem.

PS: Abra a porta”.

Neste instante a campainha soou e Ralph dirigiu-se até a porta. Quando a abriu, pôde-se ver duas fadinhas com pouco mais de trinta centímetros, empurrando um pequeno carrinho que estava carregado de guloseimas.

- Desculpe a demora! – disseram juntas.

- Tudo bem. – falou Ralph espantado com a velocidade do pedido, mas sem entender o motivo de desculpa das fadas.

- Mais uma vez a Pousada das Fadas agradece – as duas fadinhas se inclinaram em um gesto cordial para Ralph, gesto o qual ele repetiu meio atrapalhado. Em seguida, cada uma voou para as duas extremidades do corredor e foram embora de uma maneira não tão comum.

- Contato! – disseram as duas posicionando-se uma de frente para a outra – Avante! – as duas seguiram voando rapidamente pelo corredor até se colidirem e desaparecerem tornando-se um pó verde cintilante.

- Essas aí são doidas. – disse Ralph recolhendo a refeição do corredor.

- Doidas ou não, trouxeram nosso jantar. – falou Daimon – Vamos à comilança.

Todos se deliciaram com tantos doces, até mesmo Guinevere, que disse estar de dieta. Kal, no entanto, não estava tão preocupado em comer. Não havia passado de dois biscoitos e um bombom.

- Qual o problema, Kal? Também está de dieta? – perguntou Ralph rindo e olhando para Guinevere que estava mastigando seu quinto bombom.

- Não, só estou pensando. – respondeu Kal gentilmente.

- Você pode pensar com o cérebro e comer com a boca. - brincou Ralph.

- Não, muito obrigado, Ralph – falou Kal já meio sem paciência.

- Você é quem sabe. – respondeu.

Kal estava preocupado com o sonho que tivera ainda pouco. Tinha certeza de que não se tratava de um sonho comum, era algum tipo de visão. Pensou em mandar uma carta ao seu pai, mas não queria preocupá-lo ainda mais. Adonis já estava bastante envolvido com todos aqueles problemas de Thomas, Mardo e Kricolas. Ninguém sabia exatamente o que os últimos assassinatos de Kricolas significavam. Sabiam que há novecentos e noventa e oito anos ele foi o braço direito de Donovan, o maior bruxo das trevas que já andou pelo mundo.

Tudo isso passava por sua cabeça e a cada minuto que se estendia era mais um minuto de angústia. Kal entrou em espécie de

transe e ficou ali parado, olhando pela janela enquanto Daimon, Guine e Ralph esvaziavam os potes de doces.

Quando o relógio que ficava no meio da praça badalou meia-noite, Guinevere se levantou e disse que já era hora de todos irem dormir.

- Por Merlin! Meia-noite! Devo ter engordado quilos comendo desse jeito – disse a garota – temos que ir.

Kal apenas concordou com a cabeça. Despediram-se de Ralph e foram todos dormir.

Depois que todos haviam se deitado, Kal andou ainda pelo quarto e quando resolveu dormir caiu em um sono perturbado por gritos e imagens confusas. Ele ouvia pessoas pedindo ajuda. Em uma visão, Kal viu uma mão sobre-encapuzada segurando uma varinha com força e disparando algum feitiço que produzia um raio de luz poderoso verde e preto. Kal não pode ver quem o feitiço acertou, mas teve certeza de que a pessoa, ou o que quer que

fosse, não havia sobrevivido. Depois de ver o autor do feitiço abaixar a mão, Kal conseguiu ver que o lugar era familiar, a mesma sala com a mesma escada. Sem dúvida alguma, aquela era a cripta de Thom.

Na manhã seguinte Kal acordou tentando refletir no que estava acontecendo e se lembrar do sonho. Que significava tudo aquilo? Ele viu um flash-back do seu dia e agora essa visão. Nada daquilo fazia sentido para ele.

Guinevere já havia levantado e estava chegando com o café da manhã. Daimon também havia levantado e estava se arrumando.

- Ah! Bom dia, dorminhoco. – cumprimentou Guinevere.

- Bom dia – respondeu Kal.

- Temos pão e suco para o café. – informou a garota.

Kal suspirou levemente e se aproximou da mesa. Nesse instante Daimon surgiu e cumpri- mentou os dois.

- Bom dia.

- Bom dia – responderam Kal e Guinevere juntos.

- E então, aonde vamos primeiro? – perguntou Daimon – espero que seja na Livros & Boa- tos, a maior livraria do mundo.

- Quem sabe. – respondeu o irmão.

Terminaram o café e Kal sentou-se em uma das poltronas próxima a lareira. Ficou olhando para fora da janela e de repente avistou um pequeno objeto voando em direção a ele. Quando Kal se aproximou percebeu que era um bilhete avião e se apressou para alcançá-lo.

- De quem deve ser? – perguntou-se Kal.

Dois outros aviõezinhos desceram pela chaminé e voaram em direção a Daimon e Guine- vere.

- Olhem! Tem um brasão. – disse Guine.

- Aqui diz: Escola de Magia e Feitiçaria de Avalon. – leu Kal – É nossa lista de materiais. – Kal olhou para o papel e leu em voz alta:

“Escola de Magia e Feitiçaria de Avalon

Os alunos que irão cursar o Primeiro ano deverão levar os seguintes materiais.

- Livro de feitiços Vol. I; Érica Poubell

- Livro, Poções Potificantes Vol. I; Paulo Pote

- Relações naturais; Herba Flor

- Caminhos do tempo; Cadius Henrique

- Maldições, defesa e utilidades; Amadeus Wosky

- Onde estamos?; Lara Grafite

- Olho mágico; Natura Tequi

- Como ser um clérigo; Rafael Borlini

- Uniforme padrão de Avalon

- Um caldeirão de cobre

- Kit para poções, iniciante

- Cadernos e pergaminhos para rascunho

- Pena e tinteiro

- Uma planta, da preferência do aluno

Os alunos matriculados devem deixar os materiais onde estão hospedados e se dirigirem amanhã para os terrenos baixos da escola.

Diretoria de Avalon”

- *Quanto material! – espantou-se Kal.*

- Esse ano vai ser muito cansativo. – disse Guinevere desanimada.

- Talvez para vocês! Não vejo a hora de ler todos esses livros. – falou Daimon.

- Antes de ler, temos que comprar. – disse Kal.

- O que estamos esperando então? – perguntou.

- O dia clarear. – respondeu Kal – Ainda é muito cedo, e além do mais, as lojas estão fechadas.

- Que pena! Por que acordamos tão cedo? – perguntou Daimon – Guine foi a primeira a se levantar.

- Eu acordei porque temos apenas um dia para nos prepararmos antes de irmos para Avalon. Não vou esconder que estou empolgada. – disse Guinevere abertamente.

- Para que eles querem uma planta? – perguntou Daimon.

- Provavelmente para enfeitar o jardim. – respondeu Kal.

- Não seja grosso! Avalon é uma instituição séria. - bravejou Guinevere.

- Eu acho que as lojas já estão abrindo. – disse Daimon – Já são quase sete horas.

- Quanta ansiedade. – falou Kal.

- Eu vou me arrumar. – falou Daimon pausadamente.

- Pelas barbas de Merlin! Nem se fosse um casamento. – disse Kal repugnado por todo a- quele alvoroço.

Uma hora a mais se estendeu até que os três ficassem prontos. Daimon ficou metade do tempo sentado, esperando por Kal e Guinevere. Daimon estava usando uma calça jeans com uma blusa

azul, calçando um sapato de couro com cadarços. Guinevere, com sua habitual saia xadrez azul e sua blusa branca de botão. Quanto a Kal, demorou um pouco mais que os outros para se arrumar. Ele acabou optando por um bermudão bege e uma camisa vermelha.

- Vamos! – chamou.

- Já passa da hora. – disse Daimon.

- E quanto ao Ralph? – perguntou Guine.

- Não combinamos nada ontem. Talvez ele já tenha ido.

Um segundo depois, ouviu-se alguém bater à porta e Kal foi ver quem era.

- Vamos nos atrasar se demorarmos mais um minuto. – falou Ralph.

- Bom dia, Ralph!

- Ah, desculpe, Kal.

- Ok, Era só para não perder o costume. Agora vamos, se nos atrasarmos um minuto acho que alguém morre aqui.

- CAPÍTULO IV -

A Flor-de-Lis

Os quatro seguiram pelo corredor e formaram uma fila na porta que dava acesso ao salão de entrada do hotel.

- Hã... Como era mesmo? – perguntou Daimon tentando se lembrar.

- Com licença. – falou Ralph cheio de pose – Saguão de Entrada – Ralph encostou a mão na parede e abriu a porta. – Viram, é tão fácil.

- Está bem. Aonde vamos primeiro? – perguntou Kal enquanto passava pela porta.

- Acho que devemos primeiro comprar os livros e cadernos. – disse Guinevere.

- Vamos agora para a Livros & Boatos. – disse Ralph referindo-se à livraria.

Os quatro entregaram as chaves na recepção e seguiram até o centro da cidade. A Cidade dos Elfos parecia ainda mais grandiosa sobre a forte luz matinal. Muitas lojas e casas, no entanto ainda era muito cedo havia poucas pessoas andando pelas ruas. Os bruxos que andavam pela cidade carregavam plantas ou animais, na maioria aves, gatos ou cachorros.

- Só isso de gente na maior cidade mágica do país? – espantou-se Daimon.

- A Cidade dos Elfos costuma ficar muito agitada nesse período antes da aula. Mas como nós madrugamos, somos uns dos únicos por aqui. – explicou Ralph – O que vocês acham de irmos logo, se demorarmos a cidade pode lotar e ficaremos sem materiais.

- Ralph tem razão. Devemos nos apressar, não temos muito tempo para comprar tudo, é só um dia, certo? – confirmou Kal.

- Não vamos mais perder tempo. Iremos direto para a Livros & Boatos. – disse Guinevere decidida.

Mais uma vez os quatro seguiram pela Cidade dos Elfos, mas desta vez tinham destino certo. De longe puderam avistar a

livraria, não era difícil reconhecê-la, já que não havia muitas lojas com a forma de livros empilhados. Havia uma pilha de livros desalinhados na horizontal ao lado de um único livro que estava perpendicularmente posicionado ao lado da pilha. No livro da parte mais alta da horizontal estava escrito "Livros &" e no da vertical "Boatos", formando assim a fachada original da loja.

- Essa loja é incrível. Imaginem como ela é por dentro. – disse Daimon tentando visualizar mentalmente o interior da loja.

- Só vamos saber quando entrarmos. – falou Kal cortando o irmão.

A Livro & Boatos era realmente incrível, não era só pelo lado de fora, as colunas internas também eram feitas com livros empilhados.

Havia vários bruxos escolhendo e comprando materiais, no canto da loja havia uma escada que dava acesso ao segundo andar, e era lá que estavam os livros que eles precisavam, no primeiro andar,

Kal, Daimon, Ralph e Guine puderam comprar seus cadernos, pergaminhos, penas e tinteiros para escrita.

Quando todos estavam com suas cestas de compras abastecidas com estes materiais, os quatro subiram até o segundo andar para pegarem os livros. Daimon seguiu na frente ansioso para vê-los.

- Acalme-se, Daimon. – disse Guine.

- Não consigo, eu quero meus livros. – respondeu afoito.

Daimon enfiou a mão no bolso da calça e retirou sua lista de materiais.

- Primeiro, onde está o Livro de Feitiços Vol. I? – perguntou olhando de um lado para o outro.

- Na seção de feitiços – respondeu Kal secamente – pelas barbas de Merlin, não sei a quem este garoto puxou. Quanta impaciência!

- Quem fala! – disse Guinevere olhando torto.

Daimon seguiu para um canto do segundo andar, onde uma placa em madeira entalhada que estava pendurada no teto indicava que ali estavam os livros de feitiços. O garoto saiu correndo e quase escorregou no chão de madeira polida.

- Daimon, eu disse para você não se apressar. – ralhou Kal.

- Eu estou bem, estou bem. – disse Daimon se equilibrando – Está aqui, Livro de Feitiços Vol. I, por Érica Poubell.

- Então está certo, cada qual pega o seu. – falou Ralph.

Depois de pegar o livro, Kal parou por um instante e leu um outro título que estava na ins- tante ao lado, “Aqueles segredos”, Kal pensou em colocá-lo no meio dos seus materiais, po- rém, ele viu uma etiqueta presa ao livro, uma nota que informava que bruxos não formados não poderiam comprá-lo.

- Quem sabe um dia. – falou em um leve suspiro.

- Seguindo a lista... Poções. – falou Ralph.

- Está do outro lado. – disse Guinevere apontando para a placa na outra extremidade do segundo andar.

Com mais alguns passos eles chegaram até a seção de poções. Outros três bruxos estavam procurando por livros.

- Bom dia garotos! Por favor, vocês podem nos ajudar? - perguntou um homem que estava com uma capa de chuva amarela.

- É claro. - respondeu Daimon.

- Vocês poderiam nos dizer onde está a seção de feitiços? - pediu.

- Sim! É naquele canto. - apontou Daimon para o lugar de onde tinham vindo, neste momento uma pessoa alta e magra, toda encapuzada, estava saindo com um livro e Kal teve certeza de que era o livro que vira a pouco, "Aqueles segredos". - estão vendo? A

seção é a mesma que aquela pessoa acaba de sair. – informou Daimon prontamente.

- Obrigado garoto. Tenham um bom dia. – disse o homem acenando para que os outros dois homens, também de capa de chuva, o seguissem.

Kal viu a pessoa alta, descer com o livro e passando pelo caixa para comprá-lo. Depois que a viu sair da loja ouviu-se um grito vindo da seção de feitiços.

- Maldição! – gritou o homem de amarelo.

- Maldição é do outro lado. – informou novamente Daimon.

- Fique quieto. – ordenou Kal.

Os três homens desceram as escadas freneticamente até o caixa. Alguns minutos de conversa resultaram em outro grito e a retirada imediata dos três.

- Que confusão, mas está aqui, Poções Potificantes, por Paulo Pote. – disse Daimon.

- Ótimo, menos um. – disse Guinevere – Seguindo a lista temos Relações naturais, Herba Flor.

Ralph liderou o grupo até a prateleira. Sem demora eles pegaram quatro livros e seguiram para a próxima prateleira onde pegariam o livro de História, e assim, de livro em livro eles terminaram a lista e seguiram para o caixa. Chegando lá um homem gordo os atendeu, registrou os livros com a varinha e depois passou a nota, Kal pagou com o cartão dado pela Rainha Eva e Ralph tirou dinheiro do bolso para pagar os seus. A moeda corrente entre os bruxos era o Flandres, suas notas tinham os mesmos valores que o Real dos humanos.

Indiscretamente Kal perguntou ao homenzinho de cabelos brancos do caixa:

- Quem eram aqueles três homens que acabaram de sair?

- Não sei, primeiro uma mulher esquisita comprou um livro velho, achei que nunca conseguiria vendê-lo. Já estava há muito tempo aqui sabe, acho que uns cinquenta anos, o autor é anônimo. Eu o comprei em um leilão na Turquia, bons tempos aqueles...

- Está bem, mas e os outros três? Queriam o mesmo livro? – perguntou Kal novamente.

- É isso mesmo, não sei porque tanto interesse em um livro velho. Eles ficaram mais furiosos ainda quando disse que não havia cópias do livro que queriam. – respondeu o homem.

- Você sabe quem o comprou? – perguntou Kal.

- Não, ela apenas pagou e levou embora.

- Mas ela era uma bruxa formada? – quis saber o garoto.

- Mas o que isso interessa? – perguntou o caixa com cara de espanto. A mesma cara fizeram Daimon, Ralph e Guinevere.

- Acontece que aquele livro *tinha* uma etiqueta dizendo que só podia ser vendido para um bruxo formado. – respondeu Kal indignado com a negligência do caixa – Só por isso eu não o comprei.

- Escute garoto, é só um livro velho... aquela etiqueta caducou, me entende? Se cada livro tiver restrições de venda eu vou morrer de fome. – falou o homem em voz baixa.

Kal respirou fundo e saiu da loja.

- Que livro é esse, Kal? – perguntou Ralph.

- Um livro que estava na seção de feitiços – respondeu– mas pelo título, não parecia ser um livro de feitiços.

- E qual era o título? – perguntou Daimon.

- "Aqueles segredos", não tinha o nome do autor. Só o que tinha escrito era que o livro só poderia ser vendido para um bruxo formado. – explicou pacientemente.

- E porque esse livro te atraiu tanto? – perguntou Guinevere.

- Não sei... queria saber que segredos ele continha. - respondeu Kal – talvez algo sobre Merlin, Foster ou Donovan. – disse em clima de suspense.

- Talvez em um desses livros que compramos tenham algo sobre eles. – falou Daimon es- perançoso.

Daimon e Ralph começaram a procurar em seus livros novos, começando pelo de História, em seguida o de Feitiço.

- Isso não é justo. Em todos os livros tem o nome de Merlin. – reclamou Daimon.

- E qual o problema? Merlin é o maior bruxo que já existiu. – respondeu Ralph.

- Ele não derrotou Donovan, foi Foster. – retrucou Daimon.

- Derrotou sim, Daimon. – falou Kal.

- Como assim? – perguntou.

- Merlin foi o tutor de Foster. E isso já é o bastante para entendermos. – respondeu rispidamente.

- Não sei não, mas essa conversa está estranha, nós temos muito o que comprar, vamos! – disse Guinevere cortando de vez o assunto.

Os três garotos acompanharam a garota, ela geralmente era muito autoritária, *até demais*, pensava Kal às vezes. O movimento na cidade parecia estar aumentando à medida que o sol subia e ficava mais quente no céu. Para sorte deles, a grande nuvem que sustentava Avalon fazia uma sombra muito conveniente em boa parte da cidade.

Guinevere seguiu até uma pequena lojinha de madeira com uma vitrine na fachada exibindo vestidos, todos muito parecidos com os da rainha Eva, extravagante e que uma pessoa normal jamais usaria.

- O nome da loja é Vestuário. – informou Guinevere depois de ler a placa pendurada na parede da loja – vende roupas e é aqui que vamos comprar nossos uniformes.

Guinevere abriu uma porta da loja e se surpreendeu com o tamanho dela por dentro, sem acreditar olhou pelo lado de fora e para dentro novamente. Era completamente desproporcional.

No fundo da loja havia um guarda-roupa, sem portas, com a altura de três andares. A loja tinha todos os móveis em madeira e um vidro bem cristalino e reluzente. Pequenas fadinhas brilhantes voavam pela loja carregando fitas métricas e tesouras, algumas outras se agrupavam para carregar fardos de tecidos. O chão de mármore escuro embelezava ainda mais a loja. Também, ao fundo havia um balcão, onde estava uma mulher alta e corpulenta, de cabelos escuros e olhinhos levemente puxados. Nas laterais haviam alguns poucos bancos onde outras três mulheres estavam experimentado vários sapatos, mais ao longe uma quarta mulher estava entrando em uma cabine para experimentar outra saia.

- Quanta roupa bonita! – disse Guinevere cheia de emoção.

- Bom dia meus lindos. – falou uma fadinha que os surpreendeu ao aparecer repentinamente. Ela estava batendo suas asinhas

tranqüilamente.

- Ah, bom dia. – respondeu Guinevere.

- Por acaso vocês são estudantes? – perguntou a fadinha.

- Sim, estamos procurando por uniformes. – disse a garota.

- Avalon, certo? – os quatro balançaram a cabeça positivamente – muito bem, por aqui. A fadinha seguiu voando pela loja até uma prateleira no canto.

- Aqui, estes são os uniformes, deste lado está o uniforme feminino e aqui o masculino. Procurem seus números e experimentem. Depois da seleção na escola, podem vir bordar o nome da república de vocês – disse a fadinha.

- Certo. – confirmaram os quatro.

Kal, Daimon, Ralph e Guinevere pegaram as peças e se dirigiram a quatro provadores que estavam no fundo da loja. Alguns minutos depois eles saíram usando seus uniformes.

Kal, Daimon e Ralph estavam com uma calça preta e um sobretudo impermeável também preto, com capuz, a camisa de botão preta, trazia ao lado esquerdo do peito o símbolo de Avalon a letra "A" em cima de uma pequena pilha de livros e uma coruja empoleirada em seu ponto mais alto como se fosse um galho de árvore. O uniforme de Guinevere variava apenas na calça, já que o uniforme feminino era composto por uma saia e o mesmo sobretudo e camisa do uniforme masculino.

- Ficou maravilhoso. O uniforme de Avalon é bem condizente. – comentou a fadinha.

- Como assim? – perguntou Guinevere.

- O preto, a cor da magia e elegância! Em cima de uma nuvem costuma fazer frio, por isso o sobretudo, para aquecer os alunos. E o capuz é para proteger vocês das costumeiras chuvas que temos nesta região. – explicou – e então? Vão levar os uniformes agora?

- Sim. – respondeu Guine.

- Está certo então. Troquem de roupa novamente e acompanhem-me até o caixa. – disse a fadinha já se apressando para terminar a venda.

Já no caixa com suas roupas habituais, a mulher corpulenta os atendeu com extrema doçura.

- Bom dia garotos. Já tão cedo fazendo compras para as aulas. É muita disposição, não é?

– falou a mulher alegremente.

- Não tão cedo assim, achei que a Cidade dos Elfos fosse mais movimentada. – disse Dai- mon.

- Acontece que ainda é cedo, para muitos, em alguns minutos essa cidade estará lotada de pais e alunos. – disse a mulher.

- Eu disse que era cedo, não disse? – falou Kal.

- Vocês foram espertos, pegaram pouco movimento. – disse novamente a mulher, que estava registrando a venda.

- Mas ainda falta muito. – disse Ralph entregando seu próprio dinheiro e o cartão da Rainha Eva que estava com Kal.

- Prontinho meus lindos, aqui estão o uniforme e o cartão de vocês. Se quiserem uma dica, se apressem. – falou a mulher.

- Obrigada por tudo. – agradeceu Guinevere.

- Quando saíram da loja se depararam com um mundo de gente, crianças e adultos andavam de um lado para outro eufóricos, alguns nem ao menos conseguiam esconder a ansiedade. Era incrível que em um curto espaço de tempo Cidade dos Elfos passara de cidade fantasma para grande metrópole.

- Então essa é a verdadeira Cidade dos Elfos. – disse Kal quase que alucinado.

- Vamos pessoal, temos muita coisa para comprar. – falou Daimon.

Com um volume considerável de materiais, os quatro pararam na praça para descansar. Os livros e uniformes estavam pesando e carregar tudo aquilo na multidão era ainda mais desconfortante.

- Não podemos desanimar, já estamos com quase a metade do nosso material. – disse Ralph – falta apenas o caldeirão, kit para poções e...

- Uma planta. – completou Kal – para que eles querem uma planta? Não entra na minha cabeça.

- Avalon é uma instituição séria, deve ter por um bom motivo. – falou Daimon – talvez algo didático.

- Se tivessem pedido um animal entenderia que é para nós o dessearmos. – brincou Kal.

- Está bem, para onde vamos agora? – perguntou Guinevere.

- Vamos comprar nossos caldeirões. – sugeriu Kal.

- Está certo então. Vamos procurar a loja e depois vamos fazer uma pausa. – disse Ralph. Depois de todos concordarem seguiram caminho. Se com a cidade vazia já era difícil achar qualquer loja, do jeito em que ela se encontrava, lotada, seria praticamente impossível localizar qualquer coisa. Mesmo com todos os empecilhos, bastaram poucos passos até chegarem em uma loja

grande, em forma de caldeirão, não parecia tão difícil encontrar lojas tão temáticas. Aos poucos se acostumava com isso e tudo parecia fácil de se encontrar.

A loja parecia estar em cima de uma fogueira, mas as chamas não queimavam nada ou produziam calor, pelo contrário, davam uma sensação de frescor quando eram atravessadas.

- Bem vindos a Labaredas de Ferro, aqui temos tudo para poções. – saudou um homem gordo e careca que estava com uma roupa dourada com detalhes vermelhos e uma toquinha de pano combinando.

- Por favor, precisamos de quatro caldeirões de cobre e quatro kits de poções para iniciantes.

- Venham por aqui. – chamou o homem que saiu na frente pedindo licença aos outros clientes da loja.

Chegaram a uma prateleira quase vazia onde se via apenas dois caldeirões e alguns poucos kits.

- Bem, vocês disseram que precisam de quatro caldeirões, certo? Mas é uma pena que eu só tenha dois. Algum problema? – perguntou o homem sem jeito.

- Acho que devemos pegar esses dois logo, se não ficaremos sem nenhum. – disse Daimon.

- Está certo então, nós vamos levar os dois caldeirões e quatro kits. – afirmou Kal.

- E quem vai ficar sem caldeirão? – perguntou Daimon aos três.

- Por mim vocês se entendam. – falou Ralph.

- Então pode ficar para o Ralph e Guinevere. – disse Kal.

- Muito bem. Já está decidido. Vamos comigo ao caixa. - disse o vendedor.

- Espere, onde podemos encontrar outros dois caldeirões? – perguntou Ralph.

- Saindo da loja e indo pela esquerda até próximo a fronteira com a floresta, vocês encontrarão uma pequena lojinha, lá sempre tem algo novo. Nenhum negócio prospera lá, com sorte talvez tenha o que precisam. – falou o homem, mas percebeu que estava tagarelado de mais – Lá vocês podem encontrar o caldeirão. Quer

dizer talvez... não sei quantos ele tinha e já dei esta informação a alguns outros clientes. – disse o homem.

- Muito obrigada. – disse Guinevere serenamente.

- Ah, vocês ainda não pagaram... – disse o homem ao perceber que os quatro estavam saindo.

- Desculpe. – disse Kal meio sem graça.

- Tudo bem, isso sempre acontece. – disse o homem recolhendo o cartão de Kal e o dinheiro de Ralph.

Com as contas pagas, os quatro saíram da Labaredas de Ferro e se apressaram para ir a tal loja, já que eles não seriam os primeiros e únicos a ficar sem caldeirões.

Andando um pedaço exaustivo de caminho os três alcançaram o lugar indicado. A antiga lojinha não estava movimentada, pelo menos do lado de fora, mas quando Kal abriu a porta, percebeu o motivo pelo qual os clientes não apareciam. A loja tinha uma aparência extremamente velha, o piso de madeira rangia e em algumas partes estava quebrado. Os armários estavam cheios de objetos estranhos, alguns pareciam bem afiados e ameaçadores. Diferente de todas as outras lojas, o balcão estava vazio, sem nenhum atendente.

- Oi! – chamou Kal. – Tem alguém nessa espelunca?

- Kal! – repreendeu Guinevere.

No mesmo minuto uma pessoa encapuzada apareceu na porta e de cabeça baixa ela passou pelos quatro sem dizer uma palavra, sentou-se atrás do balcão e permaneceu imóvel.

- Por favor, você tem dois caldeirões de cobre? – perguntou Ralph.

A pessoa continuou imóvel, até que finalmente levantou a cabeça sombreada pelo capuz e soltou um pequeno grunhido e voltou a abaixar a cabeça.

- E então? – perguntou Kal.

A estranha figura levantou-se e foi para os fundos da loja. Quando voltou, veio trazendo dois caldeirões novos, iguais aos de Ralph e Guinevere. Quando Kal foi pegar o cartão, a pessoa hesitou antes de aceitá-lo, mas quando o fez, revelou suas mãos femininas. A mulher voltou aos fundos da loja e entregou o cartão a Kal e sentou-se novamente de cabeça baixa.

- Vamos pessoal. – chamou Kal desconfiado.

Todos saíram da loja e a alguns passos depois Kal olhou para trás e viu entrando por uma das janelas, um pequeno aviãozinho de papel dourado.

- Que foi Kal? – perguntou Ralph.

- Nada, só algo meio familiar. – respondeu devagar.

Continuaram andando até o centro da cidade, para surpresa de todos a cidade estava vazia novamente. Caminharam por todos os cantos, loja por loja, e em todas dizia o mesmo, “Fechado para almoço”.

- Mas já? – espantou-se Daimon.

Os quatro sentaram-se em dois banquinhos em volta do relógio no centro da cidade. Quando Kal ouviu uma melodia. Levantou-se e viu os ponteiros do relógio ficarem laranja e um anúncio no marcador inscrever, "Boa tarde Cidade dos Elfos".

- Meio dia. – falou Kal surpreso. A manhã tinha passado muito rápida.

- Talvez devêssemos voltar para a pousada. - sugeriu Ralph – Poderemos ficar sem almoçar se não chegarmos na hora certa. Aproveitamos e guardamos os materiais.

Kal, Daimon e Guinevere concordaram com Ralph. Recolheram tudo o que haviam com- prado e se dirigiram até a pousada.

- E então? O que ainda está faltando? – perguntou Daimon.

- Já temos livros e cadernos. – respondeu Ralph.

- Uniformes! - completou Guinevere.

- Caldeirões e kits. – terminou Kal.

- Falta a tal planta então. – concluiu Daimon.

A pousada ficava ao lado de uma casa bem simples, paredes de pedra e teto coberto por palha. A construção dentro da árvore gigantesca era incomparável.

- Chegamos. Vocês querem guardar os materiais ou preferem ir logo almoçar? – perguntou Kal.

- Vamos guardar. Eu não vou comer muita coisa. Ainda estou me recuperando de ontem à noite. – disse Guinevere.

Eles entraram na pousada e rapidamente se dirigiram até a porta pintada na parede. Ralph tomou a liderança do grupo e abriu a porta, os quatro apressaram-se a guardar os materiais e voltaram correndo até o saguão de entrada.

- Brígida, onde fica o restaurante? – perguntou Kal.

- Está vendo aquelas duas portas ali? – disse a recepcionista apontando para duas portas ao canto – São do banheiro. O restaurante é aqui do lado, estas duas portas. – Brígida apontou para duas portas de madeira no saguão.

- Obrigado. – agradeceu Guine.

Abriram-na porta logo em seguida e assustaram-se com a quantidade de pessoas que estavam almoçando. Parecia que toda a cidade tinha escolhido a pensão para almoçar.

- Será que ainda tem uma mesa vazia? – perguntou Ralph – É meio difícil.

- Lá! Estão vendo? Bem no final. Embaixo da janela! - mostrou Kal uma mesa que acabava de ser desocupada – Vamos!

Daimon, Guinevere e Ralph seguiram os passos de Kal pela multidão. Ralph esbarrou em uma mesa e derramou suco no vestido de uma mulher. Quando foi usar a varinha para ajudá-la, surpreendentemente ateou-lhe fogo. As outras pessoas sentadas em volta da mesa levantaram-se e começaram a gritar. Ralph aproveitou a confusão e saiu bem devagar.

- O que foi aquilo? – perguntou Daimon - O feitiço de limpeza é o Edjipto. – informou.

- E como você sabe? – indagou Ralph.

- Mamãe usa sempre. – respondeu Daimon – Vamos nos apressar. Veja, Kal e Guine já es- tão sentados.

Daimon e Ralph se apressaram em chegar aos outros dois.

- O que tem para comer? Estou faminto... – disse Ralph.

- Então vamos pedir frango e purê. – combinou Kal, os outros concordaram com a cabeça. Todos estavam procurando alguém para atendê-los. Na mesa ao lado havia três pessoas sentadas. O homem e a mulher pareciam formar um casal e estavam ensinando algum feitiço ao garoto que estava junto a eles.

- Erga a varinha e repita o feitiço, entendeu? – perguntou o homem segurando a mão do garoto na altura dos ombros.

- *Sendart!* – disse o garoto fazendo o papel que estava em cima da mesa adquirir forma de avião e planar, aparentemente esperando algum comando. – Para a cozinha. – o aviãozinho voou mais alto e seguiu seu caminho.

- E então, ninguém vem nos atender? – bravejou Ralph batendo na mesa.

Ao ver outro aviãozinho voando, Kal tomou uma iniciativa. Vasculhou a mesa a procura de algum papel em que pudesse escrever. Passou um bom tempo até que o encontrasse. Havia um

bloquinho pregado em uma das pernas da mesa. Kal destacou uma das folhas. Era um pedaço de papel pequeno suficiente apenas para escrever quatro linhas. Na parte superior estava o número 33, indicando o número da mesa. Kal escreveu com uma caneta que Guine- vere comprou na Livros & Boatos. A caneta era altamente feminina, rosa e aveludada, vez ou outra a caneta reluzia cores variadas.

- E então é só frango e purê, certo? – perguntou Kal apenas para efeito de confirmação. – Já que concordam vou fazer o pedido.

Kal lembrou-se de como o garoto da mesa ao lado havia feito. Ergueu a varinha e se concentrou.

- *Sendart!* – como se o papel estivesse vivo, ele se contorceu e se transformou e em avião.

– Para a cozinha! – finalizou Kal – o avião atravessou o salão sobrevoando a cabeça das pessoas.

- O pedido já foi feito, resta-nos esperar. – disse Guine.

Kal olhou novamente para a mesa ao lado e viu que o casal e seu filho já estavam almoçando. Kal não reparara se alguém viera trazer os pratos. Quando voltou a prestar atenção em sua mesa sentiu falta de um jarro com flores que foi substituído por uma salada. Subitamente Kal viu surgir debaixo dos seus olhos, pratos e talheres. Alguns poucos segundos depois apareceu a tigela de purê e um frango enorme.

- Acho que é hora do almoço. – disse Daimon se preparando para atacar o frango.

Os minutos passaram-se rapidamente no restaurante. A maioria das pessoas abandonavam o lugar e já começavam a ocupar as lojas da cidade.

Quando Kal terminou com o último pedaço de frango, os quatro dirigiram-se até o saguão, onde Brígida perguntou a que conta deveria atribuir o almoço. Antes que Ralph pudesse falar alguma coisa, Kal disse em alto e bom tom que a conta era do quarto 117. Os garotos seguiram pelo saguão e entraram pela porta pintada na parede. Quando alcançou o corredor, Ralph se adiantou em dizer que não iria sair tão cedo, pretendia descansar antes de terminar a lista de materiais. Kal, Daimon e Guinevere resolveram fazer o mesmo. Seguiram até o 117, onde cada um deitou em sua cama para descansar. Daimon começou a folhear alguns livros e Guinevere estava olhando pela janela todo o movimento da cidade. Por sua vez, Kalevi estava deitado em sua cama lembrando os últimos momentos que havia vivenciado. Lembrou das fadas sobrevoando a loja vestuário e depois a travessia sobre o fogo refrescante da Labaredas de Ferro e posteriormente a velha lojinha isolada da cidade. Como um estampido, veio a lembrança do aviãozinho dourado que entrou pela janela da lojinha. A princípio Kal achou familiar, mas não deu tanta importância ao fato, mas agora era evidente. Aquela mulher encaixada era Elvira. O aviãozinho era o mesmo que seu pai havia feito, era natural ter demorado tanto tempo, afinal teve que atravessar o país inteiro para encontrar seu destinatário. Por que Elvira não quis ser reconhecida? O que estava fazendo na Cidade dos Elfos vendendo bugigangas?

Kal estava destemido, iria voltar e desmascarar Elvira. Mas de que adiantaria? A que interessava Kal saber se era Elvira ou não? Kal começou a se afogar em pensamentos inconstantes e sem perceber caiu em sono profundo.

Em sonho, Kal viu a lembrança de seu pai ser atacado por Thom e em seguida viu Elvira chegar na sala e então viu o capuz cair sobre ela. O cenário agora era Cidade dos Elfos e posteriormente a Cidade do Norte, no instante em que Kal pediu informação sobre a cripta de Thom.

Acordou assustado e um estalo veio-lhe e cabeça, a mulher encapuzada na Cidade do Norte, Elvira e a dona da lojinha eram a mesma pessoa. Mas qual seria a verdadeira identidade?

- Vamos Kal, está pronto? – perguntou Ralph que estava parado na porta.

- Ah sim, claro, vamos. – prosseguiu sonolentemente.

Demorou apenas dois minutos até que todos estivessem em frente às lojas.

- O que ainda nos resta mesmo? – perguntou Guinevere.

- Uma planta. – respondeu Ralph.

- Onde encontramos a planta? – perguntou Kal enojado.

- Em uma floricultura. – respondeu Ralph com desdém.

- E onde fica essa floricultura? – perguntou Kal mais uma vez com tanto nojo que podia até vomitar.

- Ali, floricultura Flor-de-Lis. – apontou Ralph, com sabedoria, para uma grande estufa onde se lia em letras grandes “Flor-de-Lis” ao lado do símbolo de mesmo nome. Era como uma estufa alargada ao centro e ao lado de outras duas, cada uma pendia para um lado.

Kal seguiu na frente, resmungando em silêncio o ar de superioridade que Ralph possuía. Kal sabia que o garoto era um bom amigo, mas às vezes sentia vontade de mantê-lo longe de si. Ralph queria sempre mostrar que era melhor que qualquer um e adorava se exhibir, o que deixava Kal profundamente irritado. Guinevere e Daimon pareciam não ver esse lado do amigo, *como podiam ser tão cegos*, imaginava Kal.

Quando entraram na estufa sentiram a variação de temperatura, mas logo se acostumaram. Ao ver Ralph explicando o porquê desta variação, Kal sentiu uma enorme vontade de acertar Ralph com a maldição que Rick usara contra o pobre macaco. Alguns outros bruxos aplaudiram o exibicionista pela explicação. Depois de ter detido toda a atenção da floricultura, Ralph se dirigiu ao balcão e perguntou ao homem barbudo que estava lá onde encontrar uma *Fantara d’ouro*, a princípio Kal ficou sem entender do que se tratava, mas logo soube que era uma espécie de planta. Para Kal havia sido o fim. Decidiu então que sairia dali o mais rápido possível. Pegou o primeiro vaso que encontrou, aproximou-se do balcão e pagou pela planta, a qual a bruxa do caixa disse ser uma

Herviana gornoíde. Kal pouco se importou e foi ao encontro dos três. Entregou o cartão da rainha para Guinevere e disse que ia embora, pois estava *indisposto*.

Saiu da floricultura e se apressou em sumir pela multidão para não ser seguido por Damon, Guinevere ou qualquer um que fosse. Ele se apressou em chegar à pequena lojinha nos fundos da cidade, mesmo que não fosse tomar alguma atitude quanto às várias identidades de Elvira, Kal queria ao menos descobrir o que ela estava fazendo ali.

Surpreendentemente a lojinha estava completamente vazia, apenas poucas cadeiras largas no chão ocupavam o lugar. O que teria acontecido com Elvira e toda a quinquilharia? A única coisa que sobrara era uma placa velha de madeira entalhada que permitia ler-se, "Loja Mausoléu". O mistério de Elvira ainda não havia se resolvido. Sem entender nada, Kal seguiu perplexo de volta a floricultura. Chegando lá notou que Ralph continuava a se exibir sobre seus conhecimentos em plantas. Nauseado, Kal encolheu-se em um canto esperando pelos amigos. Diria a eles que não queria ficar sozinho na pousada. Parecia meio infantil mas foi a melhor desculpa que pode arrumar para acobertar a mentira de que estava *indisposto*.

- O que foi garoto? – perguntou um homem magro que se aproximou.

- Nada. – respondeu desanimado.

- Que planta é essa? – perguntou novamente.

Kal olhou para o vaso que estava segurando e só agora havia notado que dentro dele só havia terra. Quando ia se levantar para trocar o produto, o homem o impediu com um gesto.

- Deve ser uma Herviana. Esse tipo de planta vive em subsolo. Não gostam muito da luz. – comentou o homem – Prazer, meu nome é Tirso. – disse o homem estendendo a mão para Kal.

- Prazer, meu nome é Kalevi. – disse.

- E então Kalevi, você sabe o que significa Flor-de-Lis?

- Não. – respondeu.

- A Flor-de-Lis era usada como forma de marcar as bruxas. – informou Tirso. – Quando a bruxaria foi considerada crime pelos humanos, pessoas como nós foram marcadas com ferro em brasa com a marca da Flor-de-Lis. Quem trazia a marca, mesmo que conseguisse escapar, seria reconhecido e condenado à fogueira. Em outros lugares como na França, as bruxas eram marcadas com a letra “S”. Entedeu?

- Mas então por que a loja se chama Flor-de-Lis? – indagou Kal.

- Bem, Flor-de-Lis, é o nome de uma planta. Tudo a ver com uma floricultura, certo. Dizem, que quando ela foi fundada, queriam

ensinar a comunidade mágica que as pessoas presas em Warren carregariam a mesma marca que as bruxas condenadas à fogueira.
- comentou Tirso.

- Então, quem condenava as bruxas e as marcava? - perguntou Kal.

- As bruxas eram castigadas pelos humanos não-mágicos. Os prisioneiros de Warren são bruxos que cometeram grandes crimes contra a comunidade mágica, ou até mesmo à não-mágica. E por isso são mandados para Warren, onde lá recebem a marca da Flor-de-Lis. - explicou Tirso.

- Mas por que são marcados? – perguntou Kal, mostrando sua completa ignorância sobre o assunto.

- Caso, um dia, algum desses prisioneiros conseguisse escapar, eles seriam reconhecidos em qualquer lugar. – disse Tirso, compreendendo as dúvidas de Kal.

- Então Kricolas poderá ser reconhecido? – perguntou.

- Provavelmente não. Apesar de ter sido marcado com magia, hã. – disse Tirso em uma gargalhada – Ele é Kricolas, duvido muito que ele não tenha dado um jeito de escondê-la.

- Você o conhece? Já o viu? – quis saber Kal.

- Bem, não chegamos a ser amigos, ele não é muito de conversa. – falou Tirso sorridente – Mas uma vez eu o vi em Warren.

- O que você foi fazer lá? – perguntou.

- Só para explicar, eu não fui preso. Trabalhei lá por um tempo.
– esclareceu Tirso.

- Como ele é? – perguntou novamente.

- Ele não é o homem mais bonito do mundo, sabe? – disse Tirso enquanto olhava para a porta – É uma pena Kalevi, mas tenho que ir. – Tirso apontou para a porta, onde estava sendo aguardado por um homem encorpado e mais elegante, com um cabelo negro cobrindo-lhe a testa branca e ligeiramente suada, olhos penetrantes e estranhamente sem vida sob eles destacavam-se duas olheiras. Sua beca negra intitulava-o como sendo alguém importante.

- Foi um prazer conversar com você Tirso. – despediu-se Kal.

Tirso apenas parou um instante na porta, acenou pela última vez e seguiu caminho.

Não demorou mais do que um minuto para Daimon, Guinevere e Ralph virem ao seu encontro. Já que Ralph vinha em silêncio, Kal deduziu que havia acabado sua pilha de conhecimento.

- Kal! Ainda está aqui. – espantou-se falsamente Ralph.

- Perdi alguma coisa? – perguntou Kal, já sentindo outra ânsia de vômito.

- Hã..., então Kal, que tipo de planta você comprou? - perguntou Guinevere para cortar o clima de tensão.

- Acho que é uma Hervana, Hernana, quero dizer, uma Herviana. – disse Kal mostrando o vaso aparentemente vazio.

- Cadê? – perguntou Ralph.

- Ela está debaixo da terra. Não gosta muito de luz. - respondeu Kal provocando certa desconfiança em Ralph.

- Bem, eu comprei a *Fantara d'ouro*, uma planta tipicamente tropical. Alguns dizem que em dias muito quentes ela pode até inflamar, entrar em combustão espontânea. – disse Ralph com desdém.

- Eu escolhi um *Ponka angelicalis*. Tia Amanda tem uma no jardim, quando chega a primavera, uma flor se abre e libera um pó calmante.

Todos olharam para Daimon esperando que este se manifestasse em dizer sobre sua planta.

- Desculpem. Minha planta é um *Trópico ateniense*, o dono da loja explicou que ela acompanha a movimentação dos astros e prevê acontecimentos estranhos e ou perigosos. – disse Daimon quase inaudível.

- Então, acho que terminamos. – concluiu Kal.

Um minuto inteiro se seguiu em silêncio. Neste meio tempo, os quatro se entreolharam ou abaixaram as cabeças, apenas Kal e Ralph não cruzavam os olhares.

- Acho que é hora de irmos. – disse Guinevere.

- Não sei, não vou entrar agora. – desanimou Ralph – Kal quer vir andar um pouco?

Embora não quisesse, foi obrigado a aceitar o convite, já que estava sendo fuzilado pelos olhos de Guinevere.

- Daimon e eu vamos subir. – disse a garota.

- Vamos? – espantou-se Daimon.

- É claro! Você prometeu que leria alguns livros comigo. – improvisou Guinevere, fazendo de Daimon outra vítima de seus olhos. Seguiram para a pousada carregando seus próprios materiais e os de Kal e Ralph.

Enfim, Kal e Ralph estavam sós. A atitude de Guinevere havia forçado os dois a uma re- conciliação, talvez incerta.

Kal e Ralph saíram da floricultura e fizeram boa parte do caminho até a Livros e Boatos em silêncio.

- O que viemos fazer aqui, Kal? – perguntou Ralph.

- Quero dar uma olhada em alguns livros. – respondeu firmemente – Quero ver quem é Kri- colas.

- E por que o interesse? – indagou Ralph.

- Não sei, acho que é só curiosidade. – respondeu percebendo que sua busca realmente não fazia sentido.

- O governo não quer dar destaque a esta fuga, mas Kricolas não faz questão de se escon- der. – disse Ralph respeitosamente.

- Você disse que seus pais trabalham em Warren, certo? – Ralph acenou positivamente com a cabeça – Seria possível eles enviarem uma fotografia, ou algo assim?

- Eu posso pedir. Vamos voltar à pousada. Lá escrevo uma carta e peço para o Osíris en- tregar. – chamou o garoto.

Rapidamente entraram pelo saguão e em pouco tempo estavam no quarto 118. Ralph pe- gou papel e caneta e escreveu o bilhete.

Queridos, papai e mamãe

Olá! Estou com muita saudade. Espero vê-los em breve.

Fiz três ótimos amigos, Daimon e Kal Foster e Guinevere Lingenstain.

Meu amigo Kal, embora não saiba direito o porquê, está preocupado por Kricolas ainda es- tar livre. Seria possível vocês nos enviarem uma foto do fujão assassino número um do país?

Um beijo para os dois,

Ralph

- Agora é só enviar. – disse Ralph.

Kal empolgado com seu último sucesso no restaurante, preparou a varinha para fazer o feitiço, mesmo Ralph já tendo avisado que Osíris enviaria a correspondência.

- Vai ser uma viagem longa, Kal. Warren fica muito isolada. Seria difícil e arriscado enviar esta carta por feitiço. Acho melhor deixar por conta de Osíris. Confio muito nele. – explicou Ralph.

- Tem razão. Falcões podem voar mais alto e muito mais rápido. – aprovou Kal.

Com um assobio, Ralph chamou Osíris que parecia repousar em cima do guarda-roupa.

- Quero que você leve esta carta até Warren, onde estão papai e mamãe. Se não os encontrar, retorne com a carta. – a ave

estendeu a pata direita e agarrou com força o pedaço de papel que Ralph havia ensaculado prevendo chuva.

Osíris ergueu a cabeça e bateu as asas como forma de continência, então seguiu vôo.

Kal e Ralph sentaram-se nos sofás e conversaram, discutiram sobre Kricolas e depois passaram para assuntos mais banais, como, o dia deles na Cidade dos Elfos.

Sem ao menos perceberem, ficaram sentados ali conversando por horas até que o barulho do relógio no meio da cidade chamou-lhes a atenção de volta.

- Por Merlin! Já escureceu! – exclamou Kal.

- Olhe! – chamou Ralph à atenção do amigo para algo que se movia entre as nuvens.

- São muitos aviõezinhos de papel. – disse.

Dois destes aviões penetraram pela janela aberta e foram até os garotos. Dali via-se que os aviões não tinham padrão de cor. O de Kal era laranja e o de Ralph roxo.

- O que diz o seu? – perguntou Ralph.

- Aqui diz:

Prezado alunos,

Compareçam aos terrenos baixos de Avalon, sem os materiais, amanhã às oito horas da manhã para seguirem até o Castelo.

A instituição oferecerá café da manhã aos alunos. Todos devem procurar o Sr. Luís Calvo.

Atenciosamente,

A diretoria

- Onde ficam os terrenos baixos de Avalon? – perguntou Ralph ao terminar o bilhete.

Com a resposta negativa de Kal, os dois foram até a janela onde tinha uma boa visão da cidade. Passaram os olhos pela floricultura, livraria, relógio e finalmente, encostado a floresta, eles avistaram um enorme muro de pedra onde havia inscrito o nome da escola.

- Este muro não esteve lá o dia todo. – disse Ralph incerto.

- Não me lembro de tê-lo visto. – completou Kal.

Os dois saíram da janela quando ouviram um barulho na porta, que ao ser aberta revelou a figura de Guinevere que trajava um belo vestido azul.

- Para que tanto luxo? – perguntou Kal.

- Para comemorarmos. Esta é a nossa última noite antes de irmos para Avalon. – disse a garota – apreseem-se em se arrumar. Logo, logo o jantar estará servido. Não demore Ralph.

- Igualzinha a minha mãe. – disse Kal – Estamos te esperando Ralph.

Era bom que Kal e Ralph haviam se entendido. Os dois passariam boa parte do ano juntos e manter uma inimizade não seria nada saudável para nenhum dos dois. Ralph tinha um grande conhecimento sobre o mundo mágico. Seus pais deviam viajar muito com ele. Mesmo que fossem viagens de trabalho, Ralph teve contato com vários bruxos mais velhos. E certamente a vida e a experiência são a melhor fonte de conhecimentos que o mundo pode mos- trar.

Todos já haviam tomado banho. Sentaram-se a mesa onde saborearam um delicioso pernil. Como sobremesa Guinevere serviu um pudim de ameixa que ninguém esqueceria o sabor tão cedo.

- Estou cheio demais para dormir. – confessou Kal.

Daimon levantou-se como se estivesse acabado de sair de transe.

- O que houve? – perguntou Guine.

- Nada de importante. Só algo que me lembrei de mostrar ao Kal. – respondeu Daimon.

- A mim? – espantou-se Kal.

- Você se lembra de quando papai ficou na cama dormindo por um dia inteiro? – perguntou Daimon.

- Me lembro. Mamãe não demonstrou preocupação. - recordou-se Kal.

O episódio havia se passado um dia antes da reunião internacional de bruxos na mansão Foster. Adonis não levantou para nada, realmente estava dormindo. Ele deitou-se na noite em que Caciús aparecera e dera doces a Kal e não se levantou na manhã seguinte, passando mais uma noite para acordar no outro dia. Kal imaginou que o pai estivesse doente, mas A- manda não estava se importando tanto com isso e passou o dia preparando comida.

- Ele não estava doente. Aquilo é o que chamam de projeção astral. – disse Daimon com ar de detetive.

- Como assim? – interessou-se Ralph.

- Aqui no livro de feitiços tem um breve comentário. Nós não vamos aprender este ano. Mas parece ser fácil. Escutem o que diz:

“Projeção Astral

A projeção astral liberta o espírito do bruxo de seu corpo, permanecendo em estado de so- no profundo. O corpo astral flutua de forma silenciosa, não sendo perceptível aos olhos ou ouvidos de um ser comum.

Pode ser praticada por iniciantes, basta buscarem a calma e o relaxamento.

Em outros capítulos veremos que é possível controlar dois corpos simultaneamente, e co- mo fazer uma projeção perfeita.

Trechos retirados da obra: Além da matéria – Van Feo”

- Será que podemos comprar este livro? – perguntou Kal interessado.

- Acho que não há nada que nos impeça. – disse Guinevere.

- Só o fato das lojas estarem fechadas. – finalizou Ralph.

- Podemos encomendar. – opinou Kal.

- Sendart? – perguntou Ralph.

Kal balançou a cabeça positivamente e correu para alcançar papel e tinta.

- O que você vai escrever? – perguntou Daimon.

Ao senhor gerente da Livros & Boatos,

Gostaria de adquirir um livro pelo qual me interessei em sua loja, trata-se da obra de Van Feo, Além da matéria. O livro pode ser entregue na Escola de Magia e Feitiçaria de Avalon.

Atenciosamente, Kalevi Foster

- *E você sabe se ele tem esse livro? – perguntou Ralph.*

- Com a fome de dinheiro que ele tem, na certa encomenda um.
– respondeu Kal serena- mente – Entregue pessoalmente ao dono da Livros & Boatos. *Sendart!* – em um vôo rasante, o avião decolou e atravessou a janela – Estou ficando bom nisso!

Logo em seguida, Ralph retornou para o seu quarto e Kal, Daimon e Guinevere desabaram em suas camas. Pois, na manhã seguinte deveriam estar com o máximo de energia possível para encarar a nova escola.

- CAPÍTULO V -

Os terrenos de Avalon

Exatamente às sete e meia da manhã, Kal levantou-se, ainda meio embriagado pelo sono. Olhou em volta e viu que Daimon e Guinevere não estavam nas camas.

- Como gosta de dormir. – brincou Daimon.

- Vocês é que não gostam. – disse em um largo bocejo.

- Ah, bom dia, Kal. – disse Guinevere entrando no quarto – tomaremos café na escola. En- contrei com Ralph lá embaixo e ele falou que estará pronto em dez minutos.

- Por que a pressa? Ainda é tão cedo. – falou Kal em meio a outro bocejo.

- Depressa. – ordenou Guinevere – Só temos meia hora.

Kal, meio que cambaleando, levantou-se soltando impropérios e seguiu até o banheiro para terminar de se arrumar.

Quando voltou Guinevere e Daimon já estavam prontos e apenas aguardando-o. Ralph a- pareceu na porta alertando-os para

a hora.

Desceram até o saguão e correram até a portaria. A Cidade dos Elfos nunca estivera tão lotada. Havia pessoas para todos os lados. No aeroporto Orelha Pontuda o movimento era nulo, graças ao decreto do Ministério.

- Como vamos chegar lá? – perguntou Ralph em pensamento alto.

- Andando. – disse Guinevere de forma simples.

Enquanto caminhavam pela multidão Kal viu Rick Wosky acompanhado de um homem que aparentava ser seu pai, era o mesmo homem de cabelos negros que buscara Tirso na floricultura Flor-de-Lis no dia anterior. O estômago embrulhou e Kal achou que iria regurgitar qualquer coisa que estivesse no seu estômago.

- Achei que Wosky era filho de chocadeira. – comentou Kal irônico.

Kal olhou mais uma vez para Rick e notou que ele estava cochichando com o suposto pai e apontando em sua direção. Sem mais importância, Kal acompanhou os três que já haviam se afastado de onde estavam.

Chegaram a um grande portão de ferro e pararam por um instante para contemplar a vista. O lugar por trás do muro comportava bem as pessoas que estavam na cidade, o chão gramado oscilava com o vento produzido por balões que estavam subindo cada vez mais alto. No meio de tudo aquilo havia uma pequena casa velha com apenas uma porta dupla e quatro janelas nas laterais.

- Eu não acredito que esta seja a grande Avalon – falou Kal com incredulidade.

- Não é a toa que eles pediram plantas. – concordou Ralph.

- Esta não é Avalon. – afirmou Daimon – Vocês não leram o bilhete? Está é a base de Avalon, ouviram? Base, o mesmo que terrenos baixos.

- Atenção, novatos! – irrompeu uma voz grave que logo foi percebida por todos, provocando grande silêncio – Atenção todos, meu nome é Luís Calvo, sou o responsável em levar os alunos com segurança até a escola. Os alunos que não são primeiranistas, por favor, dirijam-se aos balões. A maioria dos bruxos presentes obedeceu à ordem, sobrando pouco menos de quarenta alunos. Assim, Kal finalmente pode ver de quem era aquela voz.

Luís Calvo era pouco alto e relativamente careca – o que condizia com seu nome –, usava calças e jaqueta de couro, as roupas bem apertadas não escondiam sua barriga avantajada, era como se ele tivesse comido um bezerro inteiro no café da manhã.

- Muito bem, vocês me sigam. – os trinta e seis alunos, incluindo Kal, Daimon, Ralph e Gui- nevere seguiram o homem até nove balões prontos para decolar. – Entrem. – ordenou Luís com sutileza.

Kal e outros entraram sozinhos em um dos balões enquanto os demais oito balões já haviam decolado, no qual um deles estava Rick Wosky e ao lado dele uma linda garota loira de cabelos esvoasantes.

- Muito bem, parece que eu vou com vocês. – Luís entrou no balão em que estavam os quatro. – Como ouviram meu nome é Luís Calvo. E o de vocês? – perguntou.

- Meu nome é Kalevi.

- Ralph.

- Guinevere, e este é Daimon.

- É um prazer, garotos. – cumprimentou – Primeiro ano na escola, não é? Tenho certeza de que vão gostar de Avalon. Eu mesmo estudei por toda minha vida, e agora trabalho aqui. Para mim é uma honra trabalhar com toda aquela equipe, principalmente o professor Cacius, grande bruxo. O melhor do mundo na minha opinião. Tenho certeza de que vão gostar, irão aprender muito lá. As aulas são bem interativas, os métodos de ensino são bem variados, sem dúvida o melhor ensino mágico do país. Não tenho dúvida disto. Vão gostar. Eu gostei...

Kal logo notou que Calvo era do tipo tagarela e seja lá onde Avalon estivesse, demorariam a eternidade até chegarem lá.

Após alguns minutos de subida, eles pararam. Todos os outros também haviam parado em frente a uma grande nuvem branca. Cinco alunos estavam montados em vassouras, voando em círculos sobre os balões.

- O que eles estão fazendo? – perguntou Kal.

- Aqueles cinco alunos foram escolhidos para abrirem os portões de Avalon. – respondeu Luís prontamente – Foram escolhidos porque apresentaram o melhor desempenho no ano passado. São chamados de Representantes, e são encarregados de proteger os portões. Eu já fui, por dois anos seguidos. Abrir os portões da escola é uma grande honra para qualquer aluno. Demonstra plena confiança. Ninguém entra na escola sem que os representantes queiram que entrem. Os portões são um ótimo sistema de defesa.

- Mas são apenas nuvens. – disse Ralph.

- Não queira se perder ai dentro. – falou Luís em tom de mistério.

Os cinco alunos agitaram a varinha novamente e o efeito produzido foi as nuvens se dispersando e abrindo caminho. Todos os nove balões recomeçaram a subir e a cada minuto que se passava despertava em Kal a curiosidade sobre como seria Avalon.

- Acalmem-se, já estamos chegando. – informou Luís.

- Chegando aonde? Só vejo fumaça. – disse Ralph.

- Avalon, onde mais? Vocês nunca viram fotos em jornais e revistas? Pelas barbas do precioso Merlin! Como podem? Vocês estão entrando no escuro. Não sabem como é uma das maiores escolas de magia do mundo! Bruxos de vários países dariam um braço para estarem no lugar de vocês. – disse Luís.

Minutos após Luís Calvo ter terminado o falatório, Kal ouviu alguns gritos de espanto vindo dos balões acima.

- Acho que chegamos. – falou Kal empolgado.

- Sem dúvida chegamos. – entusiasmou-se Luís.

Os balões subiram mais uns quinze metros até que finalmente eles puderam avistar a ponta de um telhado azul. Os minutos passaram e agora todos tinham a visão dinâmica de um grande castelo.

- Garotos, bem-vindos a Avalon! – disse Luís Calvo entusiasmado.

Avalon realmente merecia o título de grande escola, Kal ficou maravilhado com tudo aquilo. Uma construção de seis andares, com altas torres com telhados pontiagudos e de telhas azuis, combinando com o céu acima, aves vermelhas e alaranjadas voavam de um lado para o outro do terreno.

Os balões pousaram na grama de um vasto campo verde com algumas árvores de troncos grossos, como carvalho e outras um pouco mais finas como o Ipê. Os cinco alunos que haviam aberto os portões, agora estavam fechando-os, para que nenhum aluno sofresse qualquer tipo de acidente, apesar de toda aquela estrutura, ainda estavam em uma nuvem.

- Bem-vindos a Avalon, a maior instituição para jovens bruxos do país. – vangloriou-se Calvo, novamente.

- Não precisa tanto, Calvo. – disse uma voz já conhecida por Kal – Daqui a diante eu oriento os novos alunos. – Kal viu então a figura de Tirso – Meu nome é Tirso, serei professor de vocês este ano.

Tirso estava muito melhor vestido, usava uma calça de tecido leve e uma blusa de botões branca.

- Luís, leve os outros para o castelo.

- Sim, professor Tirso. – obedeceu.

Luís Calvo fez um gesto sugestivo para os alunos mais velhos, os quais o seguiram.

- Este ano vocês aprenderão de tudo o básico; farão coisas simples como levitar objetos e a si mesmo, utilizar a natureza em benefício próprio e até mesmo algumas poções. – falou Tirso – Mas antes que entremos no castelo, vocês devem conhecer os terrenos de Avalon.

Tirso caminhou entre os alunos, talvez procurando algum rosto conhecido. Quando passou por Kal, Tirso cumprimentou-o com um sorriso.

- Muito bem alunos, este é o jardim de Avalon. Vocês podem vir aqui quando quiserem, é muito bom ficar embaixo de uma dessas árvores em dias quentes. – Tirso atravessou o enorme jardim falando como seria bom ficar ali sentado entre árvores e flores.

Passaram longe do castelo e foram até os limites de um morro, onde o professor disse que era a parte baixa da nuvem de Avalon, havia cinco hortas com uma pequena cabana e um pequeno lago de águas verdes.

- Lá vocês terão as aulas de Relações com a Natureza, de vez em quando Biomagia e talvez Poções. – informou – Vocês também poderão tomar banho no lago. – essas palavras arrancaram leves sorrisos de alegria dos alunos. – Antes de irmos para o castelo alguém tem alguma pergunta?

- Por favor, se estamos em cima de uma nuvem, o que nos impede de cairmos ao atravessar os portões? – perguntou um garoto que estava ao lado de Kal.

- Qual é o seu nome? – perguntou o professor.

- Jonathan. – respondeu o garoto magricela.

- Muito bem, Jonathan, como você deve ter observado, as nuvens a nossa volta formam uma espécie de portão, que impede a qualquer um de entrar ou sair de Avalon. Mas o que sua cabeça está se perguntando é como uma nuvem pode nos impedir de cair? - explicou Tirso enquanto olhava a face duvidosa de Jonathan – A resposta é simples, embora, um tanto abstrata. Veremos na prática. – Tirso finalizou ou o discurso e caminhou de cabeça baixa como se procurasse algo, sem encontrar o que desejava ergueu-se novamente – *Pedrusco!* – o feitiço conjurou uma pequena pedra que caiu em suas mãos.

Tirso havia despertado nos alunos olhares curiosos.

Alguns poucos tentaram repetir o gesto, todos sem sucesso.

- Estão vendo esta pedra? Se a arremessarmos de encontro ao portão, alguém poderia me dizer o que aconteceria? – indagou o professor.

- Ela voltaria da mesma forma. – respondeu a figura irritante de Rick Wosky.

- Muito bem, Rick, seu pai irá orgulhar-se. – entusiasmou Tirso – Vejam como. – o professor arremessou a pedra, esta atravessou a nuvem e segundos depois estava de volta – Entenderam? É o que acontece com quem tenta sair. Tentar entrar já é outra história. - explicou - A nuvem também tem feitiços que sustentam todo o peso. Agora, vamos ao castelo?

Os alunos ficaram afoitos com a notícia, finalmente conheceriam o grande castelo de Avalon.

Do lado de fora, era possível vislumbrar um possível salão quadricular coberto por uma imensa abóbada de vidro e sobre ela passava uma ponte de pedra que interligava duas torres com mais de seis andares, uma delas ostentava um sino dourado em seu ponto mais alto.

Caminharam vagarosamente até as escadarias do castelo, na base das escadas havia duas estátuas de bruxos com as varinhas erguidas, uma de frente a outra, Kal não soube distinguir quem seriam aquelas figuras. Já avançando alguns degraus encontraram uma mulher, segundo o professor Tirso aquela era a Srt^a. Skinger, também professora de feitiços.

- Peço desculpas por não poder acompanhá-los até o castelo, mas houveram alguns imprevistos – a Srt^a. Skinger era realmente bonita, e parecia iluminada. Era loira e olhos castanhos bem esverdeados, trajava um belo conjunto de saia e blusa verde.

- Vamos entrar? – convidou o professor.

Cada vez mais agitados os alunos avançaram pela escadaria até finalmente atravessarem a grande porta de carvalho e adentrarem no magnífico saguão principal.

Mármore forrava todo o chão do qual emergiam pilastras que alcançavam a brilhante abóbada de vidro, refletindo todo o esplendor do castelo. As escadas de acesso ao segundo andar eram bifurcadas e entre elas uma outra grande porta de madeira, sobre a qual estava o majestoso símbolo de Avalon, a letra "A" sobre uma pilha de livros e uma coruja repousando sobre a letra.

- Bem, garotos e garotas, este é o castelo de Avalon! - exclamou o professor com tamanha empolgação que alguns alunos não puderam conter os ânimos. – Por favor, dividam-se. Garotos para o lado direito, garotas para o esquerdo. – ordenou o professor em alto tom.

Kal, Daimon e Ralph se apressaram para ficar entre os primeiros, mas Rick e outros dois garotos foram mais rápidos.

O professor Tirso e a professora Skinger puseram-se à frente das duas filas, masculina e feminina, respectivamente. Quando a porta de madeira entalhada revelou seu interior as duas filas moveram-se de forma calma e uniforme.

O refeitório era realmente gigantesco, comportava muito bem todos os alunos, professores e demais funcionários. Três grandes mesas estavam voltadas para a porta, duas nas laterais e outra que dividia o salão ao meio. O teto ficava muito mais alto que o do saguão de entrada. Apesar de não ser feito de vidro, o teto do refeitório tinha suas particularidades: era composto por galhos e cipós, como se dali tivessem a visão de uma floresta. Havia grandes aves morando no teto, em galhos onde estavam ajeitadas em seus próprios ninhos.

Os alunos estavam distribuídos entre as três mesas, uma quarta mesa atravessava o salão em sentido horizontal à frente das outras três, Kal pressupôs que aquela deveria ser a mesa dos professores, quase todos os assentos estavam ocupados, com exceção de dois, os quais deveriam pertencer a Tirso e a Srt^a. Skinger.

A fila dos garotos andou pelo lado direito e a das garotas pelo lado esquerdo, ficando as fi- las entre a mesa do meio. Quando chegaram ao pé da mesa dos professores Kal reparou que adiante deles havia uma pequena mesinha com um livro e uma pena azulada flutuando a poucos centímetros.

Diante de todos uma figura pacata e silenciosa destacou-se na mesa dos professores. Ros- to pálido e levemente enrugado, além da calvície acentuada, mas com longas tranças cor de prata e os olhos azuis brilhantes que refletiam todo o salão a sua frente.

- Vamos iniciar a cerimônia de abertura. – disse numa voz serenamente suave, que ecoou por todo o lugar – Meu nome é Cacius, professor de História e diretor da Escola de Magia e Feitiçaria de Avalon. – irrompeu – Recomeçamos outro ano letivo. Esta noite, os novos alunos escreveram seus nomes nas páginas de um artefato mágico muito antigo.

Uma corrente de impulsos nervosos correu pela cabeça de Kal e seus neurônios aponta- ram este artefato mágico como sendo o Livro de Merlin. Era de se esperar, já que estavam no antigo colégio dele. No entanto, outra corrente de impulsos nervosos quebraram o primeiro pensamento lembrando-lhe de que seu pai havia dito que

o Livro de Merlin era uma lenda. E assim, Cacius prosseguiu com o discurso.

- O Diário de Merlin, é um pequeno livro de páginas em branco. Foi um presente ao grande bruxo pela construção da escola. Mas, Merlin nunca escreveu uma linha no diário. Dando a ele uma função muito mais importante. A de reunir alunos com características semelhantes para formar os três grupos de alunos que residem na Cidade dos Elfos. Os três grupos de estudo são: Tadewi, Angus e Katzin. Cada grupo possui um alojamento especial na Cidade dos Elfos. – olhares curiosos miraram os símbolos estampados nos uniformes, os alunos sentados às mesas traziam símbolos diferentes em seus uniformes. E as mesas eram específicas para cada grupo. – Cada bruxo ou bruxa procura algo em especial. Alguns vieram buscar a sabedoria dos livros e da vida. Outros têm ambição e vontade de superar os outros e a si mesmo. E há ainda aqueles que buscam poder de modificar, mudar o modo de enxergar o mundo para também mudá-lo. Não me compete identificar o que cada um de vocês deseja. Esta é a grande função do Diário de Merlin. – Cacius olhou para Kal e como se o diretor tivesse lido seus pensamentos continuou – Então alunos, aproximem-se, cada qual terá a sua vez. – Cacius apenas disse isso e voltou a se sentar. Os pássaros empoleirados no teto, por sua vez posicionaram-se em alguns galhos e começaram a cantar.

Nos versos que vamos cantar Contaremos uma estória: Merlin, o grande mago Apareceu para ensinar.

Criou Tadewi, Angus e Katzin

Que juntas formam a escola de bruxos

Onde você está. Excelente na magia Perfeito a ilusão Amigo de um bruxo

Que deu a vida para nos salvar

É Avalon onde você está!

Se você quer sabedoria, está no lugar certo

Se você tem ambição, seja bem-vindo

Se você quer mudar o mundo, encontrou seu lugar

Porque em Avalon você está!

Ao terminar de cantar as aves lançaram-se em um vôo rasante e explodiram transformando-se em penas coloridas.

- Bela canção este ano. - elogiou Caciús aplaudindo solitariamente, depois sendo acompanhado por alguns professores e então pelo resto da escola.

Antes que as penas caíssem, cada uma se transformou em um pássaro de tamanho menor e voltaram ao teto.

- Atenção Pasmags, a chamada. – disse Cadius olhando para o teto.

As novas aves agruparam-se nos poleiros e começaram a chamar cada aluno do primeiro ano para que se dirigisse a pequena mesinha e escrevesse o nome no diário.

- Jonathan Mc'Oz! – cantaram os pássaros em ré maior.

Jonathan aproximou-se timidamente do diário. Ele era o alvo de todas as atenções naquele momento. Depois de escrever o nome e largar a pena flutuante, os Pasmags gritaram para toda a escola:

- Angus!

A mesa central aplaudiu e saudou o novo colega.

- Tarcísio Sena!

Um garoto baixo e roliço correu até o diário e segundos depois, as aves gritaram dizendo que o garoto era de Katzin.

- Daimon Foster!

Kal olhou para o irmão que parecia ansioso por aquele momento. Daimon caminhou em passos curtos, não querendo

demonstrar sua ansiedade. Escreveu no diário e esperou pacientemente a resposta dos pássaros.

- Parabéns Angus, ganharam um Foster!

A mesa do meio mal podia se conter tamanha a alegria. Kal não sabia porque tanta festa, mas em seguida ouviu dois alunos cochicharem.

- Ele realmente tem sangue de Foster, que honra.

Mais quatro alunos foram chamados até a vez de Guinevere.

- Guinevere Lingenstain! Belo nome...

A garota aproximou-se do diário e escreveu, então as aves gritaram:

- Tadewi!

Aquilo não havia soado bem. Daimon e Guinevere já estavam separados. O que ainda restava para Kal e Ralph? Não estava nos planos deles estudarem em grupos separados.

- Rick Wosky! Não faça nada que seu pai não goste.

Inicialmente, Kal não entendeu aquilo, foi quando Kal olhou para a mesa dos professores e viu o mesmo homem que estava com ele na Cidade dos Elfos. Rick foi até a mesa e assinou o diário. Olhou para o pai à mesa enquanto esperava as aves gritarem:

- Katzin!

Depois de muitos alunos terem sido chamados restou apenas Kal e Ralph.

- Ralph Scheiffer!

- Boa sorte. – desejou Kal.

Ralph subiu os quatro degraus até o diário e escreveu.

- Scheiffer, bem-vindo a Tadewi! – gritaram os pássaros e a mesa da esquerda aplaudiu. Ralph correu em direção a Guinevere.

- Kalevi Foster! Mais um...

Os olhos de todos engordaram esperando em qual grupo Kal seria encaixado. Ele parou por um momento diante do diário, viu as assinaturas de Ralph e Guinevere, na mesma página. Ali estavam as assinaturas de cada aluno de Avalon, pensou em folhear o livro, mas logo se deu conta de que todos estavam fixando-lhe os olhares.

Com poucos segundos Kal assinou e lia-se de forma legível, Kalevi Foster. Seu nome, agora estava gravado nas páginas imortais daquele livro.

Uma tensão inexplicável correu por todo o salão. As pessoas não mais olhavam para Kal e sim para os Pasmags no teto. Estavam ansiosos para saber aonde o Foster iria estudar e qual seria sua visão de futuro. Sabedoria, ambição ou mudança. Esta era uma

resposta que até mesmo Kal gostaria de ouvir. O que era prioridade para ele? Talvez só os pássaros de Avalon pudessem responder. Os cinco segundos que separaram a assinatura de Kal ao canto das aves parecerem demorar muito mais que isso. Os nervos estavam prestes a explodir. A resposta das aves era uma bomba relógio com duração de cinco segundos. Assim que pronunciado o grupo a qual Kal pertenceria, o salão iria explodir em vivas e parabenizações. Os alunos esticavam os pescoços o mais alto que podiam para tentar lerem o bico das aves em busca de uma resposta mais rápida que os demais.

Finalmente depois de tanta expectativa as aves gritaram:

- Kalevi Foster, Tadewi!

Todos que estavam na mesa de Tadewi se levantaram para aplaudir o novo aluno. Antes de se sentar Kal aproximou-se de Daimon e este o abraçou.

- Não haverá problema. – animou Daimon. – Só não ficaremos no mesmo dormitório. – Kal então sentiu seu ombro molhar, era uma lágrima que Daimon deixara cair.

Kal andou até a mesa de Tadewi e Guinevere lhe deu um abraço forte e disse:

- Talvez não possamos estar sempre andando juntos, mas veremos Daimon sempre.

- Tem razão. Talvez fosse um pouco de exagero nosso. – disse Kal já se sentando.

- Foi uma bela cerimônia, uma salva de palmas aos novos alunos. – ordenou Cadius com sutileza, seguido de alunos e professores que aplaudiam fervorosamente – Agora vamos ao que realmente nos interessa.

Mais uma vez, como se comunicassem com Cacius por pensamento, as aves desceram em um rasante ao ouvir a última palavra do diretor. Voaram de encontro a todas as mesas com suas longas caudas brilhantes, por onde passavam surgiam copos, talheres comidas e bebi- das diversas.

- Fantástico! – exclamaram alguns novos alunos.

Quase uma hora se estendeu até o fim do café da manhã, quando Cacius chamou a atenção de todos novamente.

- Depois de tanta alegria neste momento devo-lhes informar que as aulas iniciam-se ainda hoje. – olhares perseguiram o diretor até a mesa. – Vocês terão tempo de descerem até seus alojamentos na Cidade dos Elfos para arrumarem as malas. Depois subam para o almoço e finalmente as aulas serão iniciadas. Alunos, sigam os Representantes, que este ano são: Tâ- misa Spinel e Diogo Mendes, em Tadewi, Karina Bak e Brigit Lemos, em Angus, Sônia Maria em Katzin.

Kal viu Daimon acompanhar todo o grupo de Angus. Quando a mesa do meio ficou completamente vazia Cadius permitiu que Sônia levasse os alunos de Katzin.

Tâmisa e Diogo formaram os alunos em filas, que logo foram desfeitas pelos próprios alunos.

- Por favor, todos me acompanhem. – ordenou Diogo. Era um garoto alto e magro e tinha o cabelo bem desalinhado.

Tâmisa, uma garota de cabelos castanhos e desgrelhados, ficou todo o percurso muda, apenas balançando a cabeça para algumas respostas simples.

- E então, o que vocês estão achando de Avalon? – perguntou Guinevere a Kal e Ralph.

- É realmente muito bonita. – elogiou Ralph.

- E você, Kal, o que acha? – insistiu a garota.

- Ainda não acho nada. – respondeu calmamente.

Continuaram seguindo o grupo até os portões de Avalon e entraram nos balões acompanhados por um garoto chamado Pedro Andrade, que também era do primeiro ano e fora escolhido para estudar em Tadewi.

- Disseram-me que Tadewi é o melhor grupo! Alguns grandes bruxos se formaram aqui. Eu quero ser guarda de Warren, e acho que em Tadewi vou alcançar isto. A propósito, meu nome é Pedro.

- Olá, Pedro. – cumprimentou Ralph – Mas precisa muito mais do que estudo para ser guarda em Warren. Precisa também de muita coragem.

- Isto eu tenho. Muita disposição também.

- Ótimo. – concordou Ralph.

Chegando na Cidade dos Elfos, Diogo e Tâmisia conduziram os alunos para trás da Pousada das Fadas e seguiram por uma trilha, que parecia um corredor feito de plantas, até duas estátuas de bruxos usando chapéus pontiagudos e com as varinhas erguidas e cruzando-se nas pontas.

- Existe um feitiço-senha que vocês devem dizer toda vez que quiserem entrar na República. – informou Diogo.

- Assim. – disse Tamisa, finalmente, encostando a própria varinha na das estátuas – *Clavícula!* – após isso, uma areia brilhante desceu como cascata colorida e entre os braços dos dois bruxos petrificados surgiu uma estreita passagem que dava direto a um estreito corredor oval feito de pedras que terminava em um salão semicircular com poltronas bem macias e tapetes felpudos estampados com o dragão símbolo de Tadewi.

- Sigam-me. – disse Tãmisa se adiantando pelo recém aberto caminho.

- Por favor não atrasem, entrem, entrem. – ordenou Diogo entrando logo em seguida – Esta é a República de Tadewi. Estamos no salão principal, aqui vocês poderão descansar depois das aulas e fazerem os deveres de casa. No Castelo há um salão como este para intervalos depois do almoço, ou uma possível aula vaga. Fica no quinto andar, encontrarão estátuas idênticas as que estão lá fora e podem usar o feitiço-senha. Agora, as escadas levam aos dormitórios e aos banheiros, masculino do lado direito, feminino do lado esquerdo. Não queremos que ninguém desrespeite as regras. – deixou claro – Todos desçam para os dormitórios, arrumem seus pertences e antes do meio-dia embarquem novamente nos balões para que possam assistir suas primeiras aulas.

Depois de terem sido liberados, Kal e Ralph subiram para os dormitórios masculinos e Guinevere seguiu na outra direção. Kal e Ralph encontraram suas bagagens juntas as de Pedro Andrade, que já estava muito bem acomodado.

Após alguns minutos de muita animação, conversa e bagunça, Kal e Ralph retornaram ao salão de Tadewi. Kal sentou em uma poltrona grande e bem confortável e observou todo o lugar com muita calma enquanto esperavam por Guinevere. O primeiro metro da parede era de madeira, lisa, como se fosse um rodapé gigante, e o restante era um tipo de pedra polida. Pouco se via do chão já que era quase todo forrado com tapete azul cor do céu, exceção para a parte onde ficam os sofás, um tapete laranja e felpudo. Na parede do centro da sala havia uma lareira que se estendia em pedra do chão ao teto. Janelas de vidro com um largo para-peito e grandes portas de madeira rústica davam um toque medieval a todo o cômodo.

- Incrível o lugar, não? – disse Guinevere descendo, frenética, as escadas do dormitório.

- Muito. – falou Ralph sorrindo.

- Acho que posso ficar aqui o dia todo... – completou Kal ajeitando-se na poltrona.

- Só acha mesmo. Porque temos aula em duas horas! – grunhiu Guinevere.

Faltando pouco mais de quinze minutos para o meio-dia, os alunos de Tadewi começaram uma correria contra o tempo. Saíram às pressas do salão e seguiram até a base de Avalon. Luís Calvo os esperava dentro do seu próprio balão.

- Vamos alunos, subam! Subam! Apenas cinco em cada balão por favor! Subam! Temos balões para todo mundo! Todo ano a mesma coisa...

Pedro Andrade e uma outra garota embarcaram com Kal, Ralph e Guine no balão, que logo começou a subir. Enquanto subiam, conversavam sobre como seria seu primeiro dia de aula e como fora a chegada em Avalon.

- Eu achei o professor Tirso muito simpático. – falou Guinevere.

- Realmente, parece ser uma boa pessoa. – completou Kal.

- Não foi com ele que você conversou na floricultura? - indagou Ralph.

- Sim. – respondeu serenamente.

- Sobre o que conversavam? – perguntou novamente Ralph não escondendo sua curiosidade.

- Ele me contou sobre o significado da Flor-de-Lis. – disse Kal.

- Como assim? – perguntou Guinevere completamente perdida no assunto.

Ralph olhou para Pedro e a outra garota, estavam bem à parte da conversa dos três, então decidiu continuar.

- Acontece que os prisioneiros de Warren são marcados com a Flor-de-Lis, para que possam ser reconhecidos em qualquer lugar. – explicou Ralph. – Como é o caso de Kricolas.

- Mas Tirso acha que Kricolas pode ocultar a marca com algum tipo de feitiço. – disse Kal.

- Meu pai disse que uma vez marcado, sempre marcado. Mesmo aqueles que possuem os níveis mais altos de magia não conseguem apagá-la. – concluiu Ralph.

- Acho que estamos seguros em Avalon. Seria impossível ele passar pelos portões. – disse Guinevere olhando para cima e vendo os Representantes abrirem os portões da Escola.

- E por que você acha que Kricolas viria atrás de nós? – perguntou Kal.

- Porque tanto você quanto Daimon tem sangue da família Foster. – retrucou – Motivo não falta a ele para querer destruir qualquer descendente do mago Foster.

- Mas já faz novecentos e noventa e oito anos. – disse Kal em tom sarcástico.

- E foram anos apodrecendo em uma prisão. – disse Ralph – Porque você acha que ele fugiu?

- Comida ruim? – brincou Kal.

- Isso é sério. Mesmo que estejamos protegidos, tia Amanda e tio Adonis estão expostos ao perigo. – bravejou Guinevere.

- Não seja tão radical, Guine. – falou Kal.

- Está bem, já chega por hoje. – cortou Ralph.

Kal, Ralph e Guine desceram dos balões e despediram-se dos acompanhantes. Enquanto caminhavam até o castelo, os alunos foram recepcionados com uma belo vôo dos Pasmags.

- O que são esses Pasmag? – indagou Ralph curioso.

- Difícil dizer, nunca vi um desses antes. – falou Kal.

- É porque vivem apenas em regiões de florestas tropicais e gostam de fazer ninhos na co- pa de árvores altas. Como nosso refeitório. – explicou Daimon que havia surgido ao lado de Kal.

- Andou pesquisando? – perguntou Guinevere.

- O livro que peguei na biblioteca do Thom me tem sido bastante útil. O livro também diz que as aves estão fortemente ligadas a tudo que é relacionado a Merlin.

- Se vocês não repararam, as aves pareciam adivinhar o que Cadius estava pensando. – comentou Ralph.

- Você está querendo dizer que Cadius tem algo de Merlin? – questionou Kal.

- Talvez tenha algum parentesco ou sei lá. – concluiu Ralph.

- Acho que Merlin não teve filhos. – disse Daimon – De qualquer forma não vim para isso. As aves cantaram a história de Merlin e a construção de Avalon. Disseram que Merlin foi grande amigo de um bruxo que deu a vida para nos salvar. Agora, qual o bruxo que vocês conhecem que deu a vida para nos salvar?

- Foster! Que pergunta boba! – exclamou Kal.

- Ótimo, pelo menos vocês viram isto. Mas eu quero chegar na parte da ilusão. "*Perfeita a ilusão*" diz o verso – falou Daimon.

- Projeção Astral? – arriscou Kal incerto.

- Bingo!

- Mas o que tem a ver uma coisa com a outra? Ilusão, mundo astral... – insistiu Ralph.

- Na verdade é um plano, plano astral. – corrigiu Daimon – Onde eu quero chegar é que, talvez Merlin tenha algo a ver com Projeção astral.

- Em que sentido? – perguntou Guine.

- Não sei! – respondeu Daimon francamente.

- E você veio para colocar pilha na gente? – irritou-se Ralph – Não tem gente para encher a paciência em Angus?

- Na verdade, todo mundo é muito certinho. Disciplinado...

- Você está no lugar certo então. – falou Kal.

- Bem, acho que vou pra minha mesa. – disse Daimon, e só agora Kal tinha reparado que já estavam dentro do castelo – Vou ver com o pessoal se eles sabem alguma coisa sobre isso.

A cada minuto em Avalon, tudo ficava mais claro para Kal. Daimon fora escolhido para ficar em Angus porque era um sabido, e porque se interessava em aprender o máximo de coisas que conseguisse. No entanto, ele não sabia ao certo porque ficara em Tadewi, talvez por falta de escolha. Ele era bem o oposto de Daimon, quanto aos estudos, e nunca pensou em ambição. É, deveria ser este o motivo. Afinal, o que um garoto com pouco menos de treze anos poderia mudar?

Cacius chegou acompanhado dos outros professores, neste instante todos os alunos já estavam acomodados em suas respectivas mesas. O diretor ergueu um dos braços em gesto de silêncio, obedecido, e discursou:

- Agora, que todos vocês estão devidamente instalados, devo comunicar aos alunos do terceiro ano, que teriam aulas de

Maldições, a aula foi suspensa por hoje. O professor Amadeus Wosky teve que resolver um determinado assunto com certa urgência. Portanto, após o almoço, dirijam-se à sala de Feitiços, que seria a terceira aula. Aos demais, confirmem seus horários de aula correspondentes ao ano e república no salão de entrada. Tenham um bom banquete.

– depois de pronunciar-se, Cacius gesticulou para os Pasmag, e esses desceram agitados e sobrevoaram as mesas servindo aos alunos e professores.

Kal pegou uma fatia de carne e um pouco de salada e deu-se por satisfeito. Ralph também não teve ânimo para comer, e Guinevere nem ao menos encostou no prato e talheres, dizia ser sua dieta. Kal sabia que o motivo da falta de apetite era a ansiedade do primeiro dia de aula em Avalon.

Quando Cacius levantou-se pela segunda vez, anunciou o fim do banquete e pediu aos alunos que se dirigissem ao salão de entrada sem correria e em seguida fossem para as salas de aula.

- Como vamos saber onde ficam as salas? – questionou Ralph em silêncio.

- Para aqueles que não conhecem o castelo, basta perguntar aos alunos Representantes. – falou Cadius logo em seguida como se tivesse captado a pergunta no ar.

Kal e Ralph se entreolharam assustados com a resposta adivinhativa do professor, mas logo se repuseram e Guinevere os acompanhou até Tâmisia.

- Por favor, como vamos saber onde ficam as salas de aula? – perguntou Kal.

- Que aula vocês terão? – perguntou a Representante de Tadewi.

- Hã... ainda não olhamos. – respondeu sem graça.

- Me acompanhem. – pediu a garota, que seguiu para fora do refeitório.

Seguiram-na até o saguão de entrada e aproximaram-se de uma das paredes onde estavam os cartazes com as aulas de cada turma.

- Aqui. Aulas do primeiro ano, República: Tadewi – História, Geomagia e Feitiços. – informou Tãmisa – História está no quinto andar. Existem duas armaduras guardando a porta da sala de aula. Elas não movem as pernas, mas, caso tentem cortar a cabeça de vocês, basta dizer que Cadius está vindo.

- Simpáticas, não... – gemeu Ralph.

- Não há com o que se preocupar. – disse Tâmisia tentando aliviar.

Depois que a garota saiu em direção ao refeitório, Kal, Ralph e Guinevere seguiram até a escada bifurcada e começaram sua longa subida ao quinto andar.

- Olhem o lado bom, podemos conhecer mais o castelo! - exclamou Ralph.

- Por que aqui não tem elevador? – resmungou Kal.

- Outro igual ao do Hospital Nautilus? Prefiro ir ao centésimo andar pela escada! – disse Guinevere sarcasticamente.

- Puxa, esse elevador te impressionou mesmo, Guinevere. – disse Ralph rindo-se enquanto sumiam de vista pelo corredor.

- CAPÍTULO VI -

O Conselho Estudantil

Continuaram subindo pelas escadas do castelo e quando chegaram ao terceiro piso avistaram um grupo de alunos sentados em poltronas grandes e vermelhas largadas pelo corredor. Um deles exclamou algo como, “os porcos de Tadewi”, levantando certa indignação nos três.

- O que você disse? – bravejou Kal.

- Ora, ora, se não é o Foster. – observou um deles.

- O que querem com a gente? – perguntou Kal em tom hostil.

- Uhu... – fizeram como se fossem fantasmas assustando uma pessoa.

- Valente o nosso amigo! Prazer, eu sou Rômulo Martins, presidente do Conselho Estudantil. - disse o garoto estendendo a mão para Kal.

- Kalevi Foster. – disse respondeu ao gesto – Estes são meus amigos, Guine...

- Com certeza você vai querer novos amigos. – cortou Rômulo – Nós de Katzin, podemos ajudar. Vou te apresentar ao grupo. Estes são: Antônio Furtado, terceiro ano, Marcos Herdam, quarto ano e nossa nova musa, Emanuela Goldemberg, primeiro ano. Como já havia dito, meu nome é Rômulo e estou no último ano escolar.

Kal visualizou cada um com extrema cautela, em especial, Emanuela. A garota parecia extremamente meiga em sua expressão, os cabelos eram loiros, bem lisos e compridos, como cascatas de água corrente. A pele clara e os olhos azuis eram capazes de tontear qualquer um com seu intenso brilho. Rômulo era um garoto alto e bonito, tinha as costas largas e os cabelos bem penteados. Em oposição, Marcos Herdam era magro e baixo, exibindo claramente sua fraqueza física. Já Antonio tinha mais do feitio de Rômulo, embora seu corpo apresentasse uma barriga saliente.

- Nós promovemos tudo o que há em Avalon. Somos os membros do Conselho Estudantil.

– informou Rômulo.

- Nenhum de vocês é representante. – disse Ralph em tom vitorioso.

- Não se precisa disto quando se faz parte do Conselho. – falou o presidente.

- O que são essas poltronas velhas? – perguntou Guinevere mudando de assunto.

- Nós, do Conselho Estudantil, decidimos reformar as mobílias de nossa sala de reuniões. – explicou Rômulo.

- E o que mais vocês mudarão na Escola? – perguntou Ralph curioso.

- Nada. – respondeu secamente.

- Como nada? Por que só mudaram a sala de vocês? – questionou Guinevere.

- Mudamos para aumentar o nosso conforto. – respondeu mais uma vez Rômulo – Mas deixemos isto de lado. Bem, Foster, como pôde perceber o Conselho Estudantil é muito sele- tivo quanto a seus membros, Cadius se envolve pouco nestes assuntos, então andamos pen- sando. Seria bom ter você na equipe. Quer fazer parte do Conselho?

- E... e... eu? – gaguejou Kal pensando não estar ouvindo direito – Por que *eu*?

- Não seja modesto, *Foster*. – Rômulo disse esta última palavra com a entonação precisa para que Kal entendesse o porquê da escolha – É claro que você deve estar honrado de par- ticipar do Conselho, ainda mais sendo do primeiro ano.

- Eu realmente estou surpreso. – disse Kal.

- Imagino. Emanuela ainda não acredita que faz parte do conselho. – continuou Rômulo sorrindo para a garota – Esperamos sua resposta amanhã no café, Foster.

Rômulo e os outros se levantaram e desceram as escadas, desaparecendo por completo de vista.

- Eu, membro do Conselho Estudantil! – imaginou Kal – O que vocês acham?

- Hum... – fez Ralph dando de ombros.

- Não sei o que dizer. Apenas que estamos um pouco atrasados para a aula. – comentou Guinevere.

Mais que depressa os três correram até o quinto andar. Chegando lá, procuraram pelas tais armaduras que poderiam cortar suas cabeças caso não tomassem cuidado. Encontraram. Mas as portas que elas guardavam estavam fechadas, sinal de que a aula havia começado. Não tentaram abri-la pois as estátuas pareciam atentas e nenhum dos três estava muito disposto a correr o risco de ser decapitado logo no primeiro dia de aula.

- Precisamos entrar! – falou Guinevere.

- Ninguém conhece um feitiço para abrir portas? – perguntou Ralph aos dois.

- Eu conheço um ótimo. – falou uma voz vinda das escadas.

- Professor Cacius! – exclamou Kal.

- Como estão? – perguntou o professor gentilmente.

- Acho que atrasados... – falou o garoto coçando a nuca.

- Somos quatro. – respondeu o professor piscando o olho esquerdo – Vamos abrir a porta então. *Opandor!* – a fechadura estalou e a porta foi aberta.

As estátuas reverenciaram Cacius e permitiram que os quatro bruxos entrassem.

- Desculpem-me pelo atraso. – falou o professor para a turma enquanto caminhava até sua mesa.

Kal, Guine e Ralph sentaram em três mesas ao fundo, já que, as da frente estavam todas ocupadas. A sala era um quadrado perfeito, bem iluminada por grandes vitrais em mosaicos coloridos próximo à altura do teto e grandes espelhos suspensos por fios quase invisíveis em vários pontos da sala. Os espelhos pareciam ser um tipo de iluminação artificial que refletia luz para os pontos em que a luz que incidia pela janela não alcançava.

- Boa tarde alunos de Tadewi e Katzin! – saudou o professor de braços erguidos.

Kal olhou para os alunos na sala e não demorou a perceber que seus uniformes estavam bordados com os brasões de suas respectivas repúblicas, provavelmente haviam visitado a loja de uniformes, Vestuário, depois que desceram do café da manhã. Apenas os uniformes dele mesmo, Guine e Ralph não estavam com os brasões. O professor Cacius, repentinamente, também notou a ausência dos brasões e deu outra piscada com o olho esquerdo. Sem ninguém mesmo perceber, Cacius conjurou um feitiço

simplesmente erguendo a ponta da varinha. Talvez, Kal, Guine e Ralph nem ao menos tivessem reparado o que Cacius fizera se não estivessem observando o professor atentamente. As bordas de seus uniformes ganharam um tom alaranjado e na manga esquerda surgiu o brasão de Tadewi, um Dragão serpenteando a letra "T".

- Perfeito. – sussurrou Cacius – Para aqueles que ainda não aprenderam o meu nome, eu sou Cacius, professor de história e também diretor de Avalon. Vocês devem estar se perguntando: por que dois grupos tão distintos terão aulas juntos? Onde está a turma de Angus? – representou Cacius – Eu respondo que: algumas aulas devem ser feitas juntas. Outras aulas devem ser realizadas com apenas um dos grupos. A questão é que em Avalon vocês aprenderão algo mais além do que magia. Aprenderão a viver. E não se pode restringir a vida a um único grupo ou tipo de pessoas. Por isso a interação. As pessoas precisam trocar experiências para compreenderem boa parte do que se passa no mundo. E nestes cinco anos que passarão em Avalon, vocês conhecerão a felicidade, a vitória, a prosperidade, mas não pensem que será sempre tão fácil. Conhecerão o medo, a desilusão e o desespero... apenas coisas da vida. – disse – Mas, bem, começamos nossa aula um pouco atrasados, então aproveitaremos estes minutos que nos restam para nos conhecermos melhor.

Cacius iniciou um rápido e simples interrogatório de nomes, era mais como uma chamada. Havia na sala dez alunos de Tadewi e quinze de Katzin, dentre eles estava a irritante figura de Rick Wosky.

- Katzin tem quinze alunos só no primeiro ano! – exclamou Ralph.

- Dezesesseis. – completou Kal – Uma aluna não está na aqui.

- Emanuela Goldemberg. – adivinhou Guinevere – Belo exemplo do Conselho Estudantil.

- Talvez estejam em reunião. – protestou Kal.

- Você meu jovem. –Cacius chamou Kal, que foi surpreendido – Queira dizer o seu nome para a turma.

- Kal, Kalevi, senhor... – respondeu por impulso.

- Mande lembranças ao seu pai. – falou Cadius.

- Seu nome. – perguntou a Ralph.

- Ralph Scheiffer. – respondeu orgulhosamente.

Cadius seguiu por Guinevere, passando por Pedro Andrade e Camila Cerda, a garota com quem embarcaram no balão de volta a Avalon e finalmente terminando em Rick Wosky.

Eles começaram a discutir os planos que cada aluno tinha para o futuro e o que esperavam de Avalon. Kal, no entanto, afundou-se

na cadeira com medo de ser solicitado porque ele nunca pensara exatamente no que faria no futuro ou o que esperava aprender em Avalon, a não ser um monte de feitiços para usar em pessoas como Rick. Os outros alunos, no entanto, respondiam tudo o que era perguntado por Cacius com convicção.

Kal não sabia ao certo o que estava acontecendo. Cacius foi seguindo aluno por aluno na mesma ordem que perguntara os nomes, mas quando chegou a vez de Kal, ele saltou para Ralph, que tinha seu futuro na ponta da língua, como se fosse um texto decorado. Entre os planos estavam; estudar feitiços de defesa, poções e aprender a se transformar em animais, tudo isto para ingressar como Guarda de Warren, assim como seus pais.

- Parece que nosso tempo se esgotou. – disse Cacius olhando para uma ampulheta pendurada ao teto, que somente agora, Kal havia notado.

A ampulheta dourada de areia azul deixou cair o último grão e automaticamente a porta da sala foi aberta e o sino da escola badalou uma música suave.

- Alunos de Katzin, a aula de Geomagia é no segundo andar, a professora Zélia os espera. Os alunos de Tadewi devem ir ao quarto andar, será uma aula individual com o professor Tirso. Por favor, se apressem e até a próxima aula. – Cadius sentou-se delicadamente em sua cadeira e reclinou a cabeça.

- Aula com o professor Tirso! Incrível! – exclamou Kal empolgado.

- Parece que Tirso conseguiu um fã. – falou Ralph.

Contente porque teria aula com o homem com quem, prazerosamente, conversara na Cidade dos Elfos, Kal liderou os alunos de Tadewi até a sala do professor no andar de baixo.

O professor Tirso recebeu os alunos com um largo sorriso. Todos caminharam até as mesas admirando a sala, que não era muito ampla e não tinha muitos detalhes, a não ser algumas inscrições

ilegíveis nas paredes e algumas estantes abarrotadas de livros empoeirados.

Kal procurou uma mesa à frente para que pudesse aproveitar o máximo da aula absorvendo cada simples frase que o professor ditasse. Feitiços era a matéria pela qual ele estava mais interessado em aprender, principalmente porque em sua infância ele tivera pouco, ou quase nenhum, contato com esta matéria tão fascinante. Raramente sua antiga professora, Sr^a. Ana Lara, permitia que Kal fizesse qualquer movimento com a varinha, por mais simples que fosse o feitiço. Ela guardava um enorme medo de que o fazendo, Kal sugasse toda a magia dos seus outros alunos, já que para eles, Kal era um tipo sugador de magia e fora assim que conseguira se tornar um verdadeiro bruxo.

- Boa tarde, Tadewi! – saudou o professor entusiasmado.

- Boa tarde! – responderam em coro.

- Eu sou Tirso e serei o professor de feitiços este ano. Conheço pouco de vocês, quais os nomes? – Tirso iniciou a mesma sessão de Caciús, mas o número de alunos era consideravelmente menor e não tomou muito o tempo da aula.

Era uma oportunidade a mais de Kal aprender os nomes de cada colega. Eduardo Gardner, Camila Cerda e Antonieta Cavalcante, foram os únicos nomes que Kal conseguiu memorizar.

- Agora que estamos devidamente apresentados podemos dar início à aula. – o professor sacudiu a varinha e a porta foi subitamente trancada.

A ampulheta pendurada no teto, que parecia ser um padrão de todas as salas de aula, já deixava cair os primeiros grãos de areia. Tirso posicionou-se de forma que pudesse ser visto e ouvido por todos os alunos e começou um pequeno discurso sobre sua matéria.

– A arte de feitiços não requer grandes habilidades de seus praticantes, é claro que a prática leva a perfeição. – destacou o

professor – Eu creio que boa parte de vocês já tenha uma boa noção de feitiços simples, mas sempre existe aquele que talvez tenha maior dificuldade. Quanto a isto não se preocupem. Estarei sempre aqui para qualquer dúvida. OK? – todos as- sentiram – Hoje vocês irão aprender o feitiço Opandor. Alguém me diz o que ele faz.

- Abre portas. – responderam todos.

- Puxa! – espantou-se o professor – Muito bem, mas complementando. O Opandor abre qualquer tranca, seja de portas, baús, janelas, enfim, qualquer coisa. – o professor aproximou- se de um armário velho de madeira apontou a varinha e conjurou o feitiço – *Opandor!* – a por- ta se abriu e revelou pequenas caixinhas de madeira – Venham, peguem uma. – os alunos levantaram-se e, rapidamente, cada qual pegou uma caixa voltando em seguida para suas mesas - Muito bom. Larguem a varinha em cima da mesa e repitam comigo, *Opandor!*

- *Opandor!* – repetiram.

- Isso mesmo. Pronunciem mais o *an*. *Opaaaaannndor!*

- *Opandor!* – obedeceram prontamente.

- Ótimo! Agora, tarefa simples. Abram as caixas. – orientou o professor.

- *Opandor!* – disse Kal com a varinha apontada para sua caixa. Uma luz saiu da fechadura e a caixinha foi aberta com um *clic*.

- É isto mesmo, pessoal! – parabenizou o professor vendo que todos haviam conseguido – Esse foi o nível mais fácil. Quero que vocês abram este baú agora. – Tirso apontou para um grande baú de madeira envelhecida ao canto da sala – Quem se prontifica?

Eduardo Gardner, um garoto negro e bem alto para a idade, se aproximou do baú e ergueu a varinha confiante.

- *Opandor!*

A fechadura foi iluminada, mas não aberta.

- Viram? Quero que todos tentem. Formem uma fila. – comandou Tirso.

- Opandor!

- *Opandor!*

- *Opandor!*

Todos tentaram, mas nenhum aluno foi capaz de abrir o baú. Por vezes eles se juntavam e diziam o feitiço todos ao mesmo tempo, porém a tranca mantinha-se firme.

- Continuem tentando! Tentem! Tentem! – estimulou o professor.

Os últimos grãos da ampulheta já estavam acabando e ninguém conseguiu vencer o desa- fio.

Quando Tirso anunciou o fim da aula alguns alunos protestaram.

- Pesquisem, porque eu quero este baú aberto na próxima aula. Até mais alunos! A aula de Geomagia é no segundo andar. Tenham uma boa aula! – despediu-se.

Os alunos do primeiro ano de Tadewi saíram empolgados da primeira aula de feitiços. Mesmo que passar uma hora abrindo trancas não pareça a coisa mais empolgante a ser feita, Tirso lançara um desafio. Um desafio que todos estavam dispostos a vencer. Afinal, vencer o que parece impossível tem sempre um sabor melhor.

Passando pelo terceiro andar, Kal reparou que as poltronas onde encontraram os membros do Conselho não estavam mais lá. Desceram mais alguns lances de escada e finalmente chegaram ao segundo andar, alguns minutos adiantados para a aula com a professora Zélia Bússola, uma mulher de cabelos curtos e ruivos, e um nariz tão protuberante quanto uma batata. Ela usava uma calça cor de barro acompanhada por um blazer de mesma cor e estampada com bandeiras de alguns países.

- Geomagia não é exatamente mágico. – começou – No decorrer do ano vamos explicar e- feitos causados por magia. Por exemplo, como um castelo pode existir em cima de uma nu- vem e como os

humanos ainda não descobriram a existência de bruxos e criaturas mágicas, como dragões, no globo terrestre.

- Boa pergunta. Como? – perguntou uma aluna.

- Qual o seu nome querida? – indagou a professora.

- Camila Cerda. – respondeu.

- Muito bem, vou explicar Avalon primeiro. A escola foi construída por dois grandes bruxos, em um período de grande conflito entre o nosso mundo e o mundo humano. Merlin e Foster, tinham planos de construir o castelo em um lugar acessível a todos, mas os acontecimentos da época os obrigaram a erguer a escola onde apenas os bruxos e os humanos interessados poderiam chegar. A nuvem é sustentada por um feitiço de levitação permanente e incrivelmente poderoso e também impossível de ser desfeito.

Imaginando que um dia os humanos também voariam, o engenhoso Merlin criou os portões de Avalon. As nuvens laterais escondem o castelo e ainda impedem qualquer coisa ou pessoa de entrar e sair dos terrenos sem autorização. Qualquer um que tentar passar pelos portões, terá a impressão de que apenas atravessou uma nuvem comum. Entenderam? – perguntou a professora finalizando a explicação – Magia avançada é difícil de ser explicada e compreendida. Não precisamos entrar em grandes detalhes. Agora vamos comentar sobre lugares como a Cidade dos Elfos. Ela também é protegida com magia antiga...

A professora Zélia continuou a explicação dizendo que a Cidade dos Elfos também estava protegida por feitiços anti-humanos. Quando eles se aproximavam dos terrenos da cidade,

tinham ilusões com animais selvagens e fugiam com medo. Criaturas mágicas protegem determinadas regiões assustando os aventureiros, tais criaturas enganavam e os confundiam com pistas e pegadas falsas, o que era especialidade do Curupira, criatura que tem os pés virados para as costas.

Ainda explicou que, o Governo Mágico enviava bruxos disfarçados para o mundo dos humanos com a finalidade de espalhar estórias trágicas de pessoas curiosas e de criaturas que habitam florestas e lugares fechados. Tudo isto para manter os humanos afastados ao máximo da população mágica.

A aula seguiu-se neste ritmo até que finalmente a professora anunciou seu fim e pediu aos alunos que na próxima trouxessem o livro "Onde Estamos", porque ela iria começar com a verdadeira matéria de Geomagia.

- Por Merlin que aula demorada! – reclamou Kal.

- Não exagera. A professora Zélia é muito atenciosa. – falou Guine.

- Deixe de lado, acabaram as aulas de hoje e eu quero descansar. – falou Ralph.

- Descansar? Só se não tivéssemos tarefa de feitiços. Esqueceu que temos um baú para abrir? – comentou Guine.

- Com certeza alguém vai abri-lo antes de nós. – sibilou Kal.

- E então? Cadê o Kal Foster interessado pela matéria, cheio de vontade de estudar? – ironizou Guinevere.

- Morreu depois de três aulas e subidas e descidas pelo castelo. – respondeu de imediato – Mas está bem, vamos procurar a “chave do baú”.

A maioria dos alunos já estava descendo pelos balões até a Cidade dos Elfos. Todos visivelmente cansados, carregando seus materiais com certa relutância. Kal, Ralph e Guine entraram em um balão acompanhados por Daimon e seu novo amigo e colega de

quarto, Jonathan, um menino moreno de cabelos bem escuros e ondulados e olhos tão pretos quanto besouros. A descida de balão até Cidade dos Elfos era praticamente o único momento em que os irmãos passavam juntos.

Cidade dos Elfos estava com o fluxo de pessoas agitadas, a maioria era estudantes aproveitando o final de tarde com os amigos fanfarrando pelas ruas e contando como fora seu dia. Os pequenos bares e lanchonetes da cidade estavam lotados, a alegria parecia se propagar rapidamente como se fosse uma doença altamente contagiosa.

Depois de despedirem-se de Daimon e Jonathan, os outros três seguiram caminho passando por um bar onde na porta estava Rômulo, que logo se adiantou para cumprimentar Kal, que se assustou enormemente quando seu braço atravessou o corpo do presidente do Conselho Estudantil. Era como se o ele, Rômulo, fosse um fantasma.

- O que...? – gaguejou Kal incerto.

- Assustado, Foster? – debochou Rômulo que havia acabado de surgir de outra direção.

- Como você fez...? – perguntou Kal ainda sem entender olhando para os dois Rômulos a sua frente.

- Foi apenas uma ilusão. É como eu já te disse. Os membros do conselho têm privilégios – falou – Nem todos os livros estão na biblioteca... – sussurrou no ouvido de Kal, fez desaparecer sua imagem projetada, em seguida entrou no bar.

- O que foi aquilo? – perguntou Guinevere.

- Eu não sei direito, parecia uma projeção dele mesmo. – tentou explicar Kal sem palavras para definir ao certo.

- É como se fossem gêmeos. – completou Guinevere.

- Só se um estivesse morto. – cochichou Ralph.

Os três seguiram até a República de Tadewi loucos por um bom descanso. Kal seguiu o caminho pensando na proposta que recebera, como membro do Conselho Estudantil ele poderia ter acesso a qualquer livro de feitiços. A palavra livro despertou nele uma vontade já esquecida, a de ler “Aquele segredos”, o livro que vira na Livros & Boatos. Era uma pena que não houvesse outros iguais. Outra lembrança remoeu-lhe a cabeça instintivamente, a da fúria que aquele homem de capa amarela, o qual Daimon mostrara a seção de feitiços, ao saber que “Aqueles segredos” fora vendido.

- No que está pensando? – perguntou Guinevere despertando Kal.

- Ah! Nada, nada importante. – respondeu percebendo que já estavam em frente às duas estátuas.

- Precisam de senha! – disse um garoto alto e de cabelos desarrumados o qual reconhecera como sendo Diogo, um dos Representantes de Tadewi.

- E qual é mesmo? – perguntou Kal.

- *Clavícula!* – disse ele encostando a ponta da própria varinha nas das estátuas.

A cascata de areia brilhante fez surgir a estreita passagem que ligava o lado de fora ao salão semicircular.

Àquela hora, o salão estava vazio porque a maioria dos alunos lotava os pubs da Cidade dos Elfos. Apenas alguns poucos estavam dispostos em mesas estudando ou lendo revistas e ao extremo,

próximo a lareira, estava espremido um pequeno grupo de garotos e garotas ao redor de um baú semelhante ao da aula de feitiços.

- De quem é este baú? – perguntou Kal a Pedro Andrade.

- O professor Tirso deixou o baú aqui para tentarmos abri-lo. – respondeu.

- Parece que ninguém conseguiu. Não é verdade? – observou Kal.

- Hum.

- Eu vou me arrumar. – disse virando-se para Guine e Ralph.

Kal subiu solitariamente até o dormitório, os dois amigos permaneceram no salão com os outros alunos tentando de todas as formas abrir o tal baú. Antes de perder o salão de vista, Kal assistiu a Ralph incendiar o objeto, que se auto-apagou.

Chegando ao dormitório, vazio, Kal se aproximou de sua cama sentou-se por um instante e contemplou a vista pela janela. Ao longe era possível ver a floresta, árvores balançavam com o vento constante e algumas aves procuravam abrigo nelas fugindo da chuva que começara a cair. Entretido com aquela visão Kal nem se dera conta do tempo que já decorrera desde que entrara no dormitório. Atenou-se novamente quando um origami em forma de pássaro surgiu na janela e ficou batendo as asas, como se esperasse ser recolhido. Imediatamente, Kal abriu a janela e deixou que a *ave* entrasse. Ela baixou suavemente e pousou na mão direita do ga- roto, desdobrando-se sem cerimônias.

Prezado Foster,

O Conselho Estudantil conta com sua aceitação para o cargo de Guardiã-mirin dos terrenos de Avalon.

Aumentamos o seu prazo para a decisão. Esperamos uma resposta até amanhã às 11 horas.

Ass.: O Presidente, Rômulo.

- Que gentis. Aumentaram meu prazo em quatro horas! – exclamou.

Aquela noite pareceu não existir. Kal tomou banho e desceu ao refeitório de Tadewi para jantar. Quando retornou ao salão da república, observou as tentativas de Ralph e Guinevere de abrir o baú. Após isto, Kal subiu as escadas do dormitório e deitou-se em sua cama. A partir de então não viu mais nada.

Com o raiar do sol todos os alunos de Tadewi pareciam animados com o segundo dia de aula. Uma noite de sono bem dormida foi o suficiente para recarregar os ânimos dos estudantes.

No café da manhã, no salão de Tadewi, os três serviram-se de pão e suco de laranja. Nenhum outro aluno estava mais na república.

Após a refeição, Ralph foi o primeiro a reparar que no cantinho da sala, próximo a mesa de estudo havia um pequeno cartaz afixado na parede.

- Hei, Guine, Kal! Nossas aulas, vejam.

Aulas do 1º Ano

7:00 – História

8:00 – Feitiços

9:00 – Relações com a Natureza

10:00 – Relações com a Natureza

11:00 – Almoço

13:00 – Feitiços

14:00 – Geomagia

15:00 – Geomagia

16:00 – Maldições

- O que? Duas aulas de Geomagia! – questionou Kal aborrecido com o horário.

- E são seguidas. – completou Ralph caindo no mesmo desânimo.

- Está bem gente. Vamos para escola. – sugeriu Guinevere.

Saíram apressadamente da república e mais rápido ainda correram até os terrenos baixos para embarcarem nos balões. Surpreenderam-se imensamente ao ver que sobrara apenas um único balão. Todos os alunos já haviam subido. Nem mesmo Luís, que geralmente ia no último balão estava mais ali.

- Sabia que vocês estavam aqui ainda.

Daimon acabara de surgir no portão. Estava afoito.

- O que está acontecendo, Daimon? Você sabe? – perguntou Kal.

- É o Jonathan. Ele endoidou! – respondeu o garoto – Quando acordei ele não estava mais no dormitório. Perguntei a todo mundo e ninguém soube responder, Luís não veio buscar os alunos então todo mundo subiu por conta própria. Uma colega minha mandou um bilhete dizendo que Jonathan subiu na Torre do Sino e que está ameaçando se jogar lá de cima.

- Por quê? – perguntou Guinevere.

- Eu disse, ele está doido. – repetiu Daimon girando o dedo indicador na têmpera direita. Kal olhou de esguelha para o balão ali parado e perguntou:

- Alguém sabe usar aquela coisa?

Os quatro subiram e cortaram as cordas que prendiam o balão. Torcendo para que ele tivesse um tipo de piloto automático e que os levasse direto ao castelo.

- Não deve ser difícil. – arriscou-se em dizer Ralph – Todo mundo subiu, não subiu?

Aparentemente os palpites deles estavam certos. Não precisava ser esperto para usar um balão de Avalon. Bastava embarcar, cortar as cordas e se segurar para não ser derrubado por uma rajada de vento forte.

O próximo obstáculo agora seriam os portões da escola. Se as nuvens estivessem fechadas eles ficariam perdidos até que alguém notasse a falta deles. Afinal quanto tempo levaria?

Outro golpe de sorte. Os portões estavam abertos e os quatro saltaram do balão caminhando rápido até a multidão de alunos em volta da Torre do Sino, uma torre de pouco mais de seis andares. Jonathan, assim como havia dito Daimon, estava no alto da torre de pé no parapeito. Bastava um pequeno empurrão para que ele ficasse como um ovo mexido.

- Ele vai cair! – gritavam os alunos.

- Acalmem-se! Acalmem-se! – pediam os professores.

No meio de toda aquela gritaria, Kal fixou bem seu olhar no rosto quase indistinguível de Jonathan, mesmo de tão longe se percebia que ele estava mórbido e pouco ativo, certamente essas não eram as feições que uma pessoa carrega quando está disposta a se jogar de uma altura de quase sete andares.

Por um instante Kal pareceu ter visto uma sombra atrás do sino, seu primeiro pensamento foi o de analisar quem estava a sua volta, mas rapidamente percebeu que seria impossível sentir falta de alguém naquela multidão. *Como se eu conhecesse cada pessoa aqui. Idéia es- túpida.* Repugnou-se Kal.

Mas outra lâmpada se acendeu em sua cabeça com uma idéia que não parecia tão estúpi- da quanto a anterior.

- *Captus!* – um som agudo foi precedido do barulho de vozes locais.

Kal então direcionou sua audição para a Torre do Sino e pode ouvir uma voz, que certamente não pertencia a Jonathan. Era uma voz feminina.

- Pule... – disse a voz persuadindo o garoto – todos estão esperando! Vamos Jonathan, pule... – a voz insistente e má conselheira continuava a sussurrar para Jonathan, quando o garoto pareceu voltar a si sacudindo a cabeça a voz gritou um “pule” ainda mais alto e a mente fraca do garoto cedeu jogando-se da torre.

Demasiadamente assustado, Kal largou a varinha, abaixou-se para pegá-la e quando ergueu a cabeça viu que Jonathan estava em queda livre.

- Não! – gritaram os alunos.

Enquanto Jonathan caía, todos os professores se entreolhavam nervosos, em seguida olhavam para Cadius, que tranquilamente bebericava uma xícara de café. Ele mostrava-se indiferente ao que estava acontecendo e levemente ergueu o dedo indicador quando Jonathan já estava a menos de cinco metros do chão. O garoto foi freado até que suavemente pousou adormecido na grama.

Uma mulher, de meia idade e cabelos loiros, aproximou-se do garoto. Segundo os outros alunos aquela era a Sr^a. Simon, enfermeira de Avalon. Ela trajava um vestido branco e um avental anil com o símbolo da escola bordado no lado esquerdo.

- Sr^a. Simon, leve Jonathan para a enfermaria. Imediatamente. – ordenou Cadius, que largou sua xícara de café e abandonou totalmente a tranquilidade.

Kal olhou novamente para a torre, mas não viu a misteriosa dona da voz. Chamou Guinevere e Ralph, Daimon havia

acompanhado Jonathan até a enfermaria. Os três entraram no castelo e começaram a subir pelas escadas que levavam direto ao ponto mais alto da torre, de onde Jonathan se jogara, e supostamente estivera uma mulher. Kal ainda sustentava a hipótese de que realmente havia alguém lá em cima com Jonathan. Eles encontrariam esse alguém de qualquer modo.

- Eu ouvi! Ouvi uma mulher persuadir Jonathan lá em cima! Jonathan foi enfeitiçado. Tenho certeza! – disse Kal enquanto subiam pulando três degraus por vez.

- Como você pode ter ouvido? Mal dava para enxergar. – questionou Ralph.

- Existe um feitiço de superaudição. *Captus*. – respondeu Guine.

- Está bem. Supondo que você tenha escutado qualquer coisa. – prosseguiu Ralph – O que exatamente aconteceu lá em cima?

- Quem esteve lá com Jonathan o enfeitiçou. Queria que ele caísse. Resta saber por quê.

- Acho que não vamos encontrar esta pessoa. – desanimou Guinevere – A torre tem saída para todos os andares do castelo.

- Como você sabe disto? – indagou Ralph.

- Tem um mapa enorme de toda a escola no salão principal de Tadewi. – respondeu ela gesticulando com as mãos.

- Vamos continuar. – disse Kal não dando a mínima para o que Guinevere havia dito. Subiram mais dois andares, a respiração já estava ofegante e quando chegaram ao quarto andar esbarraram com Cadius, Tirso e o pai de Rick Wosky.

- O que vocês fazem aqui? – perguntou o diretor.

- Estamos... subindo... – disse Kal levemente nervoso – e o senhor?

- Acredito que isto não seja da sua conta, Foster. – respondeu o pai de Rick com azedume.

- Olá garotos. – cumprimentou Tirso.

- Não há motivo para permanecerem aqui. – insistiu Wosky.

- Acalme-se, Amadeus. Algumas perguntas devem ser respondidas antes. – falou Cadius – por exemplo, por que vocês três decidiram subir pela torre, ao invés de irem pelas escadas do castelo?

Esta era uma pergunta a qual não poderia ser respondida sem dizer a verdade a Cadius. Kal parou por um instante avaliando suas opções, não eram muitas, e as mentiras que atravessaram sua cabeça num segundo não pareciam tão convincentes.

- As escadas estavam lotadas. – disse Guinevere rapidamente.

- Qual é a primeira aula de vocês? – perguntou Amadeus Wosky.

- Eles teriam aula comigo. – respondeu Cadius – lamento, mas ninguém terá a primeira aula de hoje. Preparem-se para o próximo horário.

- Pode deixá-los por minha conta professor. – falou Tirso – vou deixá-los em minha sala.

O diretor de Avalon concordou com a sugestão do professor de feitiços e fez sinal para que descessem.

- Amadeus e eu continuaremos. – finalizou Cadius dando uma piscadela para Tirso e se- guindo escada a cima.

Tirso conduziu Kal, Ralph e Guinevere até sua sala no terceiro andar. Nos primeiros lances de escada, Tirso agia indiferente ao acontecimento, mas quando alcançaram o interior do Castelo o professor parou por um instante, abaixou-se na altura dos três e olhou fixamente nos olhos castanhos de Kal.

- O que vocês sabem? – perguntou.

- Nada, nós já dissemos. – mentiu Kal.

- Quem lhes ensinou o Captus? – indagou novamente arrancando um suspiro dos três.

Como ele sabe? Pensou Kal.

- Aprendemos sozinhos, quero dizer, vimos dois bruxos usando o feitiço. – entregou Kal sabendo que o que estava dizendo era mais uma confirmação do que uma confissão.

- Isso parece bom. *Interessante.* Venham comigo, depressa. – ordenou Tirso conduzindo-os até sua sala.

- É bom saber que vocês estão interessados em aprender coisas novas. E então. O que ouviram?

- Na verdade, apenas eu ouvi. – disse Kal.

- E o que *exatamente* você ouviu, Kalevi?

- Lá em cima tinha uma segunda pessoa, não sei quem, apenas sei que era uma mulher e que ela induziu Jonathan a pular.

- *Induziu?* – duvidou Tirso.

- Era como se Jonathan estivesse hipnotizado. A mulher mandava ele pular e...

- Agradeço, Kal. Fiquem aqui, vou comunicar Cadius. – falou Tirso.

- Professor, desculpe por ter mentido, não queria alarmar ninguém. – disse Kal corando.

- Entendo. – Tirso olhou para a ampulheta pendurada no teto e continuou – Ainda falta muito tempo para a segunda aula e posso falar com Cadius depois. Querem aprender algo novo?

Instintivamente os três acenaram que sim.

- Vamos nos aprofundar no feitiço Captus. Como vocês sabem o Captus lhe dá uma super- audição. Só que, às vezes, esta superaudição não é eficaz devido a outro feitiço, Áptus. O feitiço Áptus bloqueia por completo a superaudição. Entenderam? – a

explicação de Tirso impressionou a Kal, a súbita mudança de atitude do professor o havia deixado confuso – Guinevere, acompanhe-me.

Tirso conduziu a garota até um canto da sala, de maneira que Kal e Ralph não poderiam ouvir uma conversa entre o professor e a aluna.

- Guinevere e eu ficaremos conversando. Tentem nos ouvir! – gritou o professor.

E assim se fez. Kal pôs a varinha na atura do ouvido e fez o feitiço. O gesto que em seguida foi imitado por Ralph, pareceu ter surtido efeito. Os dois puderam ouvir tudo que era dito por Guinevere e Tirso. O professor agitou a varinha no ar e fez o contrafeitiço.

- Áptus!

Um zunido irritante cortou o ar até o ouvido dos dois e de repente, silêncio. Apenas o vácuo sonoro formado dentro das paredes frias da sala de feitiços.

- Viram, ou melhor, ouviram? – indagou o professor de volta – O Áptus, bloqueia a conversa. Várias salas do castelo estão protegidas por ele. No entanto, ele não tem muita utilidade em uma conversa social. Quem estiver de butuca, vai perceber que a pessoa não quer ser ouvida, entendem? Não dá para disfarçar. Para isto, existe um outro feitiço. Anstran. Este camufla uma conversa, ou seja, eu posso dizer pau e você entender perfeitamente pedra.

Kal, Guine e Ralph escutaram Tirso em absoluto silêncio e sem fazer qualquer pergunta.

- Parece meio abstrato, não é? Vamos novamente, Guinevere. – chamou o professor. Kal e Ralph também se prepararam.

- *Captus!* – disseram os dois.

Tirso e Guine estavam conversando sobre a cerimônia de abertura do dia anterior, ele explicou-a que todos os anos os cinco melhores alunos da escola são escolhidos como Representantes. Os Representantes são os guardiões dos portões. São eles quem os abrem e fecham a cada dia, na subida e descida do castelo. Quando Tirso começou a falar do Conselho Estudantil, *Anstran* entrou em ação e a conversa passou a ser sobre balas e sorvetes de chocolate e limão. Kal e Ralph entreolharam-se e deram gargalhadas. Tirso observava tudo e vendo a reação dos dois, deu por encerrada a lição.

- Perceberam? Nem tudo é o que parece. Não devemos tirar conclusões precipitadas de tudo o que ouvimos. – disse ele saindo rapidamente da sala à procura de Cadius.

- Agora não sei mais nada. – desanimou Kal – O que eu ouvi lá em cima, não tenho certeza.

- Eu acredito em você Kal. – falou Ralph – porque alguém se jogaria do alto de uma torre? Não faz o menor sentido. Se Jonathan quisesse morrer ele teria entrado na floresta desarmado. É coisa de louco isso.

- Eu não sou louco! – afirmou uma voz vinda da porta.

Era Jonathan, que acabara de entrar na sala ao lado de Daimon.

- Sr^a. Simon disse que ele podia assistir à aula. – disse Daimon tentando amenizar o clima.

- Eu não estou louco! – reafirmou Jonathan.

- Ninguém aqui acredita que você esteja. – respondeu Guinevere.

- Quem estava com você lá em cima? – perguntou Kal rapidamente.

- Eu não sei. Ontem à noite eu deitei e quando acordei estava na enfermaria, já disse isto ao professor Cadius. – explicou.

- Não se lembra de coisa alguma? – insistiu Kal.

- Já disse que não! – respondeu impaciente.

- Alunos de Tadewi e Angus, por aqui! – gritou a voz do professor Tirso do lado de fora da sala três minutos mais tarde.

Os alunos lotaram a sala de aula em questão de segundos, Tirso entrou e dirigiu-se até sua mesa.

- Bom dia! E que dia... – suspirou – O professor Amadeus teve que se ausentar do castelo agora pouco, então eu vou dar a aula para os dois grupos, Angus e Tadewi.

Tirso olhou a ampulheta no teto, voltou aos alunos e continuou.

- Alguém aqui conseguiu abrir o baú ontem à noite?

Nenhum aluno foi capaz de levantar a mão, Tirso havia deixado um baú em cada Repúbli- ca, muitos alunos de Tadewi tentaram

abri-lo, mas ninguém foi capaz.

- Pelo menos um de vocês sabe me dizer o motivo pelo qual o baú não pôde ser aberto?

Daimon ergueu a mão com orgulho de si. Percebendo que mais ninguém faria o mesmo, Tirso, então, permitiu que ele respondesse.

- Acontece que o baú está protegido por um feitiço-senha.

- Muito bom, Daimon! – Tirso elogiou – Você saberia me dizer qual é a senha? Ou como faço para descobri-la?

- Não. – respondeu timidamente – Não sei qual é a senha, professor.

- Sem problemas, não existe como se descobrir uma senha mágica. Ou pelo menos é o que muita gente acha...

Kal ouviu Tirso e sabia que ele estava se referindo a algo mais importante do que simplesmente um baú de escola. O primeiro pensamento que veio a sua cabeça foi Kricolas, embora não soubesse muito sobre a prisão de Warren, era lógico achar que as celas eram trancadas com magia, que talvez fosse a mesma do baú da aula de feitiços.

- Ainda assim, meus parabéns, Daimon Foster! – continuou o professor – Mas, o importante não era abrir o baú, mesmo porque ele estava vazio. O que nos interessa agora é vocês aprenderem como se cria o feitiço-senha. – Tirso aproximou-se do baú – Observem. Vou abri-lo. *Chapéu púrpura, Opandor!* – o baú destrancou-se e Tirso pôde levantar a tampa. – Simples não? Vou fechá-lo agora. *Tijolo pesado, Eixo!* – o baú trancou-se novamente – Simples também, não é? Srt^a. Lingenstain, poderia abri-lo? – convidou o professor.

Guine aproximou-se do objeto e ergueu a varinha em sua direção.

- *Tijolo pesado, Opandor!* – o baú, mais uma vez, abriu.

- Muito bem! – exclamou Tirso animado – Formem duas filas, vamos praticar!

Os alunos se organizaram em duas filas, Kal e Daimon lideraram-nas. A fila de Kal trancava o baú e a outra tinha que abri-lo. Os alunos ficaram neste abre e fecha de baú até o fim da aula.

Quando o sino badalou e a ampulheta finalmente deixou cair o último grão de areia, o professor Tirso abriu a porta da sala e dispensou os alunos com um aceno.

- Agora é aula de...

- Relações com a Natureza, Kal. – cortou Guinevere.

- O que se faz em Rel...

- Deve ter algo a ver com as plantas que compramos na Cidade dos Elfos. – disse Guine, mais uma vez cortando Kal – Qual planta você comprou?

- Para falar a verdade, acho que fui roubado. – esclareceu Kal – Não vi planta nenhuma naquele vaso. O vendedor me disse que era uma tal de *Herviana gornóide*, ou qualquer coisa parecida. – concluiu.

Juntamente com os outros alunos, Kal, Ralph e Guine desceram as escadarias do castelo até o saguão de entrada, atravessaram a porta de madeira entalhada e o jardim. Deram a volta no castelo e desceram as escadas do pequeno morro até a horta.

Uma mulher baixa e velha esperava os alunos de Tadewi sobre a sombra da cabana com teto de palha. Usava um chapéu remendado verde escuro e um macacão encardido.

- Por aqui alunos! Aula de Relações com a Natureza! – gritou a mulher.

Os alunos correram até a cabana e se acomodaram em volta de uma mesa retangular no centro.

- Bom dia! Eu sou a professora de Relações com a Natureza, meu nome é Margarida.

De perto a professora parecia mais nova. O rosto sujo de terra escondia rugas e disfarçava os cabelos brancos.

- Naquelas prateleiras, ali no fundo – apontou a professora para os móveis com detalhes de bambu – estão as plantas que vocês compraram. Eu coloquei em novos vasos e as rotulei com seus nomes e a espécie de suas plantas. Peguem-nas.

Os alunos se aproximaram da prateleira e cada qual pegou a sua, em seguida dirigiram-se novamente até a mesa.

- Nesta primeira aula nós vamos apenas discutir as particularidades das plantas escolhidas por vocês. Quem quer começar? – perguntou a professora.

Alguns alunos agitaram a mão no alto e Margarida escolheu Ralph para começar.

- Vejo que você escolheu uma *Fantara d'ouro*. Boa escolha. Algum motivo em especial? – perguntou a professora.

- Sim. Minha mãe tem uma dessas. Já conheço algumas maneiras de trato. – respondeu Ralph.

- Hum... e você? – Margarida agora se referia a Kal – Algum motivo em especial para sua planta?

- É... uma *Herviana gornóide*. – respondeu Kal lendo o rótulo.

- Eu sei que é uma *Herviana gornóide*. Quero saber se existe algum motivo em especial. – insistiu.

- Não há, por quê? – questionou Kal.

- Nada, mas este tipo de planta tem características bem peculiares. – respondeu a professora pausadamente.

Kal então segurou o pequeno vaso perto do rosto e passou a observá-lo. Não viu ou sentiu qualquer coisa. Parecia apenas um vaso cheio de terra. Em determinado momento a professora Margarida prosseguiu com os questionamentos, mas Kal continuou a observar o vaso. Passados alguns minutos naquela posição, ele então sentiu um pequeno movimento dentro do pote e instintivamente soltou, fazendo o vaso cair na mesa partindo-o ao meio.

- O que aconteceu? – gritou a professora – Quer matar sua planta? Isto é uma *Herviana gornóide*! Não suporta luz.

- O que eu faço? – perguntou Kal sem ação.

- Concerte! – ordenou a professora do outro lado da mesa.

- Como? – Kal ficava cada vez mais desesperado.

- *Vaso Consertônia*. – falou a professora – Use o feitiço Consertônia.

Kal empunhou a varinha e preparou-se, sabia que era apenas dizer o feitiço e o vaso voltaria ao normal e a planta estaria protegida pela terra de qualquer raio de luz que tentasse alcançá-la. Num último momento Kal olhou novamente a terra espalhada na mesa e pensou ter visto alguma parte sua planta. Então ouviu.

- *Vaso Consertônia!*

Era Margarida quem havia gritado da extremidade da mesa onde estava uma professora impaciente e mal humorada.

- Francamente, Kalevi Foster! Francamente! – Margarida passou pelo garoto e recolheu o vaso – Esta vai para observação. Coitadinha... que azar que você deu plantinha...

A professora saiu da sombra da cabana sibilando palavras inaudíveis e os alunos começaram a conversar.

- *Captus!* – disse Kal com a varinha ao ouvido.

“... francamente, esperava mais de Kalevi Foster. Expor esta pobre planta à luz. Perdoe ele plantinha. Perdoe ele. É um insensível...”

- Louca. – resmungou Kal.

- Que foi? – perguntou Guinevere.

- Não foi nada.

- Você vacilou deixando cair o vaso. – disse Ralph aproximando-se.

- Eu sei, eu sei, mas ela se mexeu.

- Quem se mexeu? – indagou Guine.

- A planta. – respondeu.

- Qualquer planta mágica se mexe Kal. – disse Ralph imediatamente.

- Não debaixo da terra. – respondeu com rispidez.

- É, eu também nunca vi. – falou o garoto.

A professora Margarida entrou novamente na cabana e deu continuidade a aula avisando que qualquer outro acidente acarretaria em punição.

A professora explicou sobre os vários usos das plantas, desde a preparação de poções a uma simples receita culinária. Ensinou várias maneiras de como cuidar e torná-las saudáveis.

Margarida aproximou-se de Eduardo e disse a ele que sua planta, uma do tipo Cactônia, deveria receber água apenas uma vez por mês no período de lua crescente e que durante a fase de lua nova não deveria ficar ao ar livre em momento algum.

Quando a ampulheta deixou cair seu último grão de areia, diferente das ampulhetas do castelo a areia era verde, Margarida liberou os alunos, que retornaram ao castelo ouvindo as badaladas do sino no alto da torre.

- Finalmente Almoço. – comentou Ralph.

- Duas horas de descanso e então mais quatro horas estudando.
– continuou Kal.

- Que desânimo. – disse Guine.

- Estou ficando maluco. Ontem duas aulas de Geomagia, hoje mais duas. Se isso for ten- dência ao resto da semana, eu estou fora. – disse Kal.

Mesmo com as duas aulas de Geomagia o que realmente preocupava Kalevi Foster era a decisão que deveria tomar. Na noite anterior, ele havia recebido um bilhete de Rômulo, algo mais parecido com uma intimação, o presidente do Conselho Estudantil esperaria por uma resposta no horário de almoço, e ele nem ao menos havia pensado no assunto. Seja lá o que estivesse para decidir seria de última hora, deixaria levar-se pelo impulso.

Entraram no saguão e se depararam com um grande número de alunos descendo as esca- das e caminhando em direção ao grande salão de Avalon.

As três mesas dispostas paralelamente e contornadas por um belo tapete azul, archotes pendurados nas paredes e lustres flamejantes que pendiam do teto, como se fossem bolas de fogo colorida presas por fios, iluminavam o salão, que começava a escurecer devido ao aumento considerável das nuvens de chuva do lado de fora.

Quando a chuva começou a cair, Kal, Ralph e Guinevere já estavam devidamente acomodados na mesa correspondente a Tadewi. Na mesa dos professores, o diretor de Avalon, Caciús, ergueu uma taça indicando que o almoço deveria começar.

Kal estendeu um garfo até uma bandeja com pernil e quando trouxe a boca percebeu que havia pegado um bilhete. Abriu e leu. O bilhete havia sido enviado por Rômulo, que insistia em saber a decisão do garoto. O presidente do conselho esperaria até o fim do almoço. Kal olhou para Rômulo no lado oposto do salão e o garoto repetiu o gesto de Caciús erguendo uma taça.

- Qual é o problema Kal? – perguntou Guine.

- Nenhum. – respondeu de imediato.

- Parece tenso. – comentou Ralph.

Kal voltou ao seu almoço. Serviu-se de mais carne, um pouco de salada, arroz e feijão. Mesmo enquanto comia não parava de girar em sua cabeça a idéia de aceitar a proposta de Rômulo. Não era uma decisão fácil de ser tomada. De um lado estavam seus melhores amigos e seu irmão. Do outro o grande conhecimento mágico e a posição que Kal ganharia na escola. Se sua resposta fosse positiva ele teria que passar boa parte do seu tempo livre com os alunos de Katzin, membros do conselho, o que implicava passar menos tempo com Ralph,

Guine e Daimon. Caso recusasse a oferta continuaria sem conhecer os feitiços e encantos que estavam nos livros da sala de reuniões do Conselho Estudantil.

- Definitivamente, você não está no seu estado normal. – disse Guinevere no fim do almoço.

- Eu estou bem! Juro. – mentiu Kal – É só...

- Meu amigo, *Foster*. Como vai essa força? – cumprimentou Rômulo.

- Que ridículo... – cochichou Ralph para Guine.

- Estamos esperando. Qual a sua decisão? – perguntou Rômulo.

- Decisão? – indagou Guine.

- Ele foi convidado para ocupar o posto de Guardiã.

- Guardiã de quê? – questionou Ralph.

- Guardiã-mirim dos terrenos de Avalon. – esclareceu Rômulo – Agora vim saber. Aceita ou não, Foster?

- Estava pensando mesmo em aceitar e não nos contou nada? – questionou Guine. Chegada a hora, Kal não tinha uma resposta definitiva. Ralph e Guine estavam de braços cruzados, um de cada lado, certamente esperando alguma explicação. Rômulo olhava de Kal para a mesa de Katzin entusiasmado. Em seguida os outros membros do Conselho Estudantil aproximaram-se.

Emanuela estava divinamente bela. Quando a garota chegou mais perto e apoiou-se nos fortes ombros de Rômulo, o cérebro de Kal debilmente processou:

- Aceito.

- CAPÍTULO VII -

O livro de duas faces

No quinto andar, no salão secreto de Tadewi, Ralph e Guine largaram Kal em uma poltrona vazia e cruzaram os braços furiosamente diante dele.

- Que história é essa de Guardiã-mirim? – perguntou Guinevere.

- Você não nos contou! – disse Ralph em tom incriminativo.

- E eu deveria? – respondeu Kal dando de ombros – era uma decisão minha.

- Não custava falar com os amigos. – insistiu Guinevere.

- Guine, por favor! Eu precisava decidir isto sozinho. – retraiu Kal.

- Mas não precisava ser tão egoísta a ponto de não compartilhar esta novidade conosco. – disse Ralph continuando o sermão.

- Para mim não era uma coisa boa! Ser membro do conselho não significa nada. – retrucou Kal.

- E por que você aceitou participar então? – insistiu Ralph.

- Para ficar olhando a sebosa da Emanuela Goldemberg. – acusou Guine.

- Guine, não! – disse Kal sem graça – Rômulo falou que na sala do Conselho existem livros que não estão na biblioteca.

- Eu conheço você, Kalevi Foster, e sei muito bem que não se interessa pelos livros. – prosseguiu a garota.

- Vocês não acham que estão exagerando? – falou Kal tentando reverter a situação – É a minha vida e a proposta incluía apenas a mim. – Kal havia se levantado, em seu rosto predominava uma expressão de fúria e amargura – Eu tinha que decidir isto sozinho. Fazer algo por mim mesmo. Cansei de viver sobre a sombra de um

nome importante. Cansei de ser *O milagre Foster*. Quer saber, estou satisfeito e não me arrependo da escolha que fiz!

Kal estava possesso, lembrou-se dos quase treze anos de sua vida. Um filme de muita amargura passou pelos seus olhos, os garotos em Vila da Cachoeira zombando-o, a reunião internacional dos bruxos, e seu desmaio. A partir daquele momento sua vida mudara. Ninguém mais implicava com ele, pelo contrário, tinham medo. O milagre Foster revelara-se um mal para alguns. Sempre Milagre Foster, nunca o Menino Kalevi. Isto o incomodava agora. Qualquer coisa que fizesse seria sempre pelo fato de ser um Foster, não pelo fato de ser ele, Kalevi.

Talvez fosse por isso que ele fora escolhido por Tadewi. É isto que queria mudar. Ele queria mudar sua vida. Para ser lembrado como Kalevi e não apenas como um Foster. Afirmar sua identidade. O pensamento e as lembranças foram bruta e imediatamente interrompidos pela voz cortante de Guine.

- Fique então com sua decisão e seus novos amigos. Eu também cansei. Não quero ser amiga de quem não está interessado em ouvir minha opinião. – Guine olhou uma última vez para os olhos de Kal e então saiu do salão de Tadewi passando pelas duas estátuas até chegar ao corredor do quinto andar.

Ralph também parou por um instante para contemplar Kal. Olhou por muito tempo como se estivesse procurando uma outra pessoa. Finalmente disse:

- Eu não conheço você. E saiu.

Kal voltou à poltrona e viu todo o salão vazio, tão vazio quanto estava agora seu coração.

Vários minutos se passaram até que ele finalmente voltou do seu transe de pensamentos. Levantou-se rapidamente e olhou para um relógio de madeira pendurado na parede. Já haviam se passadas duas aulas. Ele agitou a cabeça, abismado com a velocidade com que o tempo passara. Ficou ali sentado durante por quase três horas e nem ao menos se deu conta.

Kal lembrou-se que as duas últimas aulas eram de Geomagia e Maldições. Olhou para seus materiais espalhados na mesa, deu um leve suspiro e os recolheu.

Andou pelo corredor do quinto andar, mais uma vez, completamente imerso em seus pensamentos perdidos. Kal pensava em como seria seu primeiro dia no cargo de Guardiãomirim de Avalon. Pensava em Emanuela Goldemberg e em seguida sentia vergonha ao se lembrar de Guinevere dizendo que era aquela garota o principal motivo para ele aceitar fazer parte do Conselho Estudantil. Kal não admitia, mas sabia que era verdade. Talvez, se Emanuela não fizesse parte do Conselho, ele não teria aceitado a proposta de Rômulo.

Ao chegar na sala de Geomagia, Zélia não o encarou com bons olhos, não foi a única. Ralph e Guine também o estavam encarando com olhares furtivos. Mesmo com tantos olhares a professora Zélia permitiu que Kal assistisse à aula.

Kal retirou o livro "*Onde estamos*" de dentro da mochila e abriu na página inscrita no quadro. Acompanhou a tediosa leitura sobre as civilizações antigas que habitavam o Brasil e boa parte da América Latina.

Na altura em que falava sobre os povos primitivos argentinos, muitos alunos já dormiam debruçados sobre seus livros. Relutantemente, Kal manteve-se acordado até que Zélia Bús-sola encerrou sua leitura com os povos mexicanos e fechou seu próprio livro com força, provocando um barulho que foi capaz de acordar a todos.

- Fim da aula! – anunciou.

Os alunos saíram completamente desanimados e demasiados sonolentos da sala, ainda teriam uma aula, antes de finalmente se considerarem livres, foi o que pensou Kal.

Para a sorte deles a sala de Maldições ficava no mesmo andar que a de Geomagia.

A sala tinha forma triangular e era demasiadamente escura. Na extremidade da sala estava sentado o professor de Maldições e também pai de Rick, Amadeu Wosky. Os alunos se acomodaram na sala, Kal sentou-se na segunda cadeira, atrás de Guinevere e Ralph, que logo uniram as cadeiras para formar dupla. Alguns outros alunos também se agruparam, em resposta o professor ordenou:

- Separem os grupos!

Os alunos obedeceram prontamente.

- Maldições não é uma matéria simples, porém, se engolirem cada mínima palavra que eu proferir e decorarem cada vírgula de seus livros, a arte abrirá as portas para vocês, e então desvendaram o oculto. – disse franzindo o rosto com repugnância pelos alunos – Maldições não é arte das trevas, pelo menos não o que vou ensinar-lhes. Este ano vocês aprenderão como fazer truques simples. Não espero grande coisa de vocês, mas quero que pelo menos aprendam que duas maldições não ocupam o mesmo corpo ao mesmo tempo, este é um princípio básico. Se conseguirem acertar alguém com uma maldição e depois amaldiçoar este alguém com uma segunda, a primeira que lançaram será anulada. Compreenderam mentes, insignificantes?

As frases de Amadeus sobre a aula eram sempre seguidas de um leve insulto ou prova definitiva de desprezo pelos primeiranistas.

Ele passou algumas anotações no quadro, a quais Kal copiou rapidamente e passou a lê-las. O professor então, começou a explicar o que havia escrito. Amadeus falou das antigas civilizações e como elas usavam a magia. Passou mais um quadro de anotações, desta vez sobre os povos maias.

- Tragam os exercícios respondidos da página quinze para eu corrigir na próxima aula.

Por simples curiosidade, Kal abriu seu livro na página quinze para ver que tipo de exercício o esperava. Na margem da página havia alguns símbolos egípcios e o enunciado dizia: "*Anti- gas Maldições*".

Amadeus dispensou os alunos minutos antes do fim da aula, se apressou em recolher seus livros e pergaminhos, trancou-os em sua gaveta e atravessou a porta dupla de carvalho, mesmo antes dos alunos esvaziarem a sala.

- Apressadinho... – disse Kal a Ralph e Guine.

Os dois não prestaram atenção, terminaram de reunir seus materiais e saíram sem dizer qualquer palavra. Ainda olhando para os dois amigos, que já andavam a passos largos pelo corredor, Kal enfiou o braço em umas das alças da mochila e caminhou no sentido oposto aos dois amigos, passando por um corredor quase sem janelas.

A noite havia chegado mais cedo. Nuvens densas de chuva cobriam todo o céu e os arcos ainda não estavam acesos. Andou vagarosamente pelo escuro, passo sobre passo, com toda cautela para não tropeçar em uma das pedras soltas do piso de mármore. Um pequeno vaga-lume que passou em sua frente despertou-lhe uma idéia.

- *Bolhasradiant!* – o feitiço que ele havia visto Ralph fazer quando se conheceram iluminou parte do corredor com pequenas bolhas de luzes que saiam da varinha a todo instante.

Com passos curtos e calmos, Kal continuou pelo corredor com uma das mãos junta a parede e a outra erguendo a varinha para iluminar o caminho. Caminhando mais à frente, ele alcançou o corrimão prolongado da escadaria. Seguindo por ele, desceu os degraus de acesso ao segundo andar, ainda deveria passar pelo primeiro até alcançar o saguão de entrada para jantar antes de retornar com os demais alunos para à Cidade dos Elfos. Ainda na escada do segundo andar, as bolhas produzidas pelo feitiço começaram a desaparecer, sem elas seria impossível enxergar qualquer coisa dali para frente.

Kal desceu os degraus com o dobro cautela, parou por um instante para conjurar novamente o feitiço, mas um vento forte e gelado passou pelo seu corpo como se fosse uma mão gigantesca acertando uma mosca desnorçada.

Com a forte corrente de ar, Kal largou a varinha em um breve descuido. Terminou de descer as escadas sem o feitiço e saiu à procura de sua varinha, encontrando-a sobre a luz fraca da lua que vinha de uma janela. Olhou para o vitral e percebeu um pequeno vulto sentado no para-peito. Aproximou-se pensando ser um aluno perdido, porém o vulto revelou-se pavoroso sobre a luz bruxuleante da lua. Instintivamente, Kal se afastou, dando espaço para a pequena criatura, que se pôs sobre os quatro membros e caminhou meio que de lado em sua direção.

Estavam cara a cara, a luz que atravessava os vitrais mostrava apenas uma figura humana que fazia enorme esforço para manter-se de pé. Aparentemente não traria susto a ninguém, a não ser sua pele suja de lodo e muito enrugada, olhos pequenos com pupilas verticais, orelhas tão pontudas quanto a de morcegos e dentes e unhas afiados como a de um poderoso predador. Mas a idéia que menos agradava a Kal era o fato de estarem sozinhos.

Percebendo isso, Kal recuou ainda mais, não seria capaz de lutar contra aquela criatura sozinho, por incapacidade e também por medo, não é todo dia que se vê uma criatura tão monstruosa quanto aquela em uma escola, mesmo em uma de bruxos. Tentou chamar por socorro, mas sua voz estava travada.

Num salto onde mostrou toda a sua desenvoltura e habilidade corporal, a criatura investiu para cima de Kal, mas a menos de dois metros de alcançá-lo, subitamente ela se transformou no professor Cadius, que disse:

- Hora de acordar.

O mesmo vento forte que o atingiu na escada, agora, vinha em direção oposta e como se estivesse sendo erguido por ele, subiu até alcançar o teto. Na tentativa atravessá-lo, como fazem os fantasmas, acordou.

- Você está bem?

O professor Cadius estava olhando com ar de curiosidade para Kal.

- Estou bem. Que lugar é este?

- É minha sala. – respondeu o professor com um sorriso cativante – Eu te encontrei caído perto da escada. Acredito que tenha se perdido e não sei por que, desmaiado. Trouxe você até aqui para que despertasse sozinho. Não vi necessidade de levá-lo até a Sr^a. Simon.

Kal ergueu-se e logo sentiu uma forte dor de cabeça, como se uma furadeira estivesse perfurando seu cérebro pela parte interna. Imediatamente, pôs a mão no cocuruto procurando pelo motivo de sua dor, abriu melhor os olhos e se deparou com um lugar realmente incrível.

Estava deitado em um sofá de madeira envernizada e um estofado vermelho, bem macio. As paredes da sala de Cadius eram forradas com papel de parede amarela com fracas linhas brancas e um grande quadro de um bruxo a quem Kal reconheceu como sendo Merlin. Era um velho bruxo com uma vestimenta azul-marinho que lhe cobria do pescoço aos pés, encostado em uma velha árvore que deveria ser uma macieira. A expressão no rosto do Merlin pintado era de uma ligeira preocupação.

O chão da sala era de assoalho um pouco envelhecido, mas ainda assim lustroso. Algumas mesas ostentavam estranhos objetos circulares e porta-penas esquisitos, como um em forma de coruja, em que as penas eram guardadas na própria asa da coruja, naquele momento, a coruja estava sem uma de suas penas.

Diversos armários exibiam com aparente orgulho seus livros. Kal notou que em um deles, talvez o menor de todos, tinha um vão entre seus livros que permitiria encaixar perfeitamente outros dois volumes. Outros armários reluziam seus cristais cintilantes, entre outras pedras preciosas.

- Parece que você já está recuperado. – comentou Cadius afastando-se.

- Ah sim... mas o que aconteceu realmente? Lembro-me apenas de um monstro ou sei lá como posso chamá-lo...

Cacius o encarou levemente como se os olhos de Kal fossem portas abertas para sua mente, então disse:

- Eles são forças que habitam o mundo astral. Forças negativas.
– disse Cacius admirando alguma coisa no teto de pedra.

- Como o senhor foi parar lá? – perguntou Kal tentando ver o que de tão curioso estava pendurado que chegava a quase hipnotizar o diretor.

- Creio que estamos atrasados para o jantar. – disse Cacius desviando sua atenção até a porta e mudando repentinamente de assunto.

Kal percebeu a esquiva e resolveu não insistir. Apenas agradeceu mentalmente a ajuda do professor, pois sem a intervenção de

Cacius, a criatura, certamente, teria atacado-o. Mesmo sem entender o que o diretor havia dito sobre mundo astral, Kal tinha uma única certeza. Aquilo havia de fato acontecido, e não apenas um sonho de desmaio.

No jantar, Kal aproximou-se de Guine e Ralph, então começou a falar da tal criatura. Guine ignorava por completo o que ele dizia, continuando a saborear sua torta de bacalhau com palmito. Já Ralph, mesmo parecendo indiferente aos comentários, Kal o surpreendeu em um suspiro quando mencionou a parte em que o monstro atacou-o.

Na mesa ao lado, Daimon estudava um livro que estava em seu colo enquanto comia uma salada de tomates. Kal decidiu não importuná-lo.

O banquete ainda não havia terminado quando ele resolveu descer até Cidade dos Elfos. Nos portões, encontrou-se com outros dois alunos, que também estavam prestes a descer. Fora eles havia apenas mais outros três balões já a meio caminho. Luís ficara nos portões orientando os alunos.

A República de Tadewi ainda estava vazia quando Kal se acomodou sobre uma das poltronas próxima a lareira, lá fora começara a fazer muito frio com o início de uma leve chuva.

Como Kal havia cabulado a aula de feitiços, resolveu ler o livro para não ficar atrasado em relação ao restante da turma. Vasculhando a mochila, encontrou o livro de Amadeus Wosky, "*Maldições, defesas e utilidades*", lembrou-se instantaneamente do dever que o professor deixara para ser feito e correu para o mural onde estava afixado o horário de aulas. Para sua total surpresa o horário não era animador. No próximo dia de aula iniciaria com dois tempos de Maldições, em seguida, também duas de Biomagia, Poções e Clerigologia. Das oito aulas do dia apenas Maldições era uma matéria conhecida, Kal nunca havia ouvido falar em Clerigologia e nunca estudara Poções ou Biomagia, o que quer que fosse isto.

Pensando em anotar o horário, Kal lembrou-se de um fato que ocorrera há alguns dias dentro do Templo na Cidade do Norte. Lembrou-se de um feitiço que viu sendo utilizado pelos repórteres e pensou fazer o mesmo com o horário.

- *Fotograph!* – três pequenos flashes dispararam da varinha de Kal, em seguida ele pegou um pedaço de pergaminho e disse – *Impressor!* – um pequeno líquido branco escorreu da ponta da varinha e caiu no papel, espalhou-se e lá estava o horário.

Quando os primeiros alunos de Tadewi começaram a entrar no salão, Kal já estava terminando o exercício de Maldições. Ralph e Guine entraram às pressas e sentaram-se em uma das mesas com os outros alunos do primeiro ano. Todos estavam afoitos para resolver os exercícios, pareciam exaustos e extremamente indispostos. Mal sabiam que teriam pela frente trinta e cinco questões discursivas a serem respondidas. Kal ainda observou que alguns alunos começavam a se descabelar enquanto liam as questões. Alguns deles começaram a praguejar o professor e a largar o material na mesa.

Enquanto os alunos se descabelavam, bufavam e gritavam a má sorte, Kal espreguiçou-se e depois recolheu seu material da mesa, levantou-se e no meio da sala bocejou de forma quase que escandalosa para chamar a atenção dos demais alunos. Que o encararam com profundo desânimo, sabendo que Kal estaria tranqüilamente repousando enquanto passavam a noite em claro.

Lentamente, ele caminhou até as escadas do dormitório com um largo sorriso no rosto. Sem saber por quê, Kal sentiu-se imensamente feliz ao ver a expressão abatida e também muito desesperada de Ralph e Guine.

No dormitório, o garoto atirou-se na cama logo depois do banho. Assim que fechou os olhos, ouviu na janela um pequeno barulho, aproximou-se e viu um pacote através do vidro es-fumaçado. Sem saber o que era, Kal puxou o embrulho para dentro.

Era um tipo de correspondência amarrada com cordas de palha seca. Preso nele estava um pequeno cartão que dizia:

Ao senhor Kalevi Foster,

Livros & Boatos

- *Chegou!*

A alegria que Kal sentiu ao receber aquele pacote não poderia ser maior, estava ele com o livro de Van Feo, "*Além da matéria*". Imediatamente pô-se a rasgar todo o embrulho e finalmente pôde tocar o objeto. O livro tinha a capa prateada com detalhes em alto relevo e em seu centro havia o rosto de uma estranha pessoa careca, em que o lado esquerdo do rosto parecia adormecido e o outro lado era um misto de euforia e espanto. O pequeno olho direito pestanejava incessantemente.

Kal estava tão eufórico quanto ao livro que agora passava a observar o dormitório com certo desespero.

Sua felicidade era tamanha que até havia esquecido que o conteúdo do livro era muito mais interessante do que a capa viva. Dando-se conta disto, ele depositou o livro em cima de seu travesseiro e deitou-se de bruços para lê-lo.

- *Bolhasradiant!*

As pequenas bolhas de luz iluminaram adequadamente o local. Kalevi posicionou sua mão na capa e fez força para abri-lo, sem conseguir, imaginou que fosse devido ao peso, pois a capa estava repleta de detalhes. Aplicando uma força ainda maior, ele tentou abrir o livro novamente, apenas conseguiu virar o rosto do livro para a franja do travesseiro, sufocando a pequena pessoa da capa. Irritado com aquilo, ajustou o livro e se ajoelhou na cama batendo com a ponta da varinha na testa da capa. Esta não deu importância à agressão e fechou o olho direito.

- Já sei. *Opandor!* – uma pequena quantidade de luz saiu da varinha e se dissipou pelo livro. Kal tentou mais uma vez abri-lo com o feitiço, mas ainda assim não conseguiu.

Na manhã do dia seguinte, Kal Foster levantou antes de qualquer aluno de Tadewi, desceu até o salão às pressas e tomou café da manhã sozinho. Apenas quando saiu da república viu alguns alunos ainda sonolentos. Subiu também sozinho em um dos balões, deixando Luís muito irritado por ter feito isto. Todas as manhãs, um dos Representantes levantava mais cedo para abrir os portões. Àquela hora, certamente, alguém já deveria estar lá em cima.

Kal correu em direção ao castelo e passou direto pelo saguão de entrada e subiu até o segundo andar, em tempo recorde, alcançando rapidamente a sala de Maldições. O professor já estava em sua mesa, aparentemente escrevendo um tipo de relatório. No momento em que Kal irrompeu pela porta, Wosky pareceu ligeiramente alterado. Recompondo-se disse:

- Um pouco cedo não, Foster.

- Ah... é... sim senhor... quero dizer... eu quis chegar mais cedo sim... mas...

- Não tenho muito tempo Foster. – disse Amadeus levantando-se e recolhendo o pedaço de pergaminho em que estava trabalhando – Talvez outra hora.

- Ah... sim... tudo bem então, professor.

Amadeus Wosky apressadamente guardou o restante de suas coisas em uma pequena gaveta de sua mesa e saiu.

Kal sentou-se em uma das mesas e pôs seu novo livro, "*Além da matéria*", sobre ela. Parou para olhá-lo cutucou-o novamente com a ponta da varinha e tentou abri-lo novamente.

Sem sucesso, Kal abaixou a cabeça e emudeceu. Pretendia que o professor o ajudasse a abrir o livro. Amadeus Wosky certamente tivera contato com artefatos mágicos antigos e talvez, livros como aquele se encaixassem em uma das especialidades do professor. O garoto permaneceu em um silêncio contínuo que só foi interrompido cinco minutos mais tarde por uma voz vinda da porta.

- Refletindo, Kal?

Ele olhou por cima do ombro e observou Tirso que em seguida aproximou-se do garoto.

- E então? Está mesmo refletindo?

- Um pouco, talvez. Gostaria mesmo de estar lendo.

- Não entendi. – disse o professor puxando uma cadeira para sentar-se.

- Eu comprei um livro, mas não consigo lê-lo.

- Agora entendo. – disse ele finalmente acomodando-se direito – Posso vê-lo? – Kal gentil- mente entregou o livro nas mãos do

professor que passou a admirá-lo por um breve instante – Van Feo, Além da matéria. Ótima autora.

- Você... é... o senhor conhece?

- Tudo bem. Não precisa me chamar de senhor. Você é meu amigo, Kal ou devo chamá-lo de senhor Foster também? – Tirso soltou um pequeno e não raro sorriso.

- Obrigado professor, mas o livro... – disse Kal voltando-se para o objeto nas mãos do professor.

- Ah claro! Sim, eu conheço os livros dela. Muito boa mesmo.

- Pode ser, talvez. Eu ainda não li.

- Não consegue abri-lo, certo? – disse Tirso forçando o livro a abrir da mesma forma que Kal fizera na noite anterior – Ela é uma escritora bem especial, eu gosto muito dela, mas seus livros são um tanto quanto, hã, geniosos, vamos dizer assim. Alguns livros não gostam de ex- por seu conhecimento a qualquer um, entende? Eles têm decisões próprias. É um feitiço in- quebrável. Realmente inquebrável! – frisou.

- Então como vou lê-lo?

- Bem, ele terá que se habituar a você.

- Aff... – bufou.

- Lamento, Kal, mas é assim que funciona. O livro terá que sentir que pode confiar em vo- cê. Traga ele para sua vida, passe com ele

momentos agradáveis.

- Vou amarrá-lo numa coleira e vou passear com ele na Cidade dos Elfos. – disse Kal brincando.

- Mais ou menos isto, mas sem a parte da coleira. Passeios e conversas são ótimos para torná-lo seu amigo.

- Então, assim vou conseguir lê-lo?

- É, bem... é o que dizem. Eu comprei um livro, já faz algum tempo, e até hoje não consegui abri-lo. Bom, espero que tenha mais sorte.

O último comentário de Tirso não animou muito Kal que não pode dizer mais nada, pois Wosky havia retornado.

- Matando serviço professor? – perguntou Amadeus sarcasticamente.

- Eu cumpro muito bem o meu horário, diferente de certos amaldiçoados. – a resposta de Tirso foi claramente ofensiva, era verdade que Amadeus havia faltado a algumas aulas nestes primeiros dias letivos – Muito bem, Kal, eu já vou, qualquer coisa pode me procurar.

Tirso saiu pela porta dupla sem mais despedidas. Amadeus parecia encarar Kal de forma curiosa, como se realmente quisesse saber que tipo de ajuda ele estava recebendo de Tirso. Assim que fez menção de perguntá-lo, porém, os alunos de Tadewi entraram com estardalhaço na sala de aula. Afoitos e levemente apavorados, os alunos sentaram-se em cadeiras individuais. Amadeus passou pelas mesas recolhendo os exercícios e deveres, lançava um olhar de desprezo para os alunos que diziam não ter completado toda a tarefa.

- Realmente não esperava encontrar, grandes bruxos nesta sala.
– a voz do professor foi subitamente interrompida por protestos dos estudantes – han, han... – pigarreou e assim conseguiu a atenção dos alunos – Espero que da próxima vez esforcem-se mais.

Amadeus suavemente oscilou sua varinha na direção dos pergaminhos que havia acabado de recolher, estes levantaram cerca de trinta centímetros da mesa e aterrissavam delicadamente já com as correções e notas. Em outro movimento de varinha o professor fez com que os pergaminhos voassem até seus respectivos donos. Alguns alunos olhavam desapontados para seus resultados e se afundavam nas mesas. Porém Kal sentiu-se extremamente feliz ao ver um nove em seu pergaminho.

- Espero que vocês reflitam sobre suas notas e pratiquem os exercícios da página vinte e cinco. *Quero* eles prontos para a aula de amanhã. Estão dispensados.

Por um instante todos os alunos permaneceram estáticos. Completamente espantados pela última frase do professor, *estão dispensados*. A primeira, das duas aulas de maldições acabara de começar e ele dissera *Estão dispensados?*

Amadeus Wosky encarou os alunos de maneira curiosa e abanou as mãos de forma a entender que era para eles saírem. Perplexos os alunos permaneceram sentados até que o professor repetiu com mais ênfase.

- Estão *dispensados!*

Sem mais explicações, os alunos jogaram suas mochilas nas costas e seguiram para fora da sala em fila. Ralph foi o último a recolher seus materiais, ao seu lado estava Guinevere, impaciente com a demora. Kal aguardava os dois na porta para escolherem um lugar aonde ir antes da próxima aula. Assim que os dois deixaram a sala triangular, Wosky selou as portas com um perceptível ar de intolerância.

- O que foi aquilo? Apenas cinco minutos de aula! – disse Kal tentando quebrar o grande iceberg entre os amigos, suas tentativas de reatar a amizade entre eles pareciam inúteis – Aff... – fez ele quando nenhum dos dois respondeu – Já vi que hoje não. Quer saber, cansei deste ciúme bobo.

Nesta hora, Guine e Ralph pararam para ouvir tudo o que Kal dizia, sem mesmo questionar.

- Acho que isto eu já disse, eu não tenho porque tornar minha vida um livro aberto para a curiosidade alheia.

Os dois coraram enquanto se entreolhavam, havia um fundo de verdade no que estavam escutando. Kal permaneceu ali tempo o suficiente para vê-los abaixar a cabeça, e então partiu rumo ao salão de Tadewi.

Chegando ao quinto andar, Kal ouviu a voz de Rômulo. O garoto o chamou tão alto que algumas pessoas que estavam estudando na biblioteca colocaram suas cabeças para fora procurando pelo motivo de tanto barulho.

- Bom dia, *Foster!* *Foster, Foster, Foster...* – repetiu debilmente –
Meu Guardiãomirim.

- Eu sou guardião da escola Rômulo. – respondeu Kal de forma ríspida.

- Da no mesmo. – disse dando de ombros – Bem, Foster, para onde você iria mesmo? Não interessa. – falou antes que Kal respondesse qualquer coisa – O que nos interessa é para aonde vamos.

- E aonde vamos?

- Para a sala do Conselho Estudantil.

- E onde fica?

- Como onde fica? Você tem muito a aprender meu pequeno Foster. – Rômulo realmente parecia orgulhar-se em dizer o nome Foster. Durante o caminho ele gargalhava alto e pronunciava o tal nome. Kal achou que iria ser pregado a uma base de madeira para Rômulo carregá-lo como um troféu por toda a escola. Ele o guiou até o sexto andar e pararam diante uma cortina vermelha e com alguns buracos pessimamente remendados com linha branca. Com as mãos, Rômulo separou as cortinas revelando uma parede de pedra polida.

- Está vendo? É um cômodo secreto.

- Secreto?

- Aff... eu tenho que explicar tudo... OK! Funciona assim, você põe a ponta da varinha dentro da cortina e diz. *Sadauá!*

Uma luz fraca escapou pelos buracos da cortina e um leve vento surgiu por trás do tecido que revelou uma pequena porta de madeira.

- Prestou atenção? É só dizer Sadauá. Para fazer a passagem sumir é só bater a porta. OK?

- Dizendo Sadauá a porta aparece e para fazê-la desaparecer é só fechar. – repetiu Kal.

Ao entrar na sala, Kal se deparou com uma pequena mesa com espaço para seis cadeiras, embora só houvesse cinco. Estantes de livros, armários dos mais variados tipos e tamanhos, com os mais variados objetos, pontiagudos, esféricos, retangulares... Almofadas e tapetes felpudos, tudo extremamente aconchegante, como se fosse o quarto de um rei, nem mesmo a sala de Cadius parecia tão requintada. Uma lareira gigantesca no fundo da sala estava rodeada pelo conjunto de poltronas vermelhas recém adquiridas pelo conselho que Kal vira no terceiro andar quando conheceu Rômulo. Aos pés das poltronas estava disposto um enorme tapete azul cor do céu, pintado com o brasão da escola, um grande "A" em cima de alguns livros e uma pequena coruja branca repousando sobre a

letra. Luminárias pendiam do teto e sua luz bruxuleava pelo quarto como se fossem dançarinas alegres.

- E então, gostou do lugar? – perguntou finalmente Rômulo.

- É maravilhoso.

- Bem, acho que podemos nos acomodar um pouco antes dos outros membros chegarem a darmos início à reunião.

Rômulo atirou-se em cima de uma das gigantescas almofadas enquanto Kal passeava pela sala tentando ver os títulos dos livros dentro das estantes.

- Pode ficar a vontade, pequeno Foster. Esta sala também é sua. Ah! Estava me esquecendo. – falou tirando um pequeno e

brilhante broche do bolso. – Isto agora é seu! – Rômulo jogou o objeto nas mãos de Kal.

- Mas o que é E.T.? – perguntou ao ler o broche.

- Apenas um detalhe. – Rômulo aproximou-se de Kal e puxou a varinha, tocou no broche e o E.T. transformou-se em K.F..

- Mas quem era E.T.? – insistiu Kal.

- Não me lembro agora. Veja, chegaram.

A porta se abriu e os outros três membros se juntaram a eles. Marcos Herdam parecia ainda mais raquítico aquela manhã, usava vestes longas e aparentemente pesadas. De tão largas, as roupas pareciam couro de hipopótamo cobrindo uma vassoura, mal se via

seu rosto escondido entre as madeixas enegrecidas, era tão magro que no momento em que entrou na sala, Kal pensou estar revendo a mesma criatura que o atacara no dia anterior. Antonio Furta- do era completamente o oposto. As pernas compridas e roliças lhe davam certa altura, mas a barriga estufada lhe garantia uma leve semelhança com um barril.

Por outro lado, Emanuela Goldemberg, como sempre, estava estonteante. Os cabelos lon- gos e loiros estavam presos a uma fivela em forma de borboleta com pequenas pedras relu- zentes em suas supostas asas. As pedras eram facilmente ofuscadas quando o sol penetrava pela janela e iluminava seus lindíssimos olhos azuis e sua pele quase albina.

Rômulo trancou a porta do conselho e ordenou que todos se sentassem. Propositalmente, Kal se apressou para se sentar ao lado de Emanuela. Estando na extremidade da mesa, sen- tado em uma cadeira que mais lembrava um trono real, Rômulo iniciou a reunião.

- Estamos aqui, em nossa primeira reunião oficial, para decidirmos o modo que iremos tra- balhar este ano e explicar algumas regras aos nossos novos membros. – Rômulo lançou um leve olhar a Kal e Emanuela – Muito bem, vou começar explicando qual a responsabilidade de cada um no conselho. Marcos Herdam,

Tesoureiro, encarregado de administrar os recursos oferecidos ao Conselho. Antonio Furtado, Inspetor, supervisiona o castelo regularmente, ninguém sabe o que esses alunos trazem de casa, não é? – comentou – Emanuela Goldemberg, que graciosa, – este último comentário não deixou Kal satisfeito – trabalha com a comunicação entre alunos e Conselho. Kalevi Foster, para nós, Foster, nosso Guardiã-mirim dos terrenos de Avalon, ele deverá supervisionar as ações dos alunos e protegê-los, com a vida se preciso! Não se preocupe Foster, os últimos anos têm sido tranquilos por aqui. Por fim, eu, presidente do Conselho Estudantil e representante dos alunos perante a direção.

- Bem, declaro encerrada a reunião. Voltemos as nossas atividades.

Aquele dia parecia o dia das maluquices e da pressa. Primeiro, Amadeus Wosky e sua aula de cinco minutos. Agora Rômulo e sua reunião de nem trinta segundos. Falta de compromisso e responsabilidade? Mas Kal não se importara. Na verdade agradeceu em silêncio, pois agora ficaria sozinho na sala do conselho.

Ele viu os quatro alunos desaparecerem pela porta e em seguida levantou-se para analisar a sala. Aproximou-se de um armário feito de madeira entalhada com detalhes florais e uma pequena

maçaneta de vidro ou cristal. Ao tentar abri-la, para sua surpresa, viu que estava trancada.

- Opandor!

A pequena maçaneta estalou e assim o armário estava aberto, revelando seu conteúdo: alguns frascos vazios e instrumentos de mistura, colheres e conchas, alguns conta-gotas, etc. Nada daquilo pareceu despertar a atenção de Kal, que fechou o armário e partiu para o próximo.

- Opandor!

O armário de carvalho rangeu e revelou uma grande quantidade de livros, de diversas cores e tamanhos, um em especial chamou a atenção, era grosso e tinha as páginas douradas, as letras do título eram de um azul vivo, que contrastava gravemente com a capa de couro verde. "O ataque da força mágica". Sem outros pensamentos Kal passou a folhear o livro sentado em uma das poltronas macias da sala.

O livro contava histórias de vários bruxos e bruxas famosos que haviam conseguido grandes êxitos usando feitiços simples, como os que seriam ensinados naquele exemplar. Ele folheou o livro desesperadamente a procura de algo mais interessante do que relatos de experiências com vampiros, lobisomens e fantasmas encenqueiros.

Depois de muito procurar, encontrou, quase pelo final do livro, um feitiço bem simples de ser reproduzido e de grande efeito, segundo a descrição.

O feitiço Farfalha libera da varinha de um bruxo, pequenos estilhaços que são capazes até mesmo, dependendo do bruxo, de rasgar a pele de um dragão...”

Após ler o trecho do livro em voz alta, Kal posicionou a varinha para uma das almofadas e disse em uma voz firme e decidida.

- *Farfalha!* – cinco ou seis pequenos pontos luminosos rasgaram o ar com um pequeno ruído e acertaram a almofada, que ao receber o golpe, ficou totalmente desmantelada. Plumas brancas voaram pelo quarto formando um grande tapete de penas.

Para sua surpresa, Rômulo estava parado na porta assistindo toda a cena. Kal esperava claramente uma repreensão, mas ao invés disto Rômulo lhe sorriu e disse.

- Se quer treinar feitiços como este, precisa antes aprender a arrumar a bagunça que eles causam. Balance a varinha e diga firme. *Concertônia!* – a varinha de Rômulo agitou no ar e as plumas levitaram e aceleraram de volta aos buracos da almofada, que ao encher costurou seus rasgados instantaneamente.

- Desculpe... é... eu não tinha intenção...

- Não se preocupe, Foster, você só estava cumprindo seu papel de Guarda-mirim. Aprenda um bom feitiço. Parabéns!

Kal não sabia se era a emoção do momento, a oportunidade de conhecer um mundo completamente novo, ou se era apenas um leve entusiasmo, mas ele sabia que estava gostando de tudo aquilo. Aprender novos feitiços sozinhos, usar um broche legal, ser respeitado pelos alunos e principalmente passar um tempo junto com Emanuela. O Conselho Estudantil estava se mostrando muito mais interessante do que ele imaginara.

Empolgado com a pesquisa, o garoto se afundou em outros livros, imitando uma ação que facilmente seria percebida em Daimon. Kal ficou ali lendo e relendo feitiços e conjurando alguns. Efeitos desastrosos estouraram pela sala e ele agradeceu a Rômulo pelo Concertônia, pois cada cadeira quebrada ou livro rasgado lhe garantiriam uma boa detenção.

Exausto de tanta prática, ele permitiu-se um descanso em uma das almofadas de pena de ganso. Não se dando conta de quanto tempo ficou ali deitado Kal despertou ao ouvir a badalada do grande sino da torre a qual, um dia antes, Jonathan havia se

jogado, particularmente, ele achava, ou melhor, tinha certeza, que Jonathan havia sido enfeitado por alguém, mas não sabia exatamente quem, pois jurava ter ouvido uma voz feminina persuadir o garoto segundos antes dele, supostamente, se jogar.

Antes de sair da sala, Kal conferiu se o corredor estava vazio, naturalmente sim, a sala do Conselho Estudantil ficava em uma parte isolada no sexto e último andar do castelo, era natural que não houvesse alunos passeando por ali todo instante.

Faltava apenas dez minutos para a aula de Biomagia, e Kal nem ao menos sabia onde ficava a sala de aula, sua maior esperança era encontrar algum aluno conhecido que pudesse lhe indicar o caminho. Perambulou pelo corredor do quinto andar, mas não encontrou nada, nem sala de aula ou aluno. Assim que iniciou a descida até o quarto andar ouviu a voz de seu irmão.

- Hei, Kal!

- Daimon! – saudou – O que você está fazendo aqui?

- Estou indo para a aula de Biomagia.

- Oh! Sério? Quero dizer, eu também estou indo para essa aula. Vamos!

- Ok! Devemos nos apressar, restam menos de cinco minutos para a aula e nós ainda temos que chegar ao terceiro andar.

- Claro, é... eu estava indo agora mesmo... – disfarçou.

- Por que você, Guine e Ralph ainda estão brigados? – perguntou Daimon enquanto caminhavam.

- Bem... eu não sei exatamente porque estamos brigados, mas...

- Eu sei, Kal!

- Sabe?

- Guine me contou tudo no café da manhã.

- Ah, ela contou.

- Por quê? Não deveria?

- Não, não, tudo bem. Eu só... – Kal parou por um momento e resolveu mudar de assunto – Recebi o livro!

- Que liv... ah, meu Deus! Você já recebeu o livro da Van Feo? Incrível!

- Incrível é o livro.

- Posso ler?

- Não.

- Kal? – Daimon pareceu assustado com a resposta do irmão – Não deveria ser tão egoísta, já que *eu* achei o livro.

- Eu sei, eu sei. Acontece que o livro não pode ser lido.

- E por quê?

- Porque ele não quer!

- Han?

- Aff... o livro não se deixa ser aberto.

- Posso vê-lo?

Os dois pararam. Já estavam no corredor do terceiro andar, Kal puxou da mochila o livro, o lado do rosto que se mantinha acordado estava ligeiramente mais calmo em relação à noite anterior. Daimon apossou-se do objeto e tentou abri-lo, não conseguindo, encostou a varinha no livro e quando ia dizer um feitiço, foi interrompido por Kal.

- Já tentei usar o *Opandor*.

Daimon apenas fitou o rosto de Kal com olhar um desgostoso e prosseguiu.

- *Scringer Secret Schoupan!*

O livro pareceu receber uma grande descarga de energia, voou da mão de Daimon e caiu em frente à porta da sala de Biomagia.

Kal aproximou-se do livro, ainda fechado, e o recolheu dizendo.

- O que foi isso?

- Uma derivação super poderosa do Opandor. – respondeu Daimon.

- Onde você aprendeu?

- Na biblioteca. Bem, não teve efeito não é?

- Não. Tirso disse que este é um tipo de feitiço *inquebrável*. – ressaltou.

- Ah...

- Para dentro, os dois! – rugiu a professora Flora de dentro da sala de aula.

- Desculpe, professora. – disseram.

- Sentem-se e não atrapalhem mais minha aula!

Ela era uma mulher alta e magra, tinha os cabelos ondulados e levemente ruivos, uma boca extremamente desproporcional em relação aos seus enormes dentes. Usava um vestido longo rosa, de tecido fino. Também usava um belo echarpe vermelho sangue amarrado ao pescoço, uma sandália de couro também rosa e os dedos dourados pela grande quantidade de anéis.

- Meu nome é Flora, sou a professora de Biomagia, que como nome já diz, é o estudo da vida mágica. Acredito que todos vocês tenham comprado uma planta, certo? – perguntou ela inclinando-se para frente – Então, é hora de usá-las.

Flora agitou a varinha e o ar explodiu em uma nuvem de fumaça azul na frente de cada um dos alunos. Pequenos jarros surgiram na frente em suas mesas. A *Fantara d'ouro* de Ralph já exibia um pequeno broto que protuberava no caule, mas esta não foi a planta que mais chamou a atenção da professora Flora e dos demais alunos. A Herviana de Kal continuava soterrada, só que agora em um jarro bem maior, chegava a ocupar dois lugares na mesa. A professora se aproximou do garoto com um par de luvas de couro e disse:

- Acho que a professora Margarida já lhe advertiu, mas vou lhe dizer mesmo assim, plantas como a Herviana não gostam de muita luz, são plantas que exigem o máximo de cuidado quanto a isso. Elas também possuem um veneno poderosíssimo, portanto... – ela lhe entregou o par de luvas e apressadamente Kal a pôs – Você deve ter um bom motivo para ter escolhido esta planta, Foster, então deverá arcar com as consequências. Você fará todos os exercícios da aula, assim como os demais alunos. Alguns desses exercícios vão lhe exigir uma certa concentração e perspicácia, porque você não saberá o que está vendo ou fazendo, será como

uma cirurgia no escuro. Contudo, quero que persista. Estamos combinados?

- Sim, professora. – respondeu ele agitando a cabeça de forma que ela entendesse que ele compreendera bem o recado.

A professora Flora lançou-lhe um pequeno sorriso e seguiu para o quadro negro.

As duas aulas de Biomagia voaram como mágica. Pequenos desastres aconteceram quando Jonathan tentou pegar um pouco de saliva da sua planta carnívora. Depois de engolir o pequeno frasco onde deveria ser despejada a saliva, a planta começou a sugar o braço do garoto. Ela foi acalmada quando Flora fincou sua própria varinha no vaso da planta e disse:

- *Planta Exander!*

Uma luz branca voou pelas imperfeições do vaso e a planta automaticamente murchou e soltou a mão de Jonathan.

- Se tivessem lido o livro *Olho mágico*, na página cinco, saberiam que o Exander é um feitiço paralisante e de grande utilidade em se tratando de criaturas mágicas. – ela disse com a cara amarrada.

Já no almoço, Kal estava isolado dos demais alunos de Tadewi, até que duas figuras inesperadamente sentaram ao lado dele.

- Inacreditável como Jonathan é azarado! – falou Guinevere posicionando-se ao lado direito do garoto e Ralph sentando-se do lado oposto – Quero dizer, primeiro uma queda de mais de seis andares e agora ele quase foi engolido pela própria planta!

- Não exagera, Guine! – falou Ralph.

- E você, Kal, o que acha? – finalmente depois de um dia inteiro de gelo Kal havia sido notado por Guinevere e Ralph. Poderia claramente ter ignorado a pergunta e continuado seu almoço, mas ele não estava disposto a continuar com esse clima de tensão. Engolindo um último pedaço de carne, disse:

- Não acho que tenha a ver com azar.

- Como assim? – perguntou Ralph de forma tão normal que parecia nunca terem discutido.

- Eu contei a vocês o que eu ouvi.

- Ah sim... – falou Guinevere desanimada. Mudando de assunto ela disse – Daimon nos contou sobre o livro.

- Ok. – Kal empurrou seu prato para frente e pôs o grosso livro prateado sobre a mesa.

- Daimon também deve ter lhes dito que ele não pode ser lido.

- Falou sim. – disse Guinevere – Você já conversou com Tirso, não é?

- Sim. – respondeu – Ele disse que isso é um feitiço *inquebrável*.

- Daimon disse que ele tentou abri-lo com a varinha...

- Isso para mim é impossível, Ralph. – respondeu Kal.

- O quê? Abri-lo por magia? – perguntou.

- Sim. Tirso falou que eu preciso ser amigo do livro.

- Oh, certo. E como se faz isso? – perguntou Guinevere erguendo as sobrancelhas.

- Eu não sei, mas vou tentar agradá-lo. – disse Kal dando de ombros.

- Talvez um banho! – sugeriu Ralph.

- Banho Ralph? É um livro! – falou Guinevere em desânimo.

- Eu sei. Eu quis dizer um banho de perfume, sei lá...

- Han? – exclamaram Kal e Guinevere quase que ao mesmo tempo.

- Mamãe usa sempre para espantar pragas domésticas.

- Meu livro não é uma praga, e muito menos eu quero me livrar dele.- falou Kal.

- Eu sei, eu sei. Eu vou explicar. É um feitiço que emana uma fumaça cheirosa. Vejam!

- Ah, meu Deus... – falou Kal quase prevendo o que estava para acontecer.

- *Fétida!* – Ralph apontou a varinha para o livro e uma fumaça marrom saiu da ponta e um forte cheiro de enxofre invadiu metade do salão fazendo com que alguns alunos fossem obrigados a se levantar de suas mesas para se afastar do centro daquele mau cheiro.

Kal puxou Guine e Ralph para fora da nuvem de fumaça marrom fedorenta que havia se formado em volta de toda mesa de Tadewi.

- Faz isso parar! – berrou Guinevere.

- Ok, espera só um pouco... han, como era... – falou Ralph apressadamente olhando para cima agitando uma das mãos em

desespero – Oh, certo, é isso mesmo. *Lócus Amenus!*

Subitamente a varinha de Ralph parou de emanar a fumaça, mas os efeitos ainda podiam ser visto por todo o salão.

- Cinco alunos desmaiados, senhor Scheiffer. – disse Tirso com furor depois que a confusão se encerrara e guiou os três até o salão de Tadewi, no quinto andar – E eu pensei ter lhe dito, Kal, que o livro não poderia ser aberto com magia! Os três ganharam uma detenção sábado de manhã em minha sala às nove horas!

- Professor... – balbuciou Ralph.

- Sim, senhor Scheiffer, deseja fazer algo mais estúpido antes? – falou Tirso mantendo o tom de seriedade em sua voz.

- Eu fiz sozinho... a idéia do feitiço foi minha, só minha.

- Entendo. Você está assumindo a culpa sozinho. Então acho que Kal e a senhorita Lin- genstain não terão detenção. Bem, isso significa trabalho extra para você, senhor Scheiffer. Espero vê-lo no sábado às nove horas, teremos muitas caixas para arrumar.

Dito isto, Tirso saiu pela passagem que ligava o salão de Tadewi ao corredor do penúltimo andar. Assim que a passagem se fechou, Kal disse:

- E o livro permaneceu intacto.

- Han? – espantou-se Guinevere.

- Vocês ouviram Tirso, cinco alunos desmaiados. E o livro nem ao menos pegou o cheiro do feitiço. – finalizou encostando o nariz no livro.

- Humpft... Duas aulas de poções e mais duas de Cleri-qualquer coisa. – desanimou Ralph jogando-se em uma poltrona.

- Clerigologia! – corrigiu Guinevere.

- Serve também...

- Vamos descer. – chamou Kal.

Os três passaram pelas duas estátuas e se apressaram, pois a sala de poções ficava no primeiro andar, segundo informações dadas por outros alunos.

Mesmo já estando no primeiro andar os três ainda pareciam perdidos, rondaram o saguão de entrada olhando sala por sala até que finalmente encontraram a aluna Representante de Tadewi, Tâmis. Ela estava caminhando no estreito corredor esquerdo do primeiro andar quando os garotos a pararam.

- Tâmis, onde fica a sala de poções?

A garota pareceu levemente assustada ao vê-los, percebia-se nela um ar gelado, e algumas gotas de suor corriam-lhe pela testa.

- Ali. Final deste corredor. – respondeu a garota apressadamente. Na tentativa de avançar até o salão principal, Tâmis deixou cair alguns frascos cheios de um líquido amarelo e viscoso. Ela soltou um pequeno “ah” quando os potes quebraram. O mesmo forte cheiro do feitiço de Ralph infestou o estreito corredor emanado pelo líquido caído ao chão. Prontamente Kal disse:

- *Concertônia!* – apontando a varinha para o líquido e os cacos de vidro espalhados pelo chão, Kal criou um efeito interessante de se observar. Vidro e líquido se ergueram e reconstituíram os três potes que haviam caído.

- Obrigada! – disse Tâmisia recolhendo os frascos do chão e se apressando para fora do corredor.

- Vamos também! – exclamou Guinevere.

Quando chegaram na grande sala de poções o professor preparava-se para discursar.

- Entrem. – chamou ele.

Kal, Ralph e Guinevere correram para três cadeiras vazias no meio da sala e juntaram-nas.

- Pronto? – perguntou o professor de poções – É sempre uma grande honra ensinar a jovens mentes. Eu já vi entrar por aquela mesma porta – disse ele apontando para a porta da entrada da sala, e todos acompanharam seu gordo e torto dedo indicador – grandes mentes, eu vi a determinação, a força de vontade e sim eu vi, com certeza vi, o desespero. Agora vocês perguntam, *“uma mente desesperada pode ser brilhante?”*. Eu respondo que sim. Querem um exemplo. Senhor Freman, diga-nos quando foi que apresentou algum tipo de talento mágico. – falou o professor novamente apontando, só que agora para um garoto gordo e loiro, aluno de Tadewi. Este o respondeu:

- Quando tinha quatro anos e fui atacado por um Ogro, acho que era do tipo Neandertal, não me lembro. Sei que o transformei em um coelho.

- Genial e brilhante! – exclamou o professor balançando sua grande barriga, os cabelos lisos e castanhos muito bem divididos também balançaram com o pequeno giro – Alguém mais quer compartilhar uma experiência? Você! – apontou seu dedo gordo para Kal.

- É... eu não... eu não sei como explicar professor. – respondeu timidamente.

- Ah claro. Alguns sempre se esquecem...

A resposta de Kal não agradou muito ao professor, porque este mudou repentinamente sua expressão, de euforia à incredibilidade. Mas Kal havia sido sincero em sua resposta. Ele de fato não sabia como se tornara bruxo. Ele nasceu completamente sem dons mágicos e da noite para o dia estava fazendo pratos voarem como discos voadores e copos rangerem.

Os demais alunos abaixavam a cabeça disfarçando e fugindo do dedo gordo do professor. Ao que parecia, mais ninguém tivera uma

experiência como Freman.

- Falando de esquecimento. – retomou ele – Que cabeça a minha, sempre fico empolgado com novos alunos. – comentou – Mas bem, acho que ainda não me apresentei. Eu sou o professor Paulo Pote! – disse enfático – e antes que eu me empolgue novamente, vamos abrir o livro *Poções potificantes*, de minha autoria. Bem, de qualquer modo abram-no na página dez, oh não. Não, não, não, definitivamente não... A página dez é onde eu coloquei o meu artigo sobre poções do amor, podem lê-lo depois, muito interessante. A página certa é a quinze. – corrigiu-se depois de uma boa folheada no livro – Aqui! A poção Mekeivan. Alguém sabe me dizer para que serve?

Alguns alunos ergueram o braço no ar, e só agora Kal havia reparado nos alunos de Katzin, sentados no sentido oposto ao dele, Guinevere e Ralph.

- Oh! Srta. Goldemberg, por gentileza. – Pote parecia conhecer muito bem seus novos alunos, por que assim que Emanuela errou em sua resposta, dizendo que a poção Mekeivan fazia crescer cabelos na sola dos pés, ele imediatamente apontou para uma aluna de Tadewi chamada Samara Bringer, uma garota morena e de cabelos volumosos e cacheados. Ela respondeu corretamente

que a poção Mekeivan era um calmante para criaturas transmórficas, ou seja, criaturas com poderes de se transformar, e que ainda poderia ser usada para impedir ou desfazer tal transformação, como vampiros e lobisomens. Alguns alunos de Katzin fizeram “uhs” em protesto quando o professor parabenizou a aluna.

- Alguém quer fazer uma observação?

A mão de Kal ergueu-se solitariamente, todos olharam curiosos para ele. Pote pareceu ligeiramente espantado, mas Kal não entendeu aquela atitude, afinal o professor havia feito a pergunta. Segundos antes de responder, ao gesto do dedo indicador do professor, Kal percebeu que não havia sido feita uma *pergunta*, e sim uma *confirmação* para saber se todos haviam entendido.

- Ah, desculpe professor, mas não acho que em um encontro com um vampiro sanguinário ele vá esperar você preparar uma poção. – disse Kal lembrando-se de Thom e como ele ficara violento e intolerante depois que se transformou - Quero dizer, você simplesmente diz “*aguar- de um momento, senhor vampiro*”? e se fosse o caso de já ter a poção devemos dizer “*beba isto por favor*”?

- Muito astuto de sua parte senhor Foster. Interessante ponto de vista. No entanto se o senhor desconsidera o uso da poção, o que sugere?

- Formanômago. – apressou-se em responder.

- Excelente! Muito bem lembrado. – disse ele caminhando diante dos alunos com as palmas juntas e brincando com os próprios dedos. – Para os que não conhecem, Formanômago é um feitiço muito simples e eficiente, capaz de reverter a transformação de certas criaturas mágicas, como um vampiro, mas não é eficaz contra lobisomens. Em contra partida, ele não é capaz de bloquear, previamente, a transformação. A poção Mekeivan, se ingerida por um vampiro ou outra criatura que sofra alguma transformação, como lobisomens, tem seus poderes anulados. E se for ingerida em grande quantidade pode custar-lhes a vida. Ou seria a morte? – refletiu o professor quanto aos vampiros – Entende agora senhor Foster?

Kal balançou a cabeça positivamente e desceu os olhos até o livro *Poções Potificantes* e admirou as figuras dispersas da página quinze. Cinco cabeças de alho e algumas folhas de mandrágora, um tipo de pólen roxo e algo que lembrava vagamente a raiz de alguma outra planta. Abaixo do desenho um caldeirão com a inscrição *prata*, acompanhado de uma colher de madeira.

- Procurem os ingredientes da poção nos armários e misturem em seus caldeirões. – falou o professor apontando para um armário no canto da sala.

- Professor, não temos os caldeirões de prata. – informou Ralph que em seguida foi apoiado pelos demais alunos.

- Sem problemas. – respondeu o professor agitando a mão no ar e repousando em sua enorme barriga. – Podem pegá-los naquele outro armário. – falou mais uma vez apontando para um segundo armário do lado oposto ao primeiro.

- Está trancado. – falou uma voz a qual Kal não soubera reconhecer.

- Não é possível! – resmungou Pote aproximando-se do armário – *Opandor!* – a pequena fechadura de metal rangeu, porém não pareceu abrir.

- Pode estar com alguma senha. – falou Samara lembrando-se da aula de feitiços.

- Duvido muito, duvido muito... – retorquiu o professor – Algum de vocês quer tentar? – perguntou indicando a maçaneta.

- Professor! – chamou Kal.

O garoto puxou a varinha de dentro das vestes, apontou para o armário e lembrando das palavras exatas de Daimon disse:

- Scringer Secret Schoupan!

Assim como havia acontecido com o livro, o armário pareceu receber uma descarga elétrica e balançou. Por fim a fechadura estalou e as duas portas de madeira despencaram no chão soltas de suas dobradiças.

- Drástico, mas eficaz... – falou o professor.

- CAPÍTULO VIII -

O fio de prata

Paulo Pote jurou que junto aos caldeirões de prata havia vários frascos da poção Mekeivan. Ele disse ter cedido apenas alguns frascos para uma aluna, que ele não revelou o nome, porque se tratava de um problema pessoal dela, mas ainda assim restaram alguns frascos no armário, mas ao julgar pelas aparências, impossível ter tantos frascos de poções naquele armário. Os caldeirões estavam todos perfeitamente alinhados e ocupando todo o espaço. Não havia sinal de qualquer arrombamento, pelo contrário, o armário estava mais trancado do que uma fechadura de banheiro ocupado.

- Quem teria pegado a poção do professor? – indagou Guine enquanto os três se aproximavam da sala de Clerigologia, que ficava no quinto andar.

- Alguém que quer enfrentar um lobisomem. – sugeriu Kal divertindo-se com a situação.

- Pode ter sido qualquer pessoa do castelo. – continuou Ralph, que assim como Guine, havia tomado o partido do professor acreditando, de fato, que alguém entrara em sua sala para roubar alguns frascos de uma poção idiota, na opinião de Kal.

- Francamente! Até mesmo a imbecil da Emanuela Goldemberg conseguiu fazer a poção! – bravejou Guinevere.

Kal não sabia exatamente porquê, mas um instinto selvagem invadiu-lhe a mente e por um momento pensou em atacar Guinevere por insultar Emanuela na sua frente. No entanto, Ralph foi mais rápido e cortou o clima.

- Talvez alguém que esteja com muita pressa da poção.

- E muito bem informado também. – falou Guine.

- Como assim? – questionou Kal ainda tentando disfarçar sua irritação com a garota.

- Esta foi nossa primeira aula de poções, e a de Katzin também.

- Então, resta Angus. – concluiu Kal.

- Sim. E se Angus teve aula de poções antes de nós eles fizeram a poção Mekeivan. – falou Guinevere parando subitamente – Olhem o Daimon!

O garoto aproximou-se ligeiramente assustado, Guinevere havia gritado tão alto que alguns alunos lançaram-na um olhar de reprovação e de curiosidade.

- Qual o problema? – perguntou Daimon.

- Vocês já tiveram aula de poções? – perguntou afoita.

- É... professor Paulo Pote, certo? Sim nós tivemos aula com ele ontem.

- Ok. – disse ela.

- Mas porque a pergunta Guine?

- É que estávamos na aula de poções preparando a Mekeivan, quando o professor Pote foi pegar caldeirões de prata para usarmos e deu por falta dos frascos da poção.

- Então vocês estão achando que a sala dele foi roubada?

- Tenho certeza. – afirmou Guine.

- Mas por que alguém iria roubar uma poção Mekeivan? Ela é tão simples de ser feita. – disse Kal.

- É como eu já disse. A pessoa deve estar com muita pressa de usar a poção. – reafirmou Ralph.

- Mas o preparo da poção é uma questão de minutos. – retrucou Kal novamente.

- Você leu toda a página quinze? – perguntou Daimon, e vendo a expressão negativa no rosto do irmão, continuou – No fim da página, havia uma observação dizendo que a poção precisa de pelo menos uma noite de lua crescente para que seus poderes sejam suficientemente bons para ser usado contra qualquer criatura mágica.

- Sério? – indagou Guine – Isto estava na página quinze?

- Sim.

- De qualquer forma isto não responde quem roubou a poção. – disse Guinevere.

- Responde sim. – questionou Ralph – Se de fato alguém roubou a poção, esta pessoa de- veria saber o horário de aula de Angus. Para saber que eles fizeram a poção ontem.

- E Tâmis? – retruca Guine – Nós a vimos com alguns frascos. Poderia ser a poção, tinha cheiro forte pelo menos.

- Sim. – concordou Kal – Mas o professor Pote disse que cedeu alguns frascos para uma aluna. E como ela estava a poucos minutos da sala de poções, nos leva a crer que ela é a tal aluna.

- Concordo plenamente. – disse Daimon – Esta Tâmis é a Representante de Tadewi não é?

- Sim. – responderam os outros três de imediato.

- Os Representantes são escolhidos pelo seu desempenho e pelo seu bom caráter. – concluiu – Certamente foi alguém de Angus. Vou tentar descobrir quem.

- Ok, caso encerrado. – diz Kal com certo alívio – Não precisa se meter nestes assuntos, Daimon. Estes dois é que gostam de bancar os detetives...

Ralph e Guine ainda não concordavam com Kal, mas não pretendiam questioná-lo mais, afinal, acabaram de reconciliar e a última coisa que queriam provocar era uma briga, que talvez se tornasse definitiva. Os dois também achavam que ele tinha uma certa razão ao dizer que não precisavam se envolver mais no assunto. Não era da conta deles.

Daimon seguiu, então, para a horta enquanto Kal, Ralph e Guine seguiram até a sala de Clerigologia, que ficava no primeiro andar, acompanhados dos demais alunos de Tadewi.

As portas duplas da sala de Clerigologia estavam completamente fechadas e com um pedaço de pergaminho pregado. Nele havia escrito em letras verdes e bem cintilantes o recado:

Prezados alunos,

Devido um pequeno imprevisto, a professora Cristina foi obrigada a se ausentar do castelo. Lamentamos o inoportuno, mas não encontramos nenhum substituto. Vocês serão compensados com uma aula extra de feitiços. Adiantem-se até o terceiro andar.

A Direção

- Francamente! E papai ainda diz que esta é a melhor escola para bruxos do país. – bufou Ralph – Nenhum professor aqui parece ter responsabilidade ou noção de compromisso com o trabalho.

- Fale isto por Amadeus Wosky. – disse Guine – É ele quem sai da escola sem dar qual-quer explicação. E por pior que seja, “*um pequeno imprevisto*”, se comparada às atitudes de Wosky, é uma ótima explicação.

- Vamos. – chamou o garoto ainda roxo de raiva.

Ao passarem pelas escadas, novamente, até o terceiro andar, avistaram o professor Tirso que estava confortavelmente encostado em uma das grandes e grossas colunas de mármore em frente a sua sala. Algumas delas possuíam buracos onde pássaros podiam construir ninhos espaçosos. Estas deformações artisticamente delineadas mostravam-se completamente ocultas ao dia, no entanto, se observadas à noite via-se uma bela e forte luz branca capaz de iluminar o ambiente a sua volta a uma distância de metros.

- Tarde! – cumprimentou Tirso aos alunos que chegavam esbaforidos por subirem três andares em menos de dois minutos – Parece que teremos uma aula extra. – falou o professor sorrindo para os alunos – Entrem, vamos, entrem...

Depois de se acomodarem nas cadeiras da frente, Kal, Ralph e Guine largaram suas mochilas no chão e começaram um árduo trabalho para se abanar, sendo acompanhados pelos demais alunos.

- Está quente não está? – Tirso ergueu a varinha e uma brisa gelada atravessou a sala e tornou o lugar um cômodo muito confortável – Estou tão surpreso quanto vocês a respeito desta nossa aula. Eu estava com este tempo livre. Não ia deixá-los à toa. Bom eu não tenho nada planejado para nós fazermos... alguém poderia dar uma sugestão?

- Professor! – chamou Freman com a mão frenética no ar – Poderíamos aprender este feitiço que o senhor usou agora?

- Hum... Calma, calma, Sr. Freman. Isto que eu fiz não é bem um feitiço. E ainda é um pouco avançado para vocês. – respondeu.

Houve um pequeno silêncio por um tempo, a não ser por murmúrios e cochichos dos alunos que pareciam unir as idéias como teias trançadas por aranhas ou como os fungos que unem suas hifas para formar uma estrutura única, os micélios.

- Ninguém pensou em nada? – indagou o professor olhando para os alunos – Pode falar Kal – disse ele assim que enxergou a mão do garoto levantada.

- É prof... – Kal interrompeu sua fala e lembrou-se das últimas conversas que tivera com Tirso e este o dissera para que ele o chamasse pelo nome – Tirso, poderíamos discutir, conversar... sobre projeção astral? – finalizou ele. Kal não gostava muito de ser o centro das atenções, não gostava de falar em público. Não era nada bom nisto.

- Não conseguiu nada com seu livro não é? – perguntou o professor apontando para o *A- lém da matéria* que agora, estava sobre a mesa em que Kal estava sentado – Se ninguém mais tiver alguma objeção. – vendo o rosto apático dos alunos Tirso resolver começar, sabia que nenhum outro aluno iria responder qualquer coisa – Normalmente, projeção astral é assunto para o terceiro ano, mas não custa dar uma palavrinha. A projeção astral, ou viagem astral, como preferirem, nada mais é do que uma forma de libertação e descanso. Deixe-me melhorar minha colocação. Cada criatura tem um cordão que liga o corpo físico ao corpo astral. A ele damos o nome de *Fio de prata*, é ele que mantém a ligação entre os dois corpos durante a projeção. Agora, porque o nome projeção? – disse estalando os dedos e erguendo o rosto para o teto com o olhar curioso – Chama-se assim, porque o corpo astral é uma projeção do nosso corpo físico. Exatamente como uma cópia...

- Professor! – chamou Samara Bringer – E como se projeta este corpo no astral?

- Bem, este é o segredo da viagem astral. Saber como iniciá-la. O básico, muita concentração! – respondeu Tirso quase que somente para Kal – Desprenda-se de qualquer coisa que possa te atrapalhar, esteja sempre de cabeça vazia quando for tentar.

- Mas o que veremos quando conseguirmos sair do corpo físico?
– perguntou Kal que agora estava fazendo movimentos leves no rosto do próprio livro.

- Veremos exatamente o que vemos sempre. – respondeu.

Houve alguns “ah” quando Tirso falou que o mundo astral era também, igual ao mundo físico, mas Kal, que ainda brincava com o livro, pareceu não se importar com este detalhe.

- Mas no mundo astral há certas coisas que não podemos ver no mundo físico. - tarde demais, fora Guine, Ralph e Kal, nenhum aluno pareceu se importar com a *palestra* de Tirso. Todos conversavam baixinho ou simplesmente abaixavam a cabeça em suas mesas. Ele pareceu não se incomodar.

Dez minutos antes de o sino tocar no alto da torre, Tirso liberou os alunos. Eles, a maioria com os materiais já guardados, levantaram-se apressados e seguiram até os portões do castelo para descerem até Cidade dos Elfos.

- Aonde você vai? – perguntou Ralph a Kal que estava mudando seu caminho para as escadas de subida.

- Vou para a sala do conselho. – falou Kal em um enorme sorriso – Consegui!

- Han? – fizeram Ralph e Guine juntos.

Kal parou e se virou para os dois, enfiou a mão na mochila e retirou o misterioso livro prateado de Van Feo, em seguida o abriu aleatoriamente.

- Ele abriu! – exclamou Guine levando umas das mãos à boca.

- E vou direto para a sala do conselho, deve estar vazia a esta hora. Ralph, Guine, eu vou fazer a projeção astral! – disse com todo o entusiasmo que seus lábios podiam expressar ao mesmo tempo.

Kal subiu três ou quatro degraus por vez até chegar ao sexto andar, atravessou o corredor às pressas pedindo desculpa a cada vez que esbarrava em alguém. Freou os sapatos bem em frente às cortinas vermelhas, enfiou a varinha por entre elas certificando-se de que ninguém estava por ali.

- *Sadauá!*

Algumas luzes vazaram pelos rasgados da cortina e um vento leve saiu debaixo do tecido, revelando uma pequena porta de carvalho.

A sala do Conselho Estudantil era o lugar perfeito para ele tentar a projeção astral. Ele precisava de um lugar silencioso, e Tadewi nunca era um lugar silencioso quando quase cem alunos o ocupavam.

Kal atirou-se para dentro e trancou a porta imediatamente, tinha apenas meia hora até que o último balão descesse. Ele não sabia ao certo quanto tempo demoraria ali, mas se fosse preciso, dormiria naquela mesma sala.

Ajeitando-se confortavelmente em uma grande almofada, ele recostou o livro sobre os joelhos e começou a folheá-lo freneticamente. Somente no capítulo dezoito Kal mostrou interesse. A ilustração do capítulo trazia um homem deitado, e de sua testa saía um fio prateado que estava ligado à nuca da projeção do homem, atravessando um arco como os que se vêem em castelos árabes e indianos, com a base estreita e a parte mais alta em formato circular com uma ponta na última extremidade.

O nome do capítulo estava logo acima da gravura. Muito bem escrito por letras moldadas nas cores ouro e preto onde se lia *Além do véu*.

Com uma leitura frenética e altamente excitante, Kal não demorou mais do que dez minutos para terminar o capítulo. Ele então passou a ler um Box que tinha um “passo a passo para a projeção”. Deitar e relaxar em lugar confortável e tranquilo, segurar bem a varinha com a mão dominante, fechar os olhos e controlar a respiração, manter a mente vazia - para Kal esta seria a parte mais difícil de se conseguir, pois estaria tentando fazer pela primeira vez uma das coisas mais fantásticas que já ouvira falar.

Deitou-se confortavelmente no tapete com o Brasão de Avalon que ficava em frente à lareira. Segurou bem firme a varinha com a mão direita, de olhos fechados passou a controlar o ar que entrava e saía de seus pulmões, e então a parte mais difícil. Concentração.

Levou pouco mais do que quinze minutos até que finalmente apenas o crepitar do fogo ecoasse em sua cabeça. Mais alguns minutos se passaram e ele começou a sentir sono, ao mesmo tempo seu corpo passou a formigar intensamente, começando pelos membros como se houvesse pequenos seres do tamanho de besouros caminhando por baixo de sua pele e dentro de seus vasos sanguíneos, todos seguindo para um único ponto, o coração.

A respiração passou a ser incontrolável e ofegante, os batimentos cardíacos intensos, mesmo estando com os olhos bem fechados eles podiam captar flashes de luz branca. Um grande medo assolou Kal que agora tremia, todas as sensações pareciam levar a um único destino. A morte.

Enquanto sua concentração se dispersava por completo devido a forte presença de medo que em sua mente assumia a forma de caixões, e pessoas chorando próximo a uma lápide de mármore vermelho sangue, cravada nela estava escrita, "Kalevi Foster - Tão pequeno, tão breve".

Kal levantou-se assustado e ergueu a varinha. Apurou os ouvidos, mas não pode ouvir nada, o rosto suado e a expressão pálida davam a ele um ar febril, sentiu algo parecido como um soco na boca do estômago seguido por uma forte náusea. Cambaleou até a porta segurando a mochila com a mão esquerda e a varinha na outra.

Ao sair da sala e dar seus primeiros passos cansados pelo corredor, Kal avistara uma mulher, visivelmente jovem e bonita, cabelos curtos e enegrecidos até o ombro, pele fina e bem feminina e trajava uma longa capa de viagem roxa. Assim que viu Kal cambaleiar até as escadas, acelerou os passos e segurou o garoto pelo braço que carregava a bolsa.

- Parece que andou se excedendo um pouco, não? – indagou a mulher – O que estava fazendo?

Kal olhou para ela atônito, tentou murmurar algo, mas foi em vão.

- O gato comeu a língua? Ok. Não quer falar, mas pelo que me parece foi um gasto excessivo de energia. Fácil, fácil! *Griamen!* – a varinha da mulher tocou a têmpora de Kal e ele sentiu um calor eletrizante invadir sua cabeça e dissipar pelo corpo inteiro, aliviando por completo sua fraqueza.

- Obrigado. – agradeceu Kal.

- Mas o que aconteceu com você?

- Não foi nada. Muito obrigado mesmo! – Kal apressou-se em descer as escadas e logo estava pegando o último balão para Cidade dos Elfos.

Encontrou Ralph e Guine assim que se arrumou por completo para o jantar. Kal estava com um jeans desbotado e uma camisa vermelha, o tempo frio que se formou depois de uma breve chuva o obrigou a vestir também um sobretudo.

Os outros três amigos desceram juntos ao salão de jantar, depois de limparem os pratos, cheios de carne e arroz, iniciaram uma longa conversa sobre projeção astral que se seguiu até a hora de dormir.

Na manhã do dia seguinte, Kal, Ralph e Guine juntaram-se com os outros alunos do primeiro ano para tomar café. Havia um grande cartaz verde afixado na parede dizendo que os alunos deveriam seguir até o refeitório de Avalon assim que chegassem na escola para ouvirem um comunicado do diretor.

Curiosos, saíram da República em direção aos terrenos baixos, passando por alguns alunos mais velhos, que pareciam estranhamente empolgados com algum acontecimento. Diogo Mendes, Representante de Tadewi ao lado de Tâmis, estava entre eles e andava com ar imponente e muito orgulhoso.

- O que eles estão fazendo? – Kal ouviu Pedro Andrade, o garoto que dividia o dormitório com ele e Ralph, perguntar.

- Estão ensaiando... – falou um outro aluno que estava ao seu lado.

Kal olhou para o pequeno grupo de alunos onde estava Diogo que agora agitava sua varinha no ar e apontava para inimigos

invisíveis.

- Eles enlouqueceram ou o que? – indagou Ralph apontando para outro garoto que estava saltitando e disparando feixes de luz da varinha.

- Quem vai saber... – respondeu Kal.

Durante todo o caminho até o refeitório, os três viram outros alunos de Katzin e Angus gargalhando e azarando os que passavam despercebidos.

- Eu juro que acabo com eles se tentarem alguma coisa. – falou Kal ameaçadoramente.

- Hum... o poder já subiu a cabeça... – falou Guine em um lindo sorriso que exibia belamente seus dentes brancos.

Kal poliu bem seu instintivo de Guardiã-mirim antes de ir para o salão, ele agora reluzia de tamanha forma que sobre o reflexo do fresco sol da manhã parecia um pequeno espelho preso à roupa. Assim que os três passaram por um pequeno grupo de alunos de Katzin, estes lhes lançaram olhares curiosos e alguns cochichos.

- *Captus!* – fez Kal assim que viraram à direita.

- ...Rômulo é um idiota mesmo, escolher um aluno do primeiro ano para o cargo de Guardiã-mirim...

- Kal! – interrompeu Guinevere puxando o braço do garoto – É falta de educação, sabia.

- Você não tinha esta opinião há alguns dias. – falou Kal continuando o caminho.

- Mas agora é diferente...

- Eu não vejo diferença. Além do que, eles estavam falando de mim. – bravejou ainda muito irritado.

O refeitório estava exageradamente enfeitado com as cores da escola; branco, azul, laranja e preto. A grande letra "A" empilhada em livros servindo de poleiro para uma coruja esbranquiçada. Este era o brasão da Escola de Magia e Feitiçaria de Avalon, que naquela manhã estava estampado em uma bela ceda pendurada atrás da mesa dos professores.

Os três sentaram-se na mesa do lado esquerdo, pertencente a Tadewi. Após se acomodar, Kal olhou para a mesa dos professores, uma grande mesa de carvalho em forma de semicírculo, alguns

deles cochichavam e olhavam para alguns alunos. Caminhando os olhos pela mesa, Kal achou uma pessoa de cabelos curtos e negros, olhos castanhos e um sorriso maroto. Tirso correspondeu ao olhar e estranhamente era como se o professor estivesse incentivando-o a fazer alguma coisa.

- Bom dia, Avalon! – saudou o diretor da escola, Cadius. As costumeiras aves vermelhas irromperam pelo teto de forma espalhafatosa, somente depois que todas se acomodaram em galhos e ramificações no teto, o professor Cadius continuou – estamos quase finalizando a nossa primeira semana de aula e vou dar-lhes uma notícia que alegrará a todos vocês.

Um ruído intenso de conversa atravessou o salão, agora todos os alunos discutiam que tal notícia seria aquela, particularmente, Kal achava que a notícia tinha relação com o comportamento esquisito dos alunos mais velhos, como Diogo era um Representante, Kal deduziu que ele já sabia qual era a tal novidade.

- Quem sabe o Amadeus está saindo da escola... – sugeriu Ralph fazendo os alunos mais próximos rirem baixinho.

De repente toda a nuvem de excitação se dissipou e o salão calou-se para ouvir Cacius.

- Este ano, vamos iniciar os jogos escolares mais cedo do que no ano passado. Segundo me informaram os professores, as três equipes, Angus, Katzin e Tadewi, estão com falta de componentes. A partir deste final de semana os professores; Tirso, Amadeus e Cristina estarão ajudando na seleção dos alunos para a competição. Os interessados devem procurar os professores até o final de semana. Vocês terão dois dias para decidir se querem concorrer a uma vaga ou não. Bom apetite e tenham um bom dia. – Cacius levantou os braços até a altura dos ombros e como se fosse um gesto maestral as aves iniciaram uma verdadeira orquestra, um som de fundo para abafar o incomodo ruído que os alunos sempre provocavam ao sair do salão todos juntos.

Kal, Ralph e Guine acompanharam Daimon e Jonathan até a aula de história no quinto andar, durante o caminho conversaram sobre como seriam estes tais jogos e o que teriam de fazer se quisessem competir. Cacius parecia muito inspirado naquela manhã, talvez ele mesmo estivesse ansioso pelo início dos jogos. Kal continuou pensando na competição, e se viu dentro de um campo,

rodeado por uma torcida vibrante que gritava seu nome com euforia,

como se ele fosse um herói. Kal erguia uma taça dourada e todos aplaudiam e o chamavam, mas não por Foster, gritavam Kalevi! Kalevi...

Ele acordou do sonho quando foi subitamente interrompido por Cadius lhe perguntando quem fora Morgana Lê Fay.

- Ah... ela foi... uma bruxa muito importante.

- Certamente, senhor Foster. Morgan Lê Fay foi a bruxa mais importante da história. – explicou Cadius sorrindo – Morgana fez algo que parecia impossível.

O sino no alto da torre badalou tão alto que fez alguns alunos saltarem uns dez centímetros de suas cadeiras com o susto.

- Bem, a aula termina agora, mas se bem não me engano, a última aula do dia também é minha. Então, até mais tarde.

Os alunos saíram da sala de Cacius e se apressaram à sala de Tirso, o professor estava sentado atrás de sua mesa e recebeu os alunos com um sorriso.

Tirso ensinou quatro feitiços bem simples naquela aula, dois que já eram conhecidos por Kal, Ralph e Guine. O *Bolhasradiant* se popularizou entre os alunos do primeiro ano e também seu contra-feitiço o *Guive*, ele interrompia o fluxo de luz da varinha e espocava as que já fluíam no ar. Os outros dois feitiços ensinados foram, *Levitoriano*, que fazia os objetos flutuarem. Apenas Kal conseguiu fazer sua bolinha de tênis levitar a dois metros da cabeça, os demais alunos encerraram a aula sem sucesso. Por último, Tirso ensinou o *Concertônia*, o mesmo usado pela professora Margarida para reparar o vaso da Herviana de Kal, e utilizado por Rômulo na sala do Conselho Estudantil.

Duas aulas de Maldições separavam Kal da hora do almoço. Amadeus Wosky parecia muito mais calmo do que de costume. Enquanto explicava sobre as maldições das pirâmides egípcias como a de Tut-Tanka-Mon, que na década de 1920 matou todos os responsáveis pela descoberta de uma tumba funerária. Explicou também a maldição Lonvy, uma maldição que determinadas fadas lançavam em marinheiros que passavam próximos a suas ilhas. A maldição deixava-os sem senso de direção e assim poderiam a qualquer instante bater em um recife de corais. Amadeus disse que o governo enviou mulheres para estas ilhas a fim de capturar estas fadas, mas elas eram mestres na arte de mentir e acabavam escapando da prisão. Só assim eles descobriram que essas fadas sofrem uma maldição Fículous, uma maldição que impede que fadas mintam quando estão sozinhas.

Ao fim da última aula, Amadeus disse que seria obrigatório que os alunos trouxessem uma cobaia para as duas últimas aulas da sexta-feira, que seria uma aula prática.

No almoço, Kal praticou o feitiço *Levitoriano* fazendo travessas de comida flutuarem perigosamente sobre a cabeça dos alunos até chegarem em suas mãos.

- Pare de se exhibir! – censurou Guinevere.

- Você está assim só porque não conseguiu levitar sua bola de tênis. – a garota corou de leve ao comentário de Kal.

- Relaxe, Guine. Ele tem o direito de se exhibir, já que ninguém mais conseguiu. - disse Ralph sorrindo amistosamente para Kal.

- *Levitoriano!* – gritou Freman Silva apontando sua varinha para uma jarra de suco de laranja. A jarra de cristal flutuou alguns centímetros sobre a mesa e deslizou no ar até o garoto, com sucesso. Animado, Freman atreveu-se a levitar uma travessa de pudim de leite, ele mesmo elevá-la acima das cabeças curiosas, para que todos vissem seu desempenho. A trinta centímetros de distância do garoto, a travessa de porcelana despencou cerca de meio metro de altura e se esmigalhou na frente de alguns alunos que ficaram ridiculamente melados de pudim.

- *Concertônia!* – falou Kal enquanto passava próximo ao local do acidente e se dirigia para o terceiro andar para a aula de Biomagia

acompanhado por Guine e Ralph.

No caminho até a sala da professora Flora, os garotos se distraíram um pouco em uma curta conversa com Rômulo, para alívio de Kal, Ralph e Guine não pareciam incomodados com presença do presidente do Conselho, pareciam ter esquecido completamente as diferenças e vez por outra Kal surpreendia-se ao ver um deles trocando algumas frases.

- E então, Rômulo? Vai tentar competir? – indagou Guine.

- Não. – respondeu rapidamente – Já sou presidente do Conselho, é responsabilidade demais. Mas é claro que nosso amigo Foster aqui vai participar.

- Ah... eu? – duvidou Kal.

- Sim. Por que não? Certamente você se sairá bem nos testes. – disse Rômulo.

- E que tipo de teste é feito com os alunos? – Ralph perguntou e agora mostrava-se visivelmente interessado pelo assunto.

- Em geral são testes de força e resistência. Mas o melhor é que os professores dão aulas extracurriculares para os competidores. E não é essa baboseira de plantinhas, localizar cidades em mapas, igual vocês estudam. É magia de verdade! Poderosa!

- Feitiços? – apostou Kal.

- Não só isto, Foster. Também todo o tipo de defesa e maldições.

- Estamos estudando as egípcias. – informou Guine.

- Humpf... outra baboseira, eles não ensinam na sala de aula como transformar um bruxo em codorna ou qualquer outra coisa assim... – disse Rômulo rispidamente – e foi por isso que eu quis entrar para o Conselho. Quatro anos lá me deram acesso a muitos livros que não estão na biblioteca. Eu já te disse não é, Foster?

- Oh, sim! Claro. – confirmou Kal, mesmo que ele soubesse de todos os livros que estão na Sala do Conselho, Kal ainda não havia visitado a biblioteca da Escola para conferir se o que Rômulo dissera era realmente verdade.

- Bem, eu preciso ir. Recebi um recado de Cadius, vou ver o que ele quer.

- Ok. Até mais. – despediram-se.

Já no terceiro andar, os garotos avistaram de longe a professora de Biomagia, Flora, que estava com um vestido vermelho sangue e um echarpe combinando. Os cabelos cuidadosamente presos em um coque, lembrando a concha de um caramujo. Flora gesticulou aos alunos com um leve gesto com as mãos, exibindo suas longas unhas pintadas em esmalte pura e um esplendoroso anel dourado com uma pedra que lembrava uma bola de gude feita de rubi.

- Boa tarde, meus queridos. – cumprimentou a professora assim que entraram e leram uma frase no quadro “*Nem tudo são flores*”. Na mesa mais próxima da porta e oposta à janela estavam sentados alguns alunos de Katzin que pareciam intrigados com suas plantas, Kal olhou por todas elas em busca de uma resposta, mas nada parecia fora do comum. Eram apenas plantas que estavam se desenvolvendo e apresentavam algumas inflorescências.

- Sentem-se! Sentem-se! – ordenou a professora – procurem suas plantas porque hoje elas serão de fundamental importância! Elas chegaram a uma excelente fase de estudo – Flora parecia muito excitada com a aula, um sorriso em seu rosto e as mãos abanando denunciavam toda aquela euforia.

Ajeitando-se perto de Guine e Ralph, Kal notou que o vaso em que sua Herviana estava so- terrada era ainda maior que o da aula anterior, sua planta era realmente um planta estranha, não gostava de luz, como foi provado em sua primeira aula de Relações com a Natureza, com a professora Margarida, e ainda assim parecia crescer de forma escandalosa de um dia para o outro.

Com uma planta que não recebe luz pode crescer tão rápido?
Pensou Kal.

- Meus queridos, quero que todos finquem suas varinhas nos vasos e digam, Planta Exan- der! – falou a professora docilmente.

- Planta Exander! – repetiram os alunos já com as varinhas devidamente posicionadas.

- Muito bem, muito bem. – elogiou Flora – Agora abram o livro na página trinta.

Os alunos abaixaram-se para pegar na mochila seus exemplares de *Olho mágico* e prontamente abriram na página indicada.

Flora Link iniciou uma árdua leitura da página trinta, capítulo dois, que explicava de forma bem simples os princípios básicos do crescimento de uma planta mágica, primeiro a adaptação, segundo o domínio de território, como explicou a professora, as plantas precisam de espaço para crescer e passam a eliminar plantas inferiores. Em terceiro lugar, vem o crescimento, Kal achou que sua planta já deveria estar neste terceiro processo há muito tempo. Só depois à leitura do quarto processo o garoto soube que todas as plantas da sala estavam igualmente evoluídas. Pequenos botões, que pareciam indícios de flores, brotavam do fino caule de cada planta, em exceção para a de Kal, ele ainda nem sabia ao certo se sua planta tinha um caule, muito menos um broto de algo que parecia uma flor.

- E agora, alunos, vamos motivá-las ao quarto processo. Se vocês lerem a página trinta e dois, verão que há um feitiço muito simples para isto. Por favor, sem a varinha, repitam comigo, *Lumier*.

- *Lumier!* – repetiram em uníssono.

- Um pouco mais forte agora, *Lûmieeeeerrrr* – enfatizou a professora.

- *Lumier!* – fizeram.

- Excelente, excelente... Agora ponham seus óculos protetores, estão nas gavetas da me- sa.

Depois de abrirem as gavetas e pegarem os óculos negros que tinha o tamanho de fundo de garrafas de cerveja, eles o colocaram e posicionaram suas varinhas em frente às plantas e conjuraram o feitiço. “*Lumier*” produziu uma luz radiante que encobriu toda a sala e foi sufici- entemente forte para atravessar as janelas da sala de aula e iluminar toscamente a horta lá embaixo. Quando a luz

finalmente pareceu se apagar os alunos se sentiram seguros para retirar os óculos protetores e admiraram o resultado obtido em suas plantas, menos um aluno.

- Professora. – chamou Kal.

- Sim, senhor Foster.

- Minha planta...

- Ah claro. Esta Herviana mald... bem senhor Foster – retomou a professora – Sua planta é um caso a parte, por isso, tomei a liberdade de pedir ao senhor Rovil, nosso bibliotecário, que por sinal reclamou não ter recebido muitas visitas dos alunos do primeiro ano. Mas enfim, aqui está senhor Foster, um exemplar de "*Plantas obscuras que gostam da escuridão*" – Margarida aproximou-se do garoto e entregou o exemplar de capa dura e levemente flexível, um verde escuro enfeitava a capa juntamente com folhas grossas em alto relevo e duas travas em cipó.

- Senhor Foster, a partir desta aula, este será o seu livro de Biomagia e Relações com a Natureza. Este é um livro da biblioteca, então peço para providenciar seu próprio exemplar.

- Tudo bem. – afirmou Kal.

- Muito bem então, senhor Foster, apreze-se a abrir a página doze do seu livro e conjure o feitiço da página.

- Humhum. – assentiu – *Dracóvia!* – disse cravando a varinha no vaso e um efeito contrário ao Lumier ocorreu dentro do vaso da Herviana. Uma luz negra e densa escapou pelas frestas do vaso que parecia fazer um esforço tremendo para suportar a grande planta de Kal.

- Muito bem senhor Foster, isso foi o suficiente para desenvolver a coi... planta. - disse a professora.

Flora Link encerrou a aula com uma pequena explicação sobre a nova fase que as plantas acabaram de entrar. "É nesta fase que a maioria delas desenvolve habilidades especiais, a- acompanhem este processo, pois assim elas passam a se afeiçoar a vocês". A professora ainda pediu que levassem suas plantas até a horta da professora Margarida. Quase todos os alunos não tiveram dificuldades para fazer isto, quase todos.

- Será que ela não percebe que é impossível? – brevejou Kal depois que teve certeza de que a professora não estava mais ouvindo – Olha o tamanho do vaso!

- Não deve ser tão pesa... – Ralph abraçou o vaso da Herviana e tentou erguê-lo, inutilmente – Talvez você tenha razão...

- Levita. – sugeriu Guine.

- Hahahaha, muito engraçado, Guinevere. – gargalhou Kal ironicamente.

- É sério, Kal! Não sei porque, mas você foi o único que conseguiu levitar a bola de tênis...

- Disse bem, *a bola de tênis*. E não um vaso de setenta quilos.

- Não custa tentar. Mas se você prefere usar os braços fique à vontade...

Kal encarou a menina que já estava de saída da sala. Olhou mais uma vez para o vaso a- valendo suas opções, poderia deixá-lo ali e pedir que alguém buscasse, mas talvez seu moral ficasse baixo depois disto. Usar a força física nunca foi uma opção. Restou-lhe, então, acatar a sugestão de Guine.

- *Levitoriano!* – o grande vaso levantou alguns centímetros em relação à mesa e quando Kal orientou a varinha para seu lado direito, o vaso o acompanhou e em seguida sacolejou levemente como os balões da escola fazem quando um forte vento passa por eles. Finalmen- te pareceu se equilibrar a pouco mais um metro do chão.

- Viu, não custava tentar. – falou Guinevere não conseguindo disfarçar seu espanto por Kal ter conseguido levitar o pesado vaso e vê-lo carregá-lo como um cão preso à coleira.

Durante o caminho até à horta, que incluía descer três andares e atravessar metade do ter- reno da escola, Kal e a Herviana chamaram a atenção dos alunos. Olhares curiosos vazavam pelas portas das salas de aulas e miravam o estranho objeto voador que se movia gatuna- mente pela escola seguindo os passos de um garoto.

Nem mesmo os alunos de Katzin contiveram os “Ah” de espanto ao ver Kal com a varinha empunhada depositar levemente sobre a

mesa de madeira, debaixo da cabana, já na horta. Rick Wosky lançou a Kal um olhar desdenhoso ao qual ele respondeu com um simples levantar de sobrancelhas. Como se dissesse: *Qual o problema paspalho?*

- Boa tarde! – cumprimentou a professora que acabara de surgir de um monte de plantas emaranhadas com grandes folhas verdes e flores vermelhas – estou vendo que temos plantas evoluídas, então poderemos iniciar o capítulo dez. Por favor, tenham a bondade. Senhor Foster, acredito que a professora Flora se encarregou de entregar o livro adequado para o estudo de sua planta, certo?

- Sim. – confirmou.

As duas aulas de Relações com a Natureza voaram tão rapidamente quanto os Pasmags no salão principal. Kal passou a maior parte da aula cutucando sua planta com a varinha e usando os feitiços indicados em seu livro. O objetivo daquelas aulas, segundo a professora Margarida havia dito, era para que os alunos pudessem se adaptar aos novos poderes de suas plantas, em seus livros dizia assim: “Quando plantas entram em seu quarto nível evolutivo adquirem habilidades especiais”.

- O que será que a sua planta pode fazer? – perguntou Ralph quando já se aproximavam do castelo.

- Ah sei lá... – respondeu Kal.

Guine ficou muda durante todo o caminho, Kal não sabia o porquê daquele silêncio, mas mesmo assim não quis incomodá-la.

Foi exaustivo subir cinco andares do castelo até chegar na sala de Cadius, o professor esperava calmamente os alunos enquanto admirava alguns alunos andando pelo campus. Sua barba longa e grisalha, os cabelos também compridos e levemente trançados caíam sobre as costas cobertas com um manto verde opaco e muito pouco enfeitado, ao contrário do chapéu cônico em sua mesa que era altamente chamativo, feito em tecido cor de abóbora, com bordados e bordados em várias cores e *botons* presos faiscando.

- Ah! Boa tarde! – cumprimentou o professor – Imagino que estejam ansiosos para os testes de sábado...

- Professor! Os alunos do primeiro ano também poderão participar? – perguntou Pedro Andrade, o garoto que dividia o dormitório com Kal e Ralph.

- Certamente sim. Todo aluno terá o direito de se inscrever. É claro que serão escolhidos os alunos mais bem preparados. Os jogos podem ser perigosos para quem não o estiver.

- Quantos alunos participam de cada equipe? – perguntou Ralph muito interessado.

- São escolhidos sete alunos. Dois clérigos, dois armadores, dois escudeiros e um desafio.

- O que eles fazem... – prossegui um aluno.

- Os clérigos são encarregados de curar e reanimar o grupo, os escudeiros fazem a proteção contra os armadores da outra equipe, que tem como função eliminar os competidores, em especial o desafiante.

- Qual o objetivo do jogo? – indagou Kal observando que todos os alunos estavam debruçados sobre as mesas para ouvir melhor o professor.

- Ah... que cabeça a minha. Esqueci de dizer que os competidores entram em um labirinto com uma sala central chamada de Sala das Diferenças. E este é o objetivo dos competidores. Levar seu desafiante a esta sala, onde os dois devem se desafiar usando apenas a varinha.

- Então, o objetivo do jogo é levar o desafiante para a Sala das Diferenças. E tentar eliminar o desafiante da equipe adversária antes que ele entre na sala. – recapitulou Freman.

- Exatamente, isto é o que chamamos de Quizard. – confirmou Cadius com um sorriso tímido – Na última aula, se não me falha a memória... estávamos falando sobre Morgana Lê Fay.

- Sim. – responderam os alunos.

- Certo, certo... estou me recordando. Lembro-me que o senhor Foster nos informou que Morgana foi uma bruxa muito importante. – Cadius mirou Kal e deu um leve sorriso, o garoto corou imediatamente e fez cara de quem não via mal algum em não saber, exatamente, quem fora Morgana Lê Fay – Bem, temos que concordar que Morgana faz parte da história do mundo em que vivemos, personagem muito importante por sinal... mas é outra coisa que nos interessa.

Cacius iniciou uma explicação sobre um reino chamado Camelot, e um rei chamado Arthur, falou também sobre Merlin, e disse que havia muitas especulações sobre Morgana, a maioria delas diz que ela era uma bruxa das trevas que pretendia matar o rei Arthur e se apossar de Camelot. Pelo tom de voz de Cacius percebia-se certa repugnância nesta versão histórica, a de que Morgana era do mal.

Assim que o sino badalou os alunos iniciaram um conhecido arrastar de cadeiras e caminharam até a porta. Kal, no entanto, jogou rapidamente os materiais na mochila e esta nas costas, se virou para os amigos e então disse.

- Vejo vocês no jantar.

Correu para fora da sala antes mesmo que eles pudessem responder-lhe alguma coisa. Subiu as escadas em lances de três degraus até chegar ao andar de cima. Num corredor distante do sexto andar, Kal aproximou-se da cortina velha, enfiou a varinha entre ela e disse:

- *Sadauá!*

Já no precioso silêncio daquele fim de tarde, Kal deitou-se no tapete aveludado próximo à lareira e deixou seu pensamento em branco.

Depois de algum tempo naquela posição, ele se sentiu suar e um leve vestígio de impaciência começou a assombrar-lhe. Pensamentos negativos e desconexos bombardeavam sua mente. Nos pensamentos ele via Rick Wosky e ele próprio em uma sala, a Sala das Diferenças. Wosky era acertado por um feitiço e voava cinco metros até finalmente cair em uma piscina de águas negras, e então ele levantava a cabeça e seus olhos eram botões de roupas e ele gritava o nome de Kal com um ar doentio.

Concentração. Concentração.

De súbito sua mente foi invadida por um cântico tranqüilizante que o embriagou, o levando a um estado de apatia e dormência...

Kal sentiu os olhos pesados e um formigamento iniciando pelos membros. Como no dia anterior. Sem saber ou sentir, tudo ao redor do garoto pareceu deixar de existir. Como se de repente um buraco negro se abrisse e carregasse toda a sala.

Algo como uma pedra de gelo desceu ao seu estômago, Kal sentiu o corpo gelar e finalmente sentiu algo novo. Algo nunca experimentado. Era uma incrível sensação de ausência de matéria, ele agora estava de pé e olhando para a mesa de reuniões.

Sem acreditar, Kal girou nos calcanhares e flutuou para fora da sala. Retornando, virou-se para onde estava a lareira e viu seu corpo estirado no chão com a varinha fortemente presa à mão direita. Agora ele tinha certeza.

- Estou no astral.

- CAPÍTULO IX -

A outra herdeira

Passado o momento de euforia que se sucedeu nos primeiros minutos da projeção, Kal abandonou a sala do Conselho Estudantil e atravessando todas as paredes, feito um fantasma, ele alcançou os jardins da escola, onde os últimos alunos desciam nos balões de volta para Cidade dos Elfos. Ele tentava assustar os que passavam, mas ninguém podia vê-lo ou senti-lo. Perfeito.

Luís Calvo, o zelador de Avalon, foi o condutor dele, Guine, Ralph e Daimon no balão que os havia trazido a escola, naquele

momento, ele berrava com dois alunos de Katzin e outro de Tadewi, que estavam lançando-se feitiços.

- Parem imediatamente! Se quiserem brigar inscrevam-se nos jogos! – berrou o bruxo com toda severidade – Se eu pegar vocês novamente, farei o possível para que não participem deles! E com muita sorte não serão expulsos.

Kal saiu de perto do grupo com receio de ser percebido por alguém, ele ainda não tinha plena certeza de sua invisibilidade.

Atravessando as portas do grande salão ele pode ver Guine e Ralph, ambos impacientes, estavam conversando com Daimon na mesa de Angus.

- Eu não sei quando ele vai descer. – disse Guine dando de ombros.

- Ah, sei lá... ele ainda tem uns dez minutos até Calvo explodir e começar a dar suspensão para os alunos que ficarem para trás. – respondeu Daimon.

- De qualquer forma, Kal disse desceria no último balão. – falou Ralph.

- Tudo bem. Vamos descer sem ele então.

Kal os seguiu até os portões da escola e ficou ouvindo Guine e Ralph reclamarem que ele os havia feito de palhaços. Sem poder conter as risadas Kal voou direto para dentro do castelo a fim de explorá-lo mais um pouco. A escola estava com os corredores vazios e a luz do sol que se extinguia lá fora dava aos objetos uma sombra tenebrosa. Imediatamente, Kal lembrou-se da tarde em que saíra sozinho da sala de Maldições e que mais tarde estava deitado no sofá da sala de Caciús. Ele contou ao diretor que havia visto uma criatura estranha, e esta criatura havia tentado atacá-lo, mas graças ao professor, não conseguira.

Andar sozinho pelo castelo estava se tornando entediante. Lembrava-o como havia sido estar brigado com Guinevere e Ralph. Pior ainda era passar pelos corredores sombrios sem a companhia de alguém para quebrar o silêncio ou para espantar aquele medo universal que temos quando andamos por lugares desertos e silenciosos. O único barulho que escutava era o do vento entrando pelas janelas e raspando nas paredes frias do castelo e que fazia ranger as armaduras...

Enjoado da viagem astral, Kal rumou para o sexto andar, onde estava o seu corpo ainda inerte. Flutuando pelas escadas do andar de destino, o garoto viu no fim do corredor uma figura humana e transparente. *Fantasma?* Pensou. Kal investiu pelo corredor e viu o homem entrar em uma das salas e desaparecer de vista. Intrigado com o que poderia ser aquele misterioso homem andando sozinho pelos corredores desertos do castelo àquela hora da noite, Kalevi seguiu sua trilha para perguntar o que fazia ali. A alguns passos de distância do lugar onde o homem desaparecera, Kal sentiu-se nervoso e um arrepio lhe correu pela barriga, mas em seguida lembrou-se de que estava no astral e que era inatingível. Era o que pensava até que a figura familiarmente aterradora atravessou a parede ao seu lado e foi de encontro com seu ombro.

Kal estava caído no chão, ainda flutuando, com uma criatura horrenda em cima de seu tórax. A criatura sem pêlos, pele enrugada e amarelada exibia seus dentes com orgulho, os olhos

negros muito maiores do que besouros o encaravam de forma assassina.

Empurrando o monstro com toda sua força para longe, Kal pôde levantar-se e erguer a varinha.

- *Farfalha!* – os estilhaços vermelhos irromperam da varinha com estrépito e foram em direção ao monstro, mas este rosou e desapareceu de vista logo em seguida. Perdido com o que estava acontecendo, Kal girou nos calcanhares à procura. Deu-se conta de que o homem que havia entrado na sala e não se manifestara aos gritos da luta. *Onde estaria ele agora?* Indagou-se.

Atravessando a parede de onde o monstro viera, Kal encontrou uma sala tão deserta quanto os corredores do sexto andar. Não era possível que aquele homem tivesse evaporado assim tão fácil, Kal tinha certeza de que o vira entrar naquela mesma sala há poucos segundos. Flutuou pela sala e não encontrando mais nada, resolveu voltar imediatamente ao seu corpo físico e sair do castelo para encontrar-se com Guine e Ralph em Tadewi.

Virando-se para a porta Kal teve mais uma vez a visão pavorosa da criatura, desta vez o garoto caiu graças ao susto provocado pelo bicho a apenas alguns centímetros de distância. Apoiando-se com os cotovelos em um chão invisível, pois flutuava, Kal segurou a varinha mais uma vez firme e ergueu em direção ao monstro que permanecia parado. Como um sola- vanco Kal sentiu-se sendo puxado e a imagem do monstro ia desfocando-se à medida que se afastava, um túnel de luz veio em seguida, algo tão estranho e nada muito confortável fez despertar nele o extinto de erguer a varinha e gritar.

- *Farfalha!*

Kal sentiu um forte impacto como se caísse no chão, instintivamente seu braço foi erguido e os estilhaços acertaram o teto acima.

- Oh... calma, garoto! Sou eu!

Abrindo os olhos, o corpo transpirando tanto que ele parecia ter saído de uma maratona, Kal virou o rosto para a direção de onde ouvira a voz e encontrou um Rômulo demasiadamente assustado.

- Você está bem, Foster?

- Ah... sim... acho que estou. Obrigado.

- Ainda bem que você tem péssima pontaria. – falou indicando com a cabeça o estrago feito no teto – E ele é feito de pedra, heim. Por pouco você não acerta o meu rosto.

- Desculpe.

- Devo tê-lo realmente assustado, não?

- Ah... acho que... – Kal ponderou se realmente deveria confidenciar a Rômulo sua primeira experiência no plano astral. Mas resolveu perguntar sobre outra coisa, o que de fato o havia assustado – Existem monstros em Avalon?

- Monstros, Foster? Tipo ogros e bicho-papão? – perguntou rindo do que acabara de ouvir.

- Hum. Quem sabe. Mas eu falo dentro do castelo. Monstros vivendo aqui dentro!

- E porque a pergunta agora? Anda vendo coisas?

- Acho que não. – mentiu Kal – Só queria estar preparado para o caso de, hum... ter que defender algum aluno.

- Ah! Entendo.

Kal parecia ter conseguido. Mentir para Rômulo dizendo que era só uma precaução havia sido genial. Como Guardiã-mirim de Avalon, ele era obrigado a defender os alunos, e para isso precisava saber com o que iria lidar, pois se a escola tinha guardião, certamente algum perigo ela deveria oferecer, e Rômulo convenceu-se.

- E então quer saber contra o que você precisa defender os alunos?

- É. – respondeu Kal.

- Bem, duvido muito que haja monstros no castelo. Mas a orla da floresta, na Cidade dos Elfos é um pouco insegura e é seu dever

patrulhá-la quando os alunos estiverem por ali. – disse Rômulo.

- Hum... tudo bem. Mas o que você faz aqui?

- Quase sempre eu ajudo Calvo a ver se não ficou nenhum aluno no castelo, e quando passava aqui em frente vi uma luz, entrei e era você disparando feitiços contra o teto.

- Oh. Desculpe.

- Já disse que não há problemas. Mas acho melhor você descer antes que Luís te aplique uma suspensão. Não ficaria bem para um membro do conselho se envolver em algo do tipo.

Ao sair da sala do castelo e seguindo até a República de Tadewi, Kal deparou-se com Gui- nevere sentada em uma pedra

acompanhada de uma caixinha cheia de bolinhos açucarados.

- Aceita? – perguntou ela oferecendo os bolinhos.

- Obrigado, Guinevere... – disse ele pegando um de chocolate -
Desculpe-me por não ter ido aparecido mais cedo...

- Oh! Tudo bem... sem problemas. – animou a garota – você
teve algum progresso? Com a projeção...

- Hum... deixe-me ver... poder voar e ser invisível me parece
bom.

- Quer dizer que você conseguiu? – perguntou ela sem muito
interesse.

- É acho que sim... – respondeu timidamente – Onde está o Ralph?

- Deve estar com Daimon e Jonathan. – respondeu depois de engolir seu pedaço de aveia.

– Agora, por que não me conta como foi a experiência.

Os dois permaneceram ali devidamente acomodados e Kal iniciou um vasto relatório sobre tudo o que aconteceu desde que saíram da aula de feitiços. Contou-lhe as estranhas sensações e sobre o homem misterioso caminhando nos corredores do sexto andar e sobre a criatura de pele enrugada e olhos esbugalhados, garras afiadas e orelhas pontiagudas.

Ao ver a cara de espanto de Guinevere, Kal resolveu interromper a conversa e morder outro pedaço do bolinho.

- Nossa, Kal! Monstros em Avalon!

- Eu também não sei o que dizer. – falou enquanto terminava de engolir – Estou exausto! Isso cansa muito, projeção.

- Nós temos aula de poções amanhã, as duas primeiras. – disse Guinevere desviando do assunto.

- Teremos mais outra aula inútil sobre a poção Mekeivan? Paulo Pote... que piada...

- Parece-me um bom professor...

- Autor de um livro chamado *Poções Potificantes* – falou pomposamente – Sou muito mais o Formanômago.

- Lá vem o Ralph! – disse ela olhando para o fim da trilha que levava ao centro da cidade – Vou entrar. – falou Guinevere olhando para o céu que já estava escuro.

Os três seguiram até o salão onde se sentaram próximos a uma janela e com vista para a floresta. Lá permaneceram conversando até que a maioria dos alunos já estivesse dormindo. Guinevere foi a primeira dos três a dar sinal de sono, e em seu quinto bocejo ela se retirou para o dormitório feminino.

Não demorou para Ralph dormir na poltrona enquanto Kal falava. Ele acordou o amigo jogando-lhe um copo de água no rosto. Talvez tivesse sido um pouco de exagero, mas dormir no meio de uma conversa não era muito amigável, também.

Dormir não parecia ser tão difícil para Kal naquele momento. A projeção astral não era apenas algo divertido, exigia também muita concentração e um desgaste de energia exacerbado. No entanto, mesmo estando com o corpo exausto, Kal ainda não conseguia descansar, a cabeça que rolava de um lado para o outro no travesseiro macio de penas de ganso estava também mergulhada em pensamentos infundáveis.

Do outro lado das paredes de pedra da república, a noite engolia todo a cidade, vista da janela a floresta parecia ainda mais sombria...

O vento assobiando no telhado fez Kal despertar na madrugada, o silvo não pareceu ter o mesmo efeito nos outros dois garotos com quem dividia o dormitório. Ralph estava enrolado em seu edredom aconchegante, e Pedro Andrade roncava como se nada estivesse acontecendo.

A cada novo sopro, Kal debatia-se na cama. Irritado levantou-se para olhar mais de perto, meio sonolento, cambaleou até a janela e

a abriu. O vento rasgante entrou no quarto como um furacão, no entanto, instantes, o vento cessou completamente. Kal também não podia mais ouvi-lo no telhado.

Ele apertou os olhos em direção a orla da floresta assim que viu alguns pequenos vultos se mexendo, imaginou o que seriam ou o que estariam fazendo ali. Correu e voltou até o criado mudo ao lado de sua cama onde retirou a varinha de dentro da gaveta. De volta à janela, Kal posicionou-se lateralmente e disse em tom baixo.

- *Captus!*

Passos atrevidos cortavam a noite, sons agudos e sombrios, da janela não se podia ver o que a escuridão da noite escondia na orla da floresta. O garoto já estava pendurado na janela quando ouviu um som rouco, como um agouro.

Afastando-se, ainda com a varinha no ouvido, Kal perguntou-se o que seriam aqueles sons.

Com certeza não é nada perigoso. Pensou para dar-se esperança.

Os sons roucos intensificaram-se e ele aproximou-se novamente da janela. Olhou na direção em que os sons vinham e não encontrou mais nada... Em apenas dois segundos o barulho mudou incrivelmente de lugar, estava bem abaixo da janela.

- Escaparta!

Kal não estava mais com a varinha no ouvido. Apontou para baixo e acertou, seja lá o que fosse. A luz azul criada pelo feitiço produziu um pequeno clarão que o permitiu reconhecer as criaturas de pele enrugada e amarela.

- Escaparta! Escaparta!

Mesmo sem saber o porquê de estar lutando contra aquelas criaturas, Kal continuou... mas parecia inútil. As criaturas escalavam as paredes frias da república com velocidade inimaginável, nem ao menos se incomodavam com os incessantes feitiços que Kal disparava na direção deles.

Cansado, trancou a janela e se afastou, empunhou a varinha de forma que pudesse usá-la caso um daqueles monstros conseguisse abrir a janela.

Ele passou alguns minutos de tensão aguardando pacientemente qualquer coisa acontecer. Olhou às camas ao redor e viu seus companheiros de dormitório repousarem tranquilamente num sono intenso, como se nada estivesse acontecendo.

- Acordem... acordem... – teve vontade de gritar.

Passados mais alguns minutos sem nada acontecer, Kal aproximou-se mais uma vez da janela, já enjoado daquela situação. Abriu-a novamente e surpreendeu-se ao não ver ou ouvir qualquer coisa fora de comum. Completamente desnortado e sentindo-se um perfeito idiota, guardou a varinha no criado mudo, arrumou os lençóis e se deitou.

Reservando-se no colchão, Kal imaginou mais uma vez o que eram aquelas criaturas e como entraram no castelo e agora estavam ali, próximas às repúblicas. E porque resolveram escalar paredes no meio da madrugada e como ninguém mais ouviu aquela barulheira.

Kal ficou sonolento. Assim que suas pálpebras relaxaram e seus pensamentos dispersaram-se, os ouvidos captaram aquele som inconfundível, um som rouco e sombrio.

Novamente acordado virou-se na cama e assustou-se ao ver a criatura respirando ao seu lado, com os dentes amarelos a mostra, hálito seco e ao mesmo tempo congelante.

Como uma máquina, o corpo de Kal desligou-se automaticamente...

- Kal... Kal... Está quase na hora da aula.

- Ham? O que aconteceu?

- Hum... Você é dorminhoco, só isso.

Na mesa do café, os três falaram e discutiram o que poderia ter ocorrido, Guinevere foi a primeira a lançar sua cara de incredibilidade, mas Ralph mostrou-se atento e bem compreensivo ao amigo.

- Você é uma cascavel, Guinevere! – bravejou Ralph.

- Eu só acho que o Kal fantasiou um pouco essa história de monstros, criaturas amarelas, e blá blá blá.

- Hum... tomara que nas minhas imaginações eu veja você sendo devorada por, hum... dei-xa-me ver, um bicho-sem-cabeça!

- Um bicho-sem-cabeça, Kal? – riu a garota levantando-se da mesa – Vou me encontrar com o Daimon, vejo vocês em Poções.

- Ok... – disse terminando de comer seu pão.

Mesmo tendo o apoio de Ralph, para Kal não era a mesma coisa. Saber que sua melhor amiga, e quase irmã não acreditava nele, era decepcionante. Guinevere sempre tivera um pensamento centrado na realidade, era o tipo de pessoa que só acreditava vendo e Kal gostava disto, pois ela não iludia tão facilmente. Mas nos últimos dias coisas bem fora da realidade começaram a acontecer na vida de Kal, e ele temia não poder mais contar com a amiga para dividir essas experiências.

No caminho para a sala de poções, Kal e Ralph encontraram com alguns alunos de Tadewi que desciam as escadas para o primeiro andar, estavam eufóricos, cada aluno com um pedaço de pergaminho laranja, dando gargalhadas tão altas que mesmo quando os dois alcançaram o corredor do lado direito do saguão ainda conseguiam ouvi-las.

- O que há com eles?

- Devem ter feitos a inscrição para os testes de Quizard. – respondeu Kal – Você vai fazer, Ralph?

- Não. Tenho detenção no sábado com o professor Tirso...

- Pena.

- Mas você vai tentar, não vai? – indagou Ralph.

- Não sei. Acho que não tenho a menor chance contra os alunos mais velhos.

- Acho que você deveria!

- Eu também acho. – falou uma voz.

Guinevere os encontrou assim que já chegavam na sala de poções e ao seu lado estava Daimon, perceptivelmente acanhado, o rosto rosado e a cabeça baixa com as mãos nas costas.

- O que está acontecendo, Daimon? – indagou Kal puxando o braço do garoto, revelando um pedaço de pergaminho azul.

- Ela me obrigou a fazer a inscrição... – respondeu sem graça, indicando Guinevere com a cabeça.

- E você sabe como se joga uma partida de Quizard? – perguntou Kal.

- Ah... não, mas... eles vão ensinar, acho.

- Vão sim! – informou Guinevere.

- Quem te disse?

- Ora Kal, metade da escola nunca competiu de verdade. É claro que eles vão ensinar. A- gora tome! Esse é o seu formulário! Já preenchi para você! É só assinar.

- Eficiente ela, não? – zombou Ralph.

- Assine! Está esperando o que?

Kal retirou uma pena com tinteiro da mochila e rapidamente assinou o pedaço de pergami- nho.

- Obrigada! – disse a garota, que em seguida rumou apressadamente para o saguão de entrada.

- Alguém me diz o que deu nela... – falou Ralph espantado.

- Ontem, enquanto descíamos no balão ela ficou falando que o papai foi um grande jogador de Quizard. – comentou Daimon – Não me perguntem como ela soube disto, mas enfim, ela insistiu que eu e Kal deveríamos nos inscrever e tal...

- Para mim ela viajou legal. – respondeu Kal continuando o caminho até a sala de Poções.

- O fato é que já estamos inscritos, Kal. Só nos resta esperar até amanhã.

A sala de Poções estava com um cheiro esquisito naquela sexta-feira, diferente do odor de alho na última aula, agora possuía um cheiro férrico. Os caldeirões borbulhavam um líquido prateado e pastoso.

- Bom dia! Bom dia! Bom dia! – saudou Paulo Pote.

- Bom dia professor! – cumprimentaram alguns poucos alunos.

- Bem meus queridos pupilos, amanhã é dia de escolha para as equipes de Quizard. E pelo que me consta, as equipes estão bem desfalcadas este ano. Seis alunos serão escolhidos para jogar nas suas equipes. Que coisa não...

- Está dizendo que há apenas um jogador em cada equipe atualmente? – indagou Kal.

- Ah, sim! Por certo. – respondeu – Acontece meu querido discípulo, que Quizard é um esporte que exige muito de seus competidores, sendo que os testes só classificam alunos avançados. A maioria dos alunos que não está pelo menos no terceiro ano é eliminado na primeira prova. Então, aqui vai um conselho para vocês primeiranistas: não se inscrevam, é perda de tempo!

Cada aluno na sala arregalou os olhos ao terminar de ouvir as dolorosas palavras do professor, que parecia ficar estranhamente feliz em assustar seus alunos.

Como se não só as palavras de Paulo Pote bastasse, Guinevere entrou na sala com estrondo. Diferente dos outros alunos, a garota estava radiante de felicidade.

- Acordou iluminada hoje, Srt^a Lingenstain? Ora, ora, o que vemos aí? – o professor andou até o meio da sala e educadamente apanhou o formulário de inscrição das mãos da garota. – Vocês têm uma colega muito corajosa. Hum, desculpem-me, um colega. Pelo

que vejo nesta ficha de inscrição pertence ao Sr. Foster. Kalevi Foster.

Kal olhou em volta e viu os colegas amassarem seus próprios formulários e enfiarem no bolso a fim de não serem ridicularizados pelo professor.

- Ah me lembro! Kalevi Foster, o garoto do Formanômago. Bem, devo informar-lhe que ha- verá muito mais do que vampiros naquele labirinto, ok? Vamos à aula.

Depois de satisfazer-se humilhando alunos, Paulo Pote resolveu finalmente explicar que o líquido prateado que estava borbulhando no caldeirão era uma poção revigorante chamada Vitelius e que comumente era portada pelos clérigos por se tratar de uma poção eficiente e de fácil uso. Durante as duas aulas, o professor ficou monitorando o preparo da poção pelos alu- nos. Kal teve a impressão de que a sua tornara-se um veneno, pois o cheiro lembrava muito com esgoto e a cor estava longe de ser prateada, era mais um verde acinzentado. Ralph, no entanto, parecia saber muito bem misturar os ingredientes, Paulo o elogiou com todas as pa- lavras que encontrou em seu vocabulário, que também serviu para repreender um aluno que pôs ingredientes demais e acabou por derreter o fundo do próprio caldeirão.

Quando o sinal tocou marcando o fim das aulas de poções, ouviu-se o costumeiro barulho de mochilas batendo nas costas dos alunos, que apressados correram até o primeiro andar para a aula de Clerigologia. Seria sua primeira aula desta matéria, pois as duas aulas da quarta-feira foram canceladas por um motivo que não foi bem explicado.

- É aqui. – indicou Ralph quando se aproximaram da porta dupla de carvalho.

- Será que tem professor desta vez? – indagou Kal.

Do lado esquerdo do corredor ouviu-se um barulho de salto tamborilando nas pedras de mármore que revestiam o primeiro andar. Seguindo o som, os primeiranistas observaram uma mulher alta, branca de cabelos negros e curtos.

- Bom dia, meus alunos! Eu sou a professora de clerigologia, Cristina F... – a professora parou por um breve instante e dirigiu sua atenção para Kal, sorriu e disse ao garoto – Vejo que você está bem melhor hoje.

- É estou... – respondeu sem graça. Kal pode olhar novamente a mulher que o ajudou dois dias antes quando estava fraco por ter feito a projeção astral, naquele momento ele nem se preocupava em perguntar quem era ela, apenas ficou grato por tê-lo curado e resolveu sair o mais rápido possível para evitar perguntas que talvez ele não pudesse responder.

- Certo alunos, vamos iniciar a aula e vamos tentar acelerar o conteúdo porque amanhã, alguns de vocês, terão testes para as equipes de Quizard. Os alunos do primeiro ano sempre levam um pouco de desvantagem contra os alunos mais velhos, mas não deixem isto ser um obstáculo. Vocês podem se dar bem! Então, vamos para dentro.

Ao entrarem na sala de aula as narinas dos alunos foram invadidas por um perfume adocicado e refrescante, parecia essência de eucalipto ou menta. Nas paredes havia alguns qua-

dros de bruxos e bruxas embrenhados em pequenas moitas ou embaixo de grandes árvores. Muitos dos bruxos nas pinturas carregavam frascos de diversos formatos, um quadro chamou a atenção de Kal, nele estava pintada uma mulher de vestido preto em frente a um caldeirão borbulhante, a mulher tinha seus rosto coberto pelos cabelos negros. Suas mãos estendiam-se até a boca do caldeirão e derramava um tipo de líquido azulado.

- Acredito que o professor Paulo Pote tenha ensinado sobre a poção Vitelius. – disse Cristina e Kal dispersou sua atenção no quadro - Então vou ensiná-los agora a maneira correta de usá-la, a propósito, eu sou Cristina Lê Fay.

Ao alcançar a estante de madeira polida no canto da sala, a professora indicou aos alunos que se aproximassem para pegar amostras de poções que estavam guardadas no móvel.

As poções, para a sorte deles, não eram poções de alunos. Aparentemente, a professora as havia preparado para a aula. Já com os pequenos frascos em mão, Cristina Lê Fay mostrou-lhes de maneira prática como curar alguém com a poção.

- A primeira coisa a ser feita é perguntar a pessoa o que ela sente. A poção Vitelius pode ser usada para combater o cansaço e a moleza. Basta uma colher da poção para uma preguiça vencer uma maratona!

De outro armário ela retirou uma criatura gosmenta e avermelhada a qual disse que era uma Trêmulam, uma criatura de pele vermelha parecida com um lagarto.

Os pequenos olhinhos verdes do bicho cintilavam à medida que era erguida no ar pelo rabo, bem fino. Ela liberava um certo odor característico, o cheiro de enxofre espalhou-se pela sala obrigando os alunos da frente taparem as narinas.

- Vamos a uma amostra simples. – assim que largou o bicho em cima da mesa, esse iniciou uma fuga desesperada, como se previsse o seu destino. – *Ferebelo!*

O feixe de luz rosa que a varinha de Cristina disparou acertou em cheio a trêmula que agora se contorcia em agonia. A pele vermelha do bicho ficava cada vez mais esticada e ele ficou parecido com uma fita crepe. Os olhos esbugalharam-se e os pequenos dentes de cerrinha à mostra. Ironicamente os dentes brancos à mostra e a expressão sorridente devido ao esticamento da pele faziam da trêmula um perfeito garoto-propaganda de creme dental.

- Estão vendo alunos? Espero que aprendam, porque este pobre bicho está fazendo um sacrifício muito grande para que vocês entendam o processo. Eu apliquei sobre ela uma maldição de superfície, ou seja, o problema é externo e tomar a poção Vitelius não trará resultados. O que vocês devem fazer é mergulhar a ponta da varinha na poção e repetir o feitiço.

Ferebello!

O filete de luz rosa mesclou com o líquido prateado para finalmente alcançar a trêmula que pareceu levar um choque térmico. Ela rolou pela mesa, deu cambalhotas e num estalo havia voltado ao normal.

- Acompanharam? Agora vamos a outras demonstrações de uso.

A aula estendeu-se com as demonstrações de uso da poção. A cobaia, durante toda a aula foi a pobre e azarada trêmula, que se contorceu, grunhiu, perdeu as patinhas, voou, quicou no chão...

- Eu tive pena daquele bicho. Coitado... – comentou Guinevere enquanto saiam da sala.

- E eu tenho pena dos nossos ouvidos se não levarmos uma cobaia para a aula de maldições. – balbuciou Ralph.

- Pelas barbas de Merlin! Eu havia esquecido completamente. Aquele escaravelho do A- madeus pediu que levássemos para a próxima aula um bicho qualquer.

- Guinevere! Ele é um professor! Não pode chamá-lo assim – retrucou Kal imediatamente.

- Ora Kal!

- Parece que não fomos os únicos a esquecer... – ao ouvir as palavras de Ralph, Kal e Guinevere apressaram os olhares até os estudantes do primeiro ano que corriam de um lado para o outro do saguão sem saber ao certo o que estavam fazendo. Poucos alunos seguravam os bichos pedidos. Um desses poucos era ninguém menos do que Rick Wosky.

- Esse porco parece que conseguiu uma cobaia. – comentou Kal.

- Provavelmente é aquele irmão idiotinha dele. – sugeriu Ralph – Mas vamos, temos que pegar alguma criatura para usarmos na

aula. Se não seremos os únicos a passar vergonha.

- Vamos voltar na sala de Clerigologia e pedir a trêmula da professora emprestada. – sugeriu Guinevere.

- Isso! – concordaram os garotos.

A sala ainda preservava o odor de enxofre quando os três entraram, mas parecia que não iria durar muito tempo. Cristina Lê Fay estava “purificando” o ar com a varinha, lançando jatinhos de fumaça coloridos, ora verdes, ora roxo, amarelo...

- Professora! – chamou Guine ao entrarem na sala.

- Nossa, o que estão fazendo aqui ainda? – indagou a professora.

- Precisamos da trêmula! – falou Kal sem rodeios.

- E posso saber para quê?

- É a aula de Maldições! – continuou Kal.

- Ah sim! Entendo. Mas, não vou poder emprestá-la. Lamento.

- Ah... – decepcionaram-se os três.

- Acontece que a trêmula está bem surrada, coitada. Ela já sofreu as piores provações hoje e temo que ela não agüente o que

Amadeus preparou.

- Tem idéia de onde podemos encontrar uma cobaia? – perguntou Guinevere.

- Talvez na orla da floresta vocês possam encontrar alguns bichos pequenos que sirvam ao propósito.

- Ok! – falou Kal.

Saindo da sala de aula, Kal olhou de relance um dos livros da professora com o título “Clerigologia através dos séculos”, no entanto o que chamou a atenção do garoto foi a pequena etiqueta dourada com letras prateadas inscrita “Cristina Foster Lê Fay”.

Não é possível. Pensou Kal. Olhou mais uma vez para a professora que continuava com sua purificação do ambiente.

Eu não sabia que havia outras pessoas com o sobrenome Foster. Mentalizou.

- Vamos! – chamou Guinevere puxando-o pelo braço.

- Ah... vamos...

Os três atravessaram os jardins do castelo a largos passos e desceram no primeiro balão que encontraram. Na Cidade dos Elfos eles mais uma vez correram até a orla da floresta e em cinco minutos já estavam caçando bichos. Vez ou outra um aluno saltava de dentro da floresta segurando alguma criatura. Dois alunos de Katzin e cinco de Tadewi, foi a contagem feita por Kal nos quase quarenta e cinco minutos que permaneceram ali.

- *Escaparta!*

- *Amständer!*

- *Ferebelo!*

Kal, Ralph e Guinevere disparavam feitiços para todos os cantos onde havia barulhos. Finalmente, ao custo de alguns arranhões e muito suor, os três dirigiram-se ao castelo, Kal e Guine pegaram um tipo de rato grande e amarelo e Ralph, usando o Amständer, capturou uma criatura parecida com um furão. O feitiço que Kal usou para capturar o seu foi tão forte que o bicho voou quinze metros antes de bater em um tronco de seringueira.

- Temos duas aulas de feitiços antes da aula de maldições. – falou Kal – Onde vamos colocar estes bichos?

- Talvez possamos enfeitiçá-los de forma que fiquem imobilizados. Só imobilizados. – sugeriu Ralph.

- Mais um feitiço e este rato morre...

- Kal tem razão. Não dá para enfeitiçá-los mais, não com os feitiços que conhecemos...

No saguão de entrada, alguns alunos tentavam manter as cobaias presas dentro das mochilas já que essas estavam se recuperando dos nocautes.

Tirso espantou-se ao ver todos os alunos com algum tipo de bicho dentro das mochilas. Camila Cerda teve que perseguir o seu rato amarelo pela sala, mas felizmente Tirso a ajudou.

- Minha sala transformou-se num zoológico e ninguém me avisou? – disse o professor quando entregou o bicho à menina e virando-se viu cinco pequenos animais de antenas em sua mesa. Com um gesto simples de varinha ele retirou as criaturas e as guardou nas mochilas dos respectivos donos.

- Bem, hoje nós veremos um feitiço bem interessante e que acaba com a insônia. – disse Tirso sacudindo o pé para retirar um gato do mato de seus sapatos – Para quem pensou em um feitiço do sono, meus parabéns. Acho que podemos aproveitar esses animaizinhos um pouco. Kal. – Tirso indicou para que o garoto fosse até a frente com sua mochila – Saberá nos dizer qual é o feitiço do sono?

- Não senhor.

- Sem formalidades, Kal – repreendeu – Tudo bem não saber, no entanto, continue aqui, ok?

- Sim.

- Bem, na Grécia antiga, e acredito que Caciús possa nos dar maiores detalhes sobre isto, falava-se sobre um deus que tinha a capacidade de controlar o sono. Era Morfeu, o deus do sono. E foi deste nome que se originou a morfina, um tranqüilizante natural presente no chocolate. E daí o Mórfinus, nosso feitiço. Vamos praticar? Kal.

O garoto puxou o rato amarelo de dentro de sua mochila e o largou na mesa. Com a mesma velocidade ele sacou a varinha e disse:

- *Mórfinus!*

Uma fumaça densa e roxa saiu da varinha e encobriu o rato, que logo saltou da mesa.

- Fraco, muito fraco. Novamente.

Kal alisou os cabelos com uma das mãos e disparou o feitiço no rato caído no chão.

- Mórfinus!

Desta vez não foi uma nuvem e sim um lampejo roxo que acertou o rato, mas ainda assim não surtiu efeito.

- Mais uma vez, com as duas mãos.

Impaciente, Kal segurou a varinha com as duas mãos e afastou os joelhos, apontou no meio do corpo do rato que já estava parado e meio zozzo.

- *Mórfinus!* – o grito ecoou pela sala seguido pelo estalo da varinha. O feitiço foi demasia- damente mais forte do que as vezes anteriores, por um momento ele achou que o rato havia desaparecido, mas logo percebeu que ele havia sido deslocado cinco metros a frente.

- Uhuhu... – fizeram alguns alunos em espanto.

- Muito bem, apesar de não ser tão discreto assim, acredito que esse ratinho não vai inco- modar ninguém nas próximas semanas. Quem será o próximo?

Os alunos fizeram uma fila e aos poucos a sala de feitiços tornou-se uma espécie de boate com o intenso piscar de luzes.

- Kal, pode vir até aqui? – chamou Tirso – Soube que você se inscreveu para a seleção de Quizard.

- Sim, mas na verdade foi a Guinevere quem me inscreveu.

- Já tem em mente a posição que planeja competir? – perguntou Tirso sendo indiferente à observação do garoto.

- Não, mas acho que vou escolher uma posição sem muito destaque.

- Sei... posso sugerir uma se quiser. O que eu realmente queria é que você jogasse em uma posição como a do armador, você tem

muito potencial, Kal. Viu o que fez com o *Mórfi-nus*? Você transformou um simples feitiço em uma arma poderosa.

- Sim, mas...

- Quero que amanhã você compareça aos testes.

- Ok.

- Então posso contar com você?

- Sim, professor.

- Seis horas do lado de fora da escola, próximo ao lago.

Tirso levantou-se e prosseguiu com as explicações do Mórfinus, cada aluno já havia feito suas cobaias dormirem um sono leve e jogaram-nas nas mochilas. A aula de feitiços mostrou-se muito útil afinal de contas. Dada aula por encerrada, os alunos recolheram seus materiais e o arrastar intenso das cadeiras tornou qualquer outro som indistinguível. Kal fez sinal a Tirso indicando-lhe o rato que ainda dormia em sua mão sem dar qualquer sinal de consciência. Do outro lado da sala o professor disse algo que não pode ser compreendido e o rato acordou ao ser atingido por um raio branco.

Amadeus Wosky parecia ainda mais assustador naquele fim de tarde. Os cabelos negros muito bem penteados serrando-lhe os olhos, um casaco negro capaz de cobri-lo dos ombros até os calcanhares dava-lhe um aspecto frio.

A sala estava iluminada com algumas poucas algumas velas que davam formas fantasma- góricas às sombras.

- Boa tarde, professor. – cumprimentou Kal quando arrumou uma cadeira para se sentar na primeira cadeira. Amadeus encarou-o por um instante e no outro abaixou a cabeça e voltou a concentrar-se no que estava fazendo.

- Eu trouxe o animal como o senhor pediu. – insistiu ele.

Amadeus Wosky permanecia indiferente a qualquer fala do garoto. Após todos se sentarem, inclusive os alunos do primeiro ano de Katzin, e Rick estava com eles, o professor de Maldições se levantou e rapidamente o silêncio se fez.

- Quem não trouxe o que eu pedi, por favor, retire-se.

Dois ou três alunos de Katzin levantaram-se de suas cadeiras e saíram da sala de aula.

- O que pretendo ensinar hoje é algo que muitos de vocês talvez não consigam realizar, pois se trata de magia poderosa. Alguns alunos mais avançados do que vocês não conseguem com perfeição. Por isso, não se sintam inferiores caso não tenham êxito. Mas se conseguirem, sintam-se como reis, porque são poderosos.
– Amadeus olhou firme para seu filho que estava sentado numa das cadeiras do meio.

Com a varinha o professor fez levitar um pequeno animal de dentro de um vaso em cima de sua própria mesa. Parecia a miniatura de um porco, ele fez o pobre animal rodopiar no ar e atravessar a sala quase que como uma volta olímpica.

- *Dunkel!* – grunhiu Amadeus.

A luz negra da varinha encobriu o porquinho e no segundo seguinte o bicho estava completamente desfigurado.

- Familiar, não? – cochichou Guinevere.

- Está é a maldição Dunkel, muito comum no Egito, até que a proibiram quando a associaram Dunkel a outra maldição egípcia, a Maldição de Tut-Tanka-Mon. Nós falamos dela na aula passada. Alguém sabe me dizer o que foi esta maldição?

- Tut-Tanka-Mon foi um faraó egípcio e no início do século XX, quando descobriram o seu túmulo, a maldição foi ativada, e seus descobridores então, desapareceram – respondeu Rick Wosky.

- Essa é a história que fazia o Rick dormir quando era neném. – disse Ralph e junto com Kal deram risadinhas, Amadeus apontou a varinha para os dois.

- Desculpe, senhor. – disseram.

Amadeus virou sua varinha para o próprio filho e com desgosto disse:

- Rick, se você não puder controlar sua língua, peço que se retire da minha aula.

- Mas você perguntou...

- O *senhor* perguntou. – corrigiu ele – E perguntei para os alunos que não sabem.

- Desculpe, senhor. – falou Rick de cabeça baixa, mas ainda assim mostrando ódio no tom de voz.

- E agora quero que cada um coloque a cobaia em cima da mesa e tentem usar a maldição. Imediatamente os alunos seguiram a

ordem do professor, sem muita delicadeza e iniciaram as tentativas.

- *Dunkel!* – o rato de Kal tremeu, e apenas tremeu.

- Ah! Eu desisto. – falou Guinevere – Isso é coisa de neandertal.

- Isso é coisa de egípcio, Guine. Vamos lá! Se o seboso do Wosky conseguiu machucar aquele macaco na Cidade dos Elfos, nós também podemos conseguir.

- Isso mesmo, Kal. – confiou Ralph – E nós ainda vamos usar essa maldição no Wosky um dia.

- Não antes de usar nas cobaias. – completou Guinevere.

- *Dunkel, Dunkel, Dunkel...* – insistiu Ralph sacudindo a varinha freneticamente.

- Se sua varinha fosse uma faca, já teria feito em pedaços sua cobaia. – retorquiu Amadeus.

- A propósito, o que seria ela? – indagou.

- Eu não sei que bicho é esse, professor.

- Então eu respondo, senhor Scheiffer. Este é um Dilqui, ou seja, um animal em risco de extinção. O diretor Cadius preserva esses animais e acho que não ficará feliz em saber que um desses está servindo de cobaia. Se bem que, com você não há risco.

Três alunos de Katzin, incluindo Rick, soltaram risadas escandalosas e Amadeus se fez in- diferente.

- Professor, existe uma maneira correta de se fazer o feitiço? – indagou Kal.

- Maldição, senhor Foster, maldição. Não há uma maneira simples de se fazer. Apenas lan- ce.

- Tudo bem, vamos lá, Kal, vamos lá... – disse ele mesmo – *Dunkel!*

Ele permaneceu com a varinha apontada para o rato amarelo que ficou completamente i- móvel.

- Firmeza Foster, firmeza. Diga novamente! – repreendeu Amadeus ao seu lado.

- Dunkel! Dunkel!

Os feixes negros acertaram o animal que já tremia e se contorcia, mas ainda assim Kal não obteve o resultado que desejava.

- Deixe de patetice, Foster. É assim que se faz. *Dunkel!* – Rick havia se levantado para dar uma demonstração de magia.

- Basta, Rick! Basta! – berrou o professor.

- Qual é o seu problema? Eu posso fazer isso!

- Eu sei que você pode, Rick, mas não precisa!

Pai e filho iniciaram uma discussão que prometia durar. Rick ficara descontrolado e passava a berrar mais alto. Alguns alunos já haviam se retirado da sala de aula e Amadeu, mostrava-se impaciente, embora calado.

Kal permaneceu ali, imóvel, sentado em sua cadeira, ao lado de Guinevere e Ralph, observando aquele desentendimento que já havia deixado de ser entre professor e aluno.

Num movimento rápido de varinha, Amadeus acertou Rick com um feitiço paralisante.

- Foi uma decepção. – disse o professor ao ver o filho caído no chão.

- Professor? O que houve?

- Não se meta onde não deve, senhor Foster. Não é da sua conta.

- Eu acho que é sim, Wosky.

- Senhor. – falou – E porque seria da sua conta? Moleque...

- Senhor para você. E é da minha conta porque era eu quem estava aprendendo e sou eu o Guardiã Mirim e preciso defender

alunos, mesmo que Rick não vá com a minha cara.

- Hum... ele não é o único. Escute, só porque o nome Foster tem um glorioso passado histórico, não significa que os herdeiros deste nome tenham que estar na lista dos cem bruxos mais queridos do ano. Agora, se puderem me dar licença, tenho assuntos de família a resolver. Assuntos que só interessam a mim e ao meu filho.

Sem ter mais o que dizer, Kal, Ralph e Guinevere recolheram seus materiais e saíram pelo corredor. Imaginaram o que poderia ter motivado aquela discussão na sala de aula.

- Amadeus é sempre tão sério. – disse Guinevere ainda não acreditando no que acabaram de ouvir.

- Mas Rick é um implicanzinho des...

- Foster!

- Rômulo...

- Ainda bem que te encontrei. Soube que você se inscreveu para o Quizard.

- É me inscrevi... – falou ele furtando um olhar de Guinevere.

- Bem, os testes são amanhã e o Conselho Estudantil estará presente para te apoiar.

- Obrigado Rômulo. – agradeceu imaginando o quão discreto seria apoio de Rômulo.

- É o que podemos fazer, meu amigo Foster. – disse o garoto dando tapinhas no ombro de Kal. Logo em seguida, saiu por um corredor a direita.

- Bem, esquecendo essa história toda de Quizard, alguém sabe me dizer porque tanta irri- tação do Amadeus pelo fato do Kal ser um Foster? – indagou Ralph.

- Acontece que é algo muito exclusivo, quero dizer, Kal, Daimon e o tio Adonis são os úni- cos vivos.

- Não acho que seja algo tão exclusivo assim, Guinevere.

- Como assim, Kal? – perguntou a garota.

- Acontece que a professora Cristina também tem o sobrenome Foster! – anunciou.

- O que? Não entendi... Foster não é uma linhagem única? – perguntou Guinevere.

- Também achei que fosse, mas agora não sei...

- E como você descobriu?

- Um dos livros da professora, estava com etiqueta no nome de Cristina Foster Le Fay.

- Lê Fay... Lê Fay... é claro! – exclamou Guinevere.

- O que é claro, Guinevere?

- Kal! Na aula de História, o professor Cadius falou de uma Lê Fay, uma bruxa muito importante. Lembra?

- Morgana Lê Fay! – respondeu Kal – Parece que nossa professora de Clerigologia tem uma herança genética honrosa.

- Foster e Le Fay são realmente nomes fantásticos, Kal... – falou uma quarta vez.

- Ah... professor Tirso... desde quando... é...

- Não se preocupe, só ouvi essa parte dos nomes... mas, concordo que eu bem gostaria de fazer parte de uma dessas famílias.

- Os bruxos realmente pensam isso, professor? Que ser de uma família com antepassados gloriosos o torna especial? – perguntou Ralph.

- Bem, alguns bruxos são muito tradicionais, e... acreditam sim. Mas sabemos que força e caráter não têm nada a ver com herança genética. Você é o que você quer ser. No entanto... há outro detalhe que alguns bruxos usam como critério para se classificarem, vamos dizer assim.

- Qual detalhe? – indagou Kal.

- Assunto para as próximas aulas, Kal, próximas aulas... mas querem um conselho, procurem a professora Cristina.

- Procurar a mim? Para quê?

- Uh... neste castelo as coisas se desenrolam com facilidade... – sussurrou Ralph a Guinevere.

- É professora, nós... quer dizer, eu, gostaria de saber qual, hum...

- Meu sobrenome? Foster Lê Fay. Seu pai não te contou?

- Contar o quê? – perguntou Kal franzindo o cenho.

- Que oficialmente eu sou uma descendente direta de Foster.

- Como pode? – indagou Guinevere.

- Acontece que Foster e Morgana tiveram um filho, mas esse filho de Morgana nunca foi re- conhecido como herdeiro, até pouco tempo. Seu pai, que atualmente é o Foster mais velho, reconheceu, vamos dizer assim, a autenticidade do meu sangue, a partir de então, quem era Lê Fay, tornou-se Foster Le Fay!

- Isso é patetice... – resmungou Kal.

- Não posso fazer nada, Kalevi Foster. E qual é o problema? Ter um sobrenome importante não muda nada na vida de alguém. Você não pode ser julgado pelo nome de sua família, e sim pelo o que de importante você vive para fazer.

- Profundo... – debochou Kal – Se me der licença, eu tenho um teste amanhã.

- Ah, claro! Lembre-se de uma coisa Kal, Griamen!

Ficou claro para Kal o que Cristina estava dizendo. Griamen foi o feitiço o qual ela utilizara para revitalizá-lo dois dias antes quando estava enfraquecido por tentar fazer a projeção astral.

Seguindo caminho até os portões do castelo, o garoto pensou qual seria o problema de Cristina ser uma Foster. Kal crescera tendo em mente que sua família era única e tradicional, e também muito conhecida no mundo mágico. No entanto, o surgimento de outra herdeira de sangue, outra descendente, e pelo que ele pôde entender, que surgiu de um relacionamento não oficializado entre Foster e Morgana, poderia manchar este nome, fazê-lo perder o prestígio que tinha.

Bobagens que permaneciam em sua cabeça.

- CAPÍTULO X -

Seductos

No café da manhã daquele sábado, os alunos estavam agitados. Boa parte deles acordou quase que de madrugada a fim de chegar mais cedo ao local dos testes. Os alunos de Angus iriam competir entre si nos jardins do castelo, Kal e os demais alunos de Tadewi iriam para uma arena montada na orla da floresta, mas ninguém sabia ao certo onde seriam os testes de Katzin, apenas sabiam que seria aplicado naquele mesmo dia pelo professor de Maldições, Amadeus Wosky.

Ralph e Daimon despediram-se de Kal e Guine nos terrenos baixos de Avalon, Daimon subiria para os testes com a professora Cristina e Ralph preparava-se para a detenção na sala de feitiços, que seria cumprida com a Srta. Scringer, pois Tirso aplicaria os testes para a equipe de Tadewi.

Guinevere seguiu até as arquibancadas de madeira, onde se sentou ao lado de outras meninas. No vestiário cor azul e laranja, Kal aproximou-se de um grupo de garotos e garotas, mais ou menos cinquenta. Conseguindo um lugar na frente ele viu um macaco de uns sessenta centímetros, pelo negro e um pouco alaranjado com uma longa cauda cinzenta, que, para sua surpresa era o mesmo o qual Rick havia utilizado a maldição Dunkel, em seu primeiro dia na Cidade dos Elfos. E para surpresa ainda maior do garoto, o macaco transformou-se no professor Tirso. Kal esfregou os olhos, mas estava certo do que vira.

- Bom dia alunos! – saudou o professor com sua costumeira alegria. – Estou certo de que estão todos presentes. Muito bem. Gostaria de pedir que viesse à frente o único jogador já oficializado, Raiam.

Um garoto alto e magro separou-se dos demais alunos e posicionou-se ao lado do professor.

- Meninos e meninas, este é o novo capitão da equipe de Tadewi, Raiam Devine. – Ele era um garoto sem grande porte físico, pescoço longo e fino, maxilar arredondado, a cabeça levemente achatada e os cabelos compridos e ruivos. Tinha uma pele fina e os olhos castanhos.

– Raiam é o desafiante de Tadewi há dois anos, e agora o único membro que restou da equipe do ano passado. Para quem ainda não conhece o Quizard vou fazer uma breve explicação. Sete jogadores competem em uma floresta repleta de armadilhas. O objetivo de cada equipe é levar seu desafiante até a sala que fica no coração da floresta. É claro que além das armadilhas, vocês terão que enfrentar a equipe adversária. No ano passado Katzin deu uma lavada em nós na final, mas isto não vai se repetir, tenho certeza. – Tirso correu um olhar pelos alunos quase que dizendo “Se vocês perderem, vão ter se entender comigo” – Muito bem, sem enrolação. Quero que apenas me acompanhem os que se inscreveram para armadores e é claro, Raiam. Vamos?

Kal olhou para a sua inscrição e viu que ele disputaria a posição de desafiante reserva, então se sentou para esperar até ser chamado.

Dez alunos acompanharam, Tirso e Raiam para fora do vestiário. Kal olhou ao redor, mas não foi capaz de encontrar um rosto familiar, aparentemente os alunos primeiranistas ficaram assustados com o comentário de Pote no dia anterior, e certamente ele próprio não estaria ali, naquele vestiário de paredes azuis e laranja, se Guine não o tivesse inscrito.

Todos no vestiário sentaram-se a espera de outro chamado, o que não demorou mais do que meia hora. Tirso colocou a cabeça na porta e convocou os inscritos para a posição de escudeiros, quinze alunos levantaram-se e saíram em fila.

Depois de outra metade de hora Tirso reapareceu e outros dez alunos saíram do cômodo prontos para a prova que escolheria os dois clérigos da equipe de Quizard.

Kal não sabia quais eram as provas pelas quais os alunos estavam enfrentando, e no momento, preocupar-se com as provas que os outros alunos estariam enfrentando era a última coisa lhe

interessava. A qualquer momento Tirso iria aparecer para o último teste, o de desafiante reserva.

Dos quinze alunos restantes Kal tinha certeza de que eram alunos avançados. Nenhum devia ser do primeiro ou segundo ano. No café da manhã Kal ouviu comentários de que alunos do primeiro ano foram parar no Hospital Nautilus devido os ferimentos que sofreram na prova de seleção do ano anterior.

Ficar ali sentado encarando seus oponentes não era a melhor coisa a se fazer em um sábado pela manhã, pior ainda foi ouvir o ranger da porta se abrindo e Tirso enfiando apenas sua cabeça, como se esta não estivesse ligada ao corpo, para chamar os alunos, e sem colocar pressão nenhuma dizendo que metade da escola e alguns habitantes de Cidade dos Elfos estavam nas arquibancadas. Todo este coquetel de nervosismo fez despertar em Kal uma ponta de inveja de Ralph, que a esta hora estaria muito bem seguro em Avalon, onde seu maior risco era de encontrar uma pequena aranha numa das caixas velhas da sala de Feitiços.

Ao saírem do vestiário eles ouviram o furor da platéia, toda a equipe de Tadewi estava presente, além do Conselho Estudantil e boa parte dos habitantes, aos sábados apenas alguns Pubs ficavam abertos para os estudantes se divertirem.

Assim que avistou Kal, Rômulo apressou-se em enfeitiçar um pedaço de papel que voou na direção do garoto. Sem que mais alguém percebesse, desdobrou-o e leu a única palavra escrita, *Réplica*. Amassou o papel e colocou-o no bolso.

Tirso segurou sua própria varinha como quem segura um microfone e disse:

- Alunos de Tadewi, depois de três provas e alguns feridos, a equipe do nosso grupo já está formada! No entanto, precisamos escolher o desafiante reserva, para pequenos casos de emergência! Para isso estes valentes alunos estão aqui na nossa frente! – a voz do professor soou de forma suave e calma. – Como o nosso capitão, Raiam, ocupa a posição de desafiante titular, nossa equipe está apta a competir em igual com qualquer uma das outras. Mas repito, precisamos de um reserva, para o caso de algum infeliz acidente com o nosso titular, pois o desafiante é o passaporte para uma competição. Sem ele não há equipe. Que se iniciem os testes!

Instantaneamente, Tirso transformou-se em fumaça e desapareceu, surgindo logo em seguida em uma torre de madeira acima da platéia.

- Os competidores devem atravessar o campo cheio de armadilhas até chegarem à Sala das Diferenças. O primeiro a chegar será o vencedor.

No primeiro minuto todos correram para a floresta "montada" nos jardins de Avalon e um silêncio enorme seguiu-se em diante. Kal não sabia para onde ir, sentia-se encurralado. Olhou para os lados, mas não viu nenhum competidor, pensou em subir numa árvore, mas depois achou que ali seria um alvo fácil. Seu estômago embrulhou com o grito da torcida. Uma garota chamada Luana Siamês tinha um fã clube ao seu lado. Vários alunos ergueram cartazes com seu nome e outros tantos alunos erguiam as varinhas para dispararem fogos de artifício que no final da explosão formavam o nome "Lusi, estamos com você".

Kal permaneceu entretido com aquele show pirotécnico, em dado momento até mesmo esperou que seu nome também fosse conjurado no ar, mas sabia que era impossível. Aquela façanha era de alunos do terceiro, quarto ou quinto ano, e não para seus amigos primeiranistas.

Recobrando os sentidos, Kal desviou de um feixe de luz laranja disparado da esquerda que derrubou de uma árvore um aluno, que ali se escondera.

- Oh não! Parece que Djoni está fora! – narrou Tirso.

Kal ficou contente em saber que se fosse derrotado não seria mais o primeiro, pois se isto acontecesse ele tinha quase certeza de que não seria mais tão respeitado como Guardiã- mirim.

Zump!

Outro feitiço cortou o ar e pelo barulho que se seguira depois, outro aluno tinha sido atingido. Kal permanecera parado desde o início do teste, atentou-se para o fato de que ele poderia ser o

próximo assim que um raio lambeu sua orelha direita e acertou um galho à frente, fazendo-o em vários pedaços.

- Essa galera não está de brincadeira. – comentou Tirso orgulhoso.

- Então você é o pequeno Foster? – falou um garoto alto e robusto que pulara de cima de uma árvore, o qual Kal não tinha visto – Só porque é um Foster não significa que é melhor do que eu.

- Nunca disse isso. – respondeu Kal.

- Lamento por você, Foster, mas sua aventura termina aqui! – o garoto brandiu a varinha – Até logo! *Farfalha!*

Kal tateou atrás de sua varinha e sentiu o papel amassado em seu bolso.

- *Réplica!* – uma barreira verde se formou em sua frente e o protegeu do feitiço, mandando-o de volta para o seu dono.

- Que defesa incrível! – berrou mais uma vez Tirso.

- É por isso que ele é guardião! – Kal viu uma garota ruiva, que ele não tinha a menor idéia de quem era, gritar a plenos pulmões para toda a platéia.

- E Jean está fora da competição! – prosseguiu Tirso com um risinho.

Kal lembrou-se do Réplica, Rick usara contra ele quando se conheceram. Procurou Rômulo pela arquibancada para agradecê-lo, mas ele havia sumido.

Jean ficou estirado no chão até que fosse sugado pela terra, como se tivesse em areia mo-vediga.

- Dos quinze alunos que entraram, apenas sete permanecem no páreo. Quanto tempo mais iremos esperar para saber quem é o nosso desafiante reserva?

Enquanto Tirso falava, vários raios e lampejos cortavam o campo da partida e mais alunos saiam derrotados.

Kal resolver adotar a estratégia do não-combate, já dera sorte demais sobrevivendo até aquele momento. Resolveu procurar pela Sala das Diferenças por um caminho onde não pudesse encontrar nenhum outro competidor. Sempre que via raios e luzes faiscantes pelo caminho, ele tomava o sentido contrário. Por vezes utilizou o *Captus* para ouvir o que estava acontecendo ao seu redor. Resolveu

abandonar este feitiço depois de ouvir cinco gritos agonizantes e várias gargalhadas vitoriosas.

Sem qualquer aviso, uma garota pulou de uma clareira e passou por ele mais rápido do que um feitiço. Olhando de um lado para o outro, a procura da tal garota, seu coração acelerou de tamanho modo que ele achou que poderia parar a qualquer momento.

Assim que ouviu um grito, Kal virou-se na direção de onde viera e ergueu a varinha com a língua a meio caminho de um feitiço. Espantou-se quando outro garoto pulou da mesma clareira aos berros seguindo uma direção qualquer.

- Parece que nossos competidores estão com enormes problemas. – narrou Tirso.

Nas arquibancadas via-se as pequenas e curiosas cabeças olhando para o campo a procura de qualquer coisa que esclarecesse *enormes problemas*.

Kal não sabia se deveria correr ou permanecer naquele ponto. Suas opções não eram boas. Se corresse tinha certeza que seria apanhado por outro competidor qualquer, mas se permanecesse ali estaria correndo o risco de ser encontrado pelo *enorme problema* a qual Tirso se referira.

Sem saber se pelo medo, pavor, ou pela simples escolha, Kal permaneceu parado com a varinha ainda erguida e decidido a atacar o primeiro que pulasse em sua frente.

Quando percebeu um movimento a sua frente disparou vários feitiços ao mesmo tempo.

- Farfalha! Escaparta! Amständer! Farfalha!

A pequena moita fora completamente destruída, mas o que ela protegia, não.

Ele ouviu uma explosão em algum lugar longe de onde estava e Tirso confirmou com sua narração o que ele suspeitara, outro aluno fora da competição.

Kal ouviu novos passos em sua direção, olhou para os lados a procura de um bom esconderijo. Guardando a varinha nas vestes ele saltou para cima de uma árvore e se escondeu entre os galhos de forma que pudesse ver o que acontecia lá embaixo.

Um rapaz alto, robusto, de cabelos castanhos divididos ao meio, trajando uma veste negra e comprida rastreou o lugar com a varinha erguida e olhou compenetradamente para o esconderijo de Kal.

- Você é o Foster não é? – disse ele sorrindo – *Levitoriano!* – com extrema facilidade ele arrancou Kal de entre os galhos com o feitiço e largou-o a uns três metros do chão.

- Quem é você? – perguntou se levantando e posicionando a varinha em ataque.

- Eu sou o Escritor da Terra.

- Escritor? Da Terra? – duvidou Kal.

- Deixe-me apresentá-lo a minha varinha. *Escaparta!*

- Réplica!

A barreira verde não foi o suficiente para protegê-lo totalmente. Kal foi arremessado, mas logo se levantou.

- Simpática sua varinha, não? – disse levantando-se mais uma vez.

- A sua também não é nada mau. Carvalho, vinte e cinco centímetros, pelo de unicórnio.

- Farfalha!

Escritor da Terra apenas brandiu a varinha no ar para que o feitiço fosse desviado.

- Belo broche. – disse ele apontando para o pequeno distintivo do Conselho Estudantil. – Este cargo foi meu no ano passado.

- Escritor da... E.T. – concluiu Kal.

- Haha. Não deboche do meu nome Kalevi Foster! Escritor da Terra é apenas um nome mágico.

- Como assim?

- Ora, você não acha que os grandes bruxos nasceram com esses nomes legais, acha? Você sabia que Merlin se chamava Emrys?

- Ok. Mas o que você está fazendo aqui?

- Bem, acontece que quando há uma prova para desafiante, o melhor aluno do ano anterior vem aquecer a competição.

- Hum...

- Agora que já batemos um papinho, se não se importa, eu tenho que tirar todo mundo do campo.

- Tente passar por mim então.

- Oia! – exclamou ele num tom caipira – Garoto de coragem. Tudo bem então, comece.

- Mórfinus!

- Ah Kal... que decepção... – disse o outro ao esquivar-se facilmente. – vou deixá-lo imobilizado, assim você vai poder ficar um pouco mais no campo.

Escritor da Terra atirou um raio branco na direção de Kal, que foi atingido antes de fazer qualquer movimento. Ele sentiu o sangue congelar em suas veias, os ossos pesarem como se fossem feitos de chumbo, seus músculos enrijeceram de tal modo que era impossível contraí-los. Estava petrificado.

- Eu vou dar uma sondada por aí e já volto. Você tem sorte sabia, me simpatizei com você. Até mais.

Ficar imóvel não era uma situação confortável, principalmente quando se está em uma arena de batalha. Depois de permanecer ali sem qualquer sinal de Escritor, ou de qualquer outro oponente, Kal ouviu um ruído de galho quebrando e a garota que ele havia visto anteriormente surgiu entre as árvores. Somente agora Kal conseguira observá-la direito. Ela devia ter seus quinze anos, era alta, um corpo bem atlético, cabelos longos e vermelhos, nariz fino

e olhos bem verdes, combinando com sua calça e sua blusa azul celeste.

- Ele é forte. – disse a garota dobrando o corpo para apoiar-se nos joelhos enquanto arfava – te petrificou... seu eu te ajudar, nós dois podemos vencê-lo. *Lócus Amenus!*

- Obrigado. – agradeceu Kal respirando profundamente – Eu tenho um plano.

Seguindo o plano, a garota escondeu-se por trás de uma moita enquanto Kal permaneceu na sua posição de estátua. Era bem arriscado, para os dois. Escritor da Terra poderia surgir por trás dela sem que ao menos percebesse, ou talvez notasse que Kal não estava petrificado. De qualquer forma, era um plano, e o único que eles tinham.

- Olá, você continua aí. Uma garota fugiu, que pena... Mas vou me despedir de você primeiro.

- Escaparta!

Num movimento rápido de varinha Kal golpeou o rival no peito. Sem qualquer defesa ele cambaleou para trás e foi novamente atingido, mas pela garota.

- Mórfinus!

- Ouououou! – berrou Tirso – Parece que temos uma aliança! Kalevi Foster e Luana Sia- mêm uniram forças contra o nosso convidado. Restam apenas os dois no campo. Será que eles vão duelar?

Os dois estavam olhando para Tirso no alto da torre, entreolharam-se sem saber o que fazer, então Kal disse:

- E então? Como decidiremos isto, Luana?

- Vamos apostar corrida.

- Han?

- Em algum lugar do campo está a Sala das Diferenças. E é para lá que vamos correr, cada um pelo seu caminho.

- Tudo bem. Quem chegar primeiro vence, então. Só uma coisa. – disse Kal com um sorriso maldoso – *Mórfinus!* – ele disparou o feitiço que passou pela garota e acertou o Escritor da Terra, novamente – só para garantir.

- E começa a nossa final! Kalevi Foster após utilizar um último feitiço no já imobilizado Es- critor da Terra dispara numa corrida de tirar o fôlego. Parece que o nosso primeiranista está com vontade de vencer! – narrou a voz de Tirso.

E era verdade, Kal corria feito um louco quebrando obstáculos e saltando sobre eles. Um sentimento alegre e entusiasmático invadiu-lhe todo o corpo dando forças e um poder que ele não imaginava ter.

- Eu vou vencer! Eu vou vencer!

Se olhasse para cima Kal certamente veria a imagem de Luana desenhada no céu com os fogos de artifício, parecia que a platéia tinha se dividido ao meio. Os que não gritavam o nome de Luana, gritavam freneticamente por Foster. E só agora ele vira que alguns alunos mais velhos também estavam ao seu lado conjurando seu sobrenome para que todos pudessem vê-lo.

- Parece que Kalevi Foster está se aproximando e não há qualquer sinal de Luana. – berrou Tirso para delírio dos que o apoiavam.

- Estou vendo! Lá está!

A Sala das Diferenças estava a poucos metros de distância. Bastava apenas algumas passadas largas para alcançar o arco feito de folhas.

Atravessando o arco, Kal chegou a um espaço de pouco mais de duzentos metros quadrados com chão de pedra e algumas poucas árvores com caules antigos. Próximo de um deles, Kal avistou dois outros garotos que aparentavam ter a idade de Raiam.

- Quem são? - indagou – O que fazem aqui?

- Eu vou te vencer a qualquer custo, Satler! – falou um deles não percebendo que Kal esta- va a observá-los – *Seductos!*

Um som mortífero se propagou pela sala acompanhado de uma luz negra esverdeada que ofuscou a visão de Kal. Instantes depois ele foi desperto pela gritaria da multidão nas arqui- bancadas.

- É Kalevi Foster! – berrou ensurdecidamente Tirso – Kalevi Foster é o desafiante reser- va da equipe de Tadewi.

Esfregando os olhos com as costas da mão, ele procurou pelos dois garotos, mas não es- tavam mais lá.

Guinevere e Daimon vieram em sua direção acompanhados de outros alunos de Tadewi. Vinham gritando e agitando bandeiras laranjas. Junto deles estava outro bruxo, Escritor da Terra, já recuperado.

- Parabéns, Foster. Foi merecido, aquele *Escaparta* foi decisivo.

- Obrigado.

- Não é nada.

- Como você está, Foster? – perguntou o capitão da equipe.

- Feliz, Raiam, obrigado. – disse ele virando-se para o colega.

- Ótimo! Teremos a partida inicial daqui dois meses, mas não se preocupe, por enquanto você só compete se eu não puder competir. Meus parabéns novamente.

Depois de ser cumprimentado por todos os alunos, inclusive Luana, Kal procurou o professor Tirso, já que ninguém mais pode lhe dizer quem eram os dois garotos, nem mesmo Guinevere, que disse que aquilo era cansaço e pura emoção misturada. Para sua sorte, o professor aproximou-se dele com um enorme sorriso de parabéns.

- Foi uma boa prova, Kal.

- Tirso, quem eram os dois garotos na Sala das Diferenças?

- Como assim *garotos*?

- Quando eu entrei lá, eu os vi. Pareciam estar duelando. Nenhum deles se incomodou comigo, então um deles conjurou um

feitiço de luz negra, talvez, um negro esverdeado... O nome de um dos garotos era Satler.

- *Satler*, você disse?

- Sim. Algum problema?

- Talvez. Vamos até o professor Cadius, depois você comemora.

Conduzido pelo professor de feitiços Kal atravessou a multidão aglomerada a sua volta e juntos atravessaram os terrenos a passos largos, após três longos minutos de uma caminhada silenciosa, eles alcançaram o castelo e seguiram pelas escadas vazias até o quinto andar, onde por trás das asas de um dragão estava a passagem para a sala do diretor.

- Macieira! - falou Tirso ao dragão de mármore e este abriu suas asas cruzadas revelando a entrada circular.

- Bom dia, Prof. Cadius.

- Bom dia, Prof. Tirso. O que o traz ao meu escritório em um dia de festa como hoje? – perguntou Cadius não parecendo muito interessado em uma resposta, pois já parecia saber do que se tratava.

- Parece que Kal teve, hum, não sei explicar... uma visão.

- Ah sim. E o que exatamente o senhor Foster viu? – perguntou bondosamente Cadius com a mão erguida e a boca entreaberta.

- Eu vi dois garotos duelando. Um deles conjurou um feitiço de luz negra. – Cacius ergueu levemente as sobrancelhas e passou seu olhar para Tirso que permanecia ao lado de Kal.

- E qual era mesmo o feitiço? – indagou novamente o diretor.

- Ah bem... não sei, não pude ouvir direito... – mentiu Kal, mesmo sem saber porque e Cacius lhe olhou curiosamente.

- Conte a ele o nome de um dos garotos – disse Tirso cutucando-o pelo ombro.

- Ah sim! Eu ouvi o nome Satler...

- Você disse *Satler*? – indagou Cacius no mesmo tom estupefato de Tirso.

- Sim, professor. Satler foi o nome que eu ouvi.

- Professor Tirso, poderia nos dar licença? Parece que o senhor Foster e eu precisamos ter uma breve conversa.

- Claro, professor Cadius, certamente.

Kal viu Tirso desaparecer por trás das asas do dragão, a testa suada e o andar cansado seguirem pelo corredor.

- Muito bem, senhor Foster.

- Kal, profes...

- Como desejar. – respondeu ele em um sorriso muito agradável, como os que Adonis lhe lançava quando ficava muito contente com alguma coisa.

- Não é a primeira vez este ano que você entra em minha sala. Na outra ocasião? Não me lembro mais...

- Eu desmaiei.

- Sim, claro. Não posso mais contar com a minha memória... Por sorte, os objetos e os lugares têm uma memória incrível, sabia!

- Coisas têm memórias?

- Certamente. É claro que elas guardam apenas memórias que seriam inesquecíveis, até mesmo para uma cabeça velha e cansada como a minha...

- Professor, desculpe, entendo o que isso...

- Acalme-se, aproxime-se até aqui.

Cacius então se aproximou do grande quadro pintado a óleo de Merlin.

- Creio que já comentei sobre este quadro. – o quadro mostrava Merlin, um dos maiores bruxos que já existiu, sentado à sombra de uma macieira. A árvore representada no desenho possuía apenas uma reluzente e vermelha maçã. – quando lhe disse que Merlin estava in- quieto você me respondeu que o motivo seria Kricolas,

bem, você acertou. Mas agora olhe para este quadro com admiração. Observe seus detalhes sem se importar com a expressão angustiada de Merlin.

Kal não estava entendendo a que ponto Cadius esperava chegar, no entanto passou a admirar a gravura. Merlin franzia o cenho e se lamentava com as mãos, o céu azul então foi enegrecendo com o cair da noite, e voltou a clarear assim que o sol nasceu, fez isso repetidas vezes enquanto Kal o observava, ele parecia indicar a passagem de tempo.

Na árvore, a maçã havia mudado de galho várias vezes e Merlin passou a encarar Kal com um vasto sorriso e pareceu mexer os lábios e dizer:

- O saber pode ser perigoso, mas também é a porta para a mudança.

As palavras começaram a ecoar em sua mente e ele passou a desperceber os sentidos. Por um breve momento, sentiu-se dentro

do quadro, naquele mesmo cenário, respirando o mesmo ar que Merlin, que permanecia sentado ao pé da árvore, Kal olhou para os lados, mas sua visão estava limitada pela moldura, então ele olhou para frente viu Caciús e ele mesmo admirando o quadro. Kal balançou a cabeça confuso quando a mesma frase se repetiu em sua cabeça – O saber pode ser perigoso, mas também é a porta para a mudança.

- O que disse, professor? – falou retomando a consciência de que estava encarando um quadro antigo ao lado do diretor de sua escola.

- Eu? Eu não disse nada.

- Disse sim. Disse, “O saber pode ser perigoso, mas também é a porta para a mudança”.

- Oh, esta frase não é propriamente minha, Kal. Há mil anos, Merlin proferiu esta mesma frase que você acabou de ouvir. E este é o momento retratado no quadro.

- Quer dizer que eu tive acesso à memória do quadro? É isto professor?

- Mais do ainda. É como se você estivesse lá. Existem bruxos e bruxas, e como existem, que são capazes de *prever* o futuro. Eles podem prever quando vai chover ou quando vai fazer sol, quando vamos conhecer uma pessoa ou quando morreremos, mas as ações humanas são sempre imprevisíveis, somos cheios de amor, ódio, arrependimentos... o que torna o dom dos chamados videntes algo obsoleto. O simples fato de se conhecer um resultado futuro faz com que mudemos nosso presente para impedi-los, então, a profecia que havia sido feita não se cumpre.

Kal fez menção em falar, mas foi interrompido por Cadius.

- Hoje você provou não possuir este dom. Sabe por quê? Porque você viu algo muito mais fantástico. Enquanto muitos podem enxergar, neblinadamente, um possível futuro, apenas você pode rever o passado. Há vinte e dois anos um aluno, Satler, foi assassinado pelo seu rival na Sala das Diferenças, naturalmente era

uma partida de Quizard, mesmo assim uma vitória não justifica tal ato. Agora você entende que os dois garotos não estiveram lá hoje, e sim há vinte e dois anos e que você só os pode ver porque tem o dom de acessar memória esquecidas.

- Sim professor. Perfeitamente. Mas eles pareciam tão reais... como eu vou distinguir o passado do presente? – Kal estava se sentindo a deriva em um mar de dúvidas e incertezas. Como se você acordasse pela manhã, tomasse seu café e descobrisse que é o único ser humano na face da terra. Ser único, inigualável, e ao mesmo tempo sozinho e perdido...

- Esta tarefa não é mais minha. Infelizmente não posso ajudá-lo nisto. Você terá que aprender a dominar o seu dom. Agora, vá até os seus amigos, não posso prendê-lo aqui com minhas conversas enjoadas e meus conselhos bobos. Eles precisam de você nas comemorações.

- Obrigado, professor.

Cacius tomou as mãos de Kal e então olhou em seus olhos, ele quase podia ouvir o cérebro do professor maquinando um pensamento.

- Aguarde apenas mais um minuto.

Caminhando, apressadamente, até sua mesa, Cacius abriu uma das gavetas e dela retirou uma pequena miniatura de baú em madeira, do tamanho de uma caixinha de jóias. Cacius abriu-a em sua mesa e apreciou seu conteúdo por um breve momento. Envolvendo o objeto que havia dentro do pequeno baú entre os dedos, ele aproximou-se de Kal com as mãos estendidas.

- Esta pedra esteve comigo por muito tempo. Agora quero que fique com você. É uma ametista, uma pedra com poderes muito peculiares, assim como os seus.

Kal admirou a pedra com suas próprias mãos, ela era lilás e reluzente e de formato oval. Assim que a tocou sentiu um tipo de

energia diferente fluir pelo seu corpo e voltou a entregá-la a Cadius.

- Não posso aceitá-la, professor, ela deve ser especial para o senhor.

- Mas eu desejo isso. Ela já me ajudou no que tinha que me ajudar, as pedras mágicas não gostam de serem abandonadas e esta ametista precisa de novas aventuras. Tome conta dela e me darei por satisfeito. Agora vá, não pode perder este sábado. É o seu primeiro final de semana em Avalon.

Estar entre amigos era reconfortante, ainda mais no salão privado da equipe de Tadewi, sentado nas poltronas mais confortáveis. Contara a Ralph e Guine sua conversa com Cadius, sua amiga parecia contente em saber que Kal possuía um dom que até então, nenhum outro bruxo manifestara.

- Kal Foster, uma caixinha de surpresas. Quando o tio Adonis souber desta história... – disse ela batendo palminhas – também

ficará orgulhoso de ter o filho no time de Quizard.

- Só porque o Ralph não competiu. – falou Kal olhando para o amigo que estava emburrado desde o café, pois havia pegado detenção justamente naquele sábado.

- E como foi passar a detenção com a Srt^a. Skinger? – perguntou Guine.

- Me sentindo um pássaro enjaulado...

- Falando em pássaro, olhe quem está vindo, Ralph. – disse Kal apontando para uma das janelas.

Os dois abriram uma banda da janela para que o pássaro pudesse entrar.

- Longa viagem, não foi, garoto. – disse Ralph estendendo o braço direito para servir como poleiro à ave.

- Quer biscoito? – perguntou Guine a Osíris.

- Ele é um falcão não um papagaio. – respondeu Ralph.

- Podemos oferecer Rick Wosky. – disse Kal rindo-se.

- Deve dar indigestão. – falou Ralph.

Osiris largou o pedaço de pergaminho que trazia na pata e voou em direção as árvores antes que ouvisse outra sugestão sobre sua alimentação.

- O que ele trouxe? – indagou Guine.

- Uma resposta. Eu mandei uma carta para os meus pais no início da semana pedindo uma foto ou gravura de Kricolas. – respondeu Ralph.

- E para quê você quer a foto?

- Você se lembra da conversa do meu pai com Thom na cripta? – perguntou Kal com ar misterioso – Eles estavam dizendo que Kricolas fugiu com o propósito de eliminar a família Foster, descendentes daquele que destruiu o seu mestre.

- Donovan. – completou Guinevere – Você acha mesmo que isso seja possível?

- O que mais seria? – questionou Ralph.

- Reviver Donovan também é uma opção dele. – disse Kal de imediato.

- Para mim isso é tudo piada. – bufou a garota – Não há como trazer a vida a um bruxo que morreu há quase mil anos?

- O Livro de Merlin! – exclamou Kal – Thom falou que ele realmente *existe*. E acho que se Kricolas o tiver, nada poderá impedi-lo de ressuscitar Donovan.

- Será? – questionou Ralph – Será que Kricolas vai se manter livre a tempo de encontrar o tal livro? Warren está atrás dele. Há nove anos estão em sua cola, ele não vai conseguir escapar por muito tempo.

- Pois é, há nove anos. E se ainda não encontrou o Livro de Merlin, é porque ele não existe.

– falou Guine.

- Ele parece ser um bruxo incrível, não se esqueçam de que é metade vampiro também. – disse uma outra voz.

- Tâmissa? O que faz aqui? – indagou Guine olhando de esguelha para a garota.

Tâmisa, que junto com Diogo representava o grupo de Tadewi, estava parada ao lado dos três, olhando e ouvindo a conversa como se fizesse parte dela.

- Como você bem disse, Tâmisa, Kricolas é metade vampiro, então ele não pode fugir à luz do dia sem sofrer queimaduras de milionésimo grau. – chiou Ralph.

- Aí é que você se engana, garotinho, Kricolas tem todas as habilidades de um vampiro, mas nenhuma de suas fraquezas.

- Desculpa, mas se puder nos dar licença... - encrespou Guinevere.

- Eu sou a Representante de Tadewi e...

- E eu sou o guardião-mirim de Avalon, agora, se fizer a bondade de não nos incomodar mais, ficarei feliz, pois não estou afim de pegar a minha pena para lhe dar uma ocorrência em pleno sábado. – enquanto falava, Kal procurou uma posição ao sol para que seu broche pu- desse reluzir nos olhos de Tãmisa.

- Hum...

Tãmisa atravessou a passagem até o corredor e desapareceu de vista levando consigo o seu mau humor.

- Que desaforada, pelo menos este broche serve como espanta intrometidos. - brincou Guinevere.

- Pelo menos ela nos deu uma informação valiosa. – disse Kal.

- Nem tanto assim. Olhem só isso, mamãe e papai deixaram isso escrito na carta. Eles disseram que além dos poderes de vampiro, Kricolas é um bruxo poderoso.

- Tanto que fugiu de Warren. – falou Guine.

- Agora imaginem, se Kricolas já é tudo isso, Donovan dever ser ainda mais poderoso, e com o Livro de Merlin serão invencíveis. – disse Kal – Nos resta torcer que o livro seja apenas lenda.

- Ou que Warren o recapture. – falou Ralph em desânimo.

- A esta hora, Kricolas deve ter arrumado um disfarce.

- Não adiantaria, Guine. Tirso me disse que os prisioneiros são marcados com a Flor-de- Lis, em uma parte visível do corpo. Assim

são facilmente identificados. E não há feitiço no mundo capaz de remover a marca.

- Kal tem toda razão. Meus pais também comentaram sobre isto. E olhem para o desenho. Era a primeira vez que Kal olhava para um retrato de Kricolas, não longe de um mostro ele era. Os olhos furiosos e cansados provocavam temores, o focinho achatado como o de um morcego e as orelhas pontudas, sobrancelhas salientes e elevadas, o queixo longo e grosso, lábios finos como se a boca fosse apenas um corte horizontal e o que mais lhe chamou a atenção foi a expressão vazia, fria, quase que sem vida.

- Então este é o homem que quer caçar a minha família. Estão vendo a marca no pescoço? Esta é Flor-de-Lis.

- CAPÍTULO XI -

O desafio do amaldiçoado

Depois da longa e prazerosa primeira semana em Avalon, as aulas passaram a se tornar monótonas, principalmente as de Geomagia. A cada nova semana a professora Zélia Bússola enchia mais o quadro com tarefas chatas que envolviam localizações de antigos povos e suas respectivas cidades. Certa aula, sobre Atlântida, um aluno respondeu que a cidade submersa estava escondida em seu aquário de peixinhos dourados. A resposta, não tanto didática, despertou fúria na professora que passou a lotar mais ainda o quadro. Quando um aluno não trazia toda a tarefa completa, o próximo lugar que ele deveria localizar era a coordenação.

- E sem mapas! – rugia ela com as bochechas vermelhas.

Com Maldições não seria diferente. O mau humor de Amadeus começava a refletir no desempenho dos alunos que continuavam a tirar notas baixas, a exceção de Kal que se empenhava ao máximo para ver Rick Wosky irritado por ele ter êxito em suas tarefas.

História e Feitiços eram as matérias favoritas de Kal, além da afinidade pelo conteúdo, a amizade com os professores servia como estímulo. Cadius sempre se mostrava sereno em suas aulas e explicava como se a história fosse um conto de fadas. Depois daquela conversa no escritório, o diretor não mais procurou por Kal, nem ao menos perguntava se ele tivera mais alguma visão do passado. Limitava-se aos cumprimentos na sala de aula e nos corredores, quando se cruzavam. A ametista que recebera do professor vivia em seu bolso e à noite o garoto a colocava sobre o travesseiro, de forma que ninguém pudesse pegá-la enquanto dormia.

Já Tirso, que vivia sempre tão alegre em sala de aula, a ponto de os alunos esquecerem por completo de Amadeus, preparava

aulas mais criativas a cada nova semana. Os feitiços estavam ficando mais difíceis, no entanto, à medida que isso ocorria, o professor fazia uma breve pausa para melhores explicações.

Kal também passou a ter progresso nas aulas em que deveria utilizar sua planta. A Hervia- na estava, depois de dois meses de aula, em um vaso muito maior que as dos outros alunos.

Com mais alguns meses ela teria que ser enterrada em solo, pois suas raízes precisam de espaço para continuar crescendo saudáveis.

Adonis e Amanda mandavam cartas aos garotos toda semana, numa dessas cartas, Kal perguntou sobre Cristina e seu pai lhe disse que ela realmente é uma Foster e já é considerada parte da família. O romance entre Foster e Morgana nunca fora oficializado, e o filho entre eles também não recebeu o sobrenome Foster, nem suas gerações seguintes, no entanto, séculos depois, a família Lê Fay provou seus laços com os Foster.

Os pais de Ralph também lhe escreviam contando algumas poucas novidades. Aparentemente, a família Scheiffer não tinha um lado terno tão desenvolvido.

Kal estava adorando ser Guardiã-mirim, poder acabar com brigas e mandar Rick Wosky para detenção por insultar alunos era prazeroso. As reuniões noturnas do Conselho Estudantil eram a parte ruim, pois ele perdia boa parte do seu tempo livre discutindo banalidades como mudanças de móveis no terceiro andar e a criação de um novo caminho para as hortas. Kal sabia que aquilo tudo é para mostrar à escola que o Conselho Estudantil *fazia* alguma coisa de *útil* por ela. No entanto, depois das reuniões, Kal tinha uma sala vazia e tranqüila para fazer a projeção astral. Voar por cima da Floresta Amazônica e pelo castelo era algo divertido, principalmente quando ele encontrava alunos de Katzin perdidos. Ele havia lido mais o seu livro "*Além da matéria*" e descobriu com fazer barulhos que podiam ser ouvidos por pessoas no mundo físico. Esta era a rotina das noites de quinta-feira: Ir até a reunião, fazer a projeção astral para assustar alguns alunos medrosos e descer até Tadewi antes do último balão partir de Avalon.

No final do mês de maio, as equipes de Quizard já haviam sido devidamente treinadas pelos professores responsáveis, Tirso, Amadeus e Cristina em Tadewi, Katzin e Angus, respectivamente.

Ao que parecia cada equipe havia desenvolvido uma habilidade, uma tática de jogo diferenciada. Cada uma com sua estratégia, as equipes de Angus e Katzin abriram os jogos de Quizard com uma vitória esmagadora dos katzenianos. A vitória tornou o castelo um pesadelo para todos os alunos que não pertenciam à casa vencedora. Tiveram que aturar por longas semanas as bandeiras amarela e azul balançando nos corredores o grito de guerra dos alunos de Katzin.

"A supremacia é notória, Perder não é nosso passado Grite, Katzin, sua vitória, Angus o lixo fracassado"

Já na primeira partida de Tadewi e Katzin, os habitantes de Cidade dos Elfos assistiram a um show de horrores. A rivalidade entre as equipes as fez esquecerem o objetivo do jogo, e ao invés de levarem seus desafiantes à Sala das Diferenças em segurança, os competidores travaram uma verdadeira batalha dentro do campo, e a partida foi anulada em com nova data prevista para depois das férias de julho.

As semanas iam-se e Kal continuava impressionado com a conversa que tivera com Cadius a respeito de seu suposto dom de

enxergar o passado. Depois daquele sábado nada de a- normal aconteceu, nada de visões ou flashes. Simplesmente nada. Era como se nunca tives- se acontecido.

A ametista, sempre guardada em seu bolso, lembrava que não estava sozinho. Cadius o ajudaria, caso precisasse. Sabia disso.

Na manhã do dia dois de junho, Ralph acordou Kal aos berros desejando feliz aniversário ao amigo. Depois jogou um travesseiro em cima do garoto ainda sonolento e o arrastou pelo braço até a sala de Tadewi.

- Obrigado, Ralph. – agradeceu Kal aos tropeços pela escada.

- Depressa! Depressa! Você ganhou presentes!

- Calem a boca vocês dois, ou vou amaldiçoá-los... – disse Pedro bocejando após a entrada nada discreta de Ralph no dormitório.

Todos os anos, Kal ganhava presentes de seus pais e de alguns parentes, no seu décimo terceiro aniversário não seria de outra forma.

- Feliz aniversário, Kal! – Guinevere já havia mudado o pijama, talvez tenha sido a primeira a acordar.

- Bom dia, e obrigado, Guine. – disse ele escaneando os presentes ao lado da lareira do salão principal da República de Tadewi. Olhando as etiquetas viu o nome de seus pais, de sua tia Lilith e de sua prima Bernadina, dos seus padrinhos Vitória e Roberto, que moram na Inglaterra e uma pequena caixa marrom com a assinatura de Daimon, Guine e Ralph.

- Abra o do seus pais. – Guinevere estendeu a Kal um embrulho de papel dourado com fita vermelha, ele o segurou por um breve momento tentando adivinhar o que era, como sempre fazem as

crianças quando sacodem seus presentes para deduzir qual o seu conteúdo pelo barulho que fazem dentro da caixa.

No instante em que fechou os olhos para imaginar o que poderia ser, teve a visão de seus pais na Livros & Boatos, eles seguravam um livro de capa verde em título azul "Os bruxos que mudaram a história", e na saída da livraria os dois seguiram até a casa da Rainha dos Elfos, Eva.

- Acho que eles erraram de filho, Guine. – falou Kal sorrindo.

- Como assim?

- Deram-me um livro, "Os bruxos que mudaram a história", isso é mais a cara do Daimon.

- Como você sabe o que é sem abrir o presente? – perguntou Ralph.

- Eu os vi comprando. E tem mais, acho que eles ainda estão na Cidade dos Elfos.

- Jura? Eu nem acredito! Preciso avisar ao Daimon! – falou Guinevere batendo palminhas na altura do queixo.

- Quer dizer que você viu os seus pais mesmo? Só em segurar o presente? – perguntou Ralph levemente assustado pela espontaneidade de Kal, que a esta altura já havia desembrulhado o presente e confirmado sua visão.

- Foi isso, mas é tudo involuntário. Eu não tenho qualquer controle sobre essas visões. É assustador. – respondeu – Vamos olhar este livro...

Assim que fez menção em abri-lo, Kal sentiu uma estranha sensação de perda, como se lhe faltasse algo. Resolveu subir para pegar a ametista. *Talvez seja ela.* Pensou.

Ele subiu rapidamente de volta aos dormitórios e enfiou uma das mãos sobre o travesseiro. Aliviado, ele pegou a pedra e enfiou-a no bolso da frente da camisa. Ainda assim permaneceu por ali espiando o quarto para ver o que poderia estar faltando, mas não identificou nada. Sem fazer mais barulhos, porque Pedro Andrade ainda estava dormindo e ameaçou Kal e Ralph com a varinha se fizessem mais barulhos.

- Não vai abrir o nosso presente? – perguntou Guine estendendo o braço com o embrulho marrom.

- O que é? – perguntou.

- Abra!

Kal rasgou o embrulho sem nenhuma cerimônia e se deparou com um porta-retrato com a foto dos amigos e do irmão, os três sorriam e acenavam para ele, ao que parecia, a foto havia sido tirada no pomar de maçãs, em frente à mesma árvore que estava pintada na sala de Ca- cius.

- Esta macieira é a mais antiga da Cidade dos Elfos. – informou Ralph.

- Os elfos nos disseram que a árvore une as pessoas. – disse Guine.

- Acrescentaram outras histórias também... – continuou.

- Obrigado. – disse Kal alçando-os pelo pescoço num abraço amistoso.

Ele ainda recebera, de seus padrinhos, uma pedra do humor, aquelas que mudam de cor de acordo com o estado moral, das pessoas. No entanto, esta era mais como um termômetro, que mede o grau de segurança para se conversar com alguém, você aponta a pedra para a pessoa e ela revela o estado de espírito desta. A pedra veio acompanhada com uma escala de cores. Branca – disponível para qualquer tipo de conversa – azul celeste – pode falar, estou ouvindo – vermelho – não teste a paciência desta pessoa – preta – puxar assunto com esta pessoa pode ser a última coisa que você vai fazer na vida. Kal teve a impressão de que sempre que apontasse para Amadeus a pedra ficaria preta.

O presente de suas *adoradas* tia e prima Kal jogou dentro do baú de sua cama para abrir outra hora. As duas nunca lhe mandavam nada de interessante mesmo, desde pequeno ele recebia frascos de poções velhos e cadernos para rabiscar. Não que elas não pudessem comprar algo melhor, afinal recebiam uma ótima pensão do governo após da morte de seu tio Cosmo, mas as duas nunca se simpatizaram muito pela figura de Kal, mantinham certas cordialidades apenas para manter a amizade com a família.

Guine, que já estava pronta desde cedo, ordenou que Kal e Ralph fossem mudar de roupa e tomar café para seguirem logo para

as aulas.

- Não pense que só porque é o seu aniversário o governo vai criar um feriado nacional para você curtir o dia. – falou ela.

Os três alcançaram a sala de história antes do professor e da maioria dos alunos. Providenciaram cadeiras bem à frente para ouvirem com perfeição a mais um excelente relato histórico de Cadius.

- Bom dia, alunos de Tadewi! – saudou o professor ao entrar na sala dez minutos mais tarde – Gostaria de comunicá-los que a partir desta aula estarei revisando a matéria para a nossa prova de final de semestre. E como o primeiro assunto, falarei sobre a queda de Donovan e sobre a história de Kricolas.

Ao ouvirem este último nome os alunos estremeceram e alguns chegaram a esbugalhar os olhos. Apesar de estar, inativo, por assim dizer, Kricolas ainda era o homem mais procurado do país, e representava um problema de segurança internacional.

- Nós sabemos muito bem que um poderoso bruxo chamado Foster, há exatamente nove- centos e noventa e oito anos, destruiu todo um exército de criaturas mágicas e seu líder, Don- novan, que naquele tempo também era conhecido como Cavaleiro Negro, mas isto é boba- gem. Independente de ser cavaleiro ou não, Donovan possuía ódio e total desprezo pelas fraquezas humanas. Para ele, um bruxo era um humano sem deficiências. Seu ódio chegou a tanto que ele considerava inadmissível a mistura dos dois povos, e muito pior ainda foi quan- do Merlin e Foster tentaram ensinar magia à espécie que Donovan classificava como impura.

- Cacius parou e olhou para os alunos lendo na expressão de cada um o interesse que senti- am ao ouvir esta história, em especial. Todo bruxo conhecia-na muito bem, desde o berço ela lhe é contada, mas nenhum deles se cansa de ouvi-la. Ainda mais contada por uma figura tão simples e ao mesmo tempo enigmática como Cacius – Este bruxo – continuou – de coração sangrento formou um exército com todos aqueles que pensavam como ele. Que humanos são criaturas inferiores. Infeliz daquele que se opusesse ao seu grandioso exército. Houve mortes não apenas no Brasil, a Europa também foi dominada pelo seu idealismo distorcido e até hoje se vê os resultados. Pequenos demais se comparados ao furor com que este Cavaleiro Negro batalhava. Até ser finalmente impedido por um jovem bruxo de meio sangue, resultado do ca- samento de uma humana com um bruxo. No entanto, este jovem, a quem foi dado por Merlin o nome de Foster, foi capaz de acabar com este reinado de trevas utilizando apenas *um* feitiço.

- *Perpétuo*. – disse Kal.

- Exatamente. Com este feitiço, Foster desgastou todo o seu poder e conseguiu destruir por completo o exército de Donovan.

- Professor – chamou uma aluna – por que o exército de Donovan estava reunido aquele dia?

- Excelente pergunta Srta. Cerda. Excelente pergunta. Merlin ergueu este castelo para ensinar magia a quem quisesse aprender. E muitos queriam. Eram tantos os alunos que o castelo tornou-se pequeno para abrigar a todos. Logo surgiram as primeiras casas onde é hoje a Cidade dos Elfos, vieram então os comerciantes, as Repúblicas onde vocês passam boa parte do tempo, e assim a cidade se expandiu. Prevendo que a situação fugia do seu controle, Donovan convocou todo o seu exército para um ataque maciço, que arrasaria a cidade e o castelo. E foi nesta oportunidade que Foster agiu.

Cacius continuou relatando pequenos detalhes sobre aquele período, dizendo que naquela época o Brasil era conhecido por todos como Hy Brazil, e que assim ficou conhecido por cartógrafos humanos da época. Os bruxos europeus acreditavam que o país na verdade fosse uma ilha cheia de elfos, fadas e duendes, que boiava no Atlântico e que por vezes mudava de posição.

Ao tocar o sinal, os alunos adiantaram-se ao garoto.

- Lembrar é preciso.

- Porque ele não consegue falar sem ser por enigmas? – queixou-se ao ver a sombra do diretor desaparecer pelo corredor.

- Eu confesso que não entendi nada agora... – falou Ralph – para mim ele tem um parafuso a menos.

- Vocês já repararam que a cada vez que Cadius conta como foi há mil anos ele acrescenta algo novo a história? – indagou Guine.

- Mas desta vez ele fugiu totalmente ao que ia dizer. Falou que iria explicar sobre a queda de Donovan e a história e Kricolas, mas nosso bebedor de sangue foi deixado de escanteio. Para mim o velho está senil.

- Talvez ele continue na última aula, Ralph. Agora temos que correr para não nos atrasar- mos para a aula de feitiços. – disse Guine jogando os materiais em cima dos garotos e os empurrando em direção ao corredor.

A sala de Tirso estava, incomumente, escura. As janelas trancadas e nenhuma vela acesa. Apenas a luz que entrava pela porta dupla de carvalho iluminava fracamente a sala. O professor não parecia sentir-se muito confortável com a ausência de luz, mantinha-se na beirada da porta e iluminava o caminho entre as cadeiras para os alunos com sua própria varinha.

- Bom dia professor. – cumprimentou Guine ao atravessar o arco da porta.

- Bom dia, srta. Lingenstain.

- Aderiu ao estilo do professor de maldições? – brincou Kal.

- Longe de mim parecer igual àquele amaldiçoado. Mas tive que *ambientalizar* minha sala para a aula de hoje. Acho que não vai vir mais nenhum aluno, certo? – perguntou o professor depois de conferir os alunos nas mesas – Então podemos começar. A propósito, Kal, feliz ani- versário.

- Obrigado professor, mas como...?

- Encontrei seus pais agora pouco.

- Eles estão no castelo?

- Sim, acredito que devam estar tomando um café na sala do professor Cadius. – disse sorrindo.

Tirso indicou o caminho aos três até a mesa mais próxima e então trancou a porta.

- Alunos, vamos iluminar a sala com as varinhas, vamos lá,
Bolhasradiant!

- *Bolhasradiant!* – repetiram, e as varinhas clarearam completamente a sala, embora fosse impossível enxergar o teto.

- Hoje veremos um feitiço simples e de grande utilidade. Pelínculo! Ele é muito utilizado por náufragos e pessoas perdidas como um sinalizador. Quando usado dispara um raio de luz fino que explode formando um grande clarão. Antes de qualquer coisa, gostaria de avisar que o teto desta sala foi encantado para simular um céu à noite.

- E onde estão as estrelas? – perguntou um aluno.

- Ah... é que o céu está nublado, apenas torça para não chover.
– respondeu o professor – Agora, senhores, tenham a bondade de apagar as varinhas.

- *Guive.* – disseram eles o contra feitiço e as varinhas, instantaneamente, deixaram de pro- duzir as bolhas de luz.

- Obrigado. Agora, observem. *Pelínculo!*

A ponta da varinha de Tirso disparou um brilho que atravessou o limite de onde deveria estar o teto e explodiu no ar com um leve barulho e uma forte luz amarela iluminou temporariamente a sala.

- Senhor Freman, poderia nos fazer as honras. – convidou o professor sobre a já enfraquecida luz do feitiço.

- *Pelínculo!* – disse o garoto com a varinha erguida.

Desta vez, uma luz verde clareou o lugar. Ao que parecia, a cor que a luz assumia variava de bruxo para bruxo. Não demorou muito para o céu encantado tornar-se multicolorido.

- Até parece ano novo! – brincou Tirso ao se aproximar de Kal –
E então? Como foi sua conversa com Cadius?

- Esclarecedora. – resumiu.

- Ótimo, agora eu vou te dar uma dica que talvez ele não tenha
te dito.

- E qual é? – perguntou Kal olhando para Guine e Ralph que não
se cansavam de disparar seus raios rosa e laranja.

- Quando se tem um dom, o melhor a fazer é usá-lo.

Kal remou a frase em seus neurônios e então se sentiu feliz de tê-la ouvido. Aquelas simples palavras ditas pelo professor foram o suficiente para retirar de sua cabeça qualquer receio que ele ainda tinha sobre olhar o passado. Por mais assustador que possa ser você vencer eventos já acontecidos, como se estivesse lá, ser incentivado a fazê-lo por um bruxo como Tirso era um sinal de que os seus medos eram infundáveis e que estavam comprometendo o desenvolvimento de sua habilidade.

Fazer perguntas a Tirso nunca pareceu um problema a Kal, mas uma, em especial, rondava sua mente querendo se completar com uma resposta que parecia não poder chegar de lugar algum, a não ser do próprio professor. No dia da seleção para os representantes de Tadevi no Quizard, Kal presenciou o momento da transformação de Tirso, de macaco para homem. Mas não fora a primeira vez que Kal vira aquele macaco. Em seu primeiro dia na Cidade dos Elfos, quando batalhou contra Rick, Kal viu o mesmo macaco, que por sinal foi atingido pela maldição Dunkel. E desde então a pergunta rugia dentro de sua mente. *O que Tirso fazia transformado em macaco na Cidade dos Elfos?*

- Ah... professor, desculpe parecer intrometido... – começou Kal selecionando bem as palavras para o professor não ser evasivo. Decidiu então que seria direto, sem rodeios – O que você estava fazendo na Cidade dos Elfos transformado em macaco na primeira semana de aula?

- Hum... isso faz tempo, Kal, bom eu estava passeando. A Cidade dos Elfos tem lindos pomares de maçã, sabia?

- Eu vi uma macieira em um quadro no escritório do diretor. E ganhei de Guine, Daimon e Ralph uma foto em que ela aparece ao fundo.

- Ah, sei qual macieira. A de um fruto só. – comentou Tirso.

- Como assim?

- Você não conhece a história?

- Não.

- Está brincando! Não se pode conversar com um Elfo por dois minutos que ele já começa a tagarelar sobre a árvore.

- Mas o que ela tem?

- Bem, segundo os elfos da cidade, ela nunca produziu mais do que um fruto por vez, entendeu? E biologicamente falando, maçã é pseudofruto... Mas bem, aquela árvore nunca produziu duas maçãs ao mesmo tempo! Os motivos são vários, uns dizem que é por se tratar de uma árvore milenar, outros porque foi ali que Merlin pousou para a tela que você viu na sala do diretor. E ainda outros dizem que foi debaixo dela que o grande bruxo escreveu as páginas do seu livro lendário. Pura lorota. Na verdade macieiras nem deveriam produzir frutos nesta região.

- Eu não teria tanta certeza disto professor.

- O quê? Você realmente acredita que o Livro de Merlin existe?

- Com todas as minhas forças. – respondeu entusiasmado.

- E como pode ter tanta certeza? Imagina onde ele possa estar?
– interrogou Tirso não escondendo seu interesse.

- Eu não tenho idéia de onde possa estar o livro, mas por qual motivo Kricolas fugiria da prisão depois de tanto tempo?

- Bem, a idade chega para todos, vampiro ou não...

- Isto não me convence, professor.

- Tudo bem, e se Kricolas estiver, também, enganado sobre a existência do livro. – insistiu.

- Na sala de Cadius eu tive uma visão do momento em que aquele quadro de Merlin foi pintado. E ele dizia *O saber pode ser perigoso, mas também é a porta para a mudança.*

- Como assim?

- Para mim, Merlin quis dizer que o conhecimento deve ser repassado, para que possamos mudar o que há de errado. Então, a menos que Merlin esteja ainda vivo, o que é pouco provável, o livro realmente existe e de fato armazena todo o conhecimento dele.

- E está por aí... – disse Tirso quase que para si só – Não posso duvidar do seu dom quando o próprio Cadius o confirmou, no entanto, a interpretação pode estar errada. Ele, Merlin, era muito enigmático.

- Mas e se eu estiver certo professor...

- Mesmo que estivesse certo, isso não nos dá uma localização exata...

- Como assim? Têm bruxos procurando o livro?

- Ah... você realizou a tarefa, Kal? – disfarçou Tirso.

- *Pelínculo!* – falou Kal com a varinha erguida, e uma bola gigantesca de luz roxa explodiu no ar – Continue professor.

- Acho que já bateu o sinal. – Tirso apressou-se em se levantar, agitou a varinha e então as janelas se abriram e o encanto do teto desapareceu – Obrigado alunos até mais.

Tirso sentou em sua cadeira, pegou pena, tinteiro e pergaminho e na velocidade de um feitiço escreveu um pequeno recado que foi despachado no minuto seguinte. O pequeno aviãozinho zumbiu tão rápido no ouvido de Kal, que ele nem teve tempo de ver qual caminho o bilhete tomou. Mas podia ter certeza de que era um bilhete para Cadius, o seu conteúdo também interessava a ele.

- Hei, no mundo da lua! – berrou Ralph que ao lado de Guinevere se dirigia até a porta – Aula com nosso querido Amadeus.

Pelo caminho até o primeiro andar, Kal contou a Ralph e Guinevere sobre a conversa que tivera com Tirso e os dois concordaram que o professor não havia contado tudo o que realmente sabia sobre o livro.

- Talvez seja assunto secreto. – argumentou Guine.

- Ou que não lhe agrade. – disse Ralph – Falando em não agradar, olha quem está ali.

Rick Wosky e seu pequeno rebanho de puxa sacos estavam parados diante de uma sala de aula vazia, rindo-se, certamente de algum aluno de Angus, que geralmente servia como chacota. Assim que Rick viu Kal se aproximar com o seu distintivo, disparou um feitiço contra um aluno primeiranista de Angus que estava saindo de uma sala de aula abarrotado de materiais.

- Por que você fez isso? – disse o primeiranista encarando Rick com tanto medo que podia ver-se de longe o suor escorrer por sua testa pálida.

Como guadião-mirim, Kal *deveria*, sem usar magia ou qualquer tipo de força, impedir brigas entre os alunos. Mas quando se tratava de Rick Wosky era quase impossível não se irritar.

Ele tirou um pedaço de pergaminho de dentro da bolsa junto com uma pena, pronto para es- crever uma ocorrência por mau comportamento e desrespeito com o colega.

- Hei, Foster, viu que panaca que esses alunos de Angus são? Não sei porque você os de- fende. – disse Rick e seu rebanho riu sabe-se lá de que. Ao que parecia, eram débeis mentais que riam por qualquer motivo.

- O panaca aqui é você, Wosky, porque fica de castigo quase toda semana, mas ainda as- sim não aprende – repreendeu Kal – Agora você vai pedir desculpas àquele garoto e ficar em paz ou terei que fazer uma ocorrência?

- Você se acha muito esperto, não é? Vai ver quando eu acabar com você na Sala das Di- ferenças.

- Como é?

- É isso mesmo que você ouviu, *Foster* – disse enojado – eu sou o desafiante da equipe de Katzin.

- O que houve com Divalte? – perguntou Kal referindo-se ao desafiante que jogara as últimas partidas por Katzin.

- Foi expulso da escola. Mas isso nem é da sua conta! Pensando melhor, acho que não vou competir com você no Quizard. Afinal não te deixam jogar. É claro, você é o elo fraco da equipe...

- E você será o elo perdido! – disse Kal sacando a varinha.

- *Amständer!* – mandou Rick.

- *Escaparta!* – retrucou Kal.

Os dois feitiços encontraram-se no ar e ricochetearam voltando aos dois garotos. Ambos caíram no chão e Rick tentou a maldição *Dunkel*, sem sucesso. Kal acertou-o na cabeça com o feitiço *Mórfinus* fazendo-o despencar provocando um forte barulho.

- Vê se esfria a cabeça. – disse ele olhando para os débeis – Vocês, levem-no para a en-fermaria.

Os quatro garotos ergueram Rick pelos braços e pernas e seguiram rumo a sala da Sr^a. Simon, sem uma gargalhada ou reclamação.

- Quem manda se meter com o Guardiã-mirim. – disse Guine sobre o aplauso de alguns alunos de Angus e Tadewi que se juntaram para ver o que estava acontecendo.

- Menos Guine, menos... – abafou Kal – Vamos para a aula.

Pelo caminho, seus amigos continuaram a falar sobre o ato heróico de Kal e concordaram que Rick estava merecendo uma lição há tempos. Ele tinha a fama de ser um garoto valentão e encrenqueiro, e fazia jus a isso. Nem mesmo a personalidade ativa de seu pai parecia inti- midá-lo. Era como se para Amadeus, Rick fosse tudo o que um pai espera ver em seu filho.

Na sala de maldições, estavam os alunos de Angus e também os de Tadewi, todos reuni- dos em três grupos de cinco alunos, a não ser por Daimon e Jonathan que estavam sentados a um canto, ambos pareciam dois espantalhos pálidos e extremamente suados.

- Qual é o problema? – indagou Kal ao sentar-se ao lado do irmão.

- O que está acontecendo, Daimon? – insistiu Guinevere vendo que ele batia seus joelhos de tamanho nervosismo.

- É hoje... – respondeu apavorado.

- O *que* é hoje Daimon? Meu aniversário? Obrigado pela foto.

- Feliz aniversário, gostou do nosso presente? – disse ele dando um tapinha no ombro do irmão e Kal assentiu que sim.

- Feliz aniversário, Kal. – felicitou Jonathan.

- Obrigado. Mas Daimon! Que diabos você tem? – perguntou novamente em tom de nervosismo.

- Hoje é o dia que o professor Amadeus marcou para o teste de final de semestre! – respondeu de modo conclusivo.

- Nossa! É mesmo! – assustou-se Ralph alisando a testa.

- Nós vimos três alunos de Katzin sendo levados com urgência à enfermaria depois que acabaram os testes deles. – informou Jonathan.

- Arre! O que esse doido quer? – falou Guine indignadamente.

- Desculpe, parece que eu ouvi vocês me chamarem de doido? – Amadeus acabara de surgir como um fantasma agourento carregando suas correntes pelos corredores de um castelo velho.

- Desculpe, mas se ouviu não o deveria, pois se trata de uma conversa particular, senhor. – respondeu Kal com azedume e encarando bem os olhos do professor.

O professor vislumbrou o rosto sarcástico do garoto, deu uma leve mexida em seu nariz razoavelmente empinado e prosseguiu até sua mesa. De lá iniciou a aula.

- Espero que todos estejam bem preparados, porque o teste de hoje será conclusivo! Os que passarem por ele estarão dispensados das próximas aulas. Os alunos que não passarem e por ventura tiverem condições de frequentar as aulas, terão uma reavaliação.

- Ai meu Deus... – gemeu Daimon encolhendo-se ainda mais na cadeira.

- Chamarei os grupos um a um para que passem por esta porta, que foi encantada para levá-los ao coração da Floresta Amazônica. Lá, vocês deverão localizar algo em especial, algo que não condiz com o que nós estudamos. Só assim poderão retornar vitoriosos. Os que quiserem desistir deverão sinalizar com a varinha. Agora, o grupo dos senhores Foster poderia se aproximar para ser o primeiro?

- Ai meu Deus, ai meu Deus... – choramingou Daimon quase que enfiando as duas mãos na boca.

- Qual o problema? Querem ser reprovados? – perguntou Amadeus vendo que nenhum dos cinco se levantou.

- Não! – respondeu Kal em tom grave – Nós vamos, senhor.

Daimon e Jonathan ergueram-se com dificuldade e caminharam até a porta logo atrás de Ralph e Guine. Daimon puxava Guine pela camisa para voltarem, mas então ela o empurrou para frente.

- Que objeto devemos encontrar professor? – perguntou Guine.

- Vai querer um mapa que a leve até o objetivo do teste também, senhorita Lingenstain? Furioso com a resposta que Amadeus disse a Guine, Kal correu até a maçaneta da porta e a abriu com violência, e se jogando para dentro dela. Ele sentiu-se sendo sugado para um redemoinho e também sentiu o seu corpo despencar. Aquela sensação de queda não fora a primeira de sua vida. Pouco antes de se tornar bruxo, Kal sentiu-se caindo em um abismo, sendo sugado pelo vento. Mas ali era diferente. Era apenas uma queda livre, não havia outra força sendo exercida além da gravidade, mas o frio na barriga e o medo eram os mesmos.

- Kal! Encosta a ponta da sua varinha na minha! – Daimon aparecera na sua frente e parecia saber exatamente o que estava fazendo.

- Onde estão os outros? – perguntou Kal, fazendo o que o irmão havia pedido.

- Devem estar vindo!

No momento em que as duas varinhas se tocaram elas grudaram-se como os lados opostos de um ímã e nada parecia desgrudá-las.

Ralph e Guinevere surgiram no instante seguinte e foram orientados por Daimon a unirem também as varinhas com as duas outras.

- Só falta o Jonathan. – disse Daimon.

- Quando entrei, ele estava pendurado na maçaneta! – falou Ralph – acho que Amadeus ia jogá-lo!

- Teremos que continuar sem ele, seja lá o que vai fazer, Daimon.

- Não podemos Kal, mas acho que não temos muito mais tempo! No três nós gritamos A- prumus. Ok?

Os três confirmaram com a cabeça e estavam preparados para qualquer coisa que pudes- se acontecer dali em diante.

- Esperem!

Jonathan despencava a ponto de bala e logo alcançou os outros quatro, juntando sua vari- nha com as demais.

- Um... Dois... Três... *Aprumus!*

Um enorme clarão surgiu e Kal sentiu seu corpo desacelerar... Em um baque, caiu como a uma altura de meio metro.

- Onde estamos? – perguntou Guinevere um pouco zozna.

- Na prova do Amadeus, e acabamos de responder a questão um. Como sobreviver a um portal. – falou Kal irritado.

- E o que nós temos que procurar? Ele é muito sem noção... –
bravejou Ralph – Esta escola é para doidos, um diretor que não
fala coisa com coisa e um professor homicida! Para mim isso não
passa de uma conspiração maluca!

- Acalme-se Ralph, por favor, dá para ser menos psicótico? –
falou Kal – Muito bem, quem quiser desistir basta sinalizar e fazer a
reavaliação na próxima semana. Quem pretende continuar, me
ajude a resolver a questão dois. O que devemos procurar?

Os olhares seguiram de Daimon para Ralph, Ralph para
Jonathan, Jonathan para Guine e de volta para Daimon. A votação
silenciosa optou por ficar na floresta e enfrentar os desafios que
estavam por vir.

- Ok. Agora, um de vocês tem idéia do que devemos procurar?

- Talvez algum objeto que não deva ser encontrado em uma
floresta. – sugeriu Daimon.

- Eu concordo. – disse Jonathan – Vamos procurar qualquer objeto que nos pareça estranho por estar em uma floresta.

- Isto envolve caminhar pelo mato, não é? Porque eu não tenho boas lembranças disso. Recordam-se da nossa última caminhada no mato, Daimon e Kal?

A aventura a qual Guine se referia era a do dia em que os três saíram a pé de Vila da Cachoeira, atravessando o Bosque de Vinho, quando uma mariposa gigante atacou os três e Kal foi atingido pelo pó paralisante do inseto e eles tiveram que seguir até o Hospital Nautilus.

- Bolhasradiant!

Ralph utilizou o feitiço e em seguida todos o imitaram.

- Para que lado nós devemos seguir? – perguntou Daimon – Este lugar me dá arrepios...

- Ai meu pai...

Jonathan acabara de chamar a atenção dos outros para mostrar a peluda figura do que parecia ser um lobisomem parado a pouco mais de quinze metros de distância.

- Pensei que lobisomens só se transformassem à noite! – falou Daimon espantado e ao mesmo tempo muito, muito assustado.

- Parece que esse aí não leu o manual dos lobisomens... e está vindo para cá! Corram! – berrou Ralph.

Os cinco alunos correram desenfreados passando pelas árvores, saltando raízes e troncos caídos, desviando de galhos, enquanto seu perseguidor, que se movia tranqüilamente pela floresta sobre suas quatro finas e peludas patas, farejando-os com seu comprido e negro focinho, espremendo os olhos amarelos contra a escuridão que se formava sobre as copas das árvores e apurando sua audição canina.

Depois de tropeçar sobre uma raiz, Kal ergueu-se rapidamente e apontou a varinha para o lobisomem que estava parado a uns vinte metros, na certa estava com dificuldades em farejar os cinco em meio aos tantos aromas existentes na floresta. A criatura balançava o pescoço num zigzag contínuo e movia seu maxilar de um lado para o outro levantando a gengiva e revelando seus afiados dentes.

Sem pensar duas vezes, Kal decidiu que se alguma coisa deveria ser feita para livrarem-se do lobisomem a hora era aquela. Aproveitar o momento de distração do inimigo. Depois de uma rápida olhada mental nos feitiços que conhecia, Kal optou por um que surtiria um efeito imediato. Ergueu a varinha e disse:

- Sedru...

Mas antes que pudesse terminá-lo, Ralph e Guinevere puxaram-no pela gola da camisa para que voltasse a correr, e o feitiço, que certamente daria fim à perseguição, serviu apenas para sinalizar suas posições ao lobisomem, que desenfreadamente correu na direção do grito.

- Ficou maluco? – brigou Guinevere correndo e batendo os braços contra os galhos a sua frente – É um lobisomem, não um bichinho de pelúcia.

Na direção oposta aos três, vinha uma luz rosa, pouco maior que a mão de Kal. A luz passou pelos cinco e acertou o peito do lobisomem, derrubando-o logo em seguida.

- O que foi aquilo? – perguntou Jonathan parando.

A poucos metros de onde estavam, agora havia um lobisomem caído. A pele enrugada e peluda e grandes garras tão afiadas quanto navalhas, capazes de cortar a barriga de um homem com um único movimento. Poucos metros acima de seu corpo pairava a luz rosa que o havia atingido. No peito do lobisomem estava a marca do impacto como se tivesse levado um enorme soco.

- O que é isso? – perguntou Kal imaginando o que poderia ser aquele brilho rosa.

- Mais respeito com quem salvou sua vida, moleque! – uma voz fina e desafinada vinha do interior da luz, que ao se extinguir por completo revelou uma pequena menininha – Eu sou uma fada. Meu nome é Bruxa.

- Que adequado para uma fada... – brincou Guine.

- Eu vi essas malditas varinhas de vocês acesas e pensei que eram minhas amigas. Aí vi que vocês estavam fugindo do Cândido aqui, e resolvi ajudar.

- Cândido? Este bicho tem nome? – espantou-se Daimon.

- É claro que tem! Ele já foi humano. Mas agora não consegue voltar ao estado natural. Acho que foi uma maldição. Ele nunca sai da transformação de monstro.

- Então não é o que estamos procurando.

- Obrigado, Bruxa.

- De nada, menino Daimon.

- Como sabe meu nome?

- Nós fadas somos muito oniscientes.

Quando Bruxa finalmente desceu a uma altura visível, Kal percebeu que a fada tinha pele em tom de rosa claro e algumas protuberâncias fluorescentes da mesma cor, em que ele presumiu ser dali que ela emanava sua luz. Usava botinhas verde claras até o joelho e uma mini saia de pétalas de rosa vermelha que combinava bem com o chapéu em forma de cogumelo na cabeça dela. As seis asinhas batiam inquietas como se a qualquer momento Bruxa fosse decolar.

- Bem eu tenho que procurar meu grupo. – falou ela.

- Espera fada, quer dizer Bruxa, sei lá, você, espera! Viu algo de anormal nesta floresta hoje? – indagou Kal.

- Fora vocês? Não.

- Tem certeza de que não viu nada?

- Tenho, quase, para falar a verdade eu vi um livro no pé de uma árvore hoje pela manhã.

- Onde?

- Logo ali! Se quiserem, eu mostro a vocês.

A fadinha rosa voou na direção de onde viera e começou a cantarolar numa língua incom- prensível, certamente era a língua das fadas, mas a música não chegava a incomodar os ouvidos de ninguém, por momentos Kal até mesmo esqueceu o que estava fazendo ali, tama- nha a capacidade de distração e relaxamento que a música provocava.

Kik's vcereny lazwbrk Ademmügü, Ademmügü Donp, donp xenobiurght

'Ke tiny 'borwh' fanfas Coch'xetlra duke tanmine Ademmügü, Ademmügü

- O que significa isso? – perguntou Daimon olhando para a fada com incredulidade.

- Seria mais ou menos assim no idioma de vocês.

Viva eternamente minha

Felicidade, Felicidade

Voe, voe alegria

Vá direto ao mundo das fadas Ilumine meu caminho, Felicidade, felicidade

- *Que horror... – comentou Kal amargamente.*

- *Quanta árvore... – resmungou Jonathan passados vinte minutos de caminhada em busca do livro.*

- É uma floresta menino Jonathan.

- Escuta aqui, oh Sininho! Onde você está nos levando? - bravejou Kal parando no meio do caminho e encarando a figura colorida a sua frente.

- Oh nervosinho, dá para se acalmar que a fadinha aqui está cansada! Eu perambulei o dia todo a procura do meu bando!

- Pensei que as fadas nunca se separassem. Como você se perdeu? – perguntou Daimon.

- Eu acordei, e vi que estava sozinha... Só isso...

- Então você foi procurar seu bando e encontrou um livro. – deduziu Ralph.

- Isso! Nossa você é tão onisciente. Também é uma fada?

Ralph simplesmente ignorou o comentário e lançou um breve olhar a Kal. Ambos começaram a desconfiar de Bruxa, ou o que ela era uma fada muito mentirosa ou que fizesse parte do jogo. Talvez os dois.

- Vamos parar para descansar. – sugeriu Kal sentando-se num tronco caído.

- Ótimo! – berrou a fada com mau humor.

Metendo a mão no bolso da camisa, Kal retirou a ametista que ganhara de Cadius e passou a vislumbrá-la com a pouca luz que saía de sua varinha.

- Ah! Uma ametista milenar! – exclamou Bruxa –Posso ver? Uh... é tão cheia de energia... também, presenciou o feitiço Perpétuo.

- O que disse? – perguntou Kal limpando os ouvidos para ter certeza do que ouvira.

- Que essa pedra que você está segurando estava no local em que Donovan foi derrotado.

- E como você sabe disso? – questionou Guine que mudou de posição para ouvir melhor o que a fada dizia tão cheia de confiança.

- Onisciência meus amigos, onisciência... – respondeu – agora vamos atrás do guarda- chuva.

- Qual guarda-chuva? – indagou Jonathan.

- O que nós estamos procurando, que está próximo a uma pedra. O que eu vi ontem à noite. – respondeu a fada.

- Opa! Nós estávamos à procura de um livro, embaixo de uma árvore e que você viu hoje pela manhã. – corrigiu Kal – Você está nos enganando!

- Hihihih... – fez ela com a mão na boca.

- *Amständer!* – Ralph acertou a fada e a fez cair no chão com estrondo – Por que você está tentando enganar a gente? Fadas são boas! Lembra?

- Eu achei que vocês estivessem brincando, hihihih... – chiou.

- Ah... – resmungou Kal pronto para acertá-la com a varinha.

- Hei! Esperem! É ela quem deveríamos encontrar! – falou Daimon astuto - Lembram-se da história sobre fadas que habitavam ilhas e enganavam os navegadores com maldição *Lonvy*, que os deixavam sem senso de direção?

- Daimon, com sinceridade, não me lembro. – falou Ralph recolhendo a fada do chão.

- OK, mas tem outra. Fadas quando andam sozinhas não conseguem mentir por causa da maldição *Fículous*, o que torna esta fada algo diferente de se encontrar. – falou Daimon.

- Quer dizer que esta coisinha é o que procuramos? – duvidou Ralph que ainda a mantinha presa entre seus dedos.

- Então ela também pode ter mentido sobre a pedra... – decepcionou-se Kal.

- Provavelmente. – assentiu Daimon.

- E como faremos para voltar? – indagou Guine que se mostrava espantada com tudo aqui- lo.

- Vamos tocar as varinhas na fada. – sugeriu Jonathan – Não foi assim que a gente parou aqui?

- Ótimo vamos lá! – disse Kal acertando a cabeça da fada com sua varinha.

As outras quatro varinhas uniram-se a de Kal e então as protuberâncias da fada iluminaram-se até seu brilho rosa envolver os cinco e levá-los de volta à sala de maldições do mesmo modo enjoativo que chegaram à floresta.

- CAPÍTULO XII -

Revelarbus

Depois de descobrirem que a fada Bruxa era o objeto que deveriam procura, Kal, Guine, Ralph, Daimon e Jonathan foram aprovados em maldições e saíram cantarolando até o grande salão, onde lá esperariam até a hora do almoço.

Para surpresa deles ao chegarem no grande salão encontraram Adonis e Amanda Foster sentados a um canto com um pequeno bolo de aniversário com cobertura de glacê azul com treze velas brancas acesas.

- Papai, mamãe! – gritaram Kal e Daimon que em seguida correram para abraçar os pais, em seus calcanhares seguiu Guine no mesmo passo frenético e cheio de animosidade.

- Meus queridos, que saudade... – falou Amanda dando um amoroso beijo na testa de cada um dos três.

- Não vão apresentar seus amigos? – perguntou Adonis após dar um último abraço em Kal.

- A claro, estes aqui são Ralph e Jonathan. – apresentou-os Kal.

- Muito prazer, muito prazer. – disse Adonis erguendo a mão para os dois garotos a sua frente.

- É um prazer também, senhor Foster. – disse Ralph correspondendo ao gesto.

- Viemos aqui para comemorar com você, meu filho. Não podíamos deixar passar esta data.

- Obrigado, papai...

- Ah, nada que todos os pais não fariam por um filho.

Eles comemoraram e Adonis encantou confetes e serpentinas, o bolo feito por Amanda estava exatamente como Daimon definiu, um pedaço de nuvem caramelada, macio e saboroso. Assim que os primeiros alunos começaram a entrar no salão, Adonis e Amanda anunciaram sua partida dizendo que precisavam resolver uns assuntos na Cidade dos Elfos.

- Estamos hospedados na casa da Rainha Eva, vamos ficar lá esta semana, e na próxima iremos juntos para casa. – disse Adonis já muito ansioso.

- Tudo bem, pai, agora, poderia fazer estes enfeites sumirem. Porque os outros alunos estão olhando, e está ficando constrangedor... – falou Kal meio que sem graça coçando a nuca.

- Ah tenha certeza de que não queremos isto, tchau enfeites. – Adonis girou a varinha e num passa de mágica sumiram.

- Vamos bater uma foto para imortalizar o momento! – disse Amanda batendo palminhas.

- Mãe... todo mundo já está olhando...

- Sorria, Kalevi Foster! Adonis querido, a foto é só com os garotos... – disse Amanda ao ver que o marido se posicionava ao lado de Kal.

- Eu faço questão de sair na foto com, Kal, Daimon, Guinevere e seus amigos. Já ia me esquecendo, querem chapéus de aniversário? Eu trouxe alguns. – disse Adonis retirando do bolso um chapéu pontiagudo feito de papelão colorido.

- Não! – responderam os cinco.

- *Fotograph!* – os três flashes saíram da varinha de Amanda ofuscando a vista dos que estavam próximos da cena.

- Por favor, mamãe, chega... – disse Kal suplicante.

- Tudo bem, eu e seu pai já estamos atrasados.

- Fiquem bem, garotos!

Mesmo a alguns metros de distância Kal ouviu seu pai falar com Amanda que a foto ficaria melhor se todos estivessem usando os chapéus de aniversário.

- Seus pais são demais. – disse Ralph.

- Demais para a minha cabeça...

- Não resmungue tanto, Kal, eles são os pais perfeitos. – retrucou Ralph.

- Exceto pela overdose de carinho. – brincou Kalevi.

- Talvez os meus pais pudessem aprender um pouco com o de vocês.

- Nossa, Ralph, você fala de um jeito dos seus pais... Você é filho do Amadeus? – brincou Guine.

- Eu quis dizer que os meus pais não são atenciosos, e não monstros.

- Alguém ainda vai almoçar? – perguntou Kal.

- Eu não. – respondeu logo Guine.

- Jonathan e eu vamos subir e estudar para as outras avaliações.
– disse Daimon levantando-se.

Os cinco saíram do grande salão e enquanto Daimon e Jonathan subiam as escadas, Kal, Guine e Ralph atravessavam a grande porta de carvalho que dava acesso aos jardins do castelo. Guine e Ralph sabiam que Kal havia ficado inquieto desde o momento em que a fada disse a eles que a ametista ganhada de Cadius estava no local em que Donovan fora derrotado por Foster.

- E se for outra mentira daquela fada! – argumentou Guinevere.

- Por que outro motivo Cadius me daria esta pedra? Talvez ela me faça entender algo mais.

- Kal, não há mais o que ser entendido! Isto aconteceu há quase mil anos. Se algo diferente do que todo mundo sabe aconteceu, ninguém pode fazer nada. – falou Ralph.

- Eu sei, eu sei. Mas se Cadius quiser que eu veja? Com meus próprios olhos.

- Então tente! Vamos, tente ver alguma coisa. – motivou Guine.

Kal segurou a pedra entre os dedos e se concentrou no objeto. Imaginava a história que ouvira desde muito criança, que o seu antepassado destruiu um bruxo e todo seu exército das trevas. Ele começou a suar e sentir calafrios, os sons de pessoas conversando ruindo em sua cabeça, o som do vento tocando a grama... Todos esses barulhos misturavam-se em uma solução sonora enlouquecedora. A imaginação foi deixada para trás e em seu lugar veio angústia e aflição.

- Hurg! – exclamou soltando todo o ar dos pulmões – Não consigo!

- Acalme-se, nervoso você não vai conseguir nada, a não ser uma dor de cabeça. – disse Guinevere repousando a mão amigavelmente no ombro de Kal. Era incrível como ela se parecia com Amanda, talvez até mais que Kal e Daimon, a garota sabia animar e consolar qualquer um que precisasse, além de estar sempre presente para qualquer eventualidade.

- Obrigado... nossa próxima aula é de quem?

- Acho que é Biomagia. – informou Ralph – Não estou com a menor vontade de assistir aula mais... aquele teste do Amadeus pegou todo mundo de surpresa.

- Se Daimon não prestasse tanta atenção nas aulas provavelmente ainda estaríamos lá.

- Não duvido disto, Kal. Meninos, agora vamos subir para a aula, não podemos nos atrasar. No caminho até a sala da professora Flora, Kal lembrou-se da carta dos pais de Ralph e da aparência horrenda de Kricolas. A mistura de humano e vampiro não fizera bem a ele, era a criatura mais pavorosa que já vira. No entanto, um pensamento novo surgiu em sua cabeça.

- Como Donovan era?

- O que foi, Kal? – perguntou Ralph – parece que ouvi você dizer algo.

- Estava pensando como era Donovan. – respondeu.

- E porque a curiosidade agora? Você não corre o risco de encontrá-lo em qualquer esqui- na.

- Tenho certeza que não, Ralph, mas é intrigante...

- Não acho intrigante ver o rosto de um assassino milenar. Já basta um louco a solta. – dis- se.

- Já faz tanto tempo que ele fugiu, e não se mostrou mais depois de alguns homicídios no início do ano.

- Talvez tenha morrido. – sugeriu Guine e Kal pode sentir a esperança da garota ocupar to- do o corredor onde estavam.

- Ele é um vampiro Guine... – disse Kal expulsando a esperança.

- Quem sabe foi tentar pegar um bronzado em Copacabana e acabou virando fumaça. – disse ela trazendo novamente a esperança.

- Ele também é um bruxo... – disse o outro a empurrando para fora mais uma vez.

- Então quem sabe ele desistiu de tudo e está morando em uma ilha no pacífico e...

- Chega de suposições, Ok? Agora, vamos para a aula.

Finalmente na sala de Biomagia, os três acomodaram-se em lugares onde mal se via a professora.

Na aula daquele dia Flora traduziu para os alunos alguns livros de feiticeiros antigos, em seus herbários, tipo de livro onde se cataloga espécies vegetais, a professora explicou que eles colocavam apelidos em determinadas plantas para que humanos mal intencionados não pudessem se aproveitar de suas poções.

- Exemplo, uma asa de morcego na verdade era uma folha de louro, olhos do diabo eram um tipo de castanha vermelha, patinhas de aranha tratavam-se apenas de canela. – explicou a professora.

Já na aula de Relações com a Natureza, com a turma de Katzin, a professora iniciou uma chata explicação sobre a importância de uma planta chamada Vitória-régia, segundo Margari-da, uma mulher apaixonada pela lua atirou-se no rio atrás do seu amado, que na verdade era um reflexo da luz lunar, e...

- Coitadinha... transformou-se num vegetal... – comentou – suas pétalas ainda hoje são utilizadas para preparos de poção do amor.

Rick Wosky não parecia dar atenção à história de uma mulher que se transformou em planta, pois passou a aula inteira cochichando com um pequeno grupo de alunos de Katzin, mas foi repreendido pela professora um pouco antes do sino anunciar o fim da aula.

- Pode parecer uma surpresa para você, senhor Wosky, mas a matéria que leciono, por mais desinteressante que possa lhe parecer, ainda conta pontos para o seu boletim!

Depois das duas terríveis aulas com os alunos de Katzin, eles seguiram para uma segunda e dolorosa aula de Biomagia. E a palavra que descreveu a aula era realmente essa, dolorosa.

Os alunos estavam em um nível avançado de contato com suas plantas, que já começavam a ficar irritadas.

A *Fantara d'ouro* de Ralph lhe provocou algumas queimaduras na mão quando ele tentou coletar uma pétala para preparar uma poção.

- Use as luvas de couro de dragão. – berrou a professora em seguida – E você, Andrade, não aperte tanto o caule de sua planta ou ela vai...

Não dera tempo de terminar o aviso e Pedro Andrade foi mordido por sua planta carnívora e seus ossos ficaram expostos.

- Alguém leve este pateta para a enfermaria... – sibilou a professora.

- Alguém coloque a cabeça de Rick na boca daquela planta. – cochichou Kal a Guine e Ralph.

- Eu ouvi isso, Foster! – falou novamente a professora muito zangada.

Com o fim de toda aquela tormenta, os alunos de Tadewi caminharam até o quinto andar para assistirem a última aula do dia. Na primeira aula, Cacius iniciara uma revisão sobre Merlin, Donovan, Foster e Kricolas, embora todos concordassem que esta revisão era desnecessária, já que todos os bruxos do Brasil conheciam a história de cor. No entanto, o que despertara a atenção geral fora Cacius dizer que contaria um pouco mais sobre a vida de Kricolas.

- Olá novamente, alunos! – saudou o diretor ao entrar na sala com seu costumeiro atraso de cinco minutos – Continuaremos com a Revolução dos Duendes de 1432, não é?

- Na verdade, professor, iríamos falar sobre Kricolas. – corrigiu Pedro.

- Oh, sim. Obrigado por lembrar esta cabeça velha, senhor Andrade.

Cacius não parecia nada convincente em seu papel de caduco, na opinião de Kal.

- Muito bem, vamos partir das origens então. Kricolas nasceu no mesmo período que Foster. Era filho de um vampiro com uma bruxa, Kricolas já nasceu poderoso, cresceu e ficou ainda mais. Diferente dos outros vampiros, ele podia andar naturalmente sob a luz do sol, e diferentemente dos outros bruxos, ele possuía grande força física e imortalidade. Foi um grande achado para Donovan...

- E o que Kricolas ganharia ajudando Donovan? – perguntou Camila Cerda após levantar a mão.

- Certo, Kricolas era uma aberração aos olhos dos outros, nem vampiros, nem bruxos o aceitavam. – Cadius parou por um segundo e deu uma piscadela para Kal – Ao lado de Donovan, Kricolas seria finalmente reconhecido pelo seu grande talento, não importando a aparência que tivesse. Enquanto ficasse ao lado do Cavaleiro Negro, ele seria respeitado e *aceito* dentro de qualquer grupo.

- Professor! – interrompeu Guine.

- Sim.

- Se Donovan era tão contraditório quanto a mistura de raças, por que admitiu Kricolas?

- Donovan não aceitava a condição não mágica de alguns humanos, e não a mistura de raças. Os que não eram portadores de nenhum talento em especial eram dignos de viver, é o que ele pensava. E aos seus olhos, Kricolas era um ser quase perfeito. Forte e imortal.

- Por que *quase* perfeito? – agora quem interrompia era Ralph.

- Porque Kricolas não gozava de muita beleza. Era realmente horrendo. Mesmo assim se tornou o braço direito de Donovan.

- Se ele era mesmo o maior soldado de Donovan, por que não esteve no dia em que o exército foi derrotado, por, bem... quando foi derrotado. – disse Kal embaraçado por não querer chamar atenção.

- Não tenho dúvidas de que ele esteve lá. Não tenho dúvidas. Mas não permaneceu por muito tempo. E depois que se viu sozinho, fugiu e ficou desaparecido por muitos anos. Até que finalmente foi apanhado pela Guarda de Warren.

- E o que ele fez enquanto esteve livre? – indagou Kal muito curioso e com medo de ouvir uma determinada resposta.

- O mesmo que ele deve estar fazendo desde que fugiu de Warren. – respondeu Cadius te- nebrosamente.

- Tentando trazer Donovan de volta. – arriscou Kal, e os outros alunos prenderam a respi- ração a espera de um pronunciamento mais claro da parte de Cadius. Mas o professor, pelo menos naquele momento, calou-se e consentiu.

O final de semana havia chegado e todos os alunos tinham tempo livre para passearem pe- la Cidade dos Elfos, seja tomando sorvetes ou saboreando doces na Suor de Sapo, o mais popular ponto de encontro entre os estudantes. Alguns dos alunos mais aplicados passavam os dias de sábado e domingo lendo alguns livros na biblioteca da loja Livros & Boatos, o lugar preferido de Daimon, e também da maioria dos outros alunos de Angus. Kal, Ralph e Guine- vere preferiam sentar-se na pequena praça no centro da cidade a espera de Adonis e Aman- da que estavam pousados na casa da Rainha Eva. Os dois enviaram a Kal um recado, na noi- te anterior, para que ele os esperasse naquele mesmo lugar àquela hora.

- Estão demorando... – queixou-se Guine.

- Hei, olhem os Wosky! Não parecem a família perfeita?

Kal acabara de avistar Rick e seu pai saindo de uma pequena lojinha com janelas de vidro e uma portinha como as de faroeste. Rick saiu às pressas da loja como se estivesse prestes a explodir de tanto ódio. Não foi difícil perceber o motivo. Ao que parecia, Amadeus forçara o filho a cortar os longos cabelos que já desciam a altura do ombro. De onde estavam puderam ver nos lábios de Rick uma enorme indignação dizendo algo, como, “ele me paga”.

- Vocês estão aí! – Adonis e Amanda haviam acabado de chegar
– E onde está o seu ir- mão?

- Deve estar na livraria, como sempre, pai.

- Olá, senhor e senhora Foster. – cumprimentou Ralph.

- Olá, como vai? – retribuiu Amanda procurando ser o mais atenciosa possível.

- Semana que vem vocês entrarão de férias! Júlio os levará para casa, meus queridos. Se quiser passar as férias conosco será bem vindo, Ralph.

- Obrigado, Sr. Foster. – disse Ralph muito alegre, aparentemente, seus pais não pareciam ficar em casa durante as férias de julho porque Ralph de imediato aceitou o convite.

- Amanda de eu tínhamos planejado passar o final de semana inteiro com vocês, mas sou- bemos que Thom piorou...

- Como assim piorou? – perguntou Kal.

- Bem, desde aquele dia na cripta ele tem estado no Hospital Nautilus, e... desta vez ele ficou inconsciente. Ninguém sabe porque isto está acontecendo, lógico ele é um vampiro, não deveria ficar doente, e isto não é normal.

- Ah... tudo bem então. Entendemos. – disse Guine desapontada.

Amanda e Adonis deram um abraço de despedida nos três, Adonis confirmou o convite com Ralph, em seguida esfumaçaram dizendo que iriam dar uma passada rápida na Livros & Boatos para despedirem-se de Daimon.

- Sempre Thom, sempre ele... – bufou Kal lembrando-se que fora ele, também, o motivo de terem caminhado até a Cidade do

Norte, sozinhos, ele, Daimon e Guinevere.

- Acalme-se, Kal, ele está doente... – disse a garota colocando a mão por sobre o ombro do amigo.

- Olhe o lado bom, o vampiro que os seus pais “correm” atrás está doente e prestes a morrer, se é que posso dizer isso. Mas o vampiro que os meus pais procuram está bem vivo e matando pessoas!

- Não precisa ser tão grosso, Ralph. – falou Guinevere.

- Não estou sendo grosso...

- Pessoal. – falou Kal tranquilamente – Vamos procurar algum lugar para esfriarmos a cabeça...

- Podemos ir para a Suor de Sapo, soube que eles têm refrescos ótimos. - sugeriu Ralph inutilmente.

- Um lugar onde não tenha ninguém. – falou Guine que parecia ler os pensamentos de Kal com seus tão esverdeados olhos.

Os três caminharam silenciosamente passando pelas repúblicas, pela loja que vendia quites de poções e por vários outros alunos que vinham das mais variadas direções, menos uma.

- Vamos para a loja Mausoléu! – falou Kal com o dedo erguido – Ninguém nunca vai lá, e, posso contar uma coisa para vocês.

Atravessar toda a cidade e caminhar mais um pouco não é a idéia de um fim de semana perfeito para um aluno de Avalon, mas lá estavam os três, finalmente alcançando o destino.

- Será que tem alguém? – perguntou Ralph olhando pela janela de vidro quebrada – Até parece que fecharam a loja.

- Vamos entrar para descobrir. – disse então Kal.

A velha loja continuava tão gasta e mofada quanto antes, com seus velhos móveis de madeira rústica, algumas caixas de papelão empilhadas perto das paredes, o velho balcão estava coberto por uma grossa camada de poeira, confirmando suas suspeitas de que o local fora abandonado por sua dona, que no início do ano vendeu para Kal e Daimon dois caldeirões.

- Estamos aqui. O que tem para nos contar, Kal?

- Calma Guine, vamos sentar primeiro. – disse procurando um lugar confortável. – muito bem, é sobre uma conversar que eu tive

com o Prof. Tirso esta semana.

- E o que vocês conversaram? – perguntou Ralph enquanto se ajeitava num banco velho de madeira com apenas três pernas.

- Acontece que, mesmo não acreditando muito na existência do Livro de Merlin, existem bruxos o procurando! Eles querem encontrar o livro. Entendem?

Guine e Ralph balançaram a cabeça positivamente indicando que estava tudo certo.

- Eles estão preocupados. Preocupados com o que pode acontecer se Kricolas botar as mãos no livro. – deduziu Ralph.

- E o que pode acontecer? – perguntou Guinevere olhando fixamente nos olhos de Kal.

- Kricolas vence o jogo. E o prêmio é uma viagem da morte para a vida. Do esquecimento à aparição. Donovan retorna ao nosso mundo, para pesadelo da maioria e delírio de alguns.

- Como? Não deve nem existir o pó dele. – falou Guinevere reafirmando seu ceticismo.

- Guinevere! Acorde! Preste atenção! É o Livro de Merlin nas mãos de Kricolas!

- E quem garante que este livro existe de fato, Kal? E se existir e ele não passar de um livro de receita de bolo?

- Cadius acredita! Tirso acredita, meu *pai* acredita! – enfatizou Kal sabendo que para Gui- nevere a opinião de Adonis contava muito.

- Tudo bem. Vamos supor, e apenas supor, que o Livro de Merlin exista e que seja super poderoso e que contenha os mais incríveis feitiços do mundo. Supondo tudo isso, o que *nós* podemos fazer?

- Eu sei que não há nada que possamos fazer. Não podemos chegar para Kricolas e dizer, “oi senhor, não vamos deixar você levar o livro, ok” – falou Kal com sarcasmo – mas precisamos convencer todo mundo, porque o governo está se omitindo, limitando-se a procurar por Kricolas!

- Eu penso diferente. – disse Ralph pela primeira vez desde que chegaram – Não podemos esperar Kricolas achar o livro! Vamos encontrá-lo primeiro.

Ralph parecia firme em sua colocação. O que era raro em acontecer. Geralmente ele se apoiava nas decisões de Kal ou Guine,

mas agora fora diferente. Talvez ele estivesse se enquadrando perfeitamente com os ideais de Tadewi. Que aceitava alunos com vontade e poder de mudar os caminhos.

- Você só pode estar brincando Ralph...

- Certamente que não. Podemos encontrá-lo, Guine.

- E você pode me dizer como?

- Vamos pesquisar. Você e eu procuramos na biblioteca da escola e Kal pode procurar na biblioteca do Conselho Estudantil.

- Não acredito que vocês me convenceram... – falou a garota com a cabeça abaixada – Mas se vamos procurar, é melhor perguntar ao Daimon primeiro!

Guinevere estava coberta de razão. Se havia um aluno em Avalon que sabia de cór cada linha de cada livro da biblioteca, este aluno era Daimon. Suas horas livres e finais de semana eram dedicados a demoradas leituras que podiam se estender do sábado de manhã até à noi- te do domingo. O primeiro passo a ser dado então, era procurá-lo. Se Daimon não pudesse ajudá-los teriam que fazer uma busca minuciosa no acervo das bibliotecas.

- Daimon! – gritaram os três, finalmente depois de quase duas horas de busca.

- Oi! – cumprimentou.

- Queremos que você nos diga onde podemos encontrar o Livro de Merlin. – disse Kal e os outros dois atrás dele encararam Daimon com apreensão.

- Claro! – respondeu – Em quase todos os livros da biblioteca.

- Han? – espantaram-se.

- A maioria dos livros de história e feitiços fala sobre o Livro de Merlin, em geral o relatam como sendo uma lenda, mas ainda assim comentam.

- Como assim? – questionou Guinevere.

- Estou dizendo que basta você abrir qualquer livro de história que o índice trará algumas afirmações sobre ele. Com exceção do livro de Cadius “Caminhos do tempo”, não traz nada. Talvez ele não queira mostrar seu próprio ponto de vista, ou talvez ele não tenha um ponto de vista, mas eu acho que ele tem, sendo quem é. Cadius o todo poderoso. Dizem que ele é quase um oráculo sabem, vê tudo, sabe de tudo. E nem pergunta nada a ninguém. Como se tivesse olhos de águia, audição canina... não que falcões

enxerguem mal, Ralph, mas é que dizer olhos de águia dá ênfase à frase, sabe como é...

- Cale a boca Daimon! – repreendeu Kal ao irmão que não parecia mais controlar o impulso de ficar falando – Agora, com uma resposta curta, onde, qual a localização do Livro de Merlin segundo os livros da biblioteca.

- Isto depende de quem escreveu o livro. Todo bruxo defende a hipótese de que o livro está no seu próprio país.

- Não há localização precisa?

- Na Inglaterra o livro está enterrado em Stonehenge, no Egito está sob a pata dianteira esquerda da Esfinge, no Japão ele está embaixo do monte Fuji. Na China ele está no meio da muralha e na Itália ele está escorando a Torre Piza...

- Já entendemos Daimon, já entendemos... – disse Ralph pedindo calma com as mãos.

- E no Brasil? Onde supostamente está o livro? – indagou Guinevere muito interessada.

- Esta é a melhor parte. Todos os livros brasileiros de história, com exceção o de Cadius, afirmam que o Livro de Merlin está debaixo dos nossos narizes. Aqui, na Cidade dos Elfos! – respondeu ele de modo conclusivo.

- Na Cidade dos Elfos? – disseram os outros três ao mesmo tempo calando-se quando perceberam que já estavam chamando atenção.

- Isso é o mais estranho. Porque não tem um ponto em específico como nos demais países.

- Tirso procurou, quer dizer, acho que estava procurando o livro por aqui... – deduziu Kal, mas foi interrompido por uma voz terrivelmente penetrante.

- Preparando outro motim, Foster? – Amadeus acabara de surgir com o seu ar fedido e pesado.

- Como assim motim? – perguntou Kal.

- Soube o que você fez com um aluno de Katzin e informei ao presidente do conselho.

- Só pode estar falando do babaca do seu filho! – encarou Kal, mas no segundo seguinte percebeu que fora um erro.

- Deveria agradecer por você não ser meu filho! Saberá muito bem o que fazer com esta sua petulância! O ano ainda não acabou, Kalevi Foster... – disse Amadeus fuxicando o nariz empinado e girando nos calcanhares seguiu adiante até entrar na Suor de Sapo.

Kal sentiu sua espinha esfriar como se Amadeus soprasse gelo. Uma forte dor incômoda lhe desceu pelo estômago arrancando-lhe um soluço.

- Você está louco? – berrou Guinevere – Ele é seu professor! Deu sorte por não levar uma suspensão!

- Melhor. Assim teria mais tempo para procurar pelo Livro de Merlin.

Na noite de domingo, Kal foi deitar-se anormalmente cedo. O dormitório que dividia com Ralph e Pedro estava vazio e silencioso. Era uma hora perfeita para fazer a projeção astral, mas Kal não quisera. Pretendia permanecer ali, descansando e preparando-se para a semana final e para as provas. Tudo era muito exaustante, provas, reuniões no conselho, mais pro- vas..., a adorável família Wosky...

Continuando a pensar em coisa ruim, Kal levou seu pensamento até Donovan. A curiosidade o aguçava saber como era o rosto daquele bruxo. Uma preocupação fútil, mas que não lhe fugia da cabeça. Começou a brincar com a imaginação, criando sua própria idéia de Donovan. Feio, olhos esbugalhados, nariz anormalmente grande e torto, pele seca e enrugada, queixo fino, dentes muito grandes. *Ninguém pode ser tão feio*, pensou Kal lembrando-se que apesar de tudo ele era uma pessoa como outra qualquer, e não um resultado de mistura de raças tão diferentes como fora Kricolas.

Colocou então barbas longas e prateadas, cabelos desgrenhados e com tranças, olhos azuis. Vira então Cadius. Lembrando-se do professor, tirou debaixo do travesseiro a ametista e passou a encará-la com cuidado.

Viu-se sendo refletido e começou a girar a pedra nas próprias mãos, mesmo assim sua pequena imagem continuava ali, apenas alterando de forma de acordo com o relevo da pedra. Alguns minutos se passaram e ele continuou ali, estático, olhando-se. Mas a imagem então sumiu e a pedra ficou branca, como ficou em seguida tudo ao seu redor.

Kal levantou-se depressa. Viu que estava de pijama em uma trilha de terra batida e ao longe viu um homem esfumaçar e caminhar rumo a sua direção.

- Onde estamos? Quem é você? – perguntou ao homem que não parecia ouvi-lo.

Ele era razoavelmente alto, olhos tão azuis quanto o céu acima deles, cabelos acaju e bem lisos cobrindo-lhe as orelhas e uma franja muito bem desenhada em sua testa. O pescoço fino e comprido ostentava o rosto de uma pessoa decidida. Tinha as feições leves, nariz fino e delineado e uma boca rosada.

Quando o homem misterioso passou por Kal, com sua capa, tudo ficou branco novamente e ele agora estava de pé à frente de um outro homem. Forte e também decidido. Usava uma roupa negra assim como o cabelo e os olhos, tinha um sorriso maldoso e pouco convincente. Ele ergueu a varinha cor de ébano e gritou para o primeiro homem que estava a uns quinze metros.

- Veio assistir ao meu triunfo, Foster?

Um grande flash varreu toda a cabeça de Kal e ele percebeu o que estava acontecendo. Estava em uma visão do passado. No exato dia em que Foster vencera Donovan, que supostamente, era o homem ao lado de Kal. Sua curiosidade fora saciada. Agora sabia que Donovan era pálido e que tinha cabelos e olhos negros, nariz fino e testa curta. Era ele, o Cavaleiro Donovan. E mais à frente o seu primeiro ancestral, Foster, que parecia ter saído de um briga, pois estava com um dos cantos da boca sangrando e a roupa suja de terra, além do suor escorrendo-lhe pelo rosto.

Um outro segundo se passou e um vasto exército de tantos outros bruxos surgiu atrás dele e de Donovan... Afastando-se ao máximo, Kal depara-se com a monstruosa presença de Kricolas. Ele era realmente fora do comum.

- Quer que eu acabe com ele, mestre? – perguntou a Donovan que em seguida consentiu com um breve acenar de cabeça.

- *Perpétuo!* – berrou Foster com toda a suas forças e a varinha erguida na direção de Donovan e o exército.

Imediatamente, o Cavaleiro Negro agarrou Kricolas por um dos braços e o transformou em fumaça. Ao que parecia, ele fora transportado por seu mestre. O peito de Foster começou a brilhar intensamente. A luz emanou uma forte energia que passou a varrer todo o lugar. Donovan gritava assim como todo o seu exército. Muitos deles tentaram esfumaçar, mas logo voltavam ao mesmo lugar. Estavam presos em um tipo de campo de força mágico.

Um forte vento soprou da direção de Foster, o que provocou uma pequena tempestade de areia, algumas pedras também foram carregadas pelo vento e uma delas voou na direção de Kal. Era uma ametista, e ele soube que era exatamente a sua. Ela aproximou-se do garoto com um estranho e forte brilho, antes mesmo que ela pudesse toca-lo, Kal obrigou-se a fechar os olhos e a partir de então

perdeu a consciência. Segundos mais tarde, ele recuperou o foco da visão e olhou para as camas de seus dois companheiros de quarto, que já dormiam. Fez o mesmo.

Logo no café da manhã, Kal contou a Ralph e Guine os detalhes da visão que tivera na noite anterior. Os dois responderam com demorados “oh”, “minha nossa”, “pelas barbas de Merlin”... era tudo tão intenso e emocionante que continuaram falando sobre o assunto até chegarem ao castelo.

A primeira aula de Poções foi uma rapidíssima revisão geral para a prova de quarta-feira. Em Relações com a Natureza eles não tiveram a mesma sorte. A professora fez questão de passar o último assunto do semestre, algo sobre fotoperiodismo.

Como as aulas de Maldições já haviam acabado para os alunos que passaram no primeiro teste e Cadius tivera um problema em seu escritório, Tirso aproveitou a oportunidade para repassar seu último conteúdo antes das férias. Ele teve que ouvir alguns lamentos exaustos, até mesmo de Kal, mas finalmente convenceu os alunos com uma boa explicação do que seria a aula.

- Quero e preciso mostrar a vocês, alunos. – ele havia reunido as três turmas, Angus, Kat-zin e Tadewi, numa mesma aula em uma sala maior que a sua – Um feitiço nada poderoso, mas muito revelador. Ele poderá mostrar o caminho certo a ser seguido se vocês puderem compreendê-lo. Poderá ser de grande ajuda, quem sabe. Mas o mais importante é que todos vocês pensem no que irá acontecer aqui hoje. Vocês terão o mês de julho para refletirem sobre o Enid de cada um.

- Professor, o que é um Enid? – perguntou Kal e Daimon escondeu o rosto com as mãos como se estivesse envergonhado pelo irmão ter feito aquela pergunta.

- Enid, Kal, é a alma mágica de um bruxo. – explicou o professor – É a fonte de nossos poderes. É o que nos diferencia dos outros seres humanos. Quem não tem Enid, não tem dons mágicos.

- E como recebemos este Enid? – perguntou Kal novamente, Daimon apenas desejou ser um avestruz.

- Quando um bruxo nasce, ele recebe um Enid, um que já pertenceu a outro bruxo que morreu. É a presença do Enid que não nos deixa chorar quando nascemos. Alguns outros bruxos desenvolvem um próprio, estes bruxos tornam-se poderosos. Exemplos de bruxos com Enid próprio, quem poderia?

- Merlin, Foster e Donovan. – respondeu Daimon de imediato tentando resgatar o orgulho ferido da família.

- Correto. Estes três bruxos nasceram com Enids próprios, quer dizer, Merlin tinha como Enid ele mesmo. Por isso era tão poderoso.

- E como um Enid nos escolhe? – perguntou desta vez uma aluna de Katzin.

- Ele escolhe o bruxo que tenha características bem semelhantes às dele. Por exemplo, o professor Cadius detém o Enid de Merlin! – vários alunos suspiraram outros agiram como se não fosse novidade

– Agora, vou ensinar-lhes como descobrir seu Enid usando um feitiço chamado Revelarbus.

Tirso conjurou o feitiço no meio do círculo em que os alunos haviam se disposto e de sua varinha partiu um filete dourado que caiu no chão transformando-se em fumaça e revelou então um velhote com pouco mais do que um metro e sessenta, careca, olhos finos e joelhos ossudos.

- Meu tio avó, Zacarias. – apresentou Tirso – Meu Enid. Quem quer ser o próximo?

Ele começou a chamar aluno por aluno, começando pelos de Angus. Todos se saíram bem sucedidos com o feitiço, até o momento todos os alunos haviam reconhecido seu Enid como sendo um membro da família, até mesmo Daimon, que descobriu ter o Enid do bisavô Epami- nondas Foster III.

- *Revelarbus!* – disse uma garota de Angus e um homem moreno e de terno verde apareceu a sua frente.

- O Reconhece, Ligia? – perguntou Tirso ao que a garota disse não, e o professor continuou – Alguns bruxos recebem Enid de pessoas sem nenhum tipo de laço sanguíneo. *Lócus Amenus!* – disse Tirso apontando para o Enid no centro da sala e este desapareceu.

Aos poucos todos foram sendo chamados, quando chegou a vez de Wosky, ele se apresentou aparentemente orgulhoso de si e pomposamente disse:

- *Revelarbus!* – uma fumaça prateada vazou de sua varinha e ilustrou o ar a sua frente com uma imagem amedrontadora. Um homem de capuz preto até os calcanhares, mal se via seu corpo escondido atrás de todo aquele pano, e por ele emanava uma fumaça gelada e arrepiante.

- *Lócus Amenus!* – falou o professor percebendo a cara de pavor nos alunos, desta vez não ousou perguntar quem era aquele bruxo e Wosky retornou ao lugar muito satisfeito.

Guinevere foi a primeira aluna de Tadewi a se apresentar. Seu Enid era, para espanto geral, uma criança. Uma pequena menininha de uns quatro anos. Ralph foi chamado logo em seguida e de sua varinha surgiu uma mulher alta e de corpo bem delineado, cabelos negros e olhos claros. Ela olhava de aluno para aluno como se procurasse algo, então encontrou Ralph, parou e sorriu.

- Sabem quem é ela, alunos? – perguntou Tirso, mas nem mesmo Ralph soube responder.

– Nefertiti. É um Enid milenar. Sabe-se que pertenceu a Morgana Lê Fay.

Todos olharam para Ralph admirados, Kal e Guine deram sorrisinhos e ele retornou ao lugar num tom de quase roxo.

- Vamos continuar... – prosseguiu Tirso.

- Hei, Kal! Quem você acha que pode ser o seu Enid? – perguntou Daimon silenciosamente para não serem ouvidos.

- Eu nem sei se tenho mesmo um. – respondeu.

- Não seja tolo! É claro que tem. Ainda posso apostar com você que é um Enid próprio.

- Por que, Daimon? – perguntou Ralph.

- Kal não nasceu bruxo! – respondeu – Ele desenvolveu habilidades mágicas quando tinha seis anos. Isso teve repercussão! Seus pais talvez se lembrem do Milagre Foster.

- Quer dizer que Kal pode ter um Enid próprio? Tê-lo desenvolvido quando tinha seis a- nos... – mentalizou Ralph como se fosse a coisa mais difícil de se entender.

- Kal Foster! – chamou Tirso.

Ele nem se dera conta de que já era o último aluno a ser chamado, todos o encaravam cu- riosos e ele passou a ficar mais nervoso. Os pouco mais de cinco segundos que o separavam do seu lugar ao centro da sala foram longos demais em sua cabeça, que passou a imaginar- se ali no meio da sala, na frente de todos, dizendo o feitiço, mas sem produzir qualquer efeito.

Não sair nem uma fumacinha pra dizer que o Enid dele é o de uma ameba. Imaginou sua va- rinha ganhar vida e saltar de sua mão correndo para a de Wosky, dizendo que ele sim era um bruxo de verdade.

- Está pronto, Kal? – perguntou Tirso que assim como os outros parecia curioso para saber que tipo de Enid o Milagre Foster desenvolvera.

- Ah... ah... claro professor. *Revelarbus!*

De repente, toda a sua imaginação esvaiu-se. Sentiu um vento forte passar-lhe pela nuca, girar em torno de sua cabeça e descer pelo braço que segurava a varinha. Uma fumaça negra e densa se formou a sua frente dando lugar em seguida a um homem alto e robusto, rosto pálido contrastando com os olhos negros e frios. Tinha um sorriso maldoso e debochado.

- *Locus Amenus!* – apressou-se em dizer Tirso percebendo o que estava acontecendo. Alguns alunos haviam se afastado muito nervosos, enquanto outros tentavam entender o que estava acontecendo.

- Kal, acompanhe-me até a diretoria.

Tirso puxara-o pelo braço abrindo caminho pela multidão de alunos. Saíram da sala rapidamente e Kal ainda pensava no que acontecera.

Como pode isto? Meu Enid ser Donovan.

- CAPÍTULO XIII -

Nicolas Weny e Griphons

Kal estava a meio passo da entrada da sala de Cacius. Olhou para o professor em pé ao seu lado, ele estava nervoso, apreensivo. Suas mãos suavam frio e se contorciam enquanto o diretor não respondia de dentro da sala.

- Tirso! – chamou Kal, mas ele não parecia ouvir ou se importar
– Por favor, fale alguma coisa...

- Vou deixar para o professor Cadius. – respondeu.

- Entre, entre professor. – era a voz de Cadius.

- Desculpe incomodar, mas acredito que...

- Oh sim, sim. Tirso, poderia ter uma outra conversa a sós com o senhor Foster?

- É claro. – respondeu já se retirando.

- Muito bem, muito bem...

- Professor, eu posso... é quer dizer eu não sei como...

- Não se preocupe, Kal. Não se preocupe. Você não tem qualquer culpa. Se existe um culpado de isto estar acontecendo, este sou eu.

- Como assim? – perguntou Kal olhando fixamente para o diretor.

- Eu explico. Eu vou te explicar porque você tem o Enid de Donovan. Algo que parece muito irônico, já que você é um Foster, responsáveis pela queda dele. Muito irônico que isto tenha acontecido... mas não foi por acaso. – dizia Caciús andando de um lado para outro de sua sala.

- Professor, como? De tantos Enids, por que logo o dele? E, por que o senhor se disse cul- pado?

- Você nasceu sem Enid algum, e ninguém sabe porque. – iniciou
- Mas milagrosamente você recebeu um e se tornou bruxo. Essa é a história que todos conhecem. O problema Kal, é que você ter recebido um Enid aos seis anos não foi algo milagroso. Foi o resultado de uma sucessão de fatos que devem ser mencionados antes de qualquer coisa.

- Que fatos? – perguntou Kal aflito.

- Tudo aconteceu há alguns anos. A fuga de Kricolas, os sete humanos assassinados e o encontro internacional na sua casa.

- Professor, por favor, seja mais claro. – falou Kal um pouco mais alto.

- Por que motivo você acha que Kricolas fugiu de Warren?

- Para pegar o Livro de Merlin e reviver Donovan! – responde com toda franqueza - Se bem... se agora isto for possível.

- Teoria interessante. Muito interessante. No entanto, equivocada em alguns pontos. – explicou – Kricolas, inicialmente, fugiu de Warren para trazer o Enid de Donovan de volta.

- E onde ele estava? – perguntou Kal imaginando um lugar possível para Enids descansar.

- Não é exatamente esta a pergunta. O Enid de Donovan, que agora é seu, e vamos chamá-lo assim, estava vagando. Perdido da realidade desde que Foster atingi-o com o Perpétuo. E foi necessário que Kricolas assassinasse sete humanos inocentes para despertar *seu* Enid. Em minha teoria, Kricolas despertou-o para que possuísse um bebê.

- Por que isto, professor?

- Seu Enid é muito poderoso Kal, e assim como o meu, que você bem sabe que é o de Merlin, tem vontade própria. Funciona dentro de você como uma segunda mente.

- Eu não tenho uma segunda mente. – falou Kal com veemência.

- Não deveria afirmar tais coisas. Nunca fez nada por impulso ou imaginou coisas que não tem nada a ver com você?

Kal ficou pensativo, mas não demorou muito para sua mente capturar lembranças em que ele em momentos de raiva agia descontrolado como fora com Rick Wosky na semana anterior.

- Pois bem Kal, deixe-me continuar. O plano seria que seu Enid crescesse no corpo de um recém nascido. Bebês não têm uma mente formada, seria fácil para uma força tão poderosa tomar total controle do corpo. Assim, Donovan renasceria. Com plenos poderes e o com seu braço direito, Kricolas, ele trilharia pelo mesmo caminho que andou há novecentos noventa e oito anos.

- Mas onde eu entro nesta história? O senhor está dizendo que eu posso, que eu vou ser Donovan? Está errado, ele não me possuiu quando eu era bebê. E por que ele me escolheu se o plano era de entrar em um recém nascido? – Kal erguia o tom de voz, mas Cacius parecia não se importar.

- Desabafe, desabafe. – disse.

- Eu não sou Donovan! Nem nunca vou ser! – Kal virou-se contra o professor decidido a não escutar nem mais uma palavra e a sair dali o mais rápido possível.

- Kalevi Foster entrou por aquela porta e eu não vou permitir que Donovan saia por ela! – Cacius disse isto em tom firme e muito sério. Kal percebeu, mais uma vez, que agia por impulso. Parou, olhou para Cacius e chorando alçou-lhe os braços em volta do professor.

- Acalme-se, Kal, acalme-se.

- Professor. Eu não quero isso... por que comigo? – Kal largou o professor e enxugava as lágrimas quando gritou – *Revelarbus!*

Donnovan surgiu mais uma vez com seu sorriso ofídico, como se estivesse pronto para morder e envenenar qualquer um que se aproximasse.

- Eu não sou você! – berrou Kal para a projeção a sua frente – Monstro! Por que me esco- lheu?

- *Locus Amenus!* Eu posso te responder isso Kal.

Ele olhou para o diretor, o suor escorria-lhe pelo rosto, sentia os membros fraquejarem co- mo se carregasse o mundo nos ombros.

- Depois daquele dia em sua casa, Donovan não teve outra escolha se não você.

- Como assim?

- Vou te contar o que nós fizemos. Com medo de que Kricolas tivesse trazido o Enid de seu mestre de volta do “exílio” para se apoderar de um recém nascido, decidi reunir os maiores bruxos do

mundo para proteger cada novo bebê. Ao nascer, cada criança estaria protegida de Donovan. Ele não conseguiria *encarnar* em nenhum bebê de família bruxa, sabíamos que ele não tentaria com um bebê humano, primeiro porque para ele é uma raça desprazível e também ele não desenvolveria seu poder máximo. Restou-lhe você. Uma criança sem Enid e de família de bruxos. É claro que ele não conseguiu dominá-lo completamente porque você já tinha seis anos. Mas era você, a única opção.

- Quer dizer que Donovan quer se apoderar de mim? Terminar o que começou usando o meu corpo?

- É o meu palpite. Ele deve ter percebido que não conseguiria se apossar de nenhum outro bruxo e te encontrou. No dia em que descobrimos que você havia adquirido poderes eu tive minhas desconfianças, mas não poderia afirmar nada.

- Professor, o que eu tenho que fazer agora?

- Você tem que se controlar, não deixar que Donovan domine os seus pensamentos. Só você pode se ajudar. Lamentavelmente, não se pode separar um Enid de um corpo, sem que um dos dois morra, ou chegue perto disto... – falou Cadius com profundo desânimo – Agora, volte para os seus amigos, penso que você tem muito o que dizer a eles.

Kal saiu da sala de Cadius vagorosamente, como se cada um de seus pés pesasse uma tonelada. Arrastou-os pelos corredores espaçosos do quinto andar até finalmente achar o caminho que o levaria ao grande salão, onde almoçaria com Ralph e Guine. Ele estava tão pensativo que nem percebeu que todos os alunos, por onde ele passava, apontavam e cochichavam em silêncio. Tantos murmúrios fizeram Kal sentir como se ainda estivesse na sua antiga escola, na Vila da Cachoeira. Ao menos tinha Daimon, Guine e Ralph, pensava.

- Kal! Você está bem? – perguntou Guinevere cedendo seu lugar para que ele se sentasse.

- Estou.

- O que Cadius disse a você? – perguntou Ralph por sobre a mesa com cara de quem estava esperando por isso há muito tempo.

- Não seja indelicado, Ralph! Não vê que ele está mal?

- Está ok, Guinevere. – falou ele voltando a olhar seu pedaço de bife.

- Tudo bem Guine, tudo bem. Acho que preciso mesmo desabafar.

Kal contou então que Cadius dissera-se culpado por ele ter o Enid de Donovan porque havia impedido que este se apoderasse de um bebê. Pela cara de espanto que Guinevere fez ela deveria achar que se apossar de bebês era realmente inescrupuloso.

- Quer dizer que Cadius é culpado? – perguntou Ralph fazendo gestos confusos com as mãos.

- Ele disse. Mas para mim não é. – respondeu Kal – Eu não nasci bruxo e isso ninguém tem culpa. Mas Donovan sentiu-se encurralado, jamais escolheria um humano, e como eu não tinha Enid e sou de família de bruxos, ele se apoderou de mim...

- Mesmo você sendo um Foster? – espantou-se Guine novamente.

- Talvez a vingança seja melhor assim. Mas o fato é que só está em mim porque não teve outra opção.

- Isso é tão maluco... Donovan agora quer se apoderar de você. Parece-me tão esquisito.

- É esquisito, Ralph. Porém não se preocupe. Ele não me controla.

- Você tem certeza, Kal? E o lance com Wosky?

- Calma, Guinevere, aquilo não foi Donovan. – mentiu Kal.

- Você é quem sabe... Ainda assim acho melhor você tomar cuidado com o que for fazer daqui para frente. E também acho que você deveria avisar ao tio Adonis.

- Por quê? Eles vivem tão contentes desde que me tornei bruxo. Não vejo porque dizer a eles o que está acontecendo. Eu tenho minhas próprias escolhas.

- O problema não são suas escolhas. São as suas atitudes. – respondeu Guinevere de imediato.

- Guine, quero que me prometa que não vai contar isso aos meus pais. Termina aqui, ok?

- Ok. – respondeu contrariada.

- Oh, vocês dois, caso não perceberam todos já estão terminando de almoçar. Não vão nem ao menos tocar na comida?

- Não, Ralph... perdi a fome. Preciso ficar um... um pouco sozinho. – disse Kal procurando as palavras.

Naquela tarde Kalevi Foster não compareceu a nenhuma outra aula, sobre o pretexto de estar passando mal. Subiu até o quinto andar e se acomodou na vazia sala de estar dos alunos de Tadewi. Sentou no parapeito da janela e começou a observar o movimento nos campos da escola. A janela de vidro estava enfumaçando com a sua respiração, mesmo assim não o impedia de ver os alunos de Angus atravessarem o campo até a horta. Atrás deles viam os alunos de Katzin com sorrisos debochados e nauseantes. Mesmo se Kal ficasse míope e estivesse a milhas de distância seria capaz de reconhecer aquele sorriso sebo e repugnante. O sorriso de Rick Wosky.

No entanto, havia um belo conjunto de dentes brancos e reluzentes que, misteriosamente, despertou em Kal um sentimento forte, quase inexplicável. Emanuela Goldemberg era, na sua opinião, a garota mais bonita do primeiro ano. A única oportunidade que tinha de estar ao seu lado era nas reuniões semanais do Conselho Estudantil. Uma hora e meia de relatórios e discursos do presidente Rômulo compensavam aquele momento em que ele podia admirá-la e apreciar sua voz aveludada.

Kal desembacou o vidro da janela com as mangas da camisa para avistar melhor Emanuela, mas ao voltar a contemplá-la, viu Rick com o braço intimamente envolvido em torno da cintura da garota.

- Larga! – falava Kal batendo no vidro – Larga!

Os dois seguiram abraçadinhos até a horta onde permaneceram, do mesmo modo, até o fim da aula. A professora não se importara muito com a intimidade dos dois, pois não bravejou como fazia de costume.

Ficar ali, parado, olhando Wosky e Emanuela juntos não estava nos planos de Kal. Resol- veu então sair da sala e ir à biblioteca procurar algo sobre o Livro de Merlin.

Com a ajuda do bibliotecário, o senhor Rovil, um homem de meia idade com cabelos grisa- lhos, óculos grandes que aumentavam seu olho fundo e acentuava suas olheiras, ele era bai- xo e tinha uma barriga presa por um cinto de couro numa calça azul marinho e uma camisa de manga longa também azul.

Kal amontoou alguns livros de história em uma mesa. Por um momento pensou estar preparando um parque de diversões para Daimon, que adorava se emaranhar em meio a pilhas de livros.

Depois de muitas páginas folheadas, Kal percebeu que era tudo muito inútil. Era realmente como Daimon mencionara, “todos falam sobre o Livro de Merlin, mas nenhum é digno de confiança”, mais ou menos isto.

O garoto começou uma sessão de martírio que logo foi notada pelos outros poucos alunos do lugar, em geral eram alunos do último preparando seus trabalhos de final de curso. Logo Kal percebeu que bater com um livro grosso na própria cabeça não era algo muito normal de ser feito. Mesmo que fosse de leve.

Tanta pressão no cérebro o fez lembrar de um outro livro que talvez pudesse ajudar. O livro que ganhara de seus pais como presente de aniversário, “Os bruxos que mudaram a história”. Só o que precisava fazer era correr até a sala de Tadewi e abrir a mochila.

Assim o fez.

Olhando pelo índice ele correu até a letra "M", a fim de procurar Merlin. Lá estava, página 401.

"Um dos bruxos mais poderosos do mundo, Merlin se destacou em todas as atividades mágicas, mas em especial na clerigologia.

Merlin fundou algumas escolas pelo mundo, sendo a principal a Escola de Magia e Feitiçaria de Avalon, atualmente dirigida pelo Prof. Cacius Henrique, que detêm o Enid daquele grande bruxo.

Sem dúvida nenhuma a maior criação do mago Merlin foi o seu livro. A lenda vem ganhando forças e se tornando fato, alguns historiadores como o renomado Nicolas Weny afirmam que Merlin, o grande bruxo, realmente escreveu um livro com os maiores

segredos mágicos, e que por séculos ele permanece perdido em algum lugar do globo. Para que fim o livro foi escrito ninguém sabe responder. Apenas se conhece que o seu portador terá poderes insuperáveis.

Sua localização é totalmente desconhecida, pois Merlin residiu nos quatro cantos do mundo, mas especula-se que esteja no Brasil, lugar aonde veio a falecer há novecentos e noventa anos, na época o país era conhecido como a Ilha Hy Brazil”.

Kal leu o trecho ao menos cinco vezes antes de decidir falar com Guinevere e Ralph. Iria propor aos dois que procurassem Cadius, sendo ele o detentor do Enid de Merlin, talvez pudesse ajudá-los.

- O que o faz pensar que Cadius sabe onde está o Livro de Merlin? – perguntou Guinevere enquanto desciam até a Cidade dos Elfos – Se Cadius soubesse do paradeiro do livro ele já o teria pegado.

- E se ele não souber? Cadius pode querer nossa ajuda.

- Ele é um dos bruxos mãos influentes do mundo! Por que precisaria da *nossa ajuda*? – re- truçou Ralph.

- Me respondam. Quantos bruxos vocês conhecem que pode ver o passado?

Ralph e Guine se entreolharam curiosos e sem jeito. Ralph coçou a nuca então disse:

- Mas você não tem controle sobre isto. É sempre uma visão involuntária.

- Então vou precisar aprender a controlar.

Naquela noite, Kal sentou-se em sua cama com alguns objetos de Ralph. Ele deveria dizer de quem Ralph ganhara cada um. Já passava da meia-noite e Kal não tivera nenhuma visão. Quando Ralph cochilou e caiu da cama eles resolveram que era hora de dormir.

No dia seguinte, com a ajuda de Daimon e Jonathan, Ralph e Guine, Kal procurou pela biblioteca algum livro que lhe pudesse ser útil. Nem mesmo em “Os intrigantes dons mágicos” mencionava algo sobre ver o passado. Era realmente algo inédito. Cadius não havia brincado quando disse a Kal que o seu dom era muito especial.

Outra vez retornando à Cidade dos Elfos, no fim do dia, Kal, Ralph e Guine continuaram a conversa sobre o Livro de Merlin.

- Assim que você adquirir controle sobre seus poderes procuraremos Cadius. – falou Guinevere, era incrível com ela mudava rápido de opinião.

- Teremos tempo nas férias para você aperfeiçoar. – disse Ralph.

- E então, vai mesmo conosco para Vila da Cachoeira? – perguntou Kal amistosamente.

- Eu não sei... preciso ver com meus pais primeiro.

- Chegamos. – falou Guine quando o balão tocou o chão.

Depois de abrirem a portinhola do cesto e atravessar o muro que separava os terrenos de Avalon da cidade, eles avistaram uma multidão de bruxos, Elfos e Fadas amontoados em um único ponto. Aproximando-se do lugar eles viram uma belíssima carruagem de madeira com detalhes arredondados de prata e três grandes letras moldadas nas portas moldaram um grande sorriso no rosto de Ralph.

- GAW! – disse ele lendo as letras da carruagem.

- O que é GAW? – perguntou Kal.

- Guarda Armada de Warren. – respondeu Ralph – Meus pais devem estar aqui!

Os três forçaram passagem até ficarem frente a frente com a carruagem. De dentro dela surgiu um homem muito magro e de nariz empinado, usava um terno fino com bordas roxas e uma camisa branca de algodão. Os sapatos de couro apenas tocaram o chão depois que lhe foi estendido um tapete vermelho. Cheio de pose, segurou a varinha como se fosse um micro- fone e anunciou.

- Direto dos castelos franceses, o Inquisidor Mágico, capa dos maiores jornais mágicos britânicos. Doutor formado em magia

antiga, com especialização russa em feitiços. Expeditor de uma das maiores descobertas mágicas até hoje. Historiador renomado pela Academia de História da Magia Chinesa e, é claro, Chefe do Conselho Mundial de História e Artefatos Mágicos, Sr. Nicolas Weny!

Todos pareceram muito espantados com o currículo do visitante, a exceção de Kal.

- Quem é ele? – perguntou.

- O bruxo do século! – responderam Daimon e Jonathan em coro aparecendo logo atrás dos três.

- Ok, quem é ele? – insistiu Kal.

- O maior perito em magia avançada do mundo! – respondeu Jonathan quase aos pulos.

- Pela última vez, quem é ele?

Kal obteve uma resposta visual. Sr. Nicolas Weny acabara de descer da carruagem pou- sando seus lustrosos sapatos italianos no tapete estendido.

Era alto, forte, cabelos e olhos castanhos claro, nariz curto e tinha a face sobressaltada. Seu sorriso com dentes brancos e brilhantes arrancou suspiros de várias garotas presentes, incluindo Guinevere. Atravessou rapidamente pela multidão como se estivesse em uma pas- sarela exibindo sua beca esverdeada e sua gola de rufos.

- O que um cara desses está fazendo aqui? – perguntou Kal com indiferença.

- E onde estão os meus pais?

- Por que você acha que eles estão aqui Ralph?

- Porque este cara veio em uma carruagem de GAW. E os meus pais devem tê-lo escolta- do.

- Seus pais não são Guardiões Chefes? – perguntou Kal – Por que têm que escoltar um panaca em uma carruagem?

- Kal! Ele é o bruxo do século! – respondeu Daimon.

- Já sei, já sei...

- Como Daimon disse, ele é o bruxo do século. Metade da GAW deveria estar aqui. – falou Ralph enquanto olhava sobre os ombros a procura dos pais.

- Hei olhem! Ele está indo até a Pousada das Fadas. – gritou uma velha ao lado de Kal. Toda a movimentação se acentuou em frente à pousada que foi obrigada a trancar suas portas para receber com tranquilidade o novo hóspede.

Por toda a cidade correu a notícia de que na quinta-feira à noite, Sr. Nicolas iria ministrar uma palestra em praça pública a todos que se interessassem, principalmente aos alunos de Avalon. Dois dias se passaram e a cidade mudara completamente.

Enquanto Cidade dos Elfos se preparava para a grande noite, Kal treinava com Daimon, Ralph e Guinevere suas visões do passado. Eles ainda não haviam obtido nenhum sucesso, mas Daimon insistia

muito para Kal pedir ajuda ao senhor Weny. A celebridade do momento debochava de Kal.

- Ele é perito! – retrucava Daimon.

- Ele não vai me ajudar. Ele não atende nem aos chamados do professor Cacius.

Desde o dia em que chegara à cidade dos Elfos, Sr. Nicolas era instigado a uma visita ao castelo de Avalon, todavia ele não aceitava os convites de Cacius. Dizia-se sempre muito ocupado com os trabalhos e precisava preparar o discurso palestral.

Quinta-feira chegou com ar de animosidade. No meio da cidade foi montado um pequeno palanque para a palestra, também mais de mil lugares foram postos para os ouvintes. A cidade parecia ter recuado em direção à orla da floresta para acomodar todo aquele espaço.

Oficialmente, as aulas acabariam naquela manhã, após o almoço os alunos já estariam de férias até o final de julho. No entanto, muitos alunos já haviam abandonado as salas de aula para curtir passeios matinais dentro da floresta amazônica. Algo que parecia exótico e muito divertido.

Para a maioria dos alunos do primeiro ano que haviam passado em Maldições, os testes finais de História e Feitiços foram os únicos da quinta.

Estando livres, das aulas e deveres de casa, eles desceram de Avalon radiantes de alegria. Alguns veteranos conjuraram aves de luzes para animar a cidade. Todos corriam muito contentes.

Ainda naquele dia, muitos alunos partiram para suas casas, entre eles Jonathan, que antes de ir embora implorou a Daimon que conseguisse um autógrafo de Nicolas.

Cidade dos Elfos nunca pareceu tão agitada quanto agora. Nicolas Weny devia ser realmente um exímio bruxo para provocar tanto alvoroço. Segundo Daimon, ele recentemente havia descoberto como repor chifre de unicórnio quebrado e também derrotou a bruxa Nicácia que estava espalhando terror por todo o mundo raptando criancinhas.

- Ele ainda derrotou lobisomens e pode resistir ao encanto da Iara! – Daimon explicou que Iara era uma mulher que seduzia homens e os matava afogados em rios.

- E por isso ele ficou tão famoso assim? – questionou Kal.

- Celebridade instantânea! Só sei que o cará é o máximo! Não vejo a hora de ouvir o que ele tem a dizer!

Daimon não era o único que estava ansioso. Até mesmo Guinevere, que não ligava para este tipo de coisa, mostrava-se nervoso pela ocasião, além dos outros tantos alunos que faziam fila na Pousada das Fadas na tentativa de conseguir um autógrafo do tão grandioso bruxo.

No fim da tarde, enquanto Kal e Ralph caminhavam pela cidade, Guinevere e Daimon haviam se juntado à multidão de fãs na pousada, encontraram Tirso ajudando com a varinha a erguer bandeirolas feitas com jornais velhos.

- Olá garotos! – cumprimentou o professor.

- Como estão com os preparativos? – perguntou Kal.

- Do meu ponto de vista está um pouco exagerado. Ainda estão faltando alguns enfeites e as fogueiras e tal... Acho que muito enfeite estraga... mas o dono da festa quer assim...

- Você o conhece, professor?

- Na verdade, Ralph, Nicolas não cursou escola alguma, tudo o que aprendeu foi com um tio avô. Ele é de alguma região do Centro-Oeste, não sei... Mas depois que o tal avô morreu ele seguiu a carreira de historiador, fez grandes descobertas em várias áreas da magia e hoje ele é mundialmente conhecido e mora na Europa, onde também está desenvolvendo novas pesquisas. É isso que sei sobre ele.

- Tem idéia do que ele veio fazer aqui? – perguntou Kal.

- Qual o problema, Foster? Tem medo dele roubar o brilhantismo da sua família? – Rick Wosky surgira atrás dos três ao lado de seu pai e seu irmão de apenas seis anos, Amadeus Filho.

- Continua por aqui, maldição? – perguntou Tirso referindo-se a Amadeus, o pai.

- Não que sua presença me agrade, feitiço. – respondeu de imediato.

- Foi no veterinário tosar as crinas? – falou Kal debochadamente encarando Rick com furor nos olhos.

- Anda muito audacioso, Foster. – disse Rick que cuspiu em seguida – Vamos ver por quanto tempo.

- Você pode até contar, se souber...

- Ora seu... – disse avançando contra Kal, mas Amadeus o deteve.

- Não Rick!

- Tudo bem, é cedo demais para ver sangue de Foster.

A família Wosky virou-se com rispidez e seguiram até a loja Labaredas de Ferro.

- Como eu odeio este amaldiçoado. Não sei como Cacius pode mantê-lo aqui. – resmungava Tirso.

- Eu não gosto de nada que termine com Wosky. A propósito, onde está o Sr^a. Wosky? – terminou Kal imitando uma voz fina e irritante.

- Ela cuida da casa. Não sei onde moram. – respondeu Tirso.

- Professor, você tem algum palpite sobre o que vai ser dito na palestra? – perguntou Ralph desviando o assunto.

- Bem, a última notícia que tive a respeito dos assuntos tratados pela nossa celebridade diz que ele quer reimplantar o uso das espadas mágicas.

- Não entendemos. – disse Kal cruzando o olhar duvidoso com o de Ralph.

- Ok. Eu explico. Há muitos anos. Mesmo antes de Merlin ficar conhecido, quando magia era algo comum no mundo todo. Nós, bruxos, usávamos espadas mágicas ao invés de vari- nhas. Mas com o passar dos tempos, com a perseguição de Donovan, e posteriormente o medo dos humanos pela magia, precisamos nos esconder, mas um bruxo não andaria desar- mado em um mundo

que se tornara tão perigoso. E como andar sempre com uma espada enfeitada com pedras preciosas e laços não era muito discreto, nós resolvemos copiar as fa- das! Algumas delas usam varinhas de condão. São simples e discretas. Entenderam? O que Nicolas quer é que usemos novamente espadas, com os feitiços que conhecemos hoje pode- ríamos disfarçá-las ou guardá-las em nossos bolsos, mas todos se acostumaram com a prati- cidade da varinha...

- Professor, e Nicolas o que usa? Espada ou varinha? – perguntou Ralph.

- Nenhum dos dois. – respondeu – Ele não precisa de nada a não ser as mãos para realizar magia.

Agora Kal começava a entender o fascínio que aquelas pessoas tinham por Nicolas. Ele era surpreendente. Um bruxo e tanto. Nem mesmo Cacius vivia sem a sua varinha e ele, com pouco mais de trinta anos, fazia grandes descobertas usando apenas as mãos.

Mal anoitecera e os habitantes de Cidade dos Elfos já se acomodavam na platéia improvisada no centro da cidade. Todos muito bem arrumados, as fadinhas com vestidinhos lilás e gorro na cabeça com enfeites esvoaçantes. Os elfos vestiram-se impecavelmente com lindos conjuntos de algodão e as indispensáveis botas de couro com tiras. Rainha Eva, que estava no palanque, trajava um vestido comprido cor de abóbora.

- Muito chique! – diziam os elfos.

Professores e alunos de Avalon foram mais discretos com roupas habituais.

Quando o grande bruxo da noite surgiu em meio a uma nuvem de fumaça azul bem no centro do palanque todos o aplaudiram com furor.

Sr. Nicolas Weny estava com uma calça e blusa azul-marinho com uma luxuosa gola de rufos cobrindo-lhe do pescoço até o lóbulo.

- Boa noite, Cidade dos Elfos! – saudou o bruxo amistosamente – Creio dispensar apresentações. Portanto, prosseguirei. É notável o desenvolvimento proeminente desta cidade graças à escola de Magia e Feitiçaria de Avalon.

Todos aplaudiram. Kal então se deu conta de que não vira Cacius ainda. Procurou no palanque e na platéia, ele não estava em parte alguma.

- Vocês viram o professor Cacius? – cutucou Ralph e Guinevere.

- Também não o vi. Assim como não vi os meus pais. – falou Ralph.

- Este cara é muito chato... – resmungou Kal e Guine pisou em seu pé.

- Oh, desculpe, foi sem querer.

- Ralph eu vou dar o fora. – disse Kal já de pé.

- Eu vou com você. Esse cara está me dando náuseas. Proeminente? Quem usa isso? É tão arcaico.

Nicolas tinha um jeito muito peculiar de falar, era pomposo e fazia entonações, do mesmo modo que os políticos fazem em campanha eleitoral. Chegava a ser irritante, mas ninguém a não ser Kal e Ralph parecia se importar.

- Para onde vamos? – perguntou Ralph quando já tinham se afastado do público.

- Eu vou para onde não possa ouvi-lo. – respondeu Kal – também vou praticar um pouco. Preciso aprender a controlar as visões.

- Tudo bem. Que tal irmos para a loja abandonada.

Os dois fizeram o caminho até a antiga Mausoléu, iluminados por suas varinhas. Foram discutindo sobre como era possível fazer qualquer feitiço mágico sem elas.

- Eu acho que Cadius não precisa de varinhas para fazer feitiços.

- Então por que usa? – perguntou Ralph.

- Porque ele não é um exibido como esse aí.

- Tem razão.

- Chegamos. Aqui deve ter muitos objetos em que posso praticar. E com toda certeza eles não têm menos de cinquenta anos de história.

- Tomara que consiga. – torceu Ralph.

No momento em que Kal tocou a maçaneta veio um flash de luz branca e ele se viu dentro da loja olhando para Nicolas Weny.

- É hoje à noite. – disse o historiador – será inesquecível.

Nicolas tocou na maçaneta para abrir a porta e então tudo voltou ao normal. A não ser o fato de Kal estar deitado no chão da loja e Ralph encarando-o com extrema curiosidade enquanto se preparava para lhe jogar um copo de água no rosto.

- O que você viu? – perguntou o amigo colocando o copo em cima do balcão velho de madeira.

- Eu vi, vi Nicolas. Ele estava aqui. Disse que esta noite seria inesquecível.

- Como assim?

- Não sei. Ele apenas disse isso e desapareceu.

- Ele vai fazer um discurso e tanto. Que convencido. – bufou Ralph.

- Não tenho tanta certeza de que será só um discurso, Ralph. Ele não parecia muito amigoso e por qual motivo viria se encontrar com alguém aqui?

- Realmente estranho...

- Temos que avisar aos outros. Tirso e quem mais puder...

Kal foi estupidamente interrompido por uma forte gritaria vinda do centro da cidade, onde estava ocorrendo a palestra. Os dois saíram à pressas da loja, Kal e Ralph se esbarraram na porta e lhe veio outro flash que desapareceu rapidamente deixando a imagem de uma criança loira sentada em um berço.

- Você está bem? – perguntou Ralph quando viu o amigo com as mãos na cabeça.

- Estou, acho. Vamos ver o que está acontecendo.

Enquanto corriam até a gritaria outros fugiam desesperados dela. A cidade estava um enorme tumulto, o palanque havia sido quebrado e as cadeiras que não estavam ao chão flutuavam a quinze metros de altura com seus ocupantes que desesperados pediam por socorro.

- Garotos! Corram! Vão para o alojamento de Tadewi!

- Professor Tirso, o que está acontecendo?

- Griphons!

- O que?

- Kal, acho que são eles... – Ralph apontou para três criaturas amareladas atrás deles.

Kal reconheceu-os de imediato, eram as mesmas criaturas que ele vira no castelo e em Tadewi. Agora pareciam bem mais reais e assustadores. Tirso avançou e disparou um feixe de luz que pareceu engolir os Griphons fazendo-os desaparecer.

- Eles são criaturas da escuridão. Não gostam de luz, porém eles acabam retornando e destruindo mais coisas. – disse Tirso – Acompanhem os outros alunos, depressa.

- Onde estão Daimon e Guinevere? – perguntou Kal.

- Já devem ter se abrigado. Agora vão!

Ralph puxou Kal pela camisa na direção de Tadewi, por onde passavam via a destruição provocada pelos Griphons, casas e lojas estavam em chamas e metade do acervo da Livros e Boatos estava sendo jogada para fora da loja.

- Socorro! – gritou uma voz vinda de dentro da floresta.

Kal apurou os ouvidos e mudou de direção ao que Ralph rugiu:

- Aonde você vai?

- Eu vou ajudar, quem quer que seja. Vá chamar ajuda.

Sem mais palavras, Kal passou pelas árvores e correu muito até se orientar pela voz que não parava de gritar.

- Alguém...

O som ficava mais forte assim como o som rouco dos Griphons. Kal entrou em uma clareira e viu um garoto que deveria ter a sua mesma idade encurralado entre uma árvore e cinco das criaturas amarelas.

- Feche os olhos garoto! – ordenou Kal com a varinha erguida e ele obedeceu prontamente.

– Pelínculo!

O raio de luz correu em direção aos Griphons e provocou uma forte luz roxa que consumiu com os cinco inimigos.

- Você está bem? – perguntou ao garoto que estava muito pálido.

- Cuidado! – gritou ele, mas Kal não conseguiu esquivar-se dos três Griphons que surgiram da floresta. Ele caiu no chão largando a varinha aos pés do garoto.

- *Pelínculo!* – disse ele e Kal viu uma bola luz dourada engolir novamente as criaturas.

- Você também é bruxo? – perguntou Kal levantando-se.

- Tome. Disse ele. Meu nome é Thalís Kinguest e não sou isto que você disse.

Thalis tinha a mesma altura que Kal, cabelos escuros e olhos castanhos claro, uma pele branca e macilenta, ele também parecia muito magro dentro das roupas vermelhas que estava usando.

- Olá, Thalís, meu nome é Kalevi. O que você está fazendo aqui?

- Fiquei perdido.

- Onde você mora? Perdeu sua varinha também?

- Eu não tenho varinha e não moro aqui.

- Você é um bruxo e não tem varinha?

- Eu não sou um bruxo! – gritou Thalís como se estivesse sendo ofendido.

- Calma, vou chamar ajuda. *Pelínculo!*

Segundos depois de a bola de luz explodiu no ar cinco bruxos esfumaçaram diante deles com varinhas em punho.

- Professor Tirso, este garoto, Thalís, estava cercado por Griphons e tive que ajudá-lo. – falou Kal rapidamente percebendo que o professor estava demasiadamente zangado – Não podia deixá-lo aqui...

- Quem é o garoto? – perguntou Amadeus com a varinha ainda em punho e apontando na direção de Thalís.

- Ele também é um bruxo. Fez um feitiço professor. – respondeu Kal encarando Amadeus.

- Quem são seus pais? – perguntou Tirso.

- Eles morreram... – disse Thalís chorando – Eu quero ir para casa...

Kal abaixou-se também e quis consolar o garoto que se desmontara em lágrimas e cansaço a sua frente.

- Não vai acontecer nada com você, acalme-se. Vamos sair desta floresta e te ajudar.

Kal e Thalís atravessaram a floresta com a escolta de Tirso, Amadeus e dos três outros bruxos.

- Vamos até Caciús.

- CAPÍTULO XIV -

O Enid na sala circular

Cidade dos Elfos estava com grandes sinais de destruição. Os Griphons haviam feito estragos em quase todos os cantos e as pessoas estavam coagidas no jardim da Rainha Eva e nas três repúblicas. O palanque que fora armado para a palestra estava dividido em três partes e uma delas sobre a copa das árvores mais próximas.

Enquanto saía da floresta, Kal olhava de um lado para o outro a procura de Daimon, Guinevere e Ralph. Sem encontrá-los decidiu por continuar seguindo Tirso até Cadius. *Onde ele estaria?* Pensou,

pois não o vira no momento da palestra e nem quando os Griphons aparece- ram.

A poucos metros quem surgira fora seu professor de poções que estava tremendo, fosse de frio ou medo, mas estava. Ele segurava a varinha com as duas mãos e acenou com a ca- beça ao ver Tirso e os outros se aproximarem.

- Professor Pote! – chamou Tirso – Onde está Cadius?

- Está no jardim da rainha, com os demais. Venham por aqui.

- Esses malditos Griphons fizeram um grande estrago. Diabos! – praguejou Amadeus.

- E os alunos? Estão bem? – perguntou Tirso.

- Devem estar, fugiram feito galinhas d'angola quando as criaturas apareceram. Nem parece que estudam magia. – retorquiu Amadeus mais uma vez.

- Não pode falar isto de todos os alunos, maldição. – falou Tirso piscando para Kal. Amadeus entendera bem o que Tirso havia dito e resolveu calar-se durante o resto do percurso.

Em frente aos portões, Tirso se aproximou para que se identificar, com seu jeito peculiar, o portão se abriu para que eles se abrigassem junto com a multidão de quase 500 pessoas, abraçadas umas as outras, todos muito apavoradas.

- Kal! – berrou Guinevere assim que o avistou entrando e correu para dar-lhe um forte abraço – Você está bem?

- Estou, obrigado! Ralph e Daimon estão aqui também?

- Sim, estão com os pais do Ralph, ali.

Guinevere apontou para um casal de bruxos altos e intimidadores com os seus uniformes verde escuro, botas e luvas de couro e uma capa marrom. A mãe de Ralph tinha uma pele clara, longos cabelos cacheados que refletiam a pouca luz a sua volta. Os olhos verdes manchados com algumas lágrimas de felicidade por ver o filho. Seu marido, um homem robusto e de expressão amigável afagava as costas do garoto, mas sempre vigilante ao que estava ocorrendo. Foi o primeiro a perceber a entrada de Kal nos jardins do castelo.

- Kal, vou precisar de você um minuto. – falou Tirso – Thalís, poderia nos acompanhar.

- Quem é ele? – cochichou Guine.

- Depois explico.– respondeu Kal – Tenho que ir.

Tirso, Amadeus, Kal e Thalís seguiram por um estreito corredor até uma sala no segundo andar. Nenhum deles desviou o olhar do caminho, nem mesmo para observar as tapeçarias nas paredes, o carpete floral ou as estatuetas. O único som que se ouvia no corredor era o de passos apressados que eram amortecidos pelo tapete. De todos, Thalís parecia ser o mais assustado com tudo aquilo. Bruxo ou não, ele estava entre pessoas desconhecidas que o levavam para lugares também desconhecidos a todo o momento.

Tirso parou diante uma sala de porta dupla, a porta tinha um formato arredondado para acompanhar o interior da sala que guardava.

Cacius os esperava de pé em uma pequena sala circular no segundo piso da casa de Eva. A rainha estava ao seu lado com as mãos segurando o rosto em expectativa e pavor. E Marcelo, o Ministro da Defesa Mágica, estava sentado em uma cadeira

tamborilando os dedos no na barriga e olhando para cima apreensivo.

A sala, que devia servir para receber visitas tinha um grande sofá verde e várias tapeçarias penduradas nas paredes e outras tantas estiradas ao chão. Os vitrais retratavam os dias de construção da Cidade dos Elfos, e uma janela mais ao norte tinha uma visão privilegiada da floresta.

- Professor Cacius. – começou Tirso – Kal encontrou este garoto perdido na floresta. Esta- va sendo atacado pelos Griphons quando apareceu.

Todos encararam Thalís com profunda curiosidade. Amadeus escaneava o garoto com o nariz torcido com certa repugnância e muito desprezo.

- Professor, acho que devemos apagar a memória do garoto e devolvê-lo aos pais. – sugere o professor de maldições.

- Este menino não tem pais agora, professor Wosky. – respondeu Cadius tristemente – Esta tarde Kricolas cometeu dois outros terríveis assassinatos. Não imagino como um garoto humano pode sobreviver a ele e chegado até aqui, mas, este conseguiu.

- Ele é um bruxo, professor! – falou Kal de forma que todos na sala pudessem ouvi-lo.

- Tolice... – bufou Amadeus de onde estava e virando o rosto para a parede.

- Ele usou a minha varinha para conjurar o Pelínculo. – continuou Kal.

- Não fantasie, Foster! – disse novamente Amadeus virando-se para os dois garotos – Professor Cadius, o senhor sabe tão bem

quanto eu que este menino é apenas um humano de sorte.

- Sobreviver ao ataque de um vampiro assassino não me parece apenas sorte.

- O professor Tirso tem toda razão. – continuou Cadius – Talvez fosse sorte ele ter escapa- do conseguindo pular uma janela, mas esfumaçar a uma distância de quilômetros não é algo que um humano poderia fazer nem mesmo com toda a sorte do mundo.

- O senhor está dizendo que este garoto *esfumaçou*? – espantou-se Eva – Nem mesmo os nossos garotos conseguem fazer isso... – Eva olhou para Kal e ele sentiu-se diminuído.

- Professor, devemos ser sensatos. Humanos *não podem* esfumaçar...

- Professor Wosky. – pronunciou-se Mardo pela primeira vez – Meus guardas interrogaram as testemunhas do ataque antes de desmemoriá-las e todas disseram que depois de matar os pais, Kricolas se aproximou deste garoto erguendo-o pelo pescoço e no segundo seguinte ele virou fumaça, apenas uma nuvem de fumaça. Kricolas urrou feito um urso e então desapareceu sem deixar pistas.

- Kricolas deve tê-lo mandado para morrer na floresta! – insistiu Wosky.

Thalis sentara-se na poltrona e encarava as pessoas a sua frente, para ele desconhecidos, como se fosse uma rápida partida de tênis, olhando de um lado para o outro da sala.

- Muito bem. Por que não perguntamos como ele foi parar na floresta. – sugeriu Amadeus ainda incrédulo.

Cacius consentiu com a cabeça e lançou um olhar inquisidor a Thalís e como se o bruxo tivesse dito por pensamento alguma

coisa o garoto começou a relatar.

- Depois que aquele monstro matou os meus pais, – disse ele e as lágrimas desceram ajudadas pelo soluço que o fazia tremer – ele partiu para cima de mim e realmente me agarrou pelo pescoço.

- Acalme-se e continue. – disse Tirso apoiando Thalís.

- Eu senti como se meu corpo entrasse em chamas, e aí estava em uma floresta... Andei por toda a tarde procurando ajuda. Ouvi barulhos e corri para ver se eram pessoas, foi quando aquelas criaturas me encurralaram e ele me salvou.

Kal sentiu-se corar.

- Realmente foi uma grande sorte este jovem bruxo ser encontrado pelo senhor Foster. – falou Cadius com um sorriso estampado.

- Professor Cadius... o senhor acredita mesmo que...

- Não é questão de acreditar, professor Amadeus. – cortou Tirso
– Você acabou de ouvir ele dizendo que ouviu barulhos, barulhos vindos da Cidade dos Elfos.

Kal ainda não entendia a relação das coisas.

- Os encantamentos que protegem a cidade bloqueiam os sons produzidos, de forma que eles não possam ser ouvidos por humanos. – explicou Cadius.

- Sim sabemos, mas... como teremos certeza? – indagou a Rainha Eva.

- Revelarbus. – disse Tirso – Se Thalís for de fato um bruxo ele tem um Enid. Kal enfiou a mão no bolso e retirou a própria varinha entregando-a a Thalís.

- Tome. Não precisa se intimidar. Apenas aponte a varinha para frente e diga: Revelarbus.

– ensinou Kal – Da mesma forma que você fez na floresta.

Timidamente, Thalís se levantou e segurou a varinha. Empunhou-a firmemente apontando direto para o centro da sala, Mardo levantara-se de sua poltrona para visualizar melhor o que estava para acontecer e Amadeus descruzara os braços. Caciús gesticulou algo com os dedos e Thalís gritou:

- *Revelarbus!*

Uma forte e densa fumaça prateada varreu a sala até o centro provocando um pequeno estalo. Depois de reunida em um único ponto, a fumaça tornou-se menos densa e começou a subir revelando uma pequena figura masculina.

Todos se espantaram muito, até mesmo Cacius permitiu-se soltar um som de espanto ao ver um segundo Thalís naquela sala. Era como se o garoto estivesse de frente a um espelho. A fumaça revelara o mesmo corpo magro e comprido, os cabelos escuros, olhos castanhos, pele clara e macilenta.

Amadeus olhava para aquela imagem com asco e nojo, principalmente porque havia perdido a disputa que travara. Thalís não só era um bruxo, como também possuía um Enid próprio.

- Isto é espantoso... – falou Cacius muito curioso.

- É fantástico... – continuou Tirso.

Eva olhava muito espantada e deixara-se cair no sofá ao lado de onde Kal olhava o Enid brilhar, boquiaberto. Mardo retornou à poltrona incrédulo.

- Tome. – disse Thalís devolvendo a varinha a Kal.

- *Locus Amenus!* – Tirso fez a ilusão desaparecer – O que faremos professor, Caciús?

- O que sempre fazemos. Vamos ensinar um jovem bruxo a fazer magia.

- O que? Ele não pode! Não no meio do ano! – retrucou Amadeus muito impaciente. – É er- rado!

- Errado é não ensinarmos magia a este garoto! – falou Tirso com azedume.

- Ele é um garoto humano! Filho de humanos!

- Ele é um autentico bruxo! E tem Enid próprio! Em alguns anos ele será grandioso. Wosky, seu amaldiçoado, você sabe bem que aqueles que nascem com Enid próprio tornam-se mais fortes porque a magia é gerada, e não herdada.

- Acalmem-se professores, acalmem-se. Avalon nunca fez distinção entre bruxos e huma- nos. Ela sempre esteve a disposição dos que quisessem estudar magia. Então, cabe a Thalís decidir.

Mais uma vez todos o encararam com apreensão, ele olhava de um lado para o outro tentando fugir dos olhares nervosos. Kal tinha a impressão de que Thalís devia estar se sentindo um animal enjaulado.

Alguns minutos que pareceram a eternidade passaram sem que qualquer um dissesse alguma coisa. Thalís ergueu a cabeça ainda indeciso, olhou para o rosto sereno de Caciús e então para uma aflita Eva. A cabeça de Thalís deveria estar rodando com tudo o que aconteceria, a morte dos pais por um monstro assassino, ficar perdido em uma floresta e ser atacado novamente, ser salvo por um garoto desconhecido que o chamou de bruxo e então encontrar com todas aquelas pessoas em um jardim da casa de uma tal rainha elfa em uma cidade que mais lhe parecia um parque temático.

Virando-se para o outro lado viu Amadeus com uma cara amarrada e ranzinza. Mardo esperava sua resposta de cabeça baixa. Fosse para aonde fosse, estava mais do que claro que o professor não o queria por perto. Ainda assim, havia Tirso que até agora parecia estar sempre lhe defendendo e zelando pelo seu bem estar. Tirso abaixou-se na altura dos olhos de Thalís e disse:

- Escute, você não deve conhecer ninguém aqui. Mas saiba que estamos prontos para te ajudar. Avalon é uma escola, onde crianças com dons mágicos, como os que você possui, estudam para aperfeiçoá-los e aprendem a utilizá-los com responsabilidade. Eu estarei sempre lá, e vou te ajudar.

- Meu querido. – começou a falar Eva do lugar onde estava – Minha casa estará aberta para você. Não se preocupe com pouca coisa, você tem uma grande decisão a tomar agora. Ela mudará sua vida a partir deste momento.

- Seja qual foi a sua decisão, eu apoiarei. – falou então Kal pondo uma das mãos no ombro de Thalís.

Ouvir aquelas palavras produziu um efeito mágico nele, muito mais do que tirar coelho de uma cartola, derrotar criaturas estranhas em uma floresta ou conjurar uma imagem de si mesmo com uma varinha. A partir daquele momento, Thalís sabia que qualquer passo que ele desse não estaria desacompanhado. Três pessoas acreditavam nele e o apoiavam. Sendo um deles seu

melhor amigo. Não é todo dia que dois garotos de treze anos derrotam monstros sozinhos em uma floresta. E quando se faz isto, é impossível não se gerar uma forte amizade.

- Professor Cacius, eu quero ir para Avalon. – falou Thalís de modo conclusivo.

- Mas isso... – quis retrucar Amadeus, mas não teve espaço.

- Não, não professor Wosky, como havia lhe dito, Avalon está à disposição de qualquer jovem bruxo que queira aprender. Thalís quer estudar em Avalon e ele irá ainda este ano!

- Professor Cacius, ele está despreparado. Não tem o nível de conhecimento dos nossos alunos.

- Ele pode não ter a prática, mas tem fibra para isso. Tenho certeza que aprender o conteúdo de um semestre em um mês não significa nada para um jovem bruxo que foi capaz de esfumegar de maneira tão brilhante.

Não havia mais o que ser dito. Thalís aceitara a proposta de estudar em Avalon e Caciús dera a última palavra. Indiscutível.

Na manhã do dia seguinte todos ainda estavam muito agitados com o desastre que fora a palestra do tão famoso senhor Weny. No café, na Suor de Sapo, Guinevere e Daimon colocaram Kal e Ralph a par do que havia acontecido depois que eles saíram. Daimon repetiu todo o discurso de Nicolas como se fosse um gravador e Guinevere cortou-o contando logo a parte final.

- Nicolas disse que veio para Cidade dos Elfos procurar pelo Livro de Merlin!

Kal e Ralph suspiraram fundo e algumas pessoas que estavam no lugar os observaram por entre seus copos de refresco.

- Ele vai procurar mesmo? – perguntou Kal discretamente para que não fossem ouvidos.

- Sim, ele disse que sim. E foi aí que os Griphons surgiram. Todo mundo começou a correr e assim terminou a palestra. E vocês foram aonde? – quis saber Guine.

- Fomos até a velha loja. E quando toquei na maçaneta, eu vi Nicolas conversando com uma pessoa.

- Hum, foi uma visão? – perguntou Daimon.

- É, foi. – confirmou Kal – Ele parecia estar tramando. Acreditem em mim, foi ele quem trouxe os Griphons.

- Não diga asnices. A troco de quê ele estragaria a própria palestra. – retrucou Daimon.

- Eu também não entendo, mas tudo coincide... – insistiu.

- Tudo bem Kal, vamos esquecer isso um pouco. E o garoto que você ajudou. Quem é? – perguntou Guine.

Kal contou aos três sobre Thalís, quem era, como havia parado na floresta e o que aconteceu na sala circular da Rainha Eva. Daimon levou a mão à boca sem acreditar. Guinevere deu um leve salto da cadeira mas logo se recompôs.

- Ele vai estudar conosco? – perguntou ela.

- Acredito que sim. Enquanto ficarmos de férias ele vai estudar muito com Tirso e os outros professores para nos acompanhar. – informou Kal.

- E onde ele está agora? – perguntou Ralph.

- Ele está na casa da rainha. Vai ficar lá agora nas férias. – respondeu Kal.

- E então, Ralph, conversou como seus pais? – perguntou Guinevere para mudar de assunto.

- Sim conversei com eles, pouco, mas deu para conversar. Eles partiram ontem à noite mesmo. Ficaram contentes por eu poder ficar na casa de vocês, porque eles não vão tirar férias ainda,

ainda. Disseram que têm muito serviço a ser feito e que ainda têm que investigar esta invasão de Griphons.

- É claro... Pessoal, olhem! – Daimon olhava pela janela de onde se via inúmeras carrua- gens voadoras, todos em alta velocidade e aterrissando nas ruas da cidade,

Todos os pais de alunos vieram buscar seus filhos. A invasão de Griphons na Cidade dos Elfos parecia ter repercutido muito rápido. Os pais estavam aterrorizados e temiam pela segu- rança dos filhos, o melhor a ser feito era tirá-los imediatamente dali.

Um homem usando um chapéu pontudo e uma capa de viagem entrou na Suor de Sapo apressado. Era Adonis. Assim que avistou os quatro garotos chamou-os para a saída.

- Vocês estão bem? – perguntou ele conferindo se não estavam com machucados.

- Sim, nós estamos bem. Cacius nos protegeu o tempo todo. – disse Daimon.

- Professor Cacius, rapazinho. Agora vamos depressa, sua mãe está muito exaltada. Ralph, você vai ser bem vindo na nossa casa.

- Obrigado, senhor Foster.

- Hoje pela manhã aluguei esta carruagem e enfeiticei estas dez vassouras para que a puxassem. Não vamos demorar a voltar para casa. Passei na república e as malas de vocês já estão na guardadas. Só precisamos partir.

Os cinco seguiram até a carruagem estacionada em frente a Suor de Sapo e um pouco antes de subir na carruagem, Kal foi avistado por Rômulo que o chamou.

- Hei, Foster! –Rômulo estava ao lado de Marcos Herdam e Antonio Furtado. Os três estavam um bocadinho sérios.

- Algum problema Rômulo? – perguntou Kal.

- Não, é solução. – respondeu ele – Algumas pessoas não gostaram da sua atitude de punir um aluno da forma com que você fez com Rick Wosky. Lembra?

- Esse, *algumas pessoas* é Amadeus. – questionou Kal.

- Não interessa. Só o que precisa saber é que você não faz mais parte do Conselho Estudantil. – disse Rômulo com frieza na voz.

- E por acaso Amadeus ameaçou vocês caso não me expusessem? Ele ameaçou fechar o conselho, foi?

- Entregue-me seu distintivo ou...

- Ou vai arrancar à força? Tome esta porcaria! – gritou Kal jogando o objeto em Rômulo – Eu não preciso disto para parecer legal!

- É bom que não precise mesmo, Foster, porque não o terá mais! – disse ele e saiu.

- Algum problema, meu filho? – perguntou Adonis a Kal assim que este retornou – Parece abatido.

- Tudo bem pai, não há problema não. Aquele Conselho estava se tornando um estorvo...

- Então vamos, suba.

Kal entrou na carruagem que estava flutuando a trinta centímetros do chão, ele foi seguido de perto por Guinevere, Daimon e Ralph. Por último entrou Adonis que primeiro foi encantar as dez vassouras que estavam firmemente amarradas a carruagem de madeira.

Assim como a Vestiário, a loja de roupas onde eles haviam comprado os uniformes, a carruagem parecia bem desproporcional ao que se via por fora. Se do lado externo ela não media mais de dois metros, por dentro ela tinha o dobro de comprimento. Com duas poltronas largas, uma de frente para a outra e no fundo um tipo de porta malas, espaçoso o suficiente para carregar as quatro malas de roupas de Kal, Daimon, Guine e Ralph.

A primeira parte do trajeto foi feita em silêncio completo. Era tão constrangedor que eles evitavam se olhar. Ninguém parecia muito a fim de falar e ficaram o tempo todo olhando pela janela, para o chão, ou brincando com os dedos para fingir-se indiferente a situação.

- Nada de fadas Grullanas desta vez... – disse Ralph rompendo o gelo.

- Júlio me contou o episódio. Vocês foram valentes. – Adonis entrara no assunto e agora a nuvem de constrangimento parecia estar se dissipando.

- É... – falou Kal e o assunto foi encerrado.

Kal ainda estava revendo em sua cabeça a figura cínica de Rômulo pedindo pelo seu distintivo de Guardião Mirim. Não que importasse fazer ou não fazer parte do Conselho, mas a maneira como fora dispensado não era das melhores.

Depois de remoer tudo aquilo, Kal pensou em Thalís, ele perdera os pais fatalmente e fora para em um lugar cheio de desconhecidos. Mesmo ele sendo de fato um bruxo, não devia estar acostumado a ver elfos, fadas, gnomos, curupiras, saci e tudo o mais de criaturas mági- cas.

Era um mundo completamente novo, cheio de mistérios e ainda teria que aprender prati- camente tudo que os outros alunos primeiranistas sabem sobre magia no curto espaço de um mês. Mas alguma coisa dizia a Kal que era possível. Isto o tranquilizava. De qualquer modo, ele não gostaria de se colocar no lugar do amigo. Perder um pai ou mãe já parecia muito dolo- roso. Mas perder os dois de forma tão trágica era infinitamente pior. Sabia disto porque ocor- rera o mesmo com Guinevere, e mesmo que não parecesse, ela sentia-se triste todos os dias ao ver Kal e Daimon beijar Adonis e Amanda.

- Como passa o Thomas, tio Adonis? – perguntou Guinevere sem muito interesse.

- Mal, muito mal. Ainda está em coma.

- Eu devo me sentir culpada por isso? – perguntou Guine.

- Oh, claro que não querida. – Guinevere foi quem usou o Formanômago em Thomas para que ele voltasse ao seu estado normal, desfazendo a transformação, mas desde então ele tem permanecido no Hospital Nautilus. Um coma que já durava cinco meses.

- E quem é que cuida dele? – perguntou Kal.

- Elvira. Lembram-se dela? Ela fica com ele o dia todo e a médica é a doutora Samantha.

- A desvairada? – perguntou Daimon.

- A Conhecem? – indagou Adonis.

- É outra história pai... – falou Kal rompendo o assunto.

- Thomas é o vampiro pai de Kricolas não é? – quis saber Ralph.

- Sim, é sim. – respondeu Adonis.

- Acha que este coma pode ter algo a ver com o filho, senhor Foster? – continuou Ralph.

- Talvez Kricolas esteja induzindo o pai ao coma para ele não se meter nos seus assuntos.

– disse Daimon.

- Huhuhu... O que é isto? O clube da conspiração? – brincou Adonis.

- É porque você ainda não ouviu a do Kal. – retorqui Daimon.

- E qual então meu filho?

- Kal acha que o senhor Nicolas teve alguma coisa a ver com o incidente de ontem à noite.

– fofocou Daimon.

- Que absurdo, Kalevi. De onde tirou isto?

- Bem, pai, você sabe, o professor Caciús deve ter contado que posso ver o passado.

- Sim, claro ele contou sim. É realmente fascinante isso, mas continue.

- Pois é... ontem à noite Ralph e eu estávamos entediados com a palestra e fomos para uma velha loja abandonada, onde às vezes ficamos papeamos. Quando eu toquei a maçaneta, vi Nicolas conversando com uma pessoa e ele disse que aquela noite seria inesquecível.

- Ora Kal... inesquecível poder ser qualquer coisa... – falou Adonis com um sorrisinho maliciosos no rosto.

- De qualquer forma, papai, por que Nicolas se daria ao trabalho de ir a uma velha loja dizer que aquela noite seria inesquecível? Então está na cara que ele não queria ser visto.

- Meu filho, há certas coisas que não podem ser explicadas. Além do que, foi uma visão, não poderia provar nada. Seria a sua palavra contra a dele. Melhor esquecer isso. Olhem! Chegamos!

Eles estavam sobrevoando o Bosque de Vinho quando Adonis anunciou que haviam chegado. Kal olhou pela janela e vislumbrou Vila da Cachoeira, há cinco meses ele partira e ela estava exatamente igual como havia deixado. As mesmas casas, as mesmas pessoas, enfim, nada mudara.

- Pai. – chamou Kal quando Adonis descia o degrau da carruagem atrás de Daimon, Guine e Ralph. – O que faria se pudesse ver tudo?

- Aprenderia a fechar os olhos. – disse prontamente e saiu.

- CAPÍTULO XV -

Os segredos de Nicolas Weny

As férias estavam sendo muito divertidas em Vila das Cachoeiras, por mais estranho que isto pudesse parecer. Kal, Daimon e Ralph acordavam bem cedo para tomar banho no pequeno rio que circundava a vila que dava origem à cachoeira. Os outros habitantes, apesar de não se expressarem abertamente, sentiam-se incomodados com o retorno dos Foster. Não deixavam seus filhos se divertirem com ele e mantinham um tipo de distância segura. Kal não conseguia aproximar-se mais do que cinco metros de uma pessoa sem que ela se afastasse instantaneamente.

- Eles são sempre simpáticos assim? – perguntava Ralph rindo-se.

- Só quando estão de bom humor. – respondia Kal.

Amanda preparava seus biscoitos de nata todas as manhãs com Guinevere, a cada dia e- las ficavam mais parecidas. Adonis estava com uma vida bem agitada, corria de casa para a fábrica, de volta para casa então ia à sede do governo e três vezes por semana visitava Thom no Hospital Nautilus.

As aulas recomeçariam em pouco menos de duas semanas. Era mais do que o suficiente para cansarem de Vila da Cachoeira e desejarem voltar o mais rápido possível para Avalon.

Os pais de Ralph o escreveram para dizer que estavam bem e que continuavam buscando Kricolas com toda a equipe de Warren, o que não era uma novidade, porque faziam esta busca há mais de nove anos. A última notícia que circulou nos jornais nacionais era a de que o meio-vampiro estava escondido na África. Outra notícia

importante dizia que o famosíssimo Sr. Weny continuava buscando pelo Livro de Merlin.

Os quatro passavam as noites conversando ao redor da mesa na sala de visitas da mansão e naquela noite não foi diferente. Quase que como um ritual eles começaram a falar sobre o Livro de Merlin.

- O que Cadius acha disso? – perguntou Daimon – O que será que ele pensa por ter al- guém procurando o livro?

- O que ele tem a ver? – questionou Ralph.

- Bem, sendo ele considerado o Merlin dos tempos atuais, o livro por direito é dele não? Assim como ficou sendo o castelo. – explicou Daimon.

- Se ele mesmo não pôde encontrá-lo, talvez o melhor a fazer é deixar que alguém o en-contre. – disse Ralph.

- E o que o Sr. Nicolas Weny quer com o Livro de Merlin? – questionou Guinevere entrando na conversa.

- Poder infinito. – sugeriu Ralph dando de ombros.

- E o que se faz com poder infinito? – retrucou Kal – Dinheiro e fama ele já tem.

- Talvez ele esteja apenas em busca de outro grande desafio. – falou a garota – O trabalho dele é solucionar mistérios mágicos.

- Como ele pode ter certeza de que o Livro de Merlin está na Cidade dos Elfos? – pergun- tou Kal muito pensativo.

- Quem sabe ele leu o mesmo livro que você ganhou de aniversário. – falou Daimon.

- Como você sabe que lá fala sobre o assunto?

- Ai, Kal... eu estava folheando...

- Olá, meninos! - saudou Adonis da porta do salão –
Aproveitando as últimas semanas de férias?

- É. Estávamos falando sobre o Livro de... – Daimon foi interrompido por um beliscão de Kal, uma pisada de pé de Ralph e um olhar fulminante de Guinevere.

- O livro de Cadius... Bela obra... – continuou Kal.

- É uma pena que não fala nada sobre o Livro de Merlin. O assunto favorito de vocês, o assunto de toda as férias... – irrompeu Adonis em uma dramatização melancólica.

- Não, papai... Porque nos interessaríamos pelo Livro de Merlin? – perguntou Kal seriamente.

- Você não sabe mentir, Kal... – disse Adonis.

- Tudo bem, eu não sei mentir...

- Ok, quem quer saber mais?

Adonis puxou uma cadeira para sentar-se perto dos garotos e começou a passar algumas informações que eles já conheciam. Haviam pesquisado bem sobre o livro e sabiam que tinha sido escrito por Merlin após o sacrifício de Foster, e nele estavam todos, ou pelos menos a maioria, dos feitiços do mundo, além de alguns outros desconhecidos e muito poderosos. Adonis completou dizendo que os feitiços do livro eram tão incríveis que nem mesmo ele seria capaz de realizá-los.

- Talvez nem mesmo esse tal de Nicolas Weny seja capaz de usar o livro... – continuou.

- Então Cacus também não poderia usá-lo. – falou Guinevere.

- Professor Cacus, querida. – corrigiu Adonis – E tenho absoluta certeza. Se existe um homem neste mundo capaz de usar o Livro de Merlin este alguém é o professor Cacus. – terminou enfaticamente.

- E Kricolas? – perguntou Kal – Acha que ele consegue, pai?

- Oh... Bem, é outra coisa... Um bruxo milenar... Deve estar nos mais altos níveis de magi- a... Quem sabe... – Adonis lançara uma nuvem de incertezas e mudou de assunto em seguida.

– Tenho que sair agora, meninos. Mas vou contar um segredo a vocês antes. É que eu esqueci que neste final de semana, eu e Amanda, comemoramos quinze anos de casados... Bem, eu pretendia dar a ela um belo fim de semana, e como esqueci, não sei se vou conseguir. Felizmente, tenho um amigo que é dono de um hotel no sul do país... Vou direto para lá agora, me desejem sorte. Até mais.

Esfumçou sem dizer qualquer outra palavra.

- Olha só Daimon, ele não precisou ser lembrado este ano... – brincou Kal.

Amanda parecia inquieta e nervosa na véspera do fim de semana. Atrasava com as refeições, deixava seus biscoitos passarem do ponto e não conseguia manter uma conversa por mais de meio minuto. Guinevere disse aos garotos que Amanda achava que Adonis não se lembrara do aniversário dos dois, o que era uma meia verdade. O casal não estava conversando muito, ela por não conseguir se concentrar em um diálogo e ele por ainda estar envergonhado de não ter se lembrado mais cedo e ter preparado algo melhor do que um final de semana no hotel de um amigo no sul do país.

No jantar da sexta-feira, Adonis pediu a atenção deles, Amanda, Kal, Daimon, Guine e Ralph, para fazer um breve pronunciamento. Batendo com o garfo em uma taça ele começou:

- Bem, gostaria de anunciar que Amanda e eu sairemos este final de semana para comemorarmos nossos quinze anos de casados em um hotel que reservei com dias de antecedência...

Amanda imediatamente simulou uma tosse. Aparentemente, Adonis mentia tão bem quanto Kal.

- Ah, meu amor! Você é sempre tão rápido nestes assuntos. – falou Amanda abraçando firmemente o marido como se realmente estivesse surpresa.

- Mentir não é o forte da Família Foster. – cochichou Kal para Ralph.

Depois de terminarem de jantar, todos subiram para os quartos ansiosos por uma boa noite de sono. Kal, no entanto tinha outros planos. Ele iria para a Cidade dos Elfos.

Deitou-se em sua cama com a barriga para cima e fechou os olhos. Inspirou fundo e expirou... Repetiu o exercício por longos minutos até finalmente relaxar e então pôde viajar pelo Plano Astral.

Lá ele estaria livre para sair e viajar rapidamente até a Cidade dos Elfos. Era apenas pensar no lugar que queria visitar e então estaria lá. Assim fez. Fechou os olhos e pensou na cidade, em suas casas, lojas e árvores. Quando os abriu ele estava ao lado da Livros & Boatos, no meio da Amazônia.

Algumas pessoas ainda estavam andando pela cidade, uma dessas pessoas era Nicolas Weny. Ele fazia gestos estranhos com uma das mãos e a outra segurava um pedaço de papel, parecia um mapa.

Nicolas seguiu pela trilha que levava ao pequeno pomar de macieira da cidade. Kal resolveu acompanhá-lo. O bruxo agitava uma das mãos e ela parecia ter vontade própria, apontando em diversas direções, até que finalmente cessou os movimentos.

- Que inútil... – resmungou Nicolas e voltou à cidade para a Pousada das Fadas onde estava hospedado.

Kal seguiu-o, mas ao ouvir um estalo no pomar, correu para ver o que era. Cacius estava de pé no mesmo lugar em que Nicolas estivera há pouco. Ele espreitava cada canto, como se procurasse algo. Olhou fixamente na direção em que Kal estava como se pudesse vê-lo, mas o garoto sabia que ninguém o via no plano astral. O diretor deu as costas a Kal, adiantou alguns passos e disse antes de esfumaçar disse:

- Espero que alguém o vigie por mim...

Kal tomou um susto com a fala de Cacius. Chegou a ser tamanho que ele foi imediatamente sugado de volta para o seu corpo.

Amanda e Adonis saíram bem cedo, carregados com malas, apenas terminaram o café e se despediram dos garotos com um forte abraço e uma série de recomendações.

A esta altura Kal já tinha contado tudo a Ralph, Daimon e Guine. Contara quando viu Nico- las e depois Cadius. Os três ficaram muito impressionados, também, com a atitude do profes- sor. Apesar de todos os livros dizerem que uma pessoa não poderia ver outra no plano astral, Kal começava a pensar diferente. Afinal, Cadius não era qualquer pessoa.

- Você vai ter que nos ensinar a fazer a projeção astral, Kalevi Foster! – intimou Guinevere.

– Além do mais, você vai precisar de ajuda se quiser espionar o Sr. Weny.

Sem relutar, Kal pegou o seu livro, "*Além da matéria*" e lendo-o achou uma instrução de como realizar a projeção astral em grupo. Parecia algo bem simples. Bastava Ralph, Daimon e Guinevere deitarem-se de forma bem relaxada e Kal iria dar algumas instruções de como deveriam respirar e o que deveriam pensar.

Após umas três horas de tentativa, eles resolveram parar e descansar. Não agüentaram ficar parados nem vinte minutos e voltaram a sessão. Com mais alguns minutos, Ralph parecia ter progredido e entrado de vez no plano astral, o que deixou Kal muito animado, inicialmente. Mas o ronco que produziu logo em seguida indicava que a única coisa que ele via eram ovelhas pulando cerca.

Quando já estava anoitecendo, Kal desmontou-se na cadeira em que estava sentado e dormiu. Algo, no entanto, o fez despertar rapidamente, não no plano físico e sim no astral. Ele olhou para os três corpos estirados no chão e avançando pelas páginas do livro, descobriu um exercício muito mais eficaz que poderia ser feito dali mesmo, do astral. O efeito foi imediato! Agora, os quatro estavam juntos em outro plano que não o físico.

Em pouquíssimo tempo, Kal mostrou-lhes como andar naquele mundo tão estranho. Advertiu-os de que veriam objetos fora do comum e pessoas que não existiam, nem mesmo como fantasmas.

Dando-se as mãos, Kal, Ralph, Daimon e Guinevere rumaram até a Cidade dos Elfos. Encontraram-na bem vazia desta vez, nada de Nicolas ou de Cadius, apenas uma cidade inóspita. Voltaram.

Eles retornaram tão exaustos aos seus corpos que dormiram naquela mesma posição.

Sr. e Sr^a Foster chegaram de viagem por volta das sete da noite, carregados de lembranças que distribuíram entre os quatro. Passaram a noite contando novidades do sul, algumas histórias interessantes também. Os quatro aproveitaram bem aquele momento porque sabiam que seria um dos últimos. No domingo seguinte retornariam a Avalon e durante aquela semana eles sairiam no plano astral para observarem Nicolas a pedido de Cadius, supostamente.

Na segunda, terça e quarta-feira não houve nada de diferente. Quinta-feira, no entanto, eles viram Nicolas sair escondido da pousada e esfumaçar rapidamente.

- Ele não pode esfumaçar de dentro da pousada. – informou Daimon.

- Para onde terá ido? – perguntou Ralph.

- Acho que eu tenho um palpite. – Kal avançou pelas ruas rapidamente seguido pelos três, chegando assim à pequena e velha loja no final da cidade.

Nicolas abriu a porta e trancou-a, impedindo que Kal, Ralph, Guinevere e Daimon pudessem entrar.

- Não podemos entrar em lugares trancados. – lamentou Kal.

- Mas temos varinhas para ouvir o que está acontecendo lá dentro! – disse Ralph erguendo a sua – *Captus!* – a expressão alegre evaporou de seu rosto assim que percebeu que não conseguiria ouvir nada – Parece que ele bloqueou a sala contra o Captus.

- E então? O que nós faremos? – perguntou Daimon.

- Realmente eu não sei... – disse Kal desanimado – Acho que devemos esperar...

E certamente esperaram muito. Nicolas saiu da loja quatro horas depois de ter entrado, esfumaçando rapidamente. Outras três pessoas encapuzadas também saíram depressa esfumaçando no momento em que atravessaram a porta. Sem deixar qualquer chance de serem reconhecidas.

Felizmente, a porta ficara aberta permitindo que entrassem. O lugar estava do seu modo habitual, velho e acabado. Kal aproximou-se de uma cadeira e fechou os olhos na esperança de enxergar alguma coisa. Mas não parecia possível ter visões do passado no plano astral.

Toda aquela espera fora inútil. E na sexta-feira e no sábado nada mais aconteceu. Nicolas Weny não colocou os pés na Cidade dos Elfos.

No domingo, logo cedo, Adonis acordou os garotos porque deveriam embarcar na Cidade do Norte de volta a Avalon. Daimon nem se agüentava de ansiedade para retomar os estudos. Kal pretendia voltar o mais rápido possível para ficar de olho em Nicolas.

- Vamos, garotos! Apressem-se! Ainda temos que passar no Hospital Nautilus. Soube que Thom acordou ontem! – dizia Adonis enquanto guardava as malas na carruagem.

- Então ele saiu do coma, tio Adonis? – perguntou Guinevere visivelmente alegre.

- Sim, pelo que soube foi isso. Agora, subam.

Era a mesma carruagem que haviam vindo da Cidade dos Elfos, sendo puxada pelas mesmas vassouras. No entanto o percurso era muito menor, cerca de três minutos. Nem ao menos deu tempo de incomodá-los com o silêncio constrangedor.

- Chegamos ao Hospital Nautilus! – informou Adonis inutilmente, já que, Kal, Daimon e Guinevere conheciam bem o lugar. Talvez a informação servisse para Ralph.

Eles desceram da carruagem e entraram rapidamente no hospital.

- Bom dia, Sr. Foster. Aqui tão cedo? – disse uma mulher morena e gorda atrás de um balcão branco.

- Bom dia, Zileuza. – cumprimentou Adonis – Como está Thomas?

- Ontem estava bem disposto, mas Elvira achou mais prudente que ele passasse uma última noite aqui. O que foi uma sorte, porque Thomas entrou novamente em coma.

- Pelas barbas de Merlin... – entristeceu ele – Vou subir agora. Venham, garotos.

Adonis avançou até o elevador com portas douradas o que foi suficiente para embrulhar o estômago de Kal.

- Oitavo andar! Depressa! – nem ao menos tiveram tempo de ouvir a voz feminina do elevador. Ele começou a sacudir e balançar. Ia de um lado para o outro. Kal, Daimon, Guinevere e Ralph já haviam caído no chão e estavam rolando de acordo com o movimento. Quando Adonis disse “depressa”, o elevador deve ter entendido “violento”. Em sua última manobra ele girou 360° e parou. Os quatro estavam estirados no chão, de pernas e braços largados e, misteriosamente, Adonis continuava de pé.

- Ornitorrinco, *Opandor!* – disse Adonis em frente a uma porta e com um clique ela se abriu. Thomas estava completamente imóvel em cima de uma cama típica de hospital. Nas paredes havia alguns armários suspensos com frascos de poções, deveriam ser remédios, e espalhado pelo restante do quarto, havia algumas cadeiras com almofadas. O lugar era pequeno o suficiente para que ficassem espremidos.

- Bom dia, Sr. Foster. – cumprimentou Elvira que estava sentada em uma cadeira na cabeceira da cama.

- Bom dia. Thom entrou em coma novamente?

- É... Ontem à noite ele teve outra forte recaída... – respondeu a mulher coçando a nuca.

- É uma pena... O que a médica falou sobre isto?

- Ela disse que é natural levantar do coma e voltar em seguida.
- disse bem convicta.

No mesmo instante, Dr^a Samantha abriu a porta olhando muito curiosa para as pessoas que estavam ali.

- Ops... Desculpem-me, quarto errado...

- Não, não, não... Está no lugar certo, doutora.

- Ah é? Este é o quarto do boto cor-de-rosa, Thomas?

- É o quarto do Thomas sim, mas ele é um vampiro.

- Urgh... Boto cor-de-rosa tem mais charme...

- Pois sim, Dr^a Samantha, estava dizendo ao Sr. Foster que o Thomas entrou em coma de- pois de um momento de lucidez. O que você disse ser muito normal. – enfatizou Elvira.

- Eu disse isso? Quando? – questionou a médica olhando para o teto com o dedo na boca.

- Coitadinha... Ela é um pouco afetada. – cochichou Elvira para Adonis enquanto girava o dedo na têmpora.

- É... Percebe-se...

A médica aproximou-se de Thomas e começou a medir a pulsação.

- Por Merlin! Não tem pulso! Depressa chamem um médico! – disse apavorada.

- Você é médica *doutora* Samantha... – disse Adonis – Ele é um vampiro, vampiros não têm pulsação.

- Oh certo... Você não imagina como é estranho dar vida a um paciente morto. – disse ela rindo – Ok, tudo normal... Não há pulso, olhos vermelhos, pele muito pálida, músculos exageradamente flexíveis e temperatura corporal abaixo dos 36°. Para um vampiro está muito bom.

– falou ela se levantando da cadeira em que estava e retirando-se para fora da sala.

Adonis e os garotos se acomodaram nas cadeiras e passaram ali algumas horas. Elvira e Adonis conversaram sobre Thomas enquanto Kal, Daimon, Guinevere e Ralph ficavam encostando-se, ambos dizendo facialmente que estar ali não era a coisa mais agradável do mundo.

Após as duas primeiras horas, Elvira começou a ficar inquieta em sua cadeira, minuto em minuto ela consultava o relógio na parede como se estivesse esperando alguém, ou algo. Depois que brincar com os dedos perdeu a graça, Kal começou a observar bem atentamente a sala. Pousou o olhar numa das prateleiras e dedicou-se a ler os rótulos dos frascos, e os que não tinham, tentava adivinhar o que seria pela cor ou textura aparente.

Quando Elvira percebeu o interesse dele pelos frascos, levantou-se da cadeira decidida e posicionou-se entre Kal e a prateleira com a desculpa de precisar esticar as pernas. A partir daí ela começou a andar em círculos pela sala e Adonis percebeu a inquietação.

- Algum problema, Elvira?

- Oh, como?

- Perguntei se há algum problema. – repetiu Adonis – Precisa de alguma coisa?

- Oh não, claro que não. É que... Que está na hora do remédio do Thom. – disse ela se a- pressando para o armário que Kal tentara enxergar.

Elvira retirou um frasco do armário, levemente nervosa.

- Precisa de ajuda? – indagou Adonis.

- Não se incomode. Não precisa. – Elvira retirou a própria varinha das vestes e enfiou dentro do frasco – Não tem colheres aqui...

- Compreendo. – falou Adonis educadamente.

- Beba Thomas, beba tudo... – dizia ela enquanto fazia um líquido esbranquiçado descer pela goela do vampiro – Isso, isso. Vai ficar bom logo.

- Bem, tenho que levar os garotos até a Cidade do Norte. Lá pegarão condução até a escola. – falou Adonis já de pé – Qualquer nova notícia, entre em contato comigo.

- Certamente. – falou ela conduzindo-os até a porta.

Já no corredor, eles esperavam a máquina assassina do Hospital Nautilus, chamada elevador, chegar para que descessem. Quando ela surgiu apareceu uma figura inusitada, Tâmisia.

- Oi! – cumprimentou Kal imaginando o que ela estaria fazendo ali.

- Olá! – respondeu rapidamente e seguiu pelo corredor.

- Uma graça a filha da Elvira, não? – disse Adonis entrando no elevador.

- Ela, Tâmisia? Filha da Elvira? – indagou Kal.

- Sim, ela mesma. Acredito que irá esfumaçar na Cidade dos Elfos. Não se preocupem, vocês poderão esfumaçar quando tiverem idade. – terminou Adonis apertando o botão para descer.

Na Cidade do Norte o clima era de entusiasmo. Os alunos que estavam esperando pelas carruagens andavam agitados com suas bagagens nas mãos. Kal achou tudo aquilo burrice, uma semana de aula com Amadeus Wosky era muito mais que suficiente para cortar o ânimo mais excitado, como o de Daimon e Jonathan, que acabara de encontrá-los.

- Eu achei uma carruagem vazia. – disse ele – Vamos.

Os quatro garotos despediram-se de Adonis que aproveitou para dizer a Ralph que ele seria novamente bem-vindo se quisesse passar as férias de final de ano em Vila da Cachoeira.

Eles apenas subiram na carruagem e as cinco vassouras presas a ela subiram, sozinhas, de forma imediata.

- Fomos os primeiros a sair! – observou Daimon.

- As vassouras levantam vôo quando a cabine se completa com cinco alunos. – informou Jonathan.

Depois de subirem acima das nuvens, as vassouras estabilizaram-se em uma única direção e voaram rapidamente. Daimon e Jonathan aproveitaram a viagem para colocar o papo em dia, e enquanto eles conversavam, Kal, Ralph e Guine preparavam uma estratégia para vigiar Nicolas Weny o máximo de tempo possível.

Quando o sol já começava a se esconder, as cinco vassouras deram uma guinada para baixo e atravessando as nuvens, os garotos viram que já estavam de volta à Cidade dos Elfos.

Kal saltou rapidamente da carruagem com sua mala e correu para o alojamento de Tadewi a fim de guardá-las e sair de volta para ir até a velha loja averiguar o que Nicolas fazia lá. Daimon ficara conversando com Jonathan na praça e Kal puxou Guine e Ralph pelo braço para se apressarem.

Depois de guardarem as malas na república eles correram até a velha loja, o que não foi notado, porque todos os demais alunos estavam tão eufóricos quanto eles. Chegando lá abriram a porta com estrépito e viram ninguém menos do que Nicolas Weny, encostado em um balcão, parecendo falar sozinho.

- Olá... – disse Kal sem graça.

- Ah... Olá! Quem são vocês e o que estão fazendo aqui? – perguntou impaciente.

- Somos fãs... – falou Guinevere abobalhadamente.

- Não dou autógrafos. – respondeu de forma ríspida.

- Não queremos autógrafos. – retrucou Kal.

- O que vocês querem então?

- Saber o que vem fazer aqui com aquelas outras três pessoas. – disse Kal honestamente e de forma desafiadora.

- Ora, ora... Tenho pequenos detetives atrás de mim? – perguntou Nicolas com um sorriso debochado.

- Talvez... – disse Ralph.

- Estou fazendo o meu trabalho! – disse ele dirigindo-se até a saída.

Nicolas esbarrou no ombro de Kal no momento em que passou por ele, fazendo o garoto gritar e em seguida cair no chão com impacto.

- Qual o problema dele? – perguntou Nicolas e então saiu.

- Kal, você está bem? – perguntou Guinevere erguendo-o.

- Eu vi, Guinevere! Eu vi Nicolas matar uma pessoa.

- O quê? – espantou-se Ralph.

- Nicolas matou um homem! Eu não vi quem era. Era como se eu fosse a vítima. Ele tocou na pessoa e ela morreu. Estrangulamento.

- Kal, você tem certeza disso? – perguntou Guinevere – Isto é muito grave.

- Sim, eu tenho certeza, Guinevere. Tenho certeza... Amanhã falarei com o Professor Caci- us.

Naquela noite, Kal ficou revendo a visão em seu pensamento até adormecer. Se é que ter sonhos com assassinatos era de fato adormecer. Em um destes sonhos ele se viu matando Ralph e depois investindo em Guinevere, logo acertou Daimon com um feitiço que o fez saltar dez metros e bater com a cabeça numa

parede. Ainda no sonho, ele caminhou entre pessoas desconhecidas, correu por uma multidão e encontrou Thalís. Ele ergueu Kal pelo pescoço e jogou-o de lado com extrema facilidade.

- Kal... – cutucou Guinevere para acordá-lo – Acorde...

- Gui-Guinevere. Onde eu estou? – perguntou ele meio zozó.

- Na enfermaria. Você não acordou ontem de manhã. Trouxemos você para cá...

- Fiquei em um dia inteiro inconsciente? – duvidou.

- É, ficou sim. – respondeu uma voz serena.

- Professor Cadius – disse ao vê-lo.

- Está se sentindo bem agora? – perguntou.

- Estou. Obrigado.

- Srta. Lingenstain, poderia nos dar licença?

- Sim, professor. – Guinevere recolheu seus materiais e saiu da sala trancando a porta.

- Coisas estranhas têm acontecido não é mesmo?

- Estranhas, sim... estranhas. – respondeu Kal sentando-se na cama.

- Você não confia no Sr. Weny, não é? – perguntou Cadius sorrindo para ele.

- Assim como o senhor... – respondeu suavemente.

- A questão é: qual o interesse de Weny em um artefato mágico antigo e muito poderoso?

- Não acredita que seja apenas interesse profissional, professor?

- Ora, é bem difícil, isso, quando se trata de um artefato capaz de fornecer extremos poderes.

- Professor Cadius, como o senhor não encontrou o Livro de Merlin ainda?

- Eu nunca o procurei. – respondeu instantaneamente.

- E por que não? – espantou-se Kal.

- Merlin o escondeu há muito tempo. Ele não devia querer que o livro ficasse exposto.

- Professor, posso te fazer outra pergunta?

- Certamente, Kal, certamente. – assentiu.

- Por que o senhor entra nestes assuntos comigo? – Kal fixou seus olhos nos de Cacius – Por que eu sou quase Donovan?

- Sabe que não é Donovan, Kalevi. E respondendo a sua primeira pergunta, eu conversei mais com você porque gosto de ouvi-lo. – disse Cacius em meio a um sorriso de satisfação – Assim como eu conversei com meus outros amigos. Agora devo deixá-lo descansar... – disse ele já se retirando.

- Há mais uma coisa. – falou Kal olhando fixamente para o professor.

- Sim. – disse Cacius girando o pescoço.

- Nicolas Weny esconde uma coisa.

- Todos escondemos. Todas as pessoas precisam ter seus próprios segredos.

Assim que Cacius saiu da ala hospitalar, Kal voltou a dormir, mas acordou no outro dia bem cedo muito bem disposto para voltar às aulas. Logo na primeira ele percebera que o segundo semestre não seria tão fácil quanto fora o primeiro.

Tirso estava ensinando muito mais teorias do universo do que feitiços propriamente dito. Daimon havia dito que a partir daquele momento os professores tinham que fazê-los interagir muito mais com as forças universais para que eles pudessem ficar mais fortes. Até mesmo as aulas de Relações com a Natureza estavam diferentes. Havia mudado de horário e agora eram praticadas à noite sobre a luz de cada astro das plantas. O astro da Herviana de Kal era a Lua.

Thalis fora escolhido para estudar em Tadewi e agora dividia o dormitório com Ralph, Kal e Pedro. Ele se desenvolvera muito bem nos últimos dias. Visitou Kal na enfermaria com Guine e Ralph e apresentava um bom rendimento na sala de aula. A perda dos pais ainda o abalava muito, mas certamente esta era uma ferida que logo iria cicatrizar.

Os dias pareciam bem mais calmos quando não se é um Guardiã-mirim. Nada de intervir em brigas e confusões, nada de fazer relatórios ou aplicar detenções, se bem que não era nenhum sacrifício fazer Rick Wosky pegar umas duas horas de castigo aos sábados.

No Quizard, as equipes de Tadewi e Katzin lideravam o campeonato, como todos os anos, Angus havia perdido quase todas as partidas. Os alunos desta república podiam ser bem talentosos com uma varinha, mas não tinham um espírito guerreiro como os das duas outras. A última e decisiva partida estava marcada para o final de dezembro. Seria em um campo criado exclusivamente para a ocasião na Cidade dos Elfos.

Quando o primeiro dia de setembro chegou, veio acompanhado de uma grande surpresa, especialmente para Kal. No primeiro embarque do mês até Avalon ele viu um broche bem familiar com as inscrições RW num uniforme de Katzin.

Rick Wosky era oficialmente o novo Guardiã-mirim de Avalon.

- Que cretinos! – bravejou – Deram meu distintivo ao Rick.

- Ele também é de Katzin, esperava o que? – disse Guinevere.

- Agora o Conselho Estudantil é composto apenas por alunos de Katzin! – indignou-se Ralph.

- Não podemos, e nem devemos fazer nada. – aconselhou Guinevere.

- Isso vai ver ser problema deles! – disse Kal com ar de repugnância.

- Vai ser problema nosso também. – retrucou Ralph – Rick Wosky vai ficar no nosso pé... Ralph era todo razão. Rick Wosky não estava facilitando nada para os alunos. Divertia-se aplicando detenções desnecessárias nos alunos de Tadewi e Angus e encobrendo as armações dos katzenianos. Por vezes, vários alunos queixaram-se com Amadeus, mas ele parecia ignorar. Devia estar achando o máximo ter seu filho como “dono da escola” e ainda por cima desafiante titular da equipe de Katzin no Quizard.

Rick só estava começando. Algo pior estava para acontecer...

- CAPÍTULO XVI -

A Página perdida

Rick Wosky sentia-se poderoso. Passou a ser seu hábito chegar atrasado nas aulas e des- culpar-se dizendo que estava “prestando serviços à escola”. Uma vez por semana Kal era obrigado a passar duas horas na sala de Amadeus Wosky catalogando livros velhos e passan- do a limpo folhas de pergaminho tão empoeirados que as traças já haviam abandonado-as.

Nos fins de semana, quando não estava na detenção, Kal, Daimon, Jonathan, Ralph, Guine e Thalís ocupavam uma das poucas mesas vazias da Suor de Sapo e ali perdiam horas em conversas.

Em geral, Daimon ou Jonathan levava algum livro e abria num capítulo aleatório e eles começavam suas conversas do assunto que o capítulo tratava. Era uma maneira que os dois desenvolveram para não se sentirem culpados por não estarem estudando.

Em matéria de estudo, quem certamente ganharia o prêmio por esforço era Nicolas Weny. O bruxo passava o dia inteiro andando pela orla da floresta e no pomar de maçã. Que apesar do clima não muito propício, desenvolviam-se muito bem.

No começo de outubro, os habitantes de Cidade dos Elfos começaram a sentir-se incomodados com a presença do ilustre visitante. Vários repórteres internacionais começavam a aparecer na cidade e lotavam os espaços livres com seus refletores de luz e a todo o momento tiravam fotos dos habitantes. O Folha Mágica, principal jornal da comunidade bruxa brasileira, lançou uma matéria de capa que revoltou todos os habitantes da cidade.

Eles aplaudem, mas não sabem o quê.

No fim do primeiro semestre deste ano, o Brasil, mais especificamente no pequeno e antigo vilarejo conhecido como Cidade dos Elfos, recebeu a ilustre presença do mundialmente famoso historiador, Nicolas Weny. Nicolas que nasceu no estado de Goiás, teve sua educação ministrada pelo seu já falecido tio avô, Ricardo Silvano, que teve como trabalho mais notável a criação do sobrinho neto.

Nicolas acumula prêmios por onde passa com suas descobertas, a primeira de sua carreira foi a de uma câmara subterrânea em território indiano. Atualmente, Nicolas está em sua missão mais ambiciosa. Encontrar o livro perdido do grande mago Merlin. O livro, ao que se sabe, foi escrito pelo mago para reunir os maiores feitiços do mundo. De forma que eles não se perdessem no tempo devido sua alta complexidade.

O historiador negou-se a dar entrevista antes de obter qualquer resultado. No entanto, os habitantes de Cidade dos Elfos mostraram-se solidários com nossa equipe de reportagem dando detalhes minuciosos de uma pesquisa que ainda não mostrou nada. "Eu tenho certeza de ter visto o senhor Nicolas desenterrar um livro de capa verde atrás do meu estabelecimento. Acredito que com o livro em mãos, ele vai revolucionar o ensino de magia no mundo", disse Ligio Robert, dono do bar local Suor de Sapo. "Ele sempre anda de um lado para o outro da cidade, parece estar um pouco perdido em sua pesquisa, na minha opinião. Mesmo assim acredito que ele alcançará seu objetivo", disse uma cidadã Elfa que não quis se identificar.

Também entrevistamos ninguém menos que o todo poderoso diretor da Escola de Magia e Feitiçaria de Avalon, Cacius Henrique, que se pronunciou dizendo que Nicolas Weny parece estar querendo ganhar tempo enquanto não se localiza em sua pesquisa. "Encontrar um livro que ninguém de fato sabe se existe é realmente uma tarefa que exige muita da confiança de uma pessoa, por mais habilidosa que ela seja. O que realmente todos gostariam de saber é o motivo pelo qual Nicolas quer encontrar o livro", frisou. Uma cidadã, que também não quis se identificar, disse que o propósito de Nicolas estar procurando pelo Livro de Merlin é simples, "O livro é poderoso, e ele quer ter este poder. O que mais seria?". Esta última afirmação lança ao ar uma incógnita. Os habitantes de Cidade dos Elfos realmente sabem o que está acontecendo em seu próprio território?

O fato é que o vilarejo tornou-se foco da mídia internacional e como o principal alvo dos tablóides não se pronuncia, temos que recorrer a nem sempre confiável voz do povo. Esta gente que faz de tudo para aparecer fornece informações que não são de confiança legítima. Pois eles tiram suas próprias conclusões apenas observando o árduo trabalho do nosso historiador. Nicolas Weny reserva-se ao seu direito de não divulgar seus resultados, por enquanto, mas ao menos deveria manifestar-se para coibir esta gente oportunista que aplaude de pé um resultado inventado por boatos e especulações da própria população.

Nicolas Weny, como disse a reportagem do jornal, não se manifestou, nem mesmo quando os habitantes de Cidade dos Elfos começaram a vê-lo com olhos tortos. Ele nem ao menos parecia perceber que as pessoas estavam ali, olhando para ele enquanto gesticulava no ar com as mãos.

O segundo semestre em Avalon estava ficando cada vez mais difícil para os alunos do primeiro ano. Nas aulas de Relações com a Natureza, Kal tinha chegado ao seu maior grau de dificuldade. Sua Herviana crescera a tal ponto que fora impossível colocá-la em um vaso. A professora Margarida disse-lhe que deveria plantar sua Herviana na Cidade dos Elfos e praticar com ela os exercícios da aula em uma outra hora.

Kal, Thalís e Ralph arrastaram o vaso, que já estava completamente trincado, por todo o jardim de Avalon e o desceu em um dos balões até Cidade dos Elfos, levando-o em seguida para o pomar de maçã, um lugar que certamente Kal poderia fazer os exercícios que a professora mandasse sem ser interrompido. Depois de aberto um buraco de três metros no chão, os três empurraram a planta com vaso e tudo e a soterraram.

Os exercícios de Biomagia também tiveram que passar a ser feitos fora do horário de aula. Kal deu graças por ter sido expulso do Conselho Estudantil, pois se ainda exercesse a função de Guardião-mirim, certamente não teria tempo de fazer todas as suas atividades.

Ele ainda tinha algumas horas de treino de Quizard a cada quinze dias. Em geral, Tirso revisava com os jogadores os nomes de alguns feitiços e eles faziam duplas para duelar. Kal juntava-se à Malvina, uma clériga do grupo. Não era difícil para Kal acertá-la, mas ela sempre dava um jeito de se curar e contra atacava Kal. Isso não era uma grande preocupação para o grupo, afinal, eles tinham Raiam Devine, o quintanista e capitão do grupo. Raiam era um bruxo incrível, conhecia a maioria dos feitiços de defesa e ataque que Tirso ensinara, defendia-se dentro do campo e dava um show à parte na Sala das Diferenças. Lutara duas vezes contra o desafiante de Angus, e vencera facilmente.

Tadewi derrotou a equipe de Katzin por tempo limite nas duas partidas que as equipes se encontraram, ou seja, Raiam chegou à Sala das Diferenças e esperou por dez minutos que o outro desafiante chegasse. Como isso não aconteceu, Tadewi consagrou-se campeã da primeira fase, que consistia em dois jogos contra

cada equipe. Na segunda fase, as duas equipes classificadas confrontavam-se em um único duelo. E este estava marcado para o final do ano letivo.

Kal, Ralph, Thalís e Guinevere continuavam a perseguição Nicolas, principalmente após a declaração de Cadius no Folha Mágica, o diretor demonstrara um certo receio quanto as intenções de Nicolas quanto ao livro, e isso os intrigava ainda mais.

Durante o dia, eles faziam pequenas vigilâncias nos momentos de folga observando para onde ele ia ou o que estava estudando. Nicolas parecia ter desenvolvido a teoria de que Merlin talvez tivesse enterrado o livro sobre algum ponto importante da cidade. Ele passou um bocado de tempo na Livros & Boatos olhando plantas de antigas construções, Kal pensou que talvez este seja o motivo para suas reuniões na velha loja próxima a orla da floresta, afinal, a loja faz parte do passado da cidade.

Os três apenas não entendiam o porquê do senhor Weny querer manter-se afastado dos portões de Avalon. Desde que chegara ele não havia se quer insinuado subir na nuvem do castelo. Talvez ele não quisesse uma intervenção de Cadius, afinal, ao que se sabe, o diretor lhe fez diversos convites de visita e deixou o acervo da riquíssima biblioteca de Avalon a disposição do historiador, mas

nem mesmo os livros de Cadius eram um atrativo para a celebridade.

Às noites, os garotos revezavam turnos de dois para vigiarem Nicolas, eles se projetavam no astral e o seguiam sem problema. Que costumeiramente saia em expedições à floresta. Weny trajava sempre uma calça, uma camisa de manga longa com sua indispensável gola de rufos. As reuniões com as três misteriosas figuras tornaram-se mais raras, ainda assim Kal fazia suas especulações de que ele estaria tramando algo.

Desde o incidente com os Griphons, Cidade dos Elfos vivia em alerta, criou-se quase que um toque de recolher. Ninguém, a não ser Nicolas Weny, perambulava pelas ruas depois das dez horas da noite. A Suor de Sapo teve que se adaptar ao novo horário que a situação estava exigindo e passou a fechar mais cedo pela falta de cliente. Outros pontos de encontro, como a Colméia das Formigas também perderam a freguesia com a insegurança que a cidade estava passando.

Certa noite de lua cheia, quando Kal e Thalís faziam sua vigilância eles acompanharam Weny por mais de trezentos metros floresta adentro. Ele recolheu algumas ervas e experimentou alguns frutos, sempre cuspidando suas sementes.

Naquela mesma noite, Nicolas parou em uma clareira e retirou do bolso da camisa uma poção de cor azulada. Kal e Thalís entreolharam-se, mas não puderam imaginar do que se tratava. Nicolas fez uma expressão azeda ao dar o último gole, mas nada lhe aconteceu. Então ele conjurou três velas formando assim um triângulo, seguido disto ele conjurou um espelho e o posicionou de forma que refletisse a luz da lua cheia, mas não a das velas. O homem começou a mexer os lábios como se estivesse orando.

Kal imaginou que fosse algum tipo de rito para sua pesquisa. Pelo que eles haviam estudado de astrologia na aula de Relações com a Natureza, a lua está intimamente ligada a descobertas e conhecimento, mas é certo que para cada fase há uma interpretação diferente. E vendo aquela resplendorosa lua dourada no céu, Kal deduziu de que se tratava apenas disto mesmo, ajuda na pesquisa.

Na manhã do dia seguinte, os dois contaram a Ralph e Guine o que Nicolas Weny fez e eles concordaram que era uma tentativa desesperada para conseguir êxito.

- O cara está ficando desesperado! – disse Ralph – Já faz um bom tempo que eles estão galgando esta tarefa e ainda não saiu do lugar.

- Talvez Cadius tenha sido correto quando disse que é uma tarefa difícil demais para ser realizada, mesmo por alguém tão preparado. – concordou Thalís.

- Bem, nós vamos continuar de olho nele. – falou Kal – Cadius deve estar fazendo o mesmo. Mas ainda assim devemos ser os primeiros a saber sobre qualquer descoberta que Nicolas Weny faça.

- Concordo. – disse Guine que havia se tornado tão obcecada por esta perseguição quanto Kal, Ralph e Thalís.

Enquanto eles saíam da república ouviram gritos eufóricos vindos do centro da cidade. Os quatro se entreolharam e foram às

pressas saber o que estava acontecendo.

Vários alunos aplaudiam e davam risadas animadas por todos os cantos. Os elfos disparavam fogos de artifício para o alto e as fadas faziam cirandinha pelas ruas.

- O que está acontecendo, Pedro? – perguntou Thalís ao colega de quarto.

- Parece que o tal do Nicolas Weny encontrou o Livro de Merlin.

- O quê? – perguntaram com olhares gulosos em cima do garoto.

- Disseram que ele saiu da Livros & Boatos em disparada e começou a conjurar vários feitiços embaixo do relógio da praça. Na

hora ninguém entendeu nada, mas todo mundo o viu correndo para a Pousada das Fadas com um pergaminho na mão.

- De onde ele tirou este pergaminho? – perguntou Kal.

- Ele foi conjurado. – respondeu Daimon que vinha acompanhado de Jonathan.

- Eu vi o que aconteceu. – disse Jonathan – O senhor Nicolas disse vários feitiços, até tentei decorar alguns, mas não consegui... Enfim, ele agitou um pouco os braços e quebrou um frasco de poção no chão. Em segundos algumas cinzas começaram a surgir. Foi então que elas agruparam-se e um pedaço de pergaminho apareceu.

- Que pergaminho será este? – questionou-se Guine olhando para os três.

- Um mapa? – sugeriu Ralph.

- Algum documento importante da época de Merlin, talvez. –
prossegui Kal.

- A Página perdida do Livro de Merlin. Para ser mais preciso. –
falou Cacius aproximando- se dos garotos.

- Professor Cacius! O senhor soube? – indagou Kal olhando para
o professor.

- Certamente, Kal, todos agora sabem. Não vai demorar para
que metade da imprensa mundial surja na cidade e comece seus
interrogatórios.

- O senhor disse que o pergaminho é uma página perdida do Livro de Merlin? - retomou Ralph à fala do diretor.

- Sim. Certamente isto saiu da minha boca.

- E o que tem nesta página? – perguntou Daimon.

- Não sabemos. Pelo menos ainda. Ninguém nunca encontrou a página. A história sabe apenas que Merlin, certo dia desceu do castelo com um livro em mãos, que suponhamos ser o seu famoso livro, e deste ele arrancou uma página queimando-a logo em seguida.

- Nicolas Weny está com um pedaço do livro mais poderoso do mundo! – espantou-se Jonathan.

- O que o senhor acha que ele pode conseguir com esta página, professor? – perguntou Kal.

- Considerando que seja mesmo uma página do Livro de Merlin e que o próprio autor a ex- cluiu de sua obra, imagina-se que o que há na página não seja algo de bom. – respondeu.

- Preciso ver o senhor Tailon Montanha. – disse Cadius.

- O dono da Livros & Boatos? – questionou Daimon.

- Sim. Agora com licença. – falou Cadius seguindo para a livraria.

O olhar dos garotos acompanhou Cadius até ele atravessar o arco da porta. Várias pessoas começaram a esfumaçar em todos os cantos da cidade carregados de pergaminhos e penas, algumas

máquinas fotográficas e refletores para adquirir uma melhor iluminação em suas fo- tos.

- Vamos sair daqui. – disse Kal prevendo o que poderia acontecer se ficassem parados. Certamente seriam requisitados para uma detalhada entrevista sobre a descoberta de Nicolas Weny.

Jonathan e Daimon preferiram se juntar ao fã clube do historiador em frente a Pousada das Fadas ao invés de acompanhar Kal, Guine, Ralph e Thalís até a velha loja.

- Vocês acham que o pergaminho que Nicolas encontrou é mesmo do Livro de Merlin? – perguntou Thalís.

- Se o próprio Caciús acha possível eu vou duvidar do quê? – disse Ralph convencido.

- Ele está um passo à frente de todo mundo agora. – comentou Kal – Só ele sabe o que tem naquele pergaminho.

- E se não for nada demais? For apenas um truque para mostrar que ele está fazendo alguma coisa. – especulou Guine – Talvez seja apenas uma carta ou sei lá...

- Não tenho tanta certeza assim, Guine. – discordou Thalís – Pelo modo como Jonathan contou, parece que Nicolas sabia o que estava fazendo em frente àquele relógio.

- Mas onde ele conseguiu aquela informação? – pensou Ralph – Como ele sabia que fora ali que Merlin queimou a página.

- Isto tudo tem muito segredo envolvido... – falou Thalís chutando uma pedra.

A palavra segredo penetrou no cérebro de Kal fazendo um zunido à medida que vasculhava sua memória. Era como se estivesse processando uma busca, combinando dados recentes e antigos. Passado um milésimo de segundo, ele berrou alto o resultado de sua busca de forma que assustou os amigos.

- *"Aqueles segredos"*!

- *O que têm? – questionou Thalís.*

- *"Aqueles segredos"* é o título de um livro que eu encontrei na Livros & Boatos. – respondeu – No dia em que fomos comprar nossos materiais, eu vi este livro e pensei em levá-lo também, mas vi que o conteúdo era somente para bruxos formados. Então, na mesma hora, uma pessoa encapuzada esteve lá e o comprou.

- E você imagina que esta pessoa possa ser... – tentou falar Guine.

- Nicolas Weny! Ou pelo menos alguém a mando dele. – terminou Kal.

- Ele tem aqueles três amigos encapuzados. – disse Ralph.

- E se fossemos até a pousada. – sugeriu Thalís.

- Entrar no quarto do Nicolas Weny? – perguntou Guine cética.

- Bingo. – disse Kal, seus olhos quase brilhando.

- Não dá para entrar em propriedade particular sem ser convidado no plano astral, e vocês sabem disso. – falou ela.

- E quem falou em plano astral? – indagou Ralph.

- Não posso acreditar no que estou ouvindo... – disse ela batendo as mãos contra o corpo.

- Eu já estou indo. – disse Kal rumando de volta para a pousada.

- Toda a imprensa está tentando entrar lá! Como vocês acham que conseguiríamos? – questionou a garota.

- Não sei, mas vou dar um jeito. – falou Kal decidido.

- Desculpem, mas não vou participar desta loucura! – disse Guinevere mais decidida ainda.

- Tudo bem então. Vamos nós três! – disse Ralph já acompanhando Thalís e Kal.

Guine ficara sozinha na velha loja, e quando resolveu acompanhá-los, já estavam longe demais.

- Garotos... – bufou.

A Pousada das Fadas estava cercada por fãs e repórteres, todos com penas erguidas. A- queles para conseguir um autógrafo e estes para conseguir a matéria de capa da próxima edição de seus respectivos jornais. A porta de entrada estava bloqueada por cinco

elfos e duas fadas, todos dispostos a azarar alguém com a varinha caso tentassem invadir o lugar.

- Como faremos? – perguntou Ralph depois de analisar a situação.

- Não sei. Mas não podemos tentar as janelas. Certamente deve ter pelos menos três cuidando de cada uma. – disse Thalís.

- Não dá! O lugar é uma fortaleza! – prosseguiu Ralph.

- Nós preci... – Kal interrompera a fala ao perceber que a porta da frente da pousada estava se abrindo e prestes a revelar o historiador mais famoso do mundo.

- Weny! Weny! Weny! - clamou a multidão.

- Acalmem-se! – disse Nicolas finalmente.

- Puxa! Eu já tinha me esquecido como era a voz dele... – falou Ralph.

- Gostaria que todos se dirigissem até a praça central! Lá irei fazer um breve pronunciamento antes de voltar a minha pesquisa. – disse ele e depois esfumou. Seguindo o gesto, vários outros bruxos esfumaram da frente da pousada e os fãs correram o máximo que podiam para alcançar um lugar mais perto do ídolo.

- É agora! – disse Kal correndo sorrateiramente para dentro da pousada.

O lugar estava completamente vazio. Os funcionários também haviam seguido a multidão de bruxos até a praça. Os três estavam

conscientes de que não tinham muito tempo. Por isso precisavam adiantar em sua busca.

Kal atravessou o saguão de entrada, correu para trás do balcão verde da recepção e abriu uma pasta com a lista de todos os hóspedes da pousada, mas surpreendeu-se ao ver que o nome de Nicolas Weny não aparecia em nenhum dos quartos.

- Quantos hóspedes estão com seus nomes aí? – perguntou Ralph com a intenção de tentar quarto por quarto.

- Há mais de cem aqui! – informou Kal.

- Nicolas deve ter preferido usar outro nome... – pressupôs Thalís.

- Alguma idéia? – perguntou Ralph olhando para os dois.

- Nicolas é um historiador... talvez um personagem importante da história. - mentalizou Kal.

- Merlin. – respondeu Ralph de imediato.

- Já chequei. Não é isto.

- Mas Merlin tem um outro nome. – disse Thalís estalando os dedos – Caciús disse em uma de suas primeiras aulas comigo.

Kal voltou a olhar para a folha em suas mãos e deu um largo sorriso.

- Emrys Camelot, quarto 315.

Os três seguiram até a porta de madeira pintada na parede, Kal estendeu a mão e segurou a maçaneta dizendo:

- Quarto 315.

Depois de atravessarem e trancarem a porta, eles chegaram a um pequeno corredor com uma única porta em sua extremidade. Pregado na parede estava o número 315.

- *Scringer Secret Schoupan!* – disse Kal e a tranca cedeu com um estalo.

Ao entrarem no quarto um forte odor de alho penetrou as narinas de Kal que foi obrigado a tapar o nariz. Seus olhos logo começaram a lacrimejar deixando uma visão um pouco ofuscada do cômodo, que tinha cada canto de parede escondido por armários carregados de livros e frascos de poções, mal via-se o papel de parede vermelho. Tinha ainda um sofá de três lugares no meio da sala e uma escrivaninha de frente para uma janela. O móvel estava encoberto por folhas, penas e tinteiros. O piso de assoalho rangia levemente enquanto andavam, mas nada que pudesse fazer barulho o suficiente para sinalizar que estavam ali.

- Parece que ele tem uma paranóia com vampiros. – falou Thalís abrindo uma gaveta de criado próxima ao sofá e mostrando aos dois uma estaca de madeira.

- Será que o historiador mais incrível do mundo teme o vampiro mais poderoso do mundo?

– perguntou Ralph colocando uma corda de alho em volta do pescoço.

- Talvez ele não saiba, mas alho não funciona contra Kricolas. – falou Thalís.

- Pessoal. Olhem! – chamou Kal aproximando-se da escrivãzinha.

- O que é isso? – perguntou Ralph.

- Parece que são anotações... – disse Thalís.

O Livro de Merlin, o artefato mágico mais valioso do mundo, pode ter sido destruído há séculos pelo próprio Merlin. Segundo registros da memória popular dos elfos, o mago queimou uma de suas páginas em praça pública.

Foster ajudou Merlin a escrever o livro, mas após sua morte o objeto permaneceu com o feiticeiro até seu último dia. Especula-se que a família Foster pode estar em posse do livro, mas é apenas uma fraca teoria.

O diretor de Avalon, Cacius Henrique, tem o Enid de Merlin, mas nada sabe sobre a localização do livro. O mesmo aconteceu no passado com os bruxos que um já possuíram o Enid, como o mago francês Jaques Bounervur no século XIV.

- Parece que ele anda pesquisando mesmo. – disse Kal analisando as demais folhas.

- Olhem esta em inglês. – falou Thalís puxando um pergaminho da mesa.

There isn't anything more powerful than the Merlin's Book, there isn't anything more splendid than its power. Nobody can be compared to its possessor. There will be a new vision of what magic. The Merlin's Book exist and it is somewhere in the Elfos' City. I saw it and I had the opportunity to contemplate the power that it has put up to the young Foster.

After Merlin's death, I felt myself free to write my work revealing huge details about the book and its possible location. I haven't defined the title yet, but I am thinking in Those Secrets.

Monday, March 19th, 1017

- Espere. – disse Thalís segurando o pergaminho – Aqui diz...

“Nada há de mais poderoso do que o Livro de Merlin, nada há de mais esplêndido do que o seu poder. Ninguém poderá ser comparado ao seu possuidor. Haverá uma nova visão do que é magia. O Livro de Merlin existe e está em algum lugar na Cidade

dos Elfos. Eu o vi e tive a oportunidade de contemplar o poder que ele forneceu ao jovem Foster.

Após a morte de Merlin, senti-me à vontade para escrever minha obra revelando detalhes maiores sobre o livro e sua possível localização. Ainda não defini o título, mas estou pensando em Aqueles segredos.

Segunda-feira, 19 de março de 1017”

- É o diário do autor de "Aqueles segredos". – disse Kal levando a mão à boca.

- Isso confirma! Nicolas Weny adquiriu o livro. – falou Thalís olhando para um relógio pendurado na parede – Precisamos sair daqui antes que sejamos descobertos.

Kal e Ralph confirmaram com a cabeça e os três saíram do quarto alcançando o lado de fora da pousada em pouquíssimo tempo.

- Garotos! – chamou Guine, que os esperava sentada em uma pedra próximo a pousada e cercada com os materiais de escola dos quatro – Temos aula hoje, sabiam?

- Sim, e já perdemos duas. – respondeu Kal.

- Mas por um bom motivo. – falou Thalís.

Quando entraram no salão para Avalon Guinevere já havia ouvido metade da história e ainda assim não estava acreditando no que lhe era contado. Quando Ralph repetiu as palavras que estavam escritas no diário ela quase caiu para trás.

- O livro que Kal queria comprar! – exclamou.

- Parece que ele chegou antes. – disse o garoto.

- Mas ainda não entendi por que tanta prevenção contra vampiros... – confessou ela – Weny tem poderes suficientes para pelo menos se defender de Kricolas.

- Será? – questionou Ralph – O que ele fez quando os Griphons apareceram na palestra?

- Fugiu. – informou Guine – Mas não acho que tenha sido medo. Acredito que GAW tenha sugerido que fosse melhor.

- Pode ser. Eles podem ter pensado que Nicolas era o alvo dos Griphons e disseram que se afastasse. – disse Ralph.

- Para o castelo depressa! Para o castelo! Acabou a folga! – dizia Luiz Calvo na entrada da escola para todos os alunos – Vamos! Não percam tempo! Uma folha velha não pode distrair a atenção de vocês.

Não era bem uma folha velha que tirava a atenção de Kal. Era o que Nicolas Weny fazia com ela. Se realmente fosse uma folha do Livro de Merlin ela carregava um feitiço poderoso. Mesmo se servisse apenas para abrir uma porta, seria o feitiço para abrir portas mais poderosas do mundo.

Nas salas de aula o ritmo de conversa não diminuiu. Até mesmo os professores pareciam um pouco desligados da matéria. Nicolas Weny, em seu discurso na praça da Cidade dos Elfos dissera a todos que divulgaria sua descoberta o mais rápido possível. Todos, obviamente, acreditavam que “o mais rápido possível” fosse o próximo dia. No entanto três dias passaram-se sem qualquer sinal do historiador.

Na semana seguinte o jornal Folha Mágica divulgou uma matéria de apoio ao historiador.

Ele está onde nenhum bruxo esteve.

O gabaritado historiador Nicolas Weny, na semana passada encontrou no vilarejo chamado Cidade dos Elfos, um artefato que promete virar ao avesso o mundo mágico. Baseado em lendas e antigos documentos, outros historiadores do mundo todo acreditam que Nicolas Weny pode ter em mãos nada menos do que uma página do fabuloso Livro de Merlin. "Em história conhecemos esta página como Página perdida. Porque mesmo que um dia encontrássemos o Livro de Merlin, os segredos desta página estariam perdidos, afinal ela fora arrancada do livro" disse Amir Cherches, historiador uruguaio que está estudando os modos de vida dos duendes assassinos em Minas Gerais. "Por uma ironia do destino, a Página perdida foi encontrada antes mesmo do Livro de Merlin", finalizou.

"Conta a lenda que a Página perdida foi arrancada do livro pelo próprio Merlin, que a incinerou logo em seguida. Para nós historiadores isto sempre foi uma incógnita. O que haveria de tão abominável na página que fez Merlin se enfurecer e excluí-la?" questiona Maykel Martins, historiador capixaba. "Acho que se

Nicolas perceber o motivo pelo qual Merlin retirou a página de sua obra ele dará um jeito de sumir com ela para que nunca mais seja encontrada”, frisou.

Nicolas Weny, atualmente continua sua pesquisa. A nova descoberta abalou a comunidade mágica, mas não nosso incansável historiador, que mesmo tendo feito o maior resgate histórico do mundo, permanece relutante em ceder aos assédios da imprensa global. Nicolas, que apenas fez um breve pronunciamento no dia vinte um deste mês, disse que todos deveriam ficar atentos para o resultado final de seu trabalho. Disse ainda que não descansará enquanto não devolver ao mundo mágico seu maior patrimônio, o mais poderoso tipo de magia.

Fica o nosso apoio e a nossa esperança, de que este historiador, que no início de sua carreira foi chamado de Come traças, torne-se herói mundial. Mesmo que pareça piegas, a verdade precisa ser dita, Nicolas Weny foi mais longe em suas pesquisas do qualquer outro bruxo. Por isso já é um vencedor.

A notícia animou mais ainda os habitantes de Cidade dos Elfos, faixas eram estendidas com o nome do historiador e vários cartazes com sua foto eram colados nas paredes das lojas e nos postes de iluminação.

O mundo parecia girar ao redor de um único bruxo, mas ele parecia não se importar. Seu trabalho era muito mais relevante do que pessoas gritando seu nome com furor. Ao encontrar a Página perdida Nicolas Weny deixou de estudar história, para fazê-la.

- CAPÍTULO XVII -

O acidente mágico

No dia das bruxas, Cidade dos Elfos preparava uma grande festa. Não houve aula devido o feriado e os alunos puderam curtir o dia entre as enfeitadas lojas. Os postes de iluminação traziam grandes abóboras como lâmpadas, algumas até mesmo conversavam, pequenos arbustos que no lugar de frutos brotavam chocolate, caramelo ou balas açucaradas.

Além, é claro, dos bruxos, donos da festa, e dos elfos e fadas, moradores da cidade, outras figuras inusitadas apareceram de surpresa como, o boto-cor-de-rosa, que chegou arrancando suspiros

profundos das jovens estudantes. O boto era uma criatura mágica muito popular, ele saía de dentro dos rios, onde tinha a aparência de um tipo de golfinho de água doce, para assumir a forma humana em festas, a procura de uma jovem moça com quem pudesse aproveitar a noite.

Enquanto todos se entupiam de divertimento, o Sr. Nicolas Weny nem ao menos dera a cara para a cidade. Talvez ele não gostasse de comemorações, ou estivesse se aprofundado tanto em suas pesquisas que perdera a noção de tempo e espaço.

No entanto, Nicolas continuava com os seus encontros secretos na velha loja e Kal e os outros não conseguiam descobrir o que se passava por lá. Certa noite, Kal, Ralph e Thalís se arriscaram ir até a velha loja pessoalmente, sem ser por meio da projeção, eles determinaram que permanecer dez metros longe era uma distância segura. Mesmo usando o Captus eles não conseguiram ouvir nada, apenas o barulho noturno de uma floresta silenciada.

Kal insistia em controlar suas visões, mas nunca conseguia algum resultado espontaneamente. Ele não tivera uma só visão desde o dia em que viu Nicolas matando pessoas. E isso era uma intriga na cabeça dele. Aquilo realmente fora uma visão ou algo

imaginário? E se foi uma visão, quem Nicolas Weny poderia ter matado?

Pelo meio de novembro, todos começaram os preparatórios para as provas finais, naturalmente os alunos de Angus estavam bem tranquilos em relação a isso. Alunos, que como Daimon, não dependiam de altas notas para passar. Kal, no entanto, ainda precisava se esforçar muito para conseguir nota em Relações com a Natureza. Talvez se ele acertasse oitenta por cento da prova tivesse alguma chance de passar para o próximo ano.

O mau desempenho de Kal devia-se a combinação de não saber lidar com plantas e o fato de sua ser a pior de todas. A Herviana havia sido plantada na Cidade dos Elfos devido ao seu tamanho e Kal passou a ter que assistir primeiro as aulas e depois, sozinho, praticar com ela o que “aprendera”.

Thalis estava bem tranquilo em relação às matérias. Mesmo tendo começado o ano atrasado e por ter sofrido com a morte dos pais e a descoberta de uma vida mágica, ele parecia bem normal. Nos últimos meses, sempre depois de terminarem a lição de casa, Kal, Ralph e Thalis passaram horas conversando no dormitório tramando uma maneira inteligente de Rick perder o distintivo de Guardiã-mirim, e com sorte ser expulso de Avalon.

Das provas, a primeira seria de Maldições. Alguns alunos apresentaram-se na sala usando capacetes e alguns mais exagerados trouxeram também escudo, cordas e quites de sobrevivência. Todos esperavam por um teste ainda pior que o do meio do ano, mas encontraram uma simples prova escrita que não tinha mais do que quatro folhas. Talvez os métodos avaliativos de Amadeus Wosky tenham sido questionados.

No mesmo dia, eles fizeram provas de Clerigologia e Relações com a Natureza. Kal não achou que tinha se saído bem nesta última prova porque disse que em casos de emergência deve-se atear fogo na planta, sendo o certo apenas paralisá-la.

O segundo dia compensou-o com uma brilhante prova de Feitiços e outra de História. Kal tinha certeza de que descrevera bem como fazer o Efestos, um feitiço lançador de fogo. Além, também, de ter marcado muitos pontos dizendo que Chico Liber fora o mentor da Revolução dos Sacis no século XIX e que o duende Pukaka Bert liderou a Rebelião dos Mangues Negros do Sudeste em 1566.

De qualquer modo, os resultados finais sairiam apenas no penúltimo dia letivo, que seria, sem dúvida, um dia de muito alvoroço. Alunos se despedindo de Cidade dos Elfos e voltando para suas casas nas mais variadas regiões do país, outros tantos choramingando e resmungando com os professores por que não terem passado de ano ou ficado de recuperação. E Kal torcia para que não estivesse entre estes. Ninguém poderia imaginar que na verdade os dias de tensão em Avalon e Cidade dos Elfos seriam bem antes disso.

Uma semana antes da grande final de Quizard entre Tadewi e Katzin, Raiam Devine recebeu uma suspensão que o proibia de jogar sua última partida.

- Como isso aconteceu? – perguntou Tirso que era o treinador da equipe de Tadewi.

- Eu estava na biblioteca estudando para a última prova... Acabei cochilando e quando acordei me apressei para ver se conseguia o último balão. Foi quando Rick Wosky apareceu e perguntou o que eu fazia ali tão tarde. Respondi que tinha cochilado

na biblioteca e que já estava descendo, mas ele me deu suspensão de uma semana...

- Ele pode fazer isso? – perguntou Malvina, clériga da equipe de Tadewi.

- A suspensão estava assinada pelo professor Amadeus... – explicou Raiam.

- Tinha que ser ele, amaldiçoado... – retorquiu Tirso – Não há como fazer mais nada.

- Então não jogaremos professor? – perguntou Malvina.

- Jogaremos. Porque ainda temos Kal.

- Desculpe, acho que não entendi professor... – interrompeu Kal um pouco confuso.

- Simples, Raiam não vai poder competir e você é o Desafiante reserva. – explicou Tirso.

Kal ficara completamente imóvel, como se estivesse sido atingido no peito por um feitiço. Ele não dera devida atenção aos treinamentos de Quizard porque era apenas um reserva. Seu titular era Raiam, um excelente aluno e muito astuto dentro do campo. Quando ele entrava na Sala das Diferenças não havia desafiante que o vencesse. Na verdade, Raiam só lutara duas vezes naquele ano. As duas vezes foram contra o desafiante de Angus. Rick Wosky, sempre, convenientemente, se perdia no labirinto estourando assim o tempo limite de dez minutos. Com o tempo esgotado a vitória ia para a outra equipe.

- Muito bem, está resolvido então. Semana que vem teremos uma partida e tanto! – entusiasmou Tirso.

- Você contra Rick Wosky! – exclamou Thalís no dormitório.

- Vai ser o jogo do ano! – disse Ralph eufórico.

- Não tenho tanta certeza... – retrucou Kal – Rick se preparou o ano inteiro para esta final.

- Não brinca! Rick nunca encarou um desafiante na Sala das Diferenças. Perdeu as duas partidas para Tadewi por Tempo Limite e ganhou as duas de Angus porque a equipe de Katzin sabe atacar e derrubou o desafiante deles antes mesmo de chegar à Sala das Diferenças, a equipe dele é boa. – comentou Ralph.

- Este é o meu medo... – confessou Kal – Ter que passar pela equipe de Katzin com vida.

- Fique tranqüilo! Nós vamos te ajudar, mesmo que falte apenas uma semana... – terminou Thalís coçando a nuca.

Naturalmente os jogadores de Quizard tiravam alguns dias de concentração antes de cada partida. O ano já havia chegado ao fim e os alunos estavam apenas terminando uns simples conteúdos e esperando os resultados finais. Algumas aulas já haviam sido encerradas, entre elas, Maldições, Biomagia e Relações com a Natureza, a qual Kalevi estava extremamente preocupado com a nota que iria alcançar.

No intervalo destas aulas, ele era ajudado por Thalís, Ralph, Guine, Daimon e Jonathan. Os cinco revisavam com ele alguns feitiços como o Escaparta, o Amständer e o Réplica. Jonathan, que era ótimo aluno em Clerigologia, lhe dava algumas dicas de como se curar em uma batalha. Não era muito fácil, considerando que em algumas ocasiões era impossível fazer qualquer coisa porque a boca estava imobilizada, impedindo de pronunciar qualquer feitiço.

Durante os intervalos vários alunos de Tadewi iam encorajá-lo, em geral acenavam distante, muitos ainda estavam assustados com o fato de Kal possuir o Enid de Donovan. A verdade é que isso era uma boa vantagem, talvez Rick ficasse apavorado e permitisse que Kal vencesse. Ralph sugeriu que no meio da batalha ele usasse o Revelarbus, mesmo que não fosse derrotar Rick, iria deixá-lo atônito.

Toda aquela atmosfera de excitação se condensou na manhã do grande jogo. Um estádio com tamanho suficiente para mais de mil pessoas, número muito superior ao número de habitantes de Cidade dos Elfos. O estádio fora detalhadamente montado no centro da cidade. Algumas lojas como a Labaredas de Ferro simplesmente haviam desaparecido, era como se nunca tivessem existido.

O estádio descrevia uma elipse com suas arquibancadas de madeira e a estrutura de pedra. No centro estava o campo, o espaço ocupado pelo labirinto, onde no meio estaria a Sala das Diferenças. Kal sabia que precisava ser rápido para chegar lá. Se entrasse primeiro e Rick não aparecesse em dez minutos Tadewi ergueria a taça de campeã.

Estava feito então, entrar e aguardar.

Se ele tivesse que lutar contra Rick faria o melhor possível para não decepcionar sua equipe e os outros alunos de Tadewi, em especial, Ralph, Thalís e Guine. Kal ainda devia a vitória a Daimon e Jonathan, que como os outros alunos de Angus, estavam torcendo por Tadewi.

Somente quando ele pisou no campo ele viu como aquela partida era importante. Em quatro extremidades do estádio, a pouco mais de quinze metros, estavam os camarotes, cada um com cor diferente, laranja, azul, branco e marrom. Neste último camarote estavam o Escritor da Terra, Tirso, Cristina e Caciús que conversava com ninguém menos do que o Ministro da Defesa Mágica, Mardo e alguns outros bruxos bem vestidos.

Na outra extremidade, atrás de onde Kal estava, tinha-se o camarote azul, o qual o único conhecido era Amadeus Wosky e seu sorriso de aranha faminta.

O garoto escaneou as arquibancadas inferiores à procura de Ralph e os outros, mas era impossível encontrá-los. Dois terços dos

alunos usavam roupas azuis e laranja, as cores de Tadewi, e tinham os rostos pintados. Era como procurar um determinado musgo na Floresta Amazônica.

- Os competidores entram em campo! – narrou uma voz que com certeza não era a de Tir- so. Obviamente os katzenianos exigiram um juiz mais imparcial – Começou!

A torcida soltou um “Uh!” delirante.

O labirinto à frente de Kal era feito com pedras altas e lisas, era impossível escalá-las para se enxergar mais à frente. Levitar certamente era um grande risco. Quando se está a cinco metros de altura qualquer um torna-se alvo fácil.

- Venham! – chamou Malvina à equipe.

Ela havia se tornado a capitã com a saída de Raiam, que infelizmente nunca mais iria jogar por Tadewi. Ele estava em seu último ano em Avalon e aquela final seria sua partida de despedida do Quizard. Mas Rick Wosky estragara tudo e agora, após fazer uma brilhante campanha nos últimos quatro anos, ele assistia a grande final de sua vida na arquibancada, ao lado dos outros alunos.

Todos seguiram Malvina, sorridentes. O silêncio era fundamental para não denunciar a posição ao inimigo. Os seis alunos haviam feito um cerco ao redor de Kal para protegê-lo. Todos estavam bem dispostos a se sacrificar para que ele entrasse na Sala das Diferenças.

- Kalevi é importante, nós não. – havia dito a capitã minutos antes de entrarem em campo. Eles estavam andando rápido e já se aproximavam da Sala das Diferenças, felizmente não haviam encontrado ninguém da equipe adversária. Estavam bem despreocupados, quando um desafiante entra na sala, um marcador automático surge de forma que possa ser visto de qualquer lugar do campo.

Já havia se passado vinte minutos desde que a partida começara. Até então não tiveram qualquer sinal de Katzin.

Das arquibancadas se tinha uma visão privilegiada. Os espectadores podiam acompanhar o movimento das duas equipes. Para evitar que alguém passasse informações para dentro do campo, este era magicamente encantado com um filtro de palavras para coibir qualquer fraude.

Kalevi calculou que estavam a uma distância de cento e cinquenta metros da Sala das Diferenças. Estavam entrando em uma área de risco. A qualquer momento eles poderiam deparar-se com os katzenianos. Era hora do grupo se separar.

Quatro alunos seguiram por uma direção diferente, eles procurariam e atacariam Rick, esta era a estratégia. Enquanto isso Kal seria escoltado até a sala por Malvina e por um armador, Gregori Clark.

Assim eles seguiram, lenta e pacientemente, passos vagarosos não chamavam atenção. Um pouco mais a frente havia um arco com a passagem para uma ante-sala. No momento em que Kal, Malvina e o armador atravessaram o arco, a torcida entrou em

frenesi e gritou bem alto. Os tímpanos de Kal pareciam querer estourar, mas então ele olhou para um lado e viu o motivo do estardalhaço.

Três garotos de Katzin estavam na mesma ante-sala observando-os, então um gritou:

- Derrubem o Foster!

Em um reflexo extremo Kal berrou:

- Pelínculo!

O feixe de luz explodiu na frente dos três garotos tirando a visão deles de foco.

Kal conseguira pensar naquilo primeiro que Malvina e Gregori porque fora alertado pelo seu instinto de sobrevivência. Em uma mínima fração de segundos seu cérebro processara que estava correndo perigo, gerou uma resposta imediata ao ataque e seus músculos agiram prontamente.

- Bom trabalho! – elogiou Malvina.

Gregori e a clériga agarraram Kal pelo braço e correram os últimos vinte metros juntos até um abismo que separava a Sala das Diferenças.

- *Escaparta!* – os três garotos da equipe adversária já estavam de pé atacando.

Kal olhou para trás, achou que o Pelínculo não funcionaria novamente. Parou por uns instantes e avaliou suas opções, não eram muitas. Tentar um salto de sete metros sobre o abismo ou encarar os três rivais.

- *Amständer!* – exclamou Gregori acertando um dos inimigos que acabou tropeçando e derubou os outros dois.

- *Escaparta!* – o feitiço vinha de outra direção de encontro com Kal, mas Malvina posicionou-se entre os dois e desmaiou em seguida.

A ante-sala agora estava tomada por alunos de Katzin. Estavam todos os sete ali. Eram sete contra apenas Gregori e Kal.

Uma explosão ocorreu atrás dos katzenianos e os quatro outros alunos de Tadewi haviam surgido. Eles destruíram a parede do labirinto e os estilhaços derrubaram alguns rivais, contudo, Rick estava muito bem protegido por um escudo mágico conjurado por um garoto baixo e gorducho.

Gregori partiu para cima dos outros pronunciando mais feitiços do que sua boca conseguia suportar.

- *Linglesingle, Escaparta, Amständer, Réplica...*

Ele havia nocauteado três de Katzin, no entanto um garoto bem alto e ossudo disparou um feitiço contra Gregori que o acertou bem no peito e dividiu-se em pedaços menores acertando os outros competidores de Tadewi.

Gregori voou bem uns três metros e ficou imóvel, assim como os outros. O caminho estava livre para que os katzenianos pudessem render Kal e se proclamassem campeões. Entre eles estavam os corpos caídos de seus companheiros de equipe e atrás um abismo que não lhe dava escolha. Ele estava sem opções. O que estava para fazer era quase suicídio. Encarar toda a equipe sozinho.

Kal empunhou a varinha decidido, mas ouviu um ruído. Era Gregori, jogando sua última carta. Um verdadeiro Ás.

- *Cefalotúrgia!* – diferente do que todos pensavam, o feitiço veio em direção a Kal, por um breve momento ele pensou em desviar, mas pensou melhor. *Talvez seja isso mesmo.*

O feitiço acertou o rosto do garoto provocando-lhe um formigamento incômodo. Sua respiração falhou, mas ele não conseguia abrir a boca. Os lábios estavam colados. Ele sentiu seu crânio inflar. Seus pés estavam largando o chão, ele tateava mas era irreversível. Sua cabeça enchera tanto quanto um balão e ele estava flutuando.

A platéia aplaudiu de pé muito surpresa. Os katzenianos ficaram sem reação. Kal estava cada vez mais alto e olhou para baixo, viu Malvina caída. Sentiu que seus lábios podiam se abrir e então disse.

- *Corparo!* - o feitiço de cura que Jonathan o havia ensinado fora bem útil. Malvina estava de pé novamente e rapidamente curara os outros. No entanto, assim que terminou o feitiço seus lábios não conseguiram se fechar e um forte sopro fugia pela sua boca.

Kal parecia ter se tornado uma bexiga de festa de aniversário. Seu corpo estava sacolejando no ar devido a pressão que saía de si. Aos poucos ele sentiu que sua cabeça estava voltando ao tamanho normal e estava sobrevoando a Sala das Diferenças. Kal aterrissou no chão de terra levantando um pouco de poeira. Estava deitado olhando para o céu quando o marcador automático começou a contar os dez minutos de espera. Ele havia conseguido. Estava na Sala das Diferenças.

A platéia continuava a aplaudir de pé. Tirso vibrava no camarote ao lado do Escritor da Terra. Até mesmo Cadius lhe sorria simpaticamente.

Agora é só aguardar, pensou Kal. Ele contou cada segundo no marcador de número roxo. Kal cansara de observar a sala, que não passava de um lugar esférico, com terra e algumas rochas mal dispostas.

Pelo barulho que o público fazia, as coisas pareciam estar esquentando do lado de fora. A equipe de Katzin tinha mais quatro minutos para mandar Rick, o que Kal torcia para não acontecer. Não que ele tivesse medo do oponente, muito pelo contrário, estava esperando pela chance de bater nele há muito tempo, mas não queria que fosse em frente a mais de mil pessoas.

Três minutos. Esperar ali era muito angustiante. Kal não tinha se quer noção do que se passava lá fora. Tinha em mente que no próximo ano ele seria o Desafiante titular, já que Raiam estava se despedindo de Avalon. Kal teria que se acostumar com a Sala das Diferenças.

Dois minutos. Um pensamento rápido lhe veio à cabeça. Rick Wosky havia dado a suspensão a Raiam propositalmente, na certa esperou por uma boa oportunidade e aplicou o castigo. Rick sabia que não teria a menor chance contra ele.

Um minuto. Kal estava odiando ainda mais Rick.

Para seu espanto, alegria e descontentamento, Rick Wosky pairava a alguns metros do chão atravessando a parede da sala e aterrissando a uns vinte metros de Kal.

Ele havia chegado do mesmo modo que Kalevi, com a cabeça na forma de um balão.

- Que original, Wosky. – debochou.

- Contente por me ver, Foster? – cuspiu no chão.

- É claro que estou. *Escaparta!*

- Pelas barbas de Merlin! – exclamou o locutor – Estes desafiantes não estão brincando!

- Nem um pouco. – concordou Rick esquivando-se do ataque de Kal e lançando o seu pró- prio – *Linglesingle!*

O feitiço acertou o peito do garoto, mas pareceu não surtir efeito. Apenas pareceu...

- *Escapaaartaaa!* – disse Kal em um forte sotaque de cantor de ópera.

- Inacreditável! – narrou a voz – Rick Wosky acertou uma maldição que transformou a voz de Kalevi! Tudo que ele disser sairá como música.

- O que estáááa acooonteceeeendoooo? – questionou, mas não tinha tempo para isso. Rick Wosky estava atacando rapidamente.

Kal estava relembrando dos feitiços de cura que Jonathan havia lhe ensinado, mas era impossível realizá-los cantando. Primeiro teria que se livrar da maldição. Mas como?

- Qual o problema Kalevi? O gato comeu sua língua? – debochou Wosky enquanto conjurava vários feitiços.

- Parece que Kalevi Foster está levando uma surra de Wosky! Será que Katzin será a campeã?

Jamais. Pensou Kal. Em hipótese alguma ele permitiria que Wosky levasse a vitória. Se fosse preciso derrubaria-o no braço. Sim, talvez aquela fosse a única saída...

- Como é, Foster? Não vai me atacar? – gargalhou Wosky.

- Parece que Rick está usando a velha tática da provocação! – exclamou a voz – Se Kalevi resolver largar a varinha e usar os punhos será desclassificado.

- Maldiiiiitoooo! – praguejou Kal – Tentaaaandooooo me enganaaaaaar...

- *Escaparta! Amstãnder!* – Rick continuava com os seus sucessivos ataques e Kal, ainda amaldiçoado pelo Linglesingle não podia se quer defender-se.

Braços. Pernas. Queixo. Costelas. Ombro.

Wosky atacava por todas as direções. Já sem forças, Kalevi caiu no chão. O suor pingava de sua testa, estava exausto. Não era o que ele tinha em mente, ser açoitado por Rick. Em seus pensamentos ele erguia a varinha e acertava Wosky no peito e vencer a partida. Parece que agora estavam quites. No começo do ano, Kal o vencera em um rápido duelo. Naquela ocasião Rick havia derrubado-o, mas ainda assim ele o venceu. *Por que seria diferente agora?* Pensou Kal.

- Vamos Foster, desista! – berrou Rick – *Dunkel!*

A maldição acertou-o em cheio. Os ossos de Kal estavam se revirando, seus órgãos também pareciam mudar de posição. Era terrível a dor. Kal sentiu seus dedos dos pés serem sugados para dentro do corpo e brotarem em sua testa. A maldição estava sugando os poderes de Rick. Aparentemente, não era tão simples realizá-la em humanos. Wosky estava suando. Cortou o feitiço e Kal voltou ao normal.

- *Escaparta!* – berrou Rick recuperando suas forças – Você é bem resistente.

Kal estava se levantando aos poucos. Quando ergueu o rosto exibiu seu sorriso. Sem perceber Rick havia retirado a maldição *Linglesingle*. Pelos princípios das maldições que Amadeus ensinara em sua primeira aula, um corpo não pode receber duas maldições ao mesmo tempo, sendo que a segunda anula a primeira. Dunkel havia sido a segunda maldição, que retirou o efeito do *Linglesingle*. Felizmente, Rick não se lembrara disto.

- Porque está rindo? É masoquista? – bufou Rick.

Kal não ligaria para as provocações do rival. Tinha uma boa oportunidade e não iria desperdiçá-la. Ele não estaria preparado para se defender, era agora ou nunca.

Meio que sem jeito, Kal ergueu-se por completo. Tremulamente apontou a varinha para Wosky e berrou a plenos pulmões:

- *Seductos!* – uma forte luz negra esverdeada escapuliu da varinha de Kal avançando para Wosky que estava apavorado. Cinco metros antes de acertá-lo a luz transformou-se em chamas negras acinzentadas que engoliram o garoto por completo.

Após o efeito, Rick Wosky ficou pálido, como se todo o seu sangue subitamente tivesse evaporado. Os olhos dele vagavam no vazio. Em um baque o corpo caíra no chão.

Mais do que imediatamente seis bruxos esfumaçaram dentro do campo. Amadeus, Cristina, Escritor da Terra e outros dois bruxos vestidos de branco cercaram Rick combinando feitiços para reanimá-lo. O sexto bruxo, Tirso, foi até Kal com uma expressão furiosa na face.

- Acompanhe-me. *Agora!* – disse rispidamente.

Tirso era o professor favorito de Kal. Ele sempre ouvia seus problemas e indiretamente o ajudava. Tirso raramente se aborrecia, na verdade, Kal só o vira naquele estado por uma vez, quando conjurara Donovan em sua sala de aula.

- Professor, o que aconteceu? – perguntou Kal, mas logo desejou que não tivesse dito nada.

- Não seja irônico comigo, Foster! Você sabia muito bem o que estava fazendo. – retorquiu. Naquele momento Tirso parecia muito mais com Amadeus.

Os dois saíram do campo em silêncio e seguiram até o vestiário. O professor abriu a porta com a varinha a uns cinco metros de distância. Entraram. O lugar estava vazio, não tinha qualquer outra saída. O que Tirso iria dizer a Kal?

- Professor? – chamou Kal.

Ele não respondeu. Dirigiu-se para um armário com a varinha erguida e começou a sussurrar encantamentos. Então ordenou que Kal entrasse.

- É um armário...

- Entra já! – resmungou seriamente.

Kal puxou a maçaneta e entrou, mas logo percebeu que não estava em um armário, e sim no corredor do quinto andar do castelo. Tirso parecia ter criado um portal que ligasse o armário na Cidade dos Elfos até Avalon.

O professor bateu com a porta e ela desapareceu na parede.

- Trambolho! – disse à estátua do dragão que logo abriu as asas, permitindo que Kal e Tirso entrasse na sala do diretor – Prof. Cadius, trouxe Foster.

- E como está o jovem Wosky? – perguntou.

- Ainda não sei, professor. No momento em que saímos estava sendo reanimado. – informou Tirso.

- Muito obrigado professor Tirso. Agora, creio que Kalevi e eu precisamos conversar. Novamente.

- Sim, senhor. – disse Tirso e saiu.

- Professor! O que aconteceu? – perguntou Kal – Porque todos estavam nervosos?

- Lamento por você ser tão ingênuo, Kalevi. – desabafou Cadius
– O que aconteceu hoje poderá desencadear uma sucessão de fatos que vão marcar toda a sua vida.

- O que está acontecendo? – perguntou quase que implorando.

- Não acredito que eles vão te acusar de assassinato. No entanto você deve estar prepara- do.

- *Assassinato?* – indagou o garoto demasiadamente assustado.

- O feitiço que você lançou em Wosky é o mais mortal de todos, ao que se sabe. – Cacius enfatizou bem as últimas palavras – Nem mesmo Kricolas tem coragem para usá-lo. Sabe por quê? Porque é um feitiço catastrófico.

- Professor eu não entendo...

- Deveria. Você já sabia qual era o efeito. – afirmou Cacius decidido – Você o aprendeu e quis usá-lo.

- Eu não... Professor...

- Não tente me enganar novamente. Sempre soube que você havia visto o jovem Satler morrer. – falou Cacius perdendo o seu ar de serenidade.

- Morrer? – questionou atônito.

- Sim, morrer. Você o viu no dia em que ganhou o teste para Desafiante reserva. Você me disse que viu dois bruxos lutando e que um venceu o outro. Satler foi assassinado naquele dia, numa situação semelhante a que ocorreu hoje.

- Eu matei Rick Wosky? – perguntou Kal em choque. Cadius fechou os olhos por um momento e explicou:

- Sedructos é a maldição da morte. Quem a usa vencerá o seu inimigo assassinando-o, mas será eternamente perseguido pela sua vítima, e o efeito da maldição que o acompanha.

- Quer dizer que Satler persegue quem o matou até hoje?

- Sim. – respondeu o diretor – Amadeus Wosky está condenado a ser eternamente perse- guido.

A notícia chegou a Kal como uma pedra de gelo no estômago. As pernas fraquejaram e ele sentou-se em uma cadeira atemorizado. Colocando a cabeça entre as mãos olhou para Caci- us em busca de mais respostas.

- Amadeus... Amadeus Wosky assassinou este tal de Satler? Caci- us assentiu.

- Satler era o irmão de Tirso.

Esta outra revelação fora ainda pior. Agora Kal entendia porque Tirso chamava Amadeus de amaldiçoado. Porque ele realmente era. Eternamente amaldiçoado pelo espírito de Satler.

Amadeus usara o Sedructos na Sala das Diferenças contra o desafiante rival. Agora Kal repe- tia a história...

- Sim, Kalevi. A história sempre se repete... – falou Cacius como se lesse os pensamentos dele – Por isso é tão importante estudá-la, compreendê-la, para não repetirmos os mesmos erros. E você tem o dom de alcançar o passado como se fosse o presente, se o tem e o usa precisa de responsabilidade.

Cacius estava sendo levemente severo, na opinião de Kal. As palavras eram duras, mas o diretor recompusera o ar sereno e uma expressão misericordiosa.

Entendendo a gravidade do problema, Kal ergueu seus olhos afogados em lágrimas presas na direção dos de Cacius e perguntou:

- O que vai acontecer comigo, professor?

- O mesmo que aconteceu ao professor Amadeus. – Kal engoliu em seco esperando a continuação – Receberá a maldição que lançou e nada mais. Não mandam garotos de treze anos para Warren. Não por usarem Seductos. A maldição que vai lhe cair é o pior castigo que uma pessoa pode receber.

- Professor... – suplicou – Eu não queria... Juro...

- Acredito em você, Kal. – Cadius colocou a mão no ombro dele – Mas cometeu um erro tremendo. Foi ingenuidade, sim, foi, mas ainda assim será penalizado.

- Não há como trazê-lo de volta? – perguntou em última esperança.

- Não. – respondeu rapidamente – Nenhuma mágica no mundo é capaz de vencer a morte ou criar a vida. Manipular esta benção está

muito além dos poderes de um bruxo. É muito superior, algo que não pertence a nós, mortais...

Kal choramingou, mas percebeu que aquela não era a hora. Precisava ser forte, já que passaria o resto dos seus dias sendo atormentado por Rick Wosky.

Do lado de fora da sala de Cadius, no corredor do quinto andar, Ralph, Guinevere e Thalís o aguardavam ansiosos. Thalís e Ralph que ainda estavam com os rostos pintados, estampavam largos sorrisos. Kal olhou para a figura dos três e pensou. “*Tão ingênuos quanto eu...*”

- Você ganhou Kal! – exclamou Thalís – Você venceu Rick! Tadewi é campeã!

- A que preço... – resmungou Kal.

- Este, definitivamente, não é o comportamento típico de um campeão. – falou Ralph animado – Vamos comemorar! Estão todos indo para Tadewi comemorar nossa vitória.

- Fica quieto, Ralph. – disse abruptamente Guinevere percebendo o olhar vago de Kal.

- Mas o que...

- Ralph! Fica quieto. – repreendeu outra vez – O que Cadius lhe disse?

- Que eu matei Rick Wosky. – respondeu e imediatamente Guinevere levou uma das mãos à boca.

- Não pode ser... Aquele feitiço que você... – gaguejou Ralph.

- Sim. Foi a maldição da morte.

- Maldição da morte? – indagou Thalís.

- Quem o usa mata o inimigo, mas será atormentado pelo espírito da sua vítima. – explicou Kal.

- Quer dizer... Quer dizer que Wosky...

- Isso mesmo Guinevere. Ele vai me perseguir por toda a vida.

- Porque o professor Amadeus não nos advertiu logo sobre esta maldição? – questionou Thalís.

- Para que ele tenha com quem compartilhar da mesma dor. – respondeu Kal rispidamente.

- O quê? – espantou-se Guinevere.

- Amadeus Wosky também usou o Sedructos uma vez. – explicou Kal.

- Contra quem? – quis saber Thalís.

- Um garoto chamado Satler. Irmão do professor Tirso. Outra vez Guinevere levava a mão à boca.

- E agora eu também estou fadado à maldição.

Meio segundo após Kal fechar os lábios, Daimon e Jonathan surgiram no final do corredor e se aproximaram deles dando longos passos.

- Kal! Kal! – gritava Daimon sacudindo os braços – Rick, Rick Wosky... Morto...

- Eu sei... Não precisava me lembrar que sou um assassino...

- Cristina, Amadeus, Escritor da Terra e os clérigos que estavam no campo reanimaram e- le. – completou Jonathan vendo que Daimon não conseguira dar a notícia por completo.

- O que? Rick não morreu então? – perguntou Ralph.

- Rick Wosky está vivo? – insistiu Kal segurando Daimon pelo ombro.

- Sim, sim, está... Os clérigos disseram que você não é forte o suficiente para lançar um Seductos mortal. – informou Jonathan – Mesmo tendo o Enid de Donovan você não tem os poderes desenvolvidos, porque ainda é jovem, inexperiente...

- Sem detalhes Jonathan. – interrompeu Kal sentindo como se tivesse arrancado uma mancha das próprias costas.

- Viemos dizer outra coisa a vocês. – prosseguiu Daimon e Kal assentiu para que continuasse – Logo depois de todo o alvoroço com Rick e dos alunos de Tadewi saírem comemorando a vitória,

eu e Jonathan vimos Nicolas Weny correndo para o pomar de maçãs acompanhado de uma pessoa, os dois estavam encapuzados, mas ainda assim o vimos.

- Como? – espantou-se Kal – O que ele quer fazer lá agora?

- Acho que tem alguma coisa a ver com a Página perdida. Ele estava com ela em mãos e mostrou para a pessoa do lado dele. Não tenho a menor idéia de quem possa ser, mas meu palpite me diz que devemos fazer alguma coisa.

- Confio no seu palpite, Daimon.

- Obrigado, mas o caso é que ele não está agindo da maneira normal que um historiador deveria agir. Ele veio para cá para responder alguns mistérios sobre o Livro de Merlin, encontrou uma resposta e agora não quer contar para ninguém. Não confio mais nele.

- Preciso ver esta página. – falou Kal decidido.

- Para quê? – pergunto Thalís.

- Preciso descobrir o que há nela.

- Kal, ele é perito! – continuou Thalís.

- Ele pode ser perito, mas não pode ver o passado.

- Hã? – Guinevere deu de ombros.

- Por que Merlin rasgaria o próprio livro? – indagou Kal já andando pelo corredor.

- No que você está pensando? – perguntou Ralph.

- Porque ela é perigosa! Cadius deve ter razão quando disse que nela não há algo de bom. Nicolas pode tornar-se perigoso se conseguir entender o significado da Página perdida.

- Faz completo sentido! – disse Thalís.

- Ok. Ok. Tudo bem, nós vamos com você, Kal. – falou Guinevere. Ralph, Jonathan, Thalís e Daimon balançaram a cabeça positivamente.

A Cidade dos Elfos estava de pernas para o ar. Pessoas corriam agitadas arrastando bagagens para todos os lados. Alguns alunos de Tadewi ainda davam gritos de campeões. Infelizmente, Kal perdera toda a comemoração em Tadewi, nem ao menos vira Malvina erguer a taça no meio do campo, ele nem chegara a ver a taça.

- A maioria dos alunos está indo hoje. Nem vão esperar pelos resultados finais. São os que têm certeza de ter passado. – falou Jonathan – Meus pais só chegam amanhã, se não iria também.

- Espero podermos ir para casa amanhã também, Kal.

- Ok, Daimon, agora precisamos encontrar Wenly.

- Direto para o pomar. – disse Thalys.

Avançando entre a multidão o mais rápido que podiam, Kal, Ralph, Guine, Thalís, Daimon e Jonathan seguiram até o suposto lugar em que Weny estaria. Frente a frente com o bruxo Kal contaria a ele sobre os seu dom e em seguida pediria para olhar a Página perdida. Tentaria ver o passado do objeto e assim, julgaria se era certo confiá-la a Nicolas Weny. Desde o momento em que o bruxo pisara na cidade, Kal manteve um certo receio, o que foi reforçado com o pedido de Cacius para vigiá-lo. Ele devia muito a Cacius e agora saudaria a dívida.

Os seis continuaram a correr e empurrar quem quer que estivesse no caminho. Kal viu de longe Rick em uma cadeira de rodas, estava pálido e magro. Pensou em ir falar com ele, mas a hora era imprópria.

- Ele não teve pena de você dentro do campo. – falou Ralph percebendo que Kal diminuía o ritmo – Agora temos algo mais importante a fazer.

- Tudo bem. – confirmou Kal apressando-se.

Eles já podiam sentir o cheiro das flores vindo do pomar. Ele estava a poucos metros. As folhagens surgiam e ficavam mais próximas. Lá estava. O pomar de maçãs no meio da floresta amazônica, com suas árvores carregadas de frutos vermelhos. Exceto uma. A árvore central é mais antiga de todas. A árvore que estava pintada na sala de Cadius, com Merlin sob sua sombra.

Thalis foi o primeiro a entrar no pomar, logo em seguida entrou Kal acompanhado pelos outros. Eles se esconderam por trás de um arbusto. A alguns metros dali estava Nicolas Weny sondando o lugar como se procurasse por algo. O bruxo parecia ser o mesmo de sempre, no entanto a pele estava levemente enrugada e não usava a tradicional gola de rufos. A pessoa que Daimon e Jonathan viram acompanhando o bruxo não estava ali.

- Olhem aquilo! – disse Kal apontando para o pescoço de Weny.

- É a... – gaguejou Jonathan.

- Flor-de-Lis! – exclamou Ralph – Ele era de Warren, prisioneiro!

Nicolas Weny averiguou se o pomar estava vazio, mas não percebeu que seis alunos do primeiro ano estavam logo atrás dele. O bruxo começou a remexer e a sacudir o corpo de um lado para o outro. Kal achou tudo aquilo muito familiar, mas preferiu ficar observando o que estava acontecendo.

- Transformação! – cochichou Daimon – Ele está se transformando...

Alguns segundos depois a criatura transformada virou-se na direção dos seis e soltou um forte grunhido de liberdade. No rosto do ser transformado estava impressa a imagem do bruxo mais procurado do país, Kricolas. Era a mesma face monstruosa que Kal, Ralph e Guinevere viram na carta enviada pelos pais de Ralph no começo do ano.

- Pelas barbas de Merlin! – O Sr. Weny é Kricolas! – espantou-se Daimon deixando-se cair no chão.

- Devemos avisar Cadius... – gaguejou Jonathan ainda incrédulo.

- Faça isso! – confirmou Kal.

- Então vamos! – disse Guinevere.

- Eu não vou. – disseram Kal, Ralph e Thalís juntos.

- Jonathan, vá e avise Cadius e a quem mais você vir, vou ficar também. – anunciou Dai- mon.

- Eu também fico então. – disse Guinevere logo em seguida.

Jonathan acenou com a cabeça e saiu apressado por entre as árvores. Kricolas estava em frente ao pé de maçã mais antigo do pomar, tocou o seu envelhecido tronco e suspirou profundamente com o se experimentasse o cheiro doce de uma flor. Ergueu um dos braços e alcançou o único fruto da árvore.

- O que ele está fazendo? – perguntou Thalís mesmo sabendo que ninguém o daria uma resposta.

Calmamente Kricolas mordeu a maçã e pareceu saboreá-la de forma inestimável. Depois de devorar todo o seu polícarpo, a parte maciça e branca da maçã, Kricolas separou as sementes e admirou-as por um instante. Mexeu os lábios e as sementes voaram de suas mãos nodosas carregadas pelo ar.

Kal olhou para aquela imagem sem entender, mas para Kricolas parecia fazer sentido. Ele se aproximou de onde as sementes haviam caído na terra. Sorrindo ergueu o dedo indicador esquerdo e mais uma vez mexeu os lábios.

Uma densa nuvem surgiu a sua frente produzindo uma leve chuva. A água irrigou as sementes quebrando sua dormência. As raízes foram sugadas para o fundo da terra e as sementes brotaram imediatamente erguendo um pequeno e fino caule que rapidamente foi aumentando de tamanho e espessura, criou casca e ficou da grossura de um pescoço humano.

As primeiras folhas caíram rapidamente e em seguida flores de cinco pétalas foram brotando e em menos de cinco segundos estavam transformando-se em frutos. Mas não surgiram maçãs. Surgiram folhas de pergaminho.

- Deve ser o Livro de Merlin! – falou Kal desesperado – Não vou deixar Kricolas pegar aquele livro.

Kal levantou-se decidido. Iria queimar a árvore e impedir que Kricolas colhesse as páginas do livro mais poderoso do mundo.

Ele abandonou o esconderijo e Kricolas o encarou com um olhar de desprezo.

- *Efesto!* – disse Kal com a varinha apontada para a árvore que foi atingida pelas chamas e entrou em combustão – O Livro de Merlin jamais será seu, Kricolas!

A pequena macieira estava reduzida a um punhado de cinzas, no entanto, diferente do que se esperava, Kricolas mantinha uma aparência tranqüila e disse, finalmente:

- Fogo. O elemento que faltava!

- CAPÍTULO XVIII -

O primeiro túmulo

Kal não entendia o que significava aquele sorriso no rosto de Kricolas. Ele acabara de queimar as páginas do livro mais poderoso do mundo. Graças a Kal, o Livro de Merlin jamais serviria aos propósitos maléficos do meio-vampiro. No entanto, Kricolas ria deliberadamente, gargalhava uma vitória. Mas seria a vitória um punhado de cinzas e uma planta chamuscada? *Certamente, ele ficou doido perdendo o Livro de Merlin no último instante.* Pensou Kal.

- Já era, Kricolas! – berrou ele – Seu conto de fadas chegou ao fim! Não é meia-noite, mas a carruagem virou abóbora!

- Não sabia que os Foster tinham tanto senso de humor. – disse ele revelando uma voz rouca e arrepiante, quase que forçada – Mas certas coisas nunca mudam. Novecentos e noventa e oito anos se passaram e os Foster continuam intrometidos. É claro que você sabe o que aconteceu ao último que se meteu no meu caminho.

- Derrotou seu mestre e todo o seu exército! – respondeu Kal desafiadoramente. Estava sendo demasiado corajoso em enfrentá-lo, mas não estava sendo nada esperto.

- Acho que não lhe contaram a parte em que eu o matei. – disse – Não foi difícil, ele não tinha mais poder mágico. Idiota! Destruiu um poderoso Enid pelos humanos que perseguiram seu povo. Logo depois que mestre Donovan me transportou para outro lugar eu consegui retornar, mas aquele Foster imundo já havia utilizado o maldito Perpétuo. Sobrou apenas o seu corpo medíocre caído no chão.

- E você covardemente o matou. E depois de muitos anos preso resolveu fugir. Por quê? – Kal não sabia ao certo o que deveria fazer, mas achou que enrolar Kricolas até que Cadius chegasse era uma boa idéia.

- Warren não estava incluída nos meus planos de aposentadoria. Além do mais, pequeno Foster, um pouco de ação rejuvenesce o meu espírito.

- E sair matando pessoas inocentes é ação? – perguntou Kal ríspidamente – Eu chamo de covardia!

- Por favor, não me ofenda! Eu mato para ter poder! Sacrifício humano. Muito útil.

- O quê? – perguntou atônito.

- A vida humana vale muito para mim, pequeno Foster. É uma grande fonte de poder. Com minhas primeiras sete vítimas realizei um belíssimo ritual de invocação para o Enid do meu mestre, que estava vagando perdido, mas Cadius e algumas dúzias de bruxos intrometidos impediram que ele pudesse se apossar de um recém-nascido. Isso não foi nada legal da parte dele. Não, não foi. Quando percebi o que haviam feito... ah, pequeno Foster, fiquei furioso. Jurei matar todos eles! Mas então, eu soube do que ficou conhecido como o milagre Foster.

Meu milagre. Senti a energia do mestre Donovan viva em você. Da mesma forma que estou sentindo agora!

- Eu não sou Donovan! – berrou Kal.

- Não. É claro que não é. Mestre Donovan é parte de você. Posso sentir a fúria e o ódio! Venha comigo pequeno Foster. Vou ajudar-lhe a despertar todo o poder do mestre. – disse Kricolas erguendo uma das mãos.

- Não se aproxime! – advertiu Kal – Não estou sozinho!

- Eu sei que não. – Kricolas sorriu maliciosamente e fazendo um simples gesto com as mãos fez com que Guine, Ralph, Daimon e Thalís fossem arremessados até o lugar em que Kal estava de pé.

- Deixe-os fora disso! – gritou.

- Mas foi você quem os envolveu... – falou debochadamente – Olhem, é o jovem Thalís. Thalís o encarou com fúria nos olhos. Kricolas havia assassinado seus pais aparentemente sem motivo. Eles eram humanos, totalmente sem poderes, nunca haviam interferido nos seus planos. Ele não tinha motivos para atacá-los.

- Por que fez aquilo? – perguntou Thalís raivosamente – O que eles tinham a ver?

- Ora! O que dizer? Eu precisava de mais vítimas para outro ritual. Então pensei em visitar uma velha amiga.

- Ve-ve-lha a-a-mi-ga? – balbuciou Thalís permitindo-se que lágrimas cortassem o seu rosto.

- Você tem sorte por eu estar de muito bom humor hoje, garoto. Escute. Sua mãe era bruxa! Filha de dois grandes Guardiões de Warren. Na minha fuga, há alguns anos, eles se meteram no meu caminho e pagaram com a vida por isso. Com a morte dos pais, sua mãe quebrou a própria varinha e desvinculou-se do mundo mágico para viver uma vida humana medíocre.

- Cale a boca! Cale a boca! Não fale dela! – berrou Thalís.

- Foi divertido vê-los morrer. Principalmente seu pai, que morreu sem ao menos entender o que estava acontecendo. É uma pena que você tenha conseguido escapar tão facilmente. Teve muita sorte, sabia? Poucos bruxos menores de idade esfumaçam tão bem.

- Eu disse para se calar! *Escaparta!*

Nem mesmo se Thalís concentrasse toda sua fúria no feitiço ele produziria qualquer efeito em Kricolas. O meio-vampiro permaneceu inalterado, mas Thalís havia se deixado cair pelas emoções e desatou a chorar.

- Não se preocupe, meu jovem. Posso te mandar para seus pais agora mesmo. – falou.

- Nunca! Não haverá mais mortes! – grunhiu Kal – Ninguém vai morrer à toa!

- Ninguém morre de graça, pequeno Foster. A morte dos pais do seu amigo foi necessária para que eu pudesse encontrar isto! –

Kricolas ergueu uma folha de pergaminho encardido. – Sabe o que é?

- Uma página do Livro de Merlin. – arriscou Daimon.

- Exatamente! – falou Kricolas encarando o garoto – E na minha opinião a melhor. Há uma lenda britânica que diz que Merlin e Foster criaram um feitiço destrutivo. O feitiço da morte, que diferente do Sedructos ele mata, mas não amaldiçoa. Merlin achou que seria perigoso e resolveu tirá-lo do livro queimando-o logo em seguida. Precisei de muita pesquisa e duas mortes para recuperá-la. Mas valeu a pena.

- Será a sua única página Kricolas!

- Não tenha tanta certeza disso, pequeno Foster.

Kricolas retomara seu sorriso malicioso e penetrante. Ele os encarava com leve desprezo. Não se importava em ter cinco garotos do primeiro ano na sua cola, afinal, o que poderiam fazer sozinhos?

O meio-vampiro agachou-se e enfiou uma de suas mãos no amontoado de cinzas que havia se tornado a pequena macieira que Kricolas plantara e que Kal, deliberadamente, ateara fogo. A cena estava seguindo-se quase como em câmera lenta. Kricolas puxava o seu braço de volta, quando o ergueu com mais firmeza revelando um objeto retangular.

- O Livro de Merlin! – falou com entonação.

O livro de capa vermelha com detalhes dourados passaria despercebido dentro de uma biblioteca. Nada nele chamava a atenção, nenhum efeito brilhante ou de alguma forma, magicamente encantado.

- Finalmente meu! – continuou Kricolas em frenesi.

Ele abriu o livro à procura da parte em que a página fora arrancada. Quando localizou, ele ergueu o pergaminho que encontrou na Cidade dos Elfos e o devolveu ao lugar original. Num raio de luz ofuscante o livro se restaurou.

- Completo. E é meu...

- Mas como? – perguntou-se Kal – Eu o queimei...

- Você apenas me ajudou, pequeno Foster. Deixe-me esclarecer. Existem quatro elementos fundamentais na magia, e Merlin os conhecia muito bem. Outro ponto importante é a maçã, a transmissora do conhecimento. Esta macieira – disse apontando para a árvore mais antiga do pomar – foi plantada pelo próprio Merlin, e o grande segredo do bruxo estava escondido dentro das sementes do fruto dela. O *ar* as carregou. Caíram na *terra*. Foram irrigadas pela *água*. Geraram a vida e você, Kal Foster, usou o *fogo*, o elemento que faltava para que o Livro de Merlin pudesse ser meu!

- E o que vai fazer agora? Dominar o mundo... – perguntou Guine pomposamente.

- O mundo é grande demais, garota! Não vou dominá-lo, mas meu mestre irá.

Kricolas repetiu o gesto de mão que usou contra Guine, Ralph, Daimon e Thalís, fazendo Kal aproximar-se tanto dele que era possível sentir a respiração do vampiro.

- Vamos embora, pequeno Foster. Vou lhe ensinar o que precisa saber para dominar a raça humana.

- *Nunca!*

- *Largue ele!* – berrou Ralph correndo até os dois.

Kricolas o fez voar cinco metros até bater em uma árvore.

- *Farfalha!* – berrou Kal com a varinha apontada para o rosto de Kricolas.

O meio-vampiro recebeu os golpes e caiu pesadamente no chão gritando de tanta dor.

- Corra, Kal! – gritou Guinevere e Kal atendeu-a prontamente, mas Kricolas também foi rápido e o agarrou pela perna direita derrubando-o.

- *Escaparta!* – o feixe de luz azul liberado por Kal atingiu o queixo ensangüentado de Kricolas, mesmo assim ele não cedeu e continuou prendendo a perna do garoto.

- *Você vem comigo!* – berrou enfurecido.

- *Amständer!* – o raio amarelado atingiu Kricolas com tamanha violência que ele subitamente largou Kal e o Livro de Merlin foi arremessado contra a macieira logo atrás– Não toque *no meu filho!*

- Pai... – disse Kal entre dentes.

Adonis correu até ele e ergueu-o, apanhando o livro logo em seguida.

- Você está bem? – perguntou ao filho.

- Sim, mas devemos correr.

- Não tão cedo! – Kricolas estava novamente de pé, suas feridas auto-cicatrizando, ele ergueu a mão direita articulando os dedos e conjurou uma varinha de cor avermelhada. Em seguida disse:

- Todos queriam saber o que o renomado Sr. Nicolas Weny havia descoberto com a Página perdida! Pois sim, nela realmente estava o feitiço mortífero criado por Merlin e seu discípulo! Aqueles malditos escreveram o livro em várias línguas e repleto de códigos! Não têm idéia do que passei para traduzir isto. *Morgora Nãltis!*

Um ruído longo e tenebroso atravessou o pomar varrendo-o de trevas. Um único ponto de luz amarela cresceu na direção de Kal e Adonis. Este jogou o filho no chão e recebeu todo o impacto. Sem mais barulhos, Adonis bateu no chão com estrépito.

Kal congelou aquela cena em seu pensamento. Não podia ser verdade. Adonis Foster caíra derrotado, talvez muito mais do que isto. Talvez Kal nunca mais veria seu pai levantar-se. Ele esperou. Esperou que Adonis eliminasse qualquer pensamento negativo da mente de Kal fazendo um simples aceno indicando que estava bem e pronto para cair outra vez e levantar-se novamente se fosse preciso para deter Kricolas.

Kal ainda esperava.

Os segundos se estenderam como horas e Kricolas gargalhava vitorioso. *Levante! Levante!* Repetia Kal em pensamento como se quisesse conversar por telepatia com o pai que permanecia estirado no chão.

Por favor, ajude-nos! Não pode nos deixar agora! Insistia em pensar.

- Pai! – gritou Kal percebendo que nada que pensasse faria seu pai erguer-se.

Seu coração batia acelerado à medida que se aproximava de Adonis que estava com o corpo inerte e pálido, os olhos carregavam um estranho cinza que olhava para o nada. Todo o ar a sua volta cheirava a morte.

- Maldito! – praguejou Kal uivando como um lobo – Papai... acorde... por favor... acorde... Não me deixe, não... acorde por favor... acorde...

Kal sacudia o corpo do pai inutilmente. Ele evitava pensar que Adonis Foster se fora para sempre.

- Quanto clamor, pequeno Foster.

- *O que você fez, seu maldito?* – gritou Daimon a plenos pulmões
– Acorde ele!

- Lamento filho, mas ainda não sei trazer pessoas à vida.
Ainda... – terminou Kricolas.

- *Seu desgraçado! Eu vou te matar!* – Kal ergueu-se e caminhou
a passos largos até Kricolas com uma mescla de fúria e ódio nos
olhos.

- Sua arrogância começa a me incomodar, pequeno Foster! Há
vários modos de trazer meu mestre de volta ao poder. Saiba que
você é completamente descartável! Vou enviá-lo até o seu querido
papai.

- Kal, não! – gritou Guinevere do outro lado prevendo o que estava para acontecer.

- Morgora Nãltis!

O lampejo amarelo floresceu entre as árvores e disparou em direção a Kal, acertando-o no lado esquerdo do peito desequilibrando-o. Do mesmo modo que acontecera com Adonis, Kal bateu no solo semelhando o barulho de um tambor.

- *Kal!* – Thalís correu o máximo que pode até chegar ao amigo.

- Menos um Foster... – disse Kricolas secamente – Agora o último deles.

Kricolas ergueu Daimon no ar de modo que não pudesse escapar da mira. Mais duas palavras e a família que se intrometera no caminho de Donovan estaria extinta. Salvo Cristina Foster Lê Fay.

- *Morgora...*

No instante final do feitiço, Kricolas foi golpeado no rosto por algo que parecia um chicote. Seja lá o que tivesse acontecido fê-lo largar Daimon e abaixar a varinha.

- Mas... – espantou-se o meio-vampiro ao ver Kal imponentemente de pé depois de ter recebido o mesmo feitiço que matou Adonis de forma instantânea – *Como?*

- Você acertou isto. – disse Kal abrindo a mão esquerda e revelando uma pedra negra em formato oval – Eu ganhei esta ametista de Cadius e o seu feitiço foi absorvido por ela.

- Quanta petulância. Você tem muita sorte, pequeno Foster. Pedras mágicas, como a sua ametista, sugam energia negativa do meio. Excelente escudo. – resmungou.

- *Horbário Obedientis!* – invocou Kal o feitiço que aprendera em Relações com a Natureza - Herviana, quebre a varinha! – dizendo isso uma estranha raiz rasgou a terra aos pés de Kricolas e roubou-lhe a varinha que ele segurava e partiu-a ao meio.

- O que é... – Kricolas estava demasiado confuso agora. Kal Foster havia sobrevivido ao feitiço mais mortal existente e controlava uma planta que quebrara sua varinha.

- Dê os cumprimentos à minha *Herviana gornóide*, Sr. Weny. – falou Kal num tom de voz alterado – *Vai pagar pelo que fez ao meu pai!*

- Hoje não! – Kricolas recolheu o Livro de Merlin e de suas costas surgiu um par de asas parecidas com as de um morcego, mas as dele tinham alguns cortes e ferimentos expostos.

Num único bater de asas, Kricolas decolou dez metros até que Kal desse outra ordem a sua planta.

- Agarre-o! – mostrando total agilidade e força, a Herviana segurou Kricolas pelo pé direito impedindo-o de continuar seu vôo.

- Prof. Cacius! – exclamou Guinevere aliviada ao vê-lo surgir entre as árvores do pomar.

- Já que não foi ao meu escritório fazer uma visita formal, resolvi procurá-lo. É uma pena que seja em tais circunstâncias... – Cacius olhou para o corpo de Adonis estendido ao chão e sua expressão fechou-se em amargura – Por que não desce até aqui?

Cacius ergueu a própria varinha e apontou para Kricolas e como se o controlasse fez com que aterrissasse.

- Há quanto tempo, Kricolas...

- Meu único visitante em Warren...

- Senti a sua falta. Mas vejo que continua cometendo os mesmos erros. Matar Adonis Foster foi o mesmo que assinar sua sentença de morte.

- Já estou morto, Cacius. Por acaso esqueceu que sou um vampiro?

- Meio-vampiro. Ainda tenho esperanças de que aí dentro bate um coração humano.

- *Nunca!* – berrou.

- Professor! Ele está com o Livro de Merlin! – gritou Thalís de onde estava.

- Foi um belo disfarce este de Nicolas Weny. Enganou quase todo mundo.

- Menos a você. – disse o meio-vampiro.

- Precisa muito mais do que maquiagem para enganar esta velha cabeça. – falou Caciús batendo no cocoruto.

- Mas esta velha cabeça não conseguiu encontrar o Livro de Merlin, não é? – riu Kricolas debochadamente.

- Não teria tanta certeza se fosse você. – de onde estava Cadius fez com que o livro se abrisse na última página – Está vendo? São todos os donos do livro. Os que um dia viveram com o Enid de Merlin.

De longe, Kal pode observar a página que Kricolas estava encarando. Nela havia vários nomes escritos em uma lista na qual o nome de Cadius posicionava-se em último.

- Eu e muitos outros protegemos este livro de pessoas como você.

- Mas você é o único que está vivo.

- Sim, por certo. Tenho que admitir também Kricolas que você foi extremamente hábil para encontrar o livro e recuperar a Página perdida.

- Uma das poucas coisas que não foi capaz de fazer, não estou certo? – perguntou Kricolas e Cadius assentiu – Qualquer coisa que envolva sacrifícios te impossibilita de agir, não é?

- Que tal colocarmos isso a prova? – uma voz bem familiar chegou aos ouvidos de Kal. Vi- rando-se ele reconheceu Elvira.

Ela dobrara seus dedos sob a garganta de Guinevere e mantinha-a fortemente presa. A menina tinha a vida nas mãos da mulher.

- Solte o mestre Kricolas que eu solto a garota! – vociferou.

- Isso explica muita coisa... – falou Cadius pensativo.

- Deixe-o fugir com o livro e ninguém mais sai ferido! – disse Elvira apertando mais firme a garganta de Guinevere – E então Cadius? Vai ser o livro ou a garota? Nem tente fazer algo contra mim! Ela não é a única que está como refém!

- Eu sei perfeitamente que você também fez a Sr^a Foster de refém. – disse Cadius lendo os pensamentos da bruxa.

- Mamãe! – exclamou Kal desesperado – O que você fez com ela?

- Ainda não fiz nada, mas se Cadius não libertar o meu mestre, só restarão você e seu ir- mãozinho vivos.

- Professor... – disse Kal suplicante.

- Nunca sacrificaria alguém, por qualquer motivo que seja.

- Solte-a! – gritaram Ralph e Thalís.

- Kricolas, – disse Caciús – assim que te libertar, você estará no controle. Você já matou Adonis e tem o livro. Não precisa fazer mal a mais ninguém. Há duas opções: ficar, duelar comigo e correr o risco de voltar a Warren, ou fugir e seguir seu plano. Aliás, você tem uma terceira opção.

Todos ficaram atônitos como o que Caciús estava dizendo. Uma das principais características do diretor de Avalon era manter a tranquilidade nos momentos mais críticos, como no dia em que Jonathan aparentemente tentou se jogar da Torre do Sino. Mas

desta vez, Cadius estava muito além do seu estado normal de serenidade. Ele oferecera a Kricolas uma oportunidade de fuga e estava prestes a dar-lhe outra alternativa. O meio-vampiro parecia ligeiramente interessado e penetrou nos olhos de Cadius procurando a resposta.

- Você pode largar tudo isso e viver tranquilamente em meu castelo. – terminou Cadius, o que fez Kricolas gargalhar abertamente.

- E ensinar magia aos seus alunos também está nos planos? Qual é o seu problema Cadius? Isso nunca foi uma opção. Parece-me pior até mesmo do que Warren. – disse Kricolas mudando de alegria a impaciência – Solte-me e tudo acaba bem.

- Depende de qual lado você está. – comentou Cadius.

- Não vou deixar este assassino fugir assim! – berrou Kal.

- Não pode fazer nada, pequeno Foster! Eu venci!

- Depressa velho! Solte-o! – berrou Elvira ainda apertando o pescoço de Guinevere. Cacius assentiu com a cabeça e recuou alguns passos.

- Está livre Kricolas.

Nem bem Cacius terminou de falar e o meio-vampiro soltou um alto rugido e esfumaçou carregando o Livro de Merlin e a certeza de que havia vencido a primeira batalha. Elvira empurrou Guinevere e esfumaçou logo atrás.

- Você está bem? – perguntou Ralph a Guinevere.

Tossindo fortemente e puxando mais ar do que talvez seus pulmões pudessem suportar, ela confirmou estar bem.

Kal e Daimon estavam abraçados e chorando muito ao lado do corpo de Adonis. Nenhum dos dois olhava diretamente para o pai caído ao chão para que suas mentes não aceitassem o que havia acontecido.

- Por quê... – balbuciava Kal deprimido.

- Precisamos levá-lo, Kal. – disse Cadius se aproximando.

- Ele não podia fugir... – gritou Kal com Cadius.

- Nem Amanda e Guinevere podiam morrer. – respondeu serenamente, compreendendo a confusão de idéias que pela qual estava passando o garoto a sua frente.

Guinevere também chorava ao lado de Ralph a quem estava abraçada. Thalís se aproximou de Kal e o ergueu pelos ombros.

- Vamos. – disse ele.

Cacius fez com que o corpo de Adonis levasse em posição horizontal e caminhou lentamente. Os cinco garotos seguiram o professor pela estrada que levava até Cidade dos Elfos. Kal, Guine e Daimon aos soluços, estavam sendo praticamente arrastados por Ralph e Thalís. Ao longe, Amanda esperava-os aflita. Estava com as mãos tapando a boca para tentar conter o choro. De onde estava, Amanda não via o corpo de seu marido que levitava logo atrás de Cacius. Ela desatou a correr na direção dos filhos assim que os avistou.

- Graças a Deus! Adonis foi até vocês assim que... *Ah!* – gritou Amanda desesperada recuando alguns passos – *Adonis!* – gritou novamente aproximando-se do marido que agora estava novamente no chão.

- Lamento, Sr^a. Foster. – disse Cadius em uma voz pesada e pondo a mão no ombro da mulher que desatou a chorar – Não pude fazer nada.

- Não! Adonis... – disse soluçando entre lágrimas – Por quê? Por quê? Adonis, por favor... Kal, Daimon e Guinevere abraçaram Amanda em consolo, mas não sabiam como fazê-lo,

pois também não continham as lágrimas. A única coisa que podiam fazer era ficar ali ao lado do corpo de Adonis tentando entender aquela situação. Assimilando que nunca mais veriam um sorriso de seu marido e pai. Compreendendo que agora estavam sozinhos, não havia mais aquela figura otimista e carinhosa de sempre, que sabia dizer as palavras exatas em todos os momentos. Imaginando que se Adonis estivesse vivo ele saberia o que fazer em momentos como aquele. Porque ele era assim. Muito mais do que um esposo, muito mais do que um pai. Adonis Foster era um pilar para os quatro, sem ele, não saberiam por onde recomeçar.

Em pouco tempo a cidade amontoou-se no local, professores, alunos e os habitantes prestaram apoio à família Foster. Até mesmo a natureza pareceu sofrer com a perda, pois o céu da Cidade dos Elfos cobriu-se em luto com nuvens negras de chuva, que logo molharam a multidão misturando-se às lágrimas de bruxos, elfos, fadas e todo o resto de criaturas mágicas que se podia imaginar.

Cacius aproximou-se de Kal e colocando a mão no ombro do garoto disse:

- Você merece saber tudo. Provou isso hoje.

Kal esfregou um dos braços nos olhos para que pudesse enxergar o professor com mais nitidez e percebeu que ele abandonara seu ar de serenidade. Mas ele não pôde distinguir se aquela gota em seu rosto era uma lágrima ou simplesmente chuva.

Ele o seguiu por entre as pessoas imaginando o que Cacius considerava digno de Kal saber. Suspeitou que deveria ser algo sobre o seu Enid. Mesmo tendo ouvido do próprio Kricolas que Donovan vivia em seu corpo, Kal não podia acreditar que não fora apenas uma grande coincidência. A cidade parecia estar morta, a chuva fazia um barulho típico sobre os telhados e sobre as copas das árvores na floresta. Não havia pássaros cantando, nem mesmo um vento soprando de dentro da floresta. Era como se todo ser vivo ao redor estivesse prestando uma última homenagem a Adonis Foster.

Cacius guiou Kal até os portões do castelo da Rainha dos Elfos e juntos atravessaram o jardim enfeitado com estátuas de gnomos, curiosamente todos estavam segurando os chapéus cônicos e de rosto erguido para o céu com uma expressão tristonha.

Os dois atravessaram o salão de entrada e seguiram pelos corredores e escadas até a sala circular em que Thalís revelara seu Enid. Cacius encarou Kal nos olhos e franzindo o cenho disse as primeiras frases:

- Isto foi apenas o começo, Kalevi. Kricolas tem o Livro de Merlin e você supostamente sabe o que ele está prestes a fazer.

- Ressuscitar Donovan. – respondeu secamente.

- Sim, mas dizer ressuscitar, faz parecer que qualquer um pode voltar da morte.

- Meu pai, por exemplo. – disse com peso na voz.

- Diremos que Kricolas quer dar um corpo a Donovan. – falou Cadius disfarçando o sentimento de Kal – Ele já tentou fazer isto há sete anos. Quando trouxe ao nosso mundo o Enid de seu mestre.

- Mas vocês o impediram que possuísse um recém-renascido.

- Não contávamos que o Enid de Donovan se apossasse do seu corpo.

- Ele não conseguiu se apossar de mim! – retorquiu Kal.

Cacius lançou-lhe, imediatamente, um olhar contraditório e prosseguiu.

- Restou a Kricolas roubar o Livro de Merlin para conseguir o Enid de volta.

- Por que ele simplesmente não me matou?

- E por acaso ele tentou fazer algo de diferente hoje? – indagou Cadius.

Kal apalpou o lado esquerdo do peito e sentiu a ametista contra sua pele. Sem o presente de Cadius, certamente, Kal estaria morto.

- Acredito que Kricolas fará o possível para manter você vivo, Kal. Ele não sabe ao certo o que pode acontecer ao Enid se você morrer. Talvez seu Enid se perca e... Bem, é difícil pre- ver qualquer coisa. – finalizou.

- Ele disse que sou descartável... – respondeu Kal.

- No calor da batalha as pessoas dizem muitas coisas. Mesmo meio-vampiros milenares.

- E o que acontece se Donovan voltar? Após um longo silêncio Cadius disse:

- Ainda não tive coragem de pensar nisso. Mas afirmo que será desastroso.

- Como Kricolas encontrou o livro?

- Há uns três anos, um bruxo chamado Nicolas Weny se popularizou com uma grande descoberta na Inglaterra. A partir daquele momento ele ganharia fama e influência com novas descobertas. Kricolas se disfarçou muito bem criando este personagem. O feitiço Glamory pode ser realizado em qualquer lugar, basta um espelho e algumas poucas velas. Era assim que Kricolas transformava-se em Nicolas Weny e usando de sua recém adquirida influência, aproximou-se de estudiosos do assunto e foi montando o quebra-cabeça. Kricolas também teve acesso à minha sala este ano e roubou alguns de meus livros.

- O que o senhor quer dizer com isso? – perguntou Kal deixando de soluçar.

- Na manhã em que Jonathan ameaçou se jogar da torre. – respondeu – Ele estava sob e- feito de algum encanto.

- Kricolas fez aquilo com ele?

- Indiretamente sim. Como você bem sabe, Tâmisia foi uma Representante de Avalon este ano. Ela abriu os portões da escola naquela manhã e permitiu que Kricolas entrasse. Enquanto uma terceira pessoa conduzia Jonathan até o alto da torre.

- Elvira.

- Não. Uma Outra pessoa. Eu estive com Elvira aquela manhã no Hospital Nautilus.

- Tem idéia de quem possa ser este terceiro aliado? Lembro-me que era uma voz feminina que induziu Jonathan a se jogar.

- É uma pista. – comentou Cadius.

- E a Página perdida? Por que o senhor não a pegou antes de Kricolas? Foi nela que ele conheceu o feitiço que ma...

- Eu sabia da existência desta página. – cortou Cadius antes mesmo que Kal pudesse terminar a frase - Mas não poderia recuperá-la sem que houvesse um sacrifício...

- Acho que entendo. De qualquer forma. Houve um sacrifício... – disse ele querendo chorar.

- Alguns professores procuraram pela Página perdida, por isso o professor Amadeus man- teve-se tão ocupado. Ele passou o ano arrumando outra maneira de recuperá-la. O professor Tirso também contribuiu com a busca. Ele comentou como você duelou bem contra Rick Wosky. Infelizmente, ele teve que passar alguns dias se recuperando da maldição Dunkel que recebeu enquanto estava na forma de macaco. Mesmo com tanta ajuda, eu não poderia ter a Página perdida. Quanto ao Livro de Merlin, Kricolas contava com a poderosa ajuda de Elvira, o que para mim era algo inesperado.

- Poderosa ajuda? – espantou-se Kal lembrando-se da medíocre figura esquelética da mu- lher.

- Elvira tinha acesso ilimitado à biblioteca de Thomas, que certamente faz a de Alexandria parecer obsoleta. Com tanta informação e habilidade prática, os dois formaram uma dupla muito poderosa.

- E Thomas? – perguntou Kal confuso.

- Foi envenenado durante todo o ano. Induzido ao coma, ele permaneceria inativo. Assim, Kricolas e Elvira podiam agir deliberadamente.

- Thomas foi envenenado? – perguntou Kal incrédulo.

- A poção Mekeivan, um verdadeiro veneno para um vampiro. No começo do ano, pedi que Cristina Foster fosse até o Hospital Nautilus tentar reanima-lo, mas como não sabíamos o que o estava deixando inconsciente, nenhum dos esforços da professora valeram a pena.

- E onde Elvira conseguiu tanta poção?

- Em Avalon! – Kal arregalou os olhos já inchados de tanto chorar e Cacius prosseguiu – Tâmis, a filha de Elvira, surrupiou nosso estoque de poção e ingredientes para que sua mãe continuasse dopando Thomas.

- E por que Elvira e Tâmis apoiaram Kricolas? – perguntou Kal sentindo que seus neurônios estavam recebendo informações demais para aquele momento.

- Quando uma nova força surge, as pessoas procuram se aliar a um dos lados em busca de proteção. Elvira e Tâmis já fizeram sua escolha. – explicou Cacius – Temo que outras pessoas vão passar para o mesmo lado quando souberem que Kricolas tem o Livro de Merlin.

Kal parou por um breve instante digerindo aquelas informações. O plano de Kricolas havia sido meticulosamente desenhado e provara-se infalível. Talvez até mais do que isso. Superara as expectativas, afinal ele não só havia conseguido pegar o Livro de

Merlin por completo, mas como também eliminado um Foster, o que certamente iria chocar ainda mais a comunidade mágica.

- Professor, quanto tempo o senhor acha que Kricolas vai demorar para trazer Donovan de volta, agora que tem o livro?

- É um tempo difícil de se calcular, Kal, não sei até onde Kricolas sabe sobre ele. Pode demorar um século, ou apenas um dia. Merlin e Foster escreveram o livro utilizando de várias línguas, algumas que já não se tem mais registro, adicionaram códigos e alguns métodos subliminares. Tudo dependerá da habilidade de Kricolas agora.

- Vamos torcer para que ele demore então. – disse de cabeça baixa.

- Bem, acho que chega por hoje. Você se mostrou muito corajoso, Kal. Você quis mudar algo em sua vida e acho que conseguiu. Acredito que a partir de hoje as pessoas não vão mais

vê-lo simplesmente como um Foster, ou o Milagre Foster, a partir de hoje você é Kal, Kal Foster.

- Obrigado, professor. – o garoto desenhou um leve sorriso em seu rosto, os olhos ainda inchados, mas também carregados de uma esperança estranha que dominava todo o seu corpo tranquilizando-o.

Ainda na Cidade dos Elfos, várias carruagens subiram ao céu, velozmente, arrastando um clima de depressão e melancolia. A Guarda Armada de Warren liderou as carruagens rumo ao cemitério dos bruxos que ficava em algum ponto não muito escondido no mundo humano, no litoral do nordeste brasileiro. Quando as primeiras cidades mágicas foram fundadas no país, nenhuma delas entusiasmou-se com o fato de ter um cemitério em seu tão pequeno território. O Governo Mágico determinou então que fosse erguido o Cemitério Nacional para Bruxos.

O cemitério não possui poderosos encantamentos de proteção contra os humanos, pois em si o lugar já é um repelente natural. A vasta área murada tem bem ao centro um farol onde mora o guardião do cemitério, que provoca aflição e medo aos curiosos com sua desfigurada aparência. O homem de uns sessenta anos era recoberto por cicatrizes e manco da perna direita, cheirava a peixe

podre, tinha alguns fios de cabelo jogados sobre o rosto e mantinha a barba mal feita.

A parte interna do cemitério era bem modesta, a exceção de alguns esplendorosos túmulos de marfim. Havia uma pequena estrada de pedras brancas que interligava os portões de entrada ao farol, no centro do cemitério. Desta primeira estrada principal, partiam várias outras interligando os túmulos de pedra. Alguns traziam apenas um simples vaso de flores, outros eram bem ornamentados com coroas de flores em cores variadas e velas flutuantes acesas com a chama eterna. Algumas árvores estavam espalhadas pelo cemitério, àquela hora da tarde permitia que o cemitério fosse iluminado fracamente pelo alaranjado sol poente, dando ao cemitério um aspecto pacífico.

O mausoléu da Família Foster era o primeiro do lado esquerdo do farol. No cemitério cada túmulo correspondia a uma família de bruxos. Gerações e gerações estavam ali presentes, prontas para receber mais um de seus descendentes que tristemente se despediu do mundo vivo. Adonis Foster tinha agora seu epitáfio.

Enquanto o caixão de seu pai era carregado, Kal manteve-se o mais distante possível. Não entrou no mausoléu junto com os outros tantos presentes, amigos, alguns poucos parentes de sua

mãe, representantes do governo acompanhando Mardo, habitantes da Cidade dos Elfos, como a Rainha Eva e alguns guardas de Warren, incluindo o senhor e senhora Scheiffer.

No momento em que o orador retirou do paletó preto um pedaço de pergaminho para iniciar a despedida, Kal deu uma última olhada em sua mãe que estava abraçada à sua irmã Lilith e recuou para o mais longe que pudesse alcançar.

Kal não queria ver o túmulo do pai tão cedo. Sabia que assim que o visse tudo se tornaria real, e ele não queria encarar aquela realidade.

O pequeno Foster, como foi chamado por Kricolas, caminhou por entre os túmulos e procurou seguir caminho olhando fixamente para o chão afim de não guardar qualquer imagem do cemitério. Kal estava vestido com um paletó preto sem gravata, os sapatos estavam tão lustrosos que refletiam as lápides por todos os lados. Resolveu seguir de olhos fechados, mas a todo o momento em sua cabeça surgiam imagens de seu pai caindo no chão do pomar e ele ouvia mais atentamente as gargalhadas do assassino de seu pai.

Percebendo que nada do que fizesse, sair do mausoléu, abaixar a cabeça ou fechar os olhos faria esquecer que seu pai estava morto, Kal correu o máximo que pode para alcançar os portões brancos que davam acesso à praia. No momento em que ele saiu e sentiu a brisa fria do mar tocar seu rosto, permitiu-se soltar uma última lágrima naquele dia. Pois guardaria todas as outras para os momentos de felicidade que passaria com sua família.

Daimon e Guinevere também resolveram largar a cerimônia de lado e seguiram os passos de Kal até a praia, onde estava sentado e olhando fixamente para o mar.

Um minuto mais tarde, Thalís e Ralph também se sentaram na areia para fazer companhia aos amigos. Nenhum deles disse uma palavra, nem mesmo quando o farol se acendeu sinalizando que a cerimônia havia finalizado. A luz do farol, acredita-se, ilumina o espírito do bruxo a um lugar belo onde pudesse descansar eternamente.

Um profundo, e também estranho, sentimento de felicidade invadiu o corpo de Kal por completo. Era como uma forte onda de

esperança. Esperança de que talvez um dia uma luz pudesse ser acesa para celebrar a vida.